

Kyara Morrigan

— E A —

PROFECIA DOS
DRAGÕES



JULIANA CHERNI



JULIANA CHERNI

Kyara Morrigan



PROFECIA DOS
DRAGÕES

1ª edição

Florianópolis - SC
Juliana Guimarães Cherni
2019

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra em formato digital pode ser apropriada, reproduzida ou transmitida por nenhum meio sem a prévia autorização por escrito. Qualquer duplicação ou exploração não autorizada constitui violação de copyright e estará sujeita a penalidades.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C521kc

Cherni, Juliana.

Kyara Morrigan e a profecia dos dragões [recurso eletrônico] / Juliana Cherni; ilustrações Leandro Oliveira. – Florianópolis (SC): Ed. do Autor, 2019.

Formato: ePUB

Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-924858-3-2

1. Ficção brasileira. 2. Literatura brasileira – Romance. I. Oliveira, Leandro. II. Título.

CDD B869.3

Copyright Ilustrações © 2019 **Leandro Oliveira**

CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO - **Leandro Oliveira**

REVISÃO - **Amanda Bonatti**



www.facebook.com/julianagcherni/



www.instagram.com/julianagcherni/

Agradeço primeiramente à minha mãe Angela e minha irmã Maria Pia, que sempre me incentivaram a escrever.

Ao meu marido e melhor amigo Leandro, que releu comigo inúmeras vezes o livro e me apoiou desde o início, criando as capas dos meus livros e todo o projeto gráfico.

Ao meu filho Arthur, que me ensinou a olhar o mundo de forma diferente e ao meu outro filho mais novo, Julian.

Sou grata pelas amizades incríveis que o mundo literário me deu: Glaucia, Letícia, Michelayne, e as autoras Juliana Barbosa e Eline Sato.

Aos meus leitores e parceiros, que com suas resenhas e comentários encheram meus dias de alegria e me incentivaram mais do que imaginam, a seguir em frente. Vocês foram as peças fundamentais para a realização do meu sonho!

Por último, agradeço àquele que foi meu maior fã em vida: Meu pai Sergio Cherni, que se foi anos antes de sequer desconfiar que a filha se tornaria escritora. Ele teria amado minhas obras.

Pai, eu te dedico esse livro com esperanças de que você o poderá ler de alguma forma. Eu posso criar mil mundos e enfrentar as mais terríveis criaturas, mas não há batalha maior do que aprender a viver em um mundo sem você. Eu sigo tentando.



Capítulo 01

Fumaça e fogo tomavam o céu em uma dança macabra e linda. Sim, eu conseguia reconhecer a beleza daquele fenômeno da natureza, mesmo que o laranja do fogo cortasse por entre as árvores, trazendo um caminho de devastação e morte. Os estalos das madeiras em chamas misturavam-se aos gritos, e silhuetas escuras de pessoas em desespero corriam de um lado para o outro. A essa altura, eu me via incapacitada de identificar inimigos e aliados.

As dríades urravam, rodopiando em chamas, antes de caírem sem vida. Os gritos estridentes dos poucos sobreviventes sobre os corpos dos mortos me desnorream. Fraca, meu corpo imobilizado da cintura para baixo rastejava sobre uma trilha sangrenta que se misturava com a terra. Tentei gritar, mas acabei por inalar aquela fumaça que entrou em meus pulmões e tossi a ponto de quase perder o ar.

As risadas e gritos de comemoração dos inimigos sobressaíam-se às lamúrias. Fagulhas queimando em brasas caíam sobre mim como uma chuva de fogo. Elas queimavam minha pele, mas eu estava fraca demais para me curar. Então algo mais macio e molhado caiu em meus cabelos e precisei checar o que era.

Minha mão trêmula trouxe os restos mortais de uma fada e, assim, elas começaram a cair mortas ao meu redor, juntando-se à chuva interminável de fogo, sangue e morte. Indignada, gritei o mais alto que podia e os inimigos debocharam vitoriosos. Eles me seguiam cuspidos xingamentos, mas eu me recusava a parar. Eu era movida pela fúria e a urgência, pois precisava ver com meus próprios olhos, mesmo sabendo que eu desejaria minha própria morte, após confirmada as minhas suspeitas. Em prantos, entre soluços e urros, arrastava-me naquele sangue que entranhava nas minhas narinas com um forte cheiro de ferro. Horrorizada, urrei ao ver o corpo curvado e sem vida no final da trilha.

Próximo ao corpo, Christine e Lana pareciam dançar em êxtase, como se meu sofrimento fosse inebriante para as suas maldades. Lana saiu brevemente daquele estado e, com os olhos borbulhando maldade, chutou o corpo que virou para o meu

lado. A cabeça de Aidan tombou levemente para trás e eu nem tinha mais forças para protestar, até notar uma manta preta que cobria um corpo menor, que Aidan parecia estar protegendo antes de morrer. Christine fez a manta voar, mostrando o rostinho da minha filha, também sem vida. Angustiada, tentei gritar, mas a voz não saía. Em meio a todo aquele terror, uma luz surgiu.

Paralisado, ele olhava os corpos do pai e da irmã. Desesperada, eu gesticulava insistentemente e apontava com a testa para uma árvore próxima, onde ele pudesse se esconder. Christine se aproximava como se fosse sua salvadora e o tomou em seus braços, consolando-o. Cerrei meus punhos e dentes, mas a paralisia tomou meu corpo por completo e nem os lábios eu conseguia mexer. Meus gritos saíam como uma brisa em meio a uma tempestade, enquanto um portal se formava atrás dela. Ele dava para um cenário rochoso escuro, cortado por um rio de lava borbulhante. Eu ouvia gritos estridentes e horrorizados, que podiam vir daquele local sinistro, ou seriam dos poucos sobreviventes de Shadowfalls, implorando pela vida. Christine balbuciou algo em seu ouvido e, carinhosamente, o tomou pela mão, guiando-o e o encorajando a entrarem naquele local, onde o portal se fechou em seguida.

— NÃÃÃÃÃÃO!!! KAI!!! — gritei, enquanto sacudiam meu corpo. — KAI!!!

— Kyara! — Uma voz conhecida me chamou. — Kyara, acorde!!!

Foi como se um *flash* de luz estourasse diante dos meus olhos. Assustada, sentei-me na cama em um salto. Meu coração disparava enquanto Aidan me abraçava para tentar me acalmar.

— Está tudo bem, meu amor. Estou aqui, está tudo bem — repetia ninando meu corpo contra o dele enquanto meu pranto abafava em seu peito.

Suspirei aliviada e abracei-o com força. Mais calma, ele secou meu suor e lágrimas com carinho.

— Outro pesadelo? — Pousava sua mão em meu rosto para que eu o olhasse.

— O mesmo de sempre — ofegava. — As crianças.

Empurrei-o para o lado e corri de camisola até o lago central, onde ela se encontrava. Sentada às margens do lago com o seu vestido e capa preferidos, ela ria enquanto Maleena e as outras sereias saltavam e mergulhavam, fazendo barulho. Ela adorava o *splash* das águas e as sereias adoravam diverti-la. Ajoelhei-me em silêncio, para não atrapalhar, mas ela sempre me sentia.

— Mamãe! — Virou-se para trás com aquele sorriso que eu amava mais do que tudo. Tomei-a em meus braços como se quisesse protegê-la.

— Foi aquele sonho ruim de novo, não foi? — perguntou melancólica e eu sacudi a cabeça em silêncio.

Ela então se afastou carinhosamente do abraço e aqueles olhos verdes leitosos, quase se juntando ao branco da esclera, me fitaram.

— Sua luz muda quando você fica triste — falou abatida.

— E que cor ela fica? — perguntei, ajeitando seus cabelos negros como os do pai.

— Uma cor feia...

Ri e beijei sua testa. Minha filha era tão perceptiva que muitas vezes eu esquecia de sua condição. Descrevia as pessoas como silhuetas cintilantes e mesmo não distinguindo cores, sabia dividi-las em boas ou ruins, pelo tom e intensidade. Não posso dizer que ela era cega, porque Síndel enxergava além do que os nossos olhos podiam ver. Ela via a alma e a aura das pessoas.

— Olha o que a tia Maleena me deu! — Tirou uma concha do bolso de sua capa roxa e dourada.

Olhei para minha irmã na beira do lago e sorri. Ela tinha se tornado minha melhor amiga e era a única que parecia acreditar que talvez não fosse só um sonho. Seu semblante se mostrou preocupado pelo ocorrido, mas depois sorriu.

— Agradeceu sua tia pelo presente?

— Claro!

— Então se despeça, já está na hora de seu treino.

Síndel foi até ela e acariciou seu rosto. Parou as mãos sobre suas maçãs por um segundo e Maleena fechou os olhos, ganhando um abraço apertado em seguida.

Tomei-a pela mão e enquanto caminhávamos notei-a pensativa.

— O que foi?

— Tia Maleena tem uma cor tão bonita, mas parece estar sempre um pouco apagada. Como se estivesse triste.

— Ela está sob uma maldição, querida — lamentei.

— O que é isso?

— É como um castigo que dura uma vida inteira.

Triste, ela franziu a testa tentando imaginar, mas sorriu quando Aidan apareceu.

— Papai!

Ele se ajoelhou de braços abertos a esperá-la enquanto ela corria até ele.

— Síndel!!! — Abraçou-a forte.

— Olha! — Mostrou a concha que ganhara de presente.

— Que bonita! — Ele sorriu.

— Está atrasada, meu amor — falei carinhosamente, lembrando-os de seu treino.

Aidan a olhou e consentiu para que ela me obedecesse.

— Quer que eu a leve?

— Wallandra disse que me levaria. — Acenou para a amiga que a esperava.

— Não tem ninguém lá, querida — Aidan falou carinhosamente, mas seu olhar mostrava desaprovação. Ela já estava bem grandinha para ter amigos imaginários.

— Tem sim! — assegurou certa do que dizia. — Sei chegar lá mesmo sem a ajuda dela, mas ela gosta de me acompanhar.

— Bayleigh está esperando, meu amor — lembrei-a.

Ela me deu um abraço e seguiu cantando pela floresta ao conversar com sua amiga invisível.

— Kai já está lá? — perguntei enquanto via nossa filha se afastando.

— Acordou e foi.

— Ótimo. — Suspirei.

— Você fica estranha toda vez que tem esse pesadelo.

— Sou constantemente assombrada pelas visões de Christine naquela caverna.

— Então talvez seja essa a resposta para os seus pesadelos. Sabe que refletimos nossos medos e desejos em sonhos.

— Mais cedo ou mais tarde teremos de enfrentá-la. — Tentei alcançar minha adaga, esquecendo que estava de camisola.

— Então estaremos prontos!

Ele se aproximou, tocando as pontas de nossos narizes.

— Sei que não haverá paz eterna em Shadowfalls, mas já se passaram oito anos desde a última guerra e acredito que venham muitos outros anos de paz pela frente.

— Oito anos de paz. — Suspirei pensativa. — Tempo suficiente para Christine se fortalecer.

— E nós também. — Lembrou-me, seguro de ninguém ser páreo para nós. — Não tínhamos alianças com os Elfos, Centauros e Weston. Acredita que agora ela teria alguma chance? Os povos mais fortes estão do nosso lado.

Eu suspirei novamente.

— Desde aquele dia, você vive com medo, temendo uma guerra que não aconteceu. — Tomou-me em seus braços. — Não gosto de te ver assim. Nossos filhos percebem quando você não está bem, principalmente Síndel. Eles sofrem com isso.

— Tem razão... Talvez eu esteja exagerando um pouco.

— Acredito que se houvesse uma guerra, seu pai ou avô já teriam nos alertado.

— Os deuses não podem interferir — lembrei-o.

— Mas também não mentiriam se você perguntasse — aconselhou-me carinhosamente.

— E se eu estiver certa? — perguntei receosa.

— Estaremos preparados!



Eu limpava meu arco, o qual ainda insistia em chamá-lo de novo, mesmo após oito anos de sua fabricação. Pedi para que Dórken o fizesse da mesma forma como foi feito o antigo. Embora eu adorasse o violeta, o preto metálico lhe deu um ar mais imponente. Eu o guardava no mesmo local onde por anos guardou-se o de Anabel e sempre me lembrava da primeira vez em que o vi. Izobel o deu para mim, segura de que eu precisava usá-lo, mas eu sabia o quanto lhe doía se desfazer de algo que sua falecida irmã tanto amava e que guardava com tanto carinho.

Guardei-o e me dirigi a saída, quando escutei novamente aqueles sussurros. Drakenian estava guardada sob o solo, mas ela falava comigo toda vez que eu passava. Eu era a única a ouvir seus sussurros. Por anos tentei sem sucesso decifrar aquela linguagem. Eu já sabia repetir parte delas, mas ninguém parecia entendê-las.

Já no chão, sobre o círculo central que nos teletransportava para as cúpulas, tentei ignorar o que aquelas pilastras escondiam. Somente visitei o cemitério das fadas poucas vezes após a morte de Brisêys, pois a dor de pisar naquele local ia além da saudade. Eu absorvia aquela energia que me consumia de forma a me deixar fraca e deprimida por horas após sair, portanto, decidi que não pisaria mais lá. Aidan, ao contrário, costumava ir para lamentar a perda da amada amiga.

Como sempre, respirei fundo e tentei seguir meu caminho, mas talvez por eu estar sensível pelo pesadelo, a saudade de Brisêys bateu como um soco no estômago. Criando coragem, entrei naquele lindo lugar de energia pesada e me dirigi à flor que a representava. Era rosa de pontas roxas que emanavam uma energia lilás. As lágrimas surgiram ao lembrar daquele pequeno sorriso tão encantador.

— Se eu pudesse ao menos voltar no tempo, teria lhe impedido de subir nas cúpulas e hoje você estaria viva, brincando com meus filhos — lamentei. — Síndel teria adorado você. Não há uma vez que não imagine vocês duas brincando quando vejo minha filha. — Limpei as lágrimas que desciam do meu rosto. — Sinto que uma guerra está próxima e irei vingar cada morte, inclusive a sua — prometi.

Fraca, deixei o local e me sentei em um dos bancos no caminho para descansar. As dríades me trouxeram água em uma cuia feita de folhas e eu não havia percebido minha garganta seca até tomar toda aquela água. Já melhor, elas me ajudaram a levantar e me acompanharam pelo caminho de pedras brancas, onde as duas enormes árvores marcavam a entrada.

— Obrigada, já estou melhor. Fiquem perto das suas árvores — pedi educadamente e elas consentiram ao se retirar.

No lago central, no local onde a deusa Mereen levou o corpo de Izobel, foi feita uma estátua de pedra branca, uma réplica perfeita em homenagem à antiga rainha, que eu também chamava de mãe. Aos pés da estátua, vasos de flores, fragmentos

de cristais e velas eram colocados para prestar homenagem. Aidan se ajoelhava, chorando pelos anos de saudades.

— Minha rainha — Genevieve cumprimentou ao passar com o grupo de arqueiros que se revezariam nos portões.

Notei-a olhando para o local onde Irvin morreu e senti seu suspiro baixinho. Ela tinha fortes sentimentos por ele, mas não havia lugar para tais sentimentos em pessoas como Irvin. Ele morreu vítima do próprio orgulho, quando recusou nossa ajuda ao nos manter dentro da bolha de escudo.

Há anos não via Shadowfalls tomada por essa energia tão triste e pesada, parecia aqueles tempos em que nos preparávamos para a última guerra.

Somente Dórken me fez rir ao vê-lo apoiar um dos pés na borda do lago central, enquanto contava algum tipo de ato heroico do passado para as sereias. O estado louco e deprimido o abandonou por completo desde o dia em que deixamos Arnhem. O belo homem de olhos azuis que antes se escondia atrás da barba e cabelos desgrehados, agora era evidente, de barba cuidada e cabelo preso em um rabo para trás. Dórken fez as mais belas mulheres de Shadowfalls se apaixonarem, mas ele só tinha olhos para as sereias, que por sua sorte também se encantaram por ele.

Eu sabia que ele vinha me dizer algo, mas nunca resistia ao parar no lago para conversar com minhas irmãs, então eu o deixava ter seu momento.

— Minha rainha. — Curvou-se.

— Dórken. — Fiz uma leve reverência.

— Gostaria de mostrar-lhe as mais novas armas que fizemos.

— Já acabaram? — Surpreendi-me e Dórken sorriu orgulhoso ao sacudir a cabeça positivamente.

— Vocês são mesmo rápidos — disse Aidan com o rosto inchado, tentando um sorriso.

Segurei sua mão em apoio.

Após um tempo de caminhada, começávamos a ouvir ao longe os ferreiros trabalhando nas forjas. Como para muitos o barulho poderia ser incômodo, o próprio Dórken se encarregou de realizar seu trabalho o mais afastado possível. Trazer parte dos escravos de Arnhem para Shadowfalls foi uma das melhores ideias que tivemos. Jovens e adultos que não foram para Weston, vieram para cá aprender com Dórken as técnicas da ferraria, entre outras profissões que escolheram. O fato de eles terem direito a uma vida sem abusos, enchiam-lhes de vontades para aprender tudo o que lhes era ensinado, e como recompensa pelos seus esforços, ganharam casas de pedras até melhores do que as dos sábios e dos guerreiros. Uma vez ouvi um grupo de ex-jovens-escravos prometendo construir as armas que vingariam as mortes de seus amigos e familiares. Como mãe, era triste

ver meninos e meninas tão novos com esses sentimentos, mas eu os compreendia perfeitamente e até gostava dessa determinação, uma vez que eles também eram treinados para lutar ao nosso lado quando crescessem.

— Olá, Odo! — cumprimentei-o enquanto ele terminava de forjar uma espada.

— Olá, Kyara... Digo, minha rainha. — Constrangeu-se.

Sorri para ele, consentindo. Na verdade, eu particularmente não gostava de ser chamada assim, preferia ser chamada pelo meu nome, principalmente por Odo, que tanto me ajudara no passado, mas meu pai e meu avô me ensinaram a importância de se referirem a mim pelo meu título, pois mesmo sendo amada pelo meu povo, era importante manter o respeito.

Odo nos mostrou a espada quase pronta e Aidan o elogiou, impressionado. Ele havia se tornado um dos melhores aprendizes, embora Dórken sempre mencionasse uma menina chamada Meredith.

— Por aqui, majestade. — Dórken nos guiava para dentro do depósito onde guardavam as armas e encontramos um belo arsenal.

Inspecionávamos admirados com o trabalho de seus alunos, que estavam aprendendo com o melhor. Dentes e unhas de dragões se transformaram em adagas. Escamas viraram escudos e os fios de tendões se encaixaram perfeitamente aos arcos. Os ossos também foram esculpidos em outras adagas, espadas e pontas de lanças.

— Esses arcos estão perfeitos! — espantei-me. — Quem os fez?

— Meredith. — Sorriu orgulhoso.

— São tantos rostos para lembrar, que nem sempre consigo. Poderia trazê-la, por favor?

Ele consentiu e se retirou para buscá-la.

— Viu a qualidade desses arcos? E esse acabamento impecável? — Mostrei a Aidan, que também se admirava com cada detalhe. Indaguei o porquê de os Sábios não conseguirem prever o talento dessa menina.

— Majestade, essa é a Meredith — apresentou uma menina tímida, de olhos castanhos e cabelos claros, presos em um coque levemente desgrehado pelo trabalho.

Ela sorriu e timidamente fez uma leve reverência.

— Quantos anos você tem? — perguntei afetuosa.

— Quinze — respondeu com um leve sorriso.

— Seu trabalho é impressionante. Está aprendendo arco e flecha também?

— E está indo muito bem — respondeu Dórken por ela, como um pai orgulhoso, acariciando sua bochecha. — Parece que foi ontem que vocês nos resgataram — lembrou emocionado.

Ela tinha sete anos, a mesma idade que a filha de Dórken tinha ao morrer, e como ela também era órfã, não me admirava eles terem se apegado um ao outro dessa forma.

— Estou à disposição para aulas extras se for necessário — falei.

— Obrigada, majestade. — Arregalou os olhos, agradecida, depois fez uma reverência.

Dórken carinhosamente apontou a porta com a cabeça para que ela voltasse ao trabalho e ela assim o fez.

— Obrigado, ela vai ficar muito feliz em aprender com a rainha.

— Será um prazer. Sempre quis ensinar minha filha, mas já que ela não se interessou muito, então ensinarei a sua.

Ele então deu um sorriso que quase não cabia em seu rosto. Seus olhos começaram a lacrimejar.

— Que bom vê-lo feliz novamente — falei carinhosamente.

Ele limpou as lágrimas.

— Nunca pensei que alguém pudesse substituir minha filha, mas Meredith, além da mesma idade, é muito parecida com ela, então quando eu soube que Meredith era órfã, me prontifiquei a adotá-la.

— O que aconteceu com os pais dela? — perguntou Aidan.

— A mãe é alfaiate e o pai é um guerreiro. Tiveram duas filhas guerreiras e Meredith, a mais nova, foi rejeitada à condição de escrava. Os escravos que a criaram como filha, morreram. O pai morreu na última guerra e dias antes de vocês chegarem para nos resgatar, a mãe foi espancada até a morte pelos patrões, porque foi trabalhar doente e não fez um serviço satisfatório — lamentou.

Nós estávamos indignados, e eu só podia usar como consolo o fato de que nenhuma mulher, homem ou criança passaria por esses maus tratos novamente.

— Isso é completamente desumano! — Aidan se enfureceu.

— Meredith ajudou e muito a trazer a minha sanidade de volta — reconheceu.

— A propósito, posso lhes pedir uma coisa? — Retirou um pedaço de osso de dragão do bolso. — Gostaria de guardá-lo para poder esculpir um enfeite de cabelo.

Havia uma montanha de ossos a serem utilizados, portanto nem cogitamos negar tal pedido.

— Meredith irá adorar. — Sorri mostrando meu apoio, mas Dórken corou as bochechas em um sorriso que ia muito além de paternal.

— É para a Shelly. — Encolheu os ombros e sorriu tímido.

Aidan e eu franzimos a testa.

— Não me lembro de nenhuma Shelly — disse pensativa.

— É como eu a chamo, majestade. As sereias têm nomes que não são compreendidos na nossa língua, portanto, resolvi chamá-la assim, pelas conchas que ela usa no cabelo.

— Então faça o mais lindo enfeite que conseguir. — peguei em suas mãos para dar-lhe força.

— Obrigado — consentiu humildemente.

Perto dali também foram construídas casas para os alfaiates que vieram nos chamar. Precisávamos testar a qualidade das peles que ficavam por baixo das escamas para confeccionar as armaduras. Desde a última guerra, pedi que fizessem armaduras de couraça dupla no peitoral e, por isso, precisávamos ter certeza de que a pele estaria em boas condições para tal.

Shadowfalls sempre teve alfaiates, ferreiros, agricultores e várias outras profissões que se misturavam entre as classes, e poder vê-los trabalhando juntos aos ex-escravos, igualmente empenhados, era de fato o resultado positivo de umas de minhas escolhas como rainha. E nada poderia ser tão recompensador quanto isso.



Capítulo 02

As risadas das crianças fizeram Shadowfalls parar para olhá-las. O enorme grupo de pequenos magos e arqueiros voltavam do treino e Owen os acompanhava. Ele já era um homem e parecia dar umas dicas a Kai, que o ouvia atentamente. Meus filhos sempre quiseram ser magos. Kai admirava o pai e era reconhecido como uma das crianças mais determinadas em aprender sua classe, treinando inclusive em casa. Já Síndel escolheu magia por conseguir ver a áurea das pessoas, sem distrações visuais ou outros elementos, e como seus atributos lhe ofereciam um foco acima do normal, eu lamentava por ela não querer aprender arco e flecha.

Kai e Síndel se afastaram do grupo e vieram até mim, e como era a primeira vez que via meu filho naquele dia, corri para lhe dar um abraço mais apertado do que de costume.

— As pessoas estão olhando, mãe. — Riu um pouco sem graça.

— *Sanäel* — sussurrei em seu ouvido e ele imediatamente soube que tive outro pesadelo.

Essa era a nossa palavra secreta, que significava que estava tudo bem ou que tudo iria ficar bem. Não tinha origem alguma e fora inventada por ele. Gostávamos de dizer isso um para o outro em momentos tristes e era impressionante o poder que ela tinha. Na verdade, eu precisava dizer mais para mim do que para ele.

— *Sanäel*, mamãe — disse ele acariciando meu rosto. — Não foi real, apenas um sonho ruim. — Ele não gostava da palavra pesadelo.

Voltei a abraçá-lo com força, cobrindo seu rosto de beijos.

— Mamãe... — dizia entre os dentes ao olhar com timidez para as outras crianças que nos olhavam.

— Não me importo — brinquei, mas em seguida o soltei.

A noite começou a cair e durante o caminho para a casa notei Síndel triste.

— As cores e luzes das sereias estão tão fracas... — lamentou. — Sempre ficam assim quando a luz da lua está forte.

— É por causa da maldição. — Kai olhava seus dedos emanando uma energia laranja.

A lua cheia me trazia as mais lindas noites, mas lamentava que fizesse minhas irmãs sofrerem. Indagava-me porque Mereen não as perdoou, visto que muitas lutaram e morreram na guerra. Uma dúvida que guardava só para mim, pois título algum nos daria o direito de contestar as decisões dos deuses.

— Wallandra disse que também sente muito por elas — Síndel comentou abatida.

Kai me olhou e ergueu os ombros, confuso. Dei uma bufada de leve e tentei ignorar, mas Síndel percebeu e ficou quieta. Eu não gostava dessa ideia de amigos imaginários, mas partia meu coração ver minha filha triste por eu não acreditar nela.

— As dríades falam a mesma coisa... — lamentou Kai.

Após a última guerra, os elfos, plantaram inúmeros carvalhos próximos ao rio, não somente pelo nascimento de novas dríades, mas porque elas ajudariam as sereias a defender Shadowfalls na parte externa. As jovens dríades e meu filho criaram um lindo laço de amizade e como não sentíamos perigo vindo do território externo, ele ia muito lá conversar e mostrar seus poderes a elas, que também se divertiam ao vê-lo. Kai também se identificou muito com as sereias noturnas. Assim como Síndel, adorava as sereias e lamentava a maldição. Eles até brigavam, visto que Síndel dizia sentir melhor as suas dores, por conseguir ver as cores e suas áureas. Kai, por outro lado, dizia que a irmã não via as lágrimas, feições e expressões de quando elas choravam na lua cheia, algo que ele lamentava presenciar. Não havia nada que eu ou Aidan pudéssemos fazer para apartar as discussões. Por outro lado, era lindo vê-los brigando para decidir quem se sensibilizava mais com elas.

Vivíamos na mesma casa onde Izobel morara. O meu quarto ficara para os meus filhos, e a sala de Izobel tornou-se o novo laboratório de Aidan. Na sala, à direita, ficava a mesa de jantar, e à esquerda ficava a lareira que Kai adorava acender com sua magia nas noites mais frias.

Estávamos prestes a pôr as crianças para dormir. Síndel era como eu, adorava ficar na janela vendo a floresta e as fadas, enquanto Kai se sentava na cama brincando de emanar suas energias de uma mão para outra.

— Muito bem, crianças, hora de dormir. — Aidan esfregou as mãos.

Síndel acenou para fora da janela, onde não havia ninguém, e correu para a cama. Kai revirou os olhos e se deitou.

— Você fica tão estranha quando faz isso — criticou.

— Kai! — Aidan o corrigiu, mas Síndel deu de ombros.

— Um dia você irá vê-la!

— E por que não agora? Quero ver agora! — Ameaçava pegar a irmã na mentira.

— Não adianta você querer! É ela quem decide para quem e quando aparecer!
— Mostrou-lhe a língua.

— Já chega, vocês dois! — pedi, tentando não me exaltar. — Não acha que você já está bem grandinha para ter amigos imaginários?

— Não é imaginária! É a mãe dos sussurros da floresta!

— Aquelas luzes azuis que guiam os perdidos para os locais seguros? — Kai perguntou sarcasticamente e Síndel sacudiu a cabeça confirmando.

— Filha, eles não existem... — falei carinhosamente.

— Por que não acredita em mim, mamãe? — perguntou sentida.

— Porque eu sempre andei pelas florestas e nunca os vi.

— Porque nunca precisou. Quando foi que se perdeu na floresta ou não sabia quando um caminho não era seguro? — Tentei argumentar, mas ela me cortou novamente. — Ninguém em Ardhem acreditava em Báhlgor, nem mesmo você. Ele é seu avô, não é? — Franziu a testa, esperando minha resposta.

Aidan apertou os lábios para não rir, porque o que ela falou fazia total sentido.

— Espere aí! — Kai sentou-se na cama — Você diz ver luzes pela floresta... Luzes que não são dos sussurros?

— Sim, e daí?

— E daí, que você distingue uma luz da outra como boa ou ruim. Não é você quem gosta de se gabar por saber quais caminhos são perigosos ou seguros sem mesmo tê-los traçado antes? Por que eles precisariam te guiar para mantê-la fora de perigo?

— Eles não me guiam, eles me acompanham! E como disse, Wallandra aparece para quem ela escolhe.

Kai revirou os olhos.

— Que seja! Pelo menos as dríades e as sereias aparecem para todos — zombou.

— Está bem, já chega! — disse Aidan.

— Só acreditei no meu avô quando eu o vi. — Beijeí sua testa enquanto a cobria. — Agora vão dormir. Vocês dois! — Apontei para eles.

Aidan fechou a porta do quarto e ambos prendemos o riso.

— Dá para acreditar nisso? — perguntei pasma.

— Nossa filha é mais esperta do que imaginávamos, talvez até mais que nós quando tínhamos a idade dela.

— Mas não tínhamos amigos imaginários. Aliás, acho que jamais havia pensado nisso.

— E se ela não estiver mentindo? Síndel não é dessas...

— E se ela estiver apenas querendo acreditar?

— Quando ela crescer, ela esquece.

Concordei.

De mãos dadas, seguimos para os nossos aposentos. Já deitados em nossa cama, ele acariciava minhas costas, enquanto nos abraçávamos.

— Não é só aos nossos filhos que você não consegue enganar quando não está bem, Kyara...

Suspirei.

— Ainda não tirou aquele pesadelo da cabeça?

— Não, embora tenha tentado muitas vezes.

— Falou com seu pai?

— Não, mas falei com Brisêys.

Aidan suspirou, fitando o teto.

— Não sei o que houve. Todas as vezes que tenho esse pesadelo, fico bem ao acordar e ver que não passou de um sonho. Mas, embora sempre fique com ele na cabeça, hoje foi diferente...

— Diferente como?

— Como se ele não me deixasse. Passei o dia todo com uma sensação ruim, como se algo horrível estivesse para acontecer.

— Então por que não falou com seu pai ou seu avô? — Sentou-se na cama, visivelmente preocupado.

— Não tivemos tempo.

— Acredito nos seus instintos, se não conseguiu até agora se livrar deles, então precisamos ser rápidos. Você tem de falar com um deles.

— Veremos como vai ser amanhã. Precisamos ir a Ardhem e depois Weston.

— Solstício de inverno? — Suspirou.

— Sim — lamentei.



Minha filha segurava a concha que Maleena lhe dera, enquanto conversava com uma sereia de sua idade, à beira do lago central. As duas riam e cochichavam e notei a sereia olhando para Kai, que de longe se recostava em uma árvore, perdido em seus pensamentos.

Ele tinha os meus olhos e os cabelos escuros como os do pai. Não era por ser meu filho, mas Kai era um lindo menino e não me admirava a sereia olhá-lo com um sorriso tímido. Ele, por outro lado, sequer percebeu. Era interessante ver que mesmo nas diferentes espécies, os comportamentos eram iguais.

— Do que estão conversando? — perguntei ao sentar-me ao lado de Síndel que colocava a concha no ouvido.

A sereia corou as bochechas, sorrindo. Em seguida, sua mãe veio buscá-la.

— Ela me disse que as conchas guardam os maiores segredos dos mares, mas elas te contam se você as coloca no ouvido.

— É mesmo? — Sorri enquanto ela colocava a concha para que eu pudesse ouvir.

— Não escuto nada. Apenas um barulho parecido com o mar.

— Essa é a língua das conchas. Só os seres das águas que entendem. Você é uma delas, não é?

— Talvez elas não queiram que eu saiba pois sou metade elfo e metade humana — brinquei.

— A sereia me contou que os Nagárons dormem embaixo da água e são protegidos pelos... — Franziu a testa como se tentasse lembrar de algo. — Como é mesmo que se chamam os *sereios*? — perguntou a uma das sereias noturnas, que riu da inocência de Síndel, mas como ela não falava, não conseguiu responder.

— Sereios? — questionei-a rindo.

— Eles não podem vir à superfície, porque ficam tomando conta dos Nagárons. A sereia me contou quando perguntei quem era o pai dela. Eles possuem uma cauda muito, mas muito maior que as das sereias e suas musculaturas são tão fortes, que eles podem ficar eretos e arrastarem-se rapidamente na terra. Como se fosse uma cobra ajoelhada!

Dei uma gargalhada com a sua comparação.

— Nossa! — impressionei-me.

Os magos lançaram a magia de fogo que explodiu em um clarão no ar, para avisar que os treinos estariam prestes a começar. Ao vê-los, Kai e Síndel se prepararam para ir. Eles sempre iam por caminhos opostos, porque Síndel gostava de passar por dentro da floresta e Kai gostava de pegar o caminho de pedras. Os dois vieram se despedir de mim. Síndel olhou sorrindo para o horizonte, prestes a acenar. Eu não ia falar mais nada quanto a isso, mas notando que o irmão a olhava, ela se conteve, apenas seguindo o caminho.

— Tritões, mamãe! Os sereios são chamados de Tritões!! — gritou feliz ao lembrar do nome.

— Você também precisa ir. — Abaixei para lhe dar um beijo no rosto. — Por que nunca vai com sua irmã?

— Ela fica falando sozinha, feito uma maluca.

— Kai...

— Mas é! — Ergueu os ombros. — Ainda bem que hoje é dia de treinarmos em turmas separadas. Ela fica falando da Wallandra para todo mundo, então hoje não preciso ouvir as suas maluquices.

Peguei em seu ombro.

— Sua irmã não é como você, Kai... Ela é muito tímida, logo não tem a sua facilidade para fazer amigos.

— Mas todos querem ser amigos dela!

— Existem pessoas que simplesmente não conseguem e não significa que sejam ruins ou metidos... É mais forte do que elas. Sua avó, por exemplo, era assim — lamentei ao lembrar de Izobel se isolando das crianças durante sua infância.

— Então é por isso que ela inventou essa amiga imaginária? — perguntou abatido.

— Pode ter sido.

Kai fitou o chão triste.

— Olha, só porque sua irmã é tímida, não significa que ela não gostaria que fosse chamada para brincar. E você, como irmão dela, tem de ser o primeiro a ajudá-la. Promete que vai incluir sua irmã nas brincadeiras? Quem sabe a Wallandra desaparece?

— Eu já fiz isso, mãe! Muitas vezes, inclusive! Não importa o que a gente faça, Síndel nunca vai deixar de “conversar” com a Wallandra. — Seu semblante enrijeceu por um momento. — Às vezes, penso que nós não somos o suficiente, que ela precisa dessa amiga para se sentir bem, como se faltasse algo.

— Você já perguntou isso a ela? — inquiri carinhosamente.

— Não... — Ele coçou a nuca, constrangido.

— Então pergunte — encorajei-o afetuosamente. — Talvez você esteja certo, mas só irá descobrir se perguntar. Você é o irmão dela, precisa fazer com que ela confie em você assim como vocês confiam em mim.

— Farei isso, mamãe. Até porque Shadowfalls não precisa de uma rainha que converse com seres inexistentes — zombou.

— Kai... — repreendi-o de leve.

— *Sanäel*, mãe. — Sorriu.

— *Sanäel*, meu filho. — Tocamos nossa testa uma na outra. — Tenha um ótimo treino — desejei afetuosa e ele apenas consentiu e seguiu seu caminho.

Era triste ver o quanto ele lamentava em não ser o futuro rei, mas as leis eram claras quanto ao mais velho ter direito ao trono. E mesmo que eu quisesse mudar, não poderia por conta da Mereen.

Realizei meu parto no mar, perto do território dos centauros, pois queria que meus filhos também recebessem a bênção da deusa Mereen, se tornando seres das águas. Eu usava uma camisola branca e as sereias me ajudaram. A deusa Mereen abençoou os dois e nunca vou esquecer seu olhar quando pegou Kai no colo. Ela o olhou diferente e disse que ele era digno de se tornar um de nós, uma vez que sua alma era boa, mas mesmo se tivesse sido o primeiro a nascer, jamais se tornaria rei de Shadowfalls. Ela não me disse o motivo, e como ele havia sido o segundo a

nascer e era bom o suficiente para receber a sua bênção, não me importei em saber o porquê. Só lamentava vê-lo triste por não ter direito ao trono. Kai não era ambicioso, mas queria cuidar do seu povo e eu nunca lhe contei o que a deusa dissera, temendo que ficasse frustrado por ter sido impedido dessa forma.

Algumas horas depois, sombras vindas do céu passaram por nós, e logo percebi do que se tratava. Os que estavam por perto logo me olharam ou fitaram o chão, lamentando. Aidan saiu de um portal visivelmente chateado e pediu que eu o seguisse, pois mais um dragão ancião se deitava em seus últimos dias de vida. Mesmo sabendo que eu o ajudaria com suas dores, era sempre de partir o coração vê-los dessa forma.

Ele era cinza e sua linha espinhal tinha a cor azul. Seus olhos eram acinzentados e, assim como a boca, estavam entreabertos pelo cansaço. Os acompanhantes o deixaram quando cheguei e logo tratei de tocar a enorme extensão de seu osso nasal.

— Aidan...

— Sim, meu amor.

— Por favor, peça a Síndel que venha até aqui. Não me importo que interrompa o treinamento, isso é importante — pedi com a voz arrastada.

Ele concordou e entrou no portal para buscá-la.

Lágrimas começam a surgir quando comecei o processo de cura.

— Está triste? — o dragão perguntou quase sem forças.

Afirmiei em um gesto positivo com a cabeça.

— Não fique — aconselhou-me carinhosamente

— Não gosto de vê-lo sofrer.

— Por isso está me ajudando.

— Mas não tenho permissão para curá-lo como gostaria.

— A cura completa seria apenas para os jovens que não mais morrem em seu tempo certo. Para mim é diferente.

— Pensei que os dragões só morressem de velhice. — Franzi a testa.

— Os acompanhantes sempre voltam falando daqueles que nos curam e guardam nossa pedra. Vocês acabam por ter uma imensa gratidão pela nossa espécie, a ponto de nos sentirmos honrados em ficar em suas mãos em nossos últimos dias.

— Mas o que quis dizer com “aqueles que não morrem em seu tempo”?

— UAU!!!! — Uma voz falou atrás de mim. Dórken estava estupefato e boquiaberto diante do dragão. — Sabe quantas adagas eu poderia fazer com os dentes dele?

— Dórken! — repreendi-o.

— Quantas achar necessárias — disse o dragão. — Minhas unhas também dariam belas armas, não? — disse espirituoso, embora fraco.

— Acha que já não pensei nisso? Vejo um arsenal inteiro em você!

Olhei-o completamente incrédula de suas palavras, mas o dragão parecia nem se incomodar.

— Volte para as suas tarefas! Preciso me concentrar aqui! — falei.

Ele consentiu, mas não sem antes dar outra olhada no dragão. Aidan havia deixado o portal aberto que permaneceria lá por todos os dias até a morte do ancião.

— Dórken! — Apontei o portal com a cabeça, para ele ir embora e ele se retirou. — Perdoe-me por ele. Muitas vezes se deixa levar pela emoção de um momento e acaba por não medir suas palavras.

— Eu não ligo, ficamos felizes em poder ajudá-los dessa forma — disse acomodado.

— Mas o que está acontecendo em seu reino?

— Desavenças... — Ele começou a tossir e não conseguiu terminar a frase. — Temos companhia — disse sereno.

Aidan havia trazido Síndel, que levava a mãozinhas à boca, espantada. Era a primeira vez que ela via um dragão e seus olhos leitosos franziam como se a imensa luz dele incomodasse seus olhos tão sensíveis.

Com uma mão ainda no osso nasal, estendi a outra para que ela se aproximasse. Ela veio sem medo, mas cobria os olhos, ainda sensíveis pela imensa luz do dragão. Expliquei a ela exatamente como Izobel me explicara sobre o processo de cura e que Síndel, a partir de então, me ajudaria com os dragões anciões.

— Precisamos de pessoas como você. Como futura rainha de Shadowfalls é um dos deveres mais importantes.

— Kai também vai fazer?

— Infelizmente não. Ele não quis aprender a curar — lamentei.

Adoraria que meus dois filhos pudessem fazer esse trabalho tão lindo e importante, mas eu precisava respeitar suas escolhas.

Síndel posicionou as mãos na altura dos lábios do dragão e elas brilharam uma luz azul.

— Vá devagar, meu anjo — aconselhei afetuosa. — Não quero te ver fraca.

Aidan assistia a tudo orgulhoso e até se ajoelhou com os olhos cheios de lágrimas ao ver a filha realizando uma tarefa de tal importância.

— Se sentir fraqueza ou dor de cabeça, avise — pediu Aidan, e ela consentiu para o pai.

Já havia se passado alguns minutos e Síndel mantinha o processo de cura como uma verdadeira profissional e só veio a se sentir fraca após mais de uma hora. O

dragão adormeceu pacificamente, portanto peguei minha filha no colo e, em silêncio, deixamos o local.

O portal que Aidan deixara nos levou para perto do lago central, próximo à estátua de Izobel.

— Estou tão orgulhosa de você! — Apertei-a forte contra mim. — Aguentou muito mais do eu em minha primeira vez.

— Verdade, meu anjo! — Aidan acariciou suas costas, emocionado. — Sua avó também ficaria muito orgulhosa. — Olhou para a estátua com os olhos marejados.

— A luz dele é tão linda, mamãe! Quase não percebi que ele estava doente.

— É porque ele deve ter ficado feliz ao ver a linda garotinha que iria ajudá-lo. — Pegou nossa filha no colo e beijou sua bochecha. Síndel riu.

— Ainda se sente fraca? — perguntou afetuoso e ela negou com a cabeça.

— Ótimo, então ainda tem algumas horas de treino — incentivei.

Aidan a colocou no chão, ela se despediu e saiu, saltitando feliz com o que acabara de fazer.

— Você está bem? — Abracei meu marido.

Ele me apertou forte e depois caiu em prantos. Era difícil superar a falta da mãe em momentos como esses. Eu o acalmei por um tempo, depois ele ficou bem.

— Você também não está legal.

— Estou preocupada com o que o dragão me contou.

Aidan franziu a testa.

— Deu a entender que algo está acontecendo no reino deles.

— Como o que, por exemplo? — preocupou-se

— Ele evitou contar na frente de Síndel, mas há dragões morrendo antes do tempo — lamentei.

— Precisamos falar com seu pai ou avô!

— Tem razão. Além do mais, há algo que não parece certo. Ainda temo a guerra próxima.

— Majestade! — disse uma teriana em forma humana que tentava recuperar o fôlego. — A cerimônia começará em breve.

— Solstício de inverno. — Suspirei com olhar de tédio.



Capítulo 03

Eu adorava as trocas de estações, principalmente a do outono para o inverno, mas, infelizmente, esse evento também trazia a cerimônia ridícula, onde bebês e crianças inocentes teriam seus destinos traçados sem opção de escolha. Eu realmente não queria ter de participar, mas temia que minha ausência fizesse os sábios mentirem para que essas crianças ficassem e fossem mortas depois, uma vez que muitos não aceitavam o fato de não poder ter mais escravos para servir-lhes.

Na cerimônia do ano anterior, ouvi um aldeão comentar que ele mesmo tiraria suas vidas, pois se não pudessem tê-los, eu também não os teria. Imediatamente confrontei-o, perguntando se ele teria coragem de matar crianças inocentes. Quando minhas mãos brilharam, ele molhou as calças e chorou como um covarde, implorando pela vida. Perguntei o que ele faria se em nosso lugar estivesse ele e as crianças que disse querer matar, mas como não estava lá para tirar a vida de ninguém, nem mesmo a de um covarde, reportei a situação a seu rei. Arturo mandou buscá-lo e ele foi açoitado e humilhado em praça pública. Hoje, ele pensa duas vezes antes mesmo de respirar quando passo por perto.

Havia um corredor por trás dos nossos tronos e no final uma sala redonda onde criamos portais para Ardhem, Weston, Tork e Fainord, o território dos elfos. O portal de Ardhem somente poderia ser usado por nós e eu sempre enviava um grupo para checar se a cerimônia estava prestes a começar. Tinha total repúdio daquele lugar e das pessoas que ali viviam, evitava ao máximo pisar ali, me limitando apenas a voltar nas cerimônias. Se ao menos Grand ainda estivesse vivo...

— Também não gosto desse lugar — disse uma voz conhecida. Aidan e eu sorrimos ao ver nosso amigo.

— Bravan!

— Mais uma vez, me ofereço para fazer sua segurança.

— Obrigada. É bom ter um apoio como o seu. — Suspirei. — Quem mais vem?

— Nós! — Dunkan apareceu com um grupo de Terianos em forma de ursos e felinos.

Atrás deles, um grupo de magas vinha para ajudar a trazer os bebês.

— Não íamos ficar de fora — disse Tartus e Fandra ao atravessar o portal de Tork. Ela e Aidan se cumprimentavam com um abraço apertado.

Ao contrário das outras vezes, notei que o ódio em seus olhos ia muito além de precisarem pisar em Ardhem. Algo mais estava acontecendo, e pelo visto era sério.

— Você está bem? — perguntou Aidan à sua irmã. Seu semblante era triste, mas Bravan e Tartus estavam indignados.

— Não é hora para falarmos sobre isso. — Ela esquivou-se. — A cerimônia vai começar.

O portal, que só poderia ser visto e usado por nós e nossos aliados, dava para a entrada da aldeia, onde antes era a taberna. Agora era ocupada por outra casa, bonita inclusive, mas não deixava de me remeter às terríveis lembranças que aquele local trazia. Dias depois de ser castrado, Lugh cometera suicídio, por não suportar mais a ideia de que não teria mais relações sexuais ou abusar de meninas novas, por assim dizer.

Ignorei a casa à minha esquerda, a casa *dela*, que me remeteu a uma grande decepção de amizade. Alyra não merecia sequer fazer parte das lembranças ruins, mas era difícil não lembrar.

— Todas as vezes que piso aqui, pareço ser engolido por uma energia horrível que me consome em ódio. — Bravan rosnou ao andar do meu lado e a encarar alguns aldeões.

— Não é o único — respondi amargamente.

Aidan apertou minha mão em apoio.

A cerimônia era feita perto da praia e ao nos ver chegar, mesmo de longe, contiveram a hostilidade. Eu dava de ombros para as arrogâncias deles e eles tentavam em vão se contentar em não poder nos atacar.

Os bebês choravam e chutavam nos colos das mães, as crianças de um ano tentavam deixar seus braços e apenas poucas ficaram quietas. Já era normal as mães não se apegarem tanto aos filhos, pois haveria a possibilidade de cortarem os laços no caso de serem escravos, mas claro, nem toda mãe conseguia. Duas delas, visivelmente angustiadas, temiam os resultados e isso me partia o coração.

Norár suavizou seu semblante ao me ver e eu sentia o quanto ele lamentava pela forma como me criou. Eu começava a querer perdoá-lo, mas nunca seria a mesma coisa. Jonsin, assim como os outros aprendizes havia crescido e com a ausência de Grand, ele já ocupara o lugar de seu mestre nas cerimônias como um verdadeiro profissional. Ele era a única esperança que eu tinha para que Ardhem pudesse ser governada por pelo menos uma boa pessoa, mas Kenneth, mesmo sentindo que seu

mestre Norár queria o meu perdão, havia crescido frio, desprezível e exalava inveja por Jonsin começar mais cedo do que ele a ouvir as vozes dos deuses.

De longe, avistei o local onde era meu quarto, e da janela vi entulhos de fenos e madeira, mostrando que ninguém mais dormia ali.

Não sei por que eles pensaram ser uma boa ideia criar uma barreira à nossa frente para que não víssemos a cerimônia, mas logo tratei de resolver a situação.

— Saiam! — ordenei, iluminando minhas mãos, lembrando que quando estávamos ali, não eram os sábios quem ditavam as regras. Os centauros e Terianos rosnavam enquanto passávamos por eles, que abriam caminho amedrontados até que todos nós acabássemos por ocupar a primeira fila.

Norár começou a cerimônia. Pegou um dos bebês em seus braços e fechou os olhos, passando-o de um em um para os sábios. O bebê chorava e se contorcia, mas eles se mantinham serenos.

No final os sábios concordaram e Norár gritou:

— Alfaiate! — Entregou o menino para a mãe, visivelmente aliviada.

Era o sonho de toda família dar à luz a um guerreiro pelo status, mas quando vinha a sentença de um cidadão livre, o alívio de poder criar seus filhos compensava. No entanto, não houve sequer comemoração dos aldeões, só porque o menino não fora sentenciado como guerreiro.

O segundo bebê lhe foi entregue e após passar duas vezes pelas mãos de cada sábio, já sabíamos que nada havia sido previsto. Mas o pior foi a careta azeda da mãe, que há segundos segurava seu filho no colo com carinho. Era uma ofensa dar à luz a um escravo, como se tivessem sido amaldiçoadas injustamente. Curioso o fato das mães se sentirem vítimas de uma maldição quando não eram elas quem viveriam uma vida repleta de maus tratos e condições desumanas.

Olhei para uma das magas e dei-lhe permissão para buscar o bebê. Norár o entregou sem hesitar, mas senti o ar de Ardhem pesar pela raiva em termos de levá-lo.

A cerimônia ocorreu normalmente. Das quinze crianças, oito foram guerreiros, quatro cidadãos livres e três escravos. No final, acabei feliz pelas mães que puderam ter seus filhos com elas e era a única coisa que me alegrava quando gritavam feito idiotas, celebrando a chegada de mais um guerreiro. Eu captaria as mentiras, mas felizmente todos os destinos foram corretos. Infelizmente, as três crianças rejeitadas a escravas eram coincidentemente bebês de poucos meses, e somente uma mãe parecia não aceitar o fato de ter seu filho levado embora.

Repúdio algum seria maior do que minha compreensão como mãe, e era inevitável me colocar em seu lugar. Deixei-a ter seus últimos momentos com seu filho. Ela chorava, lamentava, mas sabia tanto quanto eu que se o deixasse na aldeia, ele seria morto. Garanti que seria bem cuidado, assim como pedi alto aos

deuses para que seus próximos filhos fossem livres ou guerreiros, para que ela pudesse criá-los.

Caminhávamos de volta para o portal enquanto a multidão se dissipava atrás de nós, quando escutei alguém gritar meu nome. Norár estava fraco e sua expressão abatida. Prestei tanta atenção em detectar mentiras que sequer o notei.

— Meus dias estão terminando — lamentou.

Eu guardava as maiores mágoas dele, mas não foi fácil vê-lo dessa forma e saber do estado de sua saúde.

— Não irei lhe dar a água sagrada se não tive permissão para dar a Grand — disse decisiva, embora lamentasse negar-lhe ajuda.

— Só quero poder conhecer meus bisnetos... — juntava as mãos em súplica.

Aidan me olhou de canto de olho. Não esperávamos por essa. Não queria ter de levar Norár a Shadowfalls, muito menos queria trazer meus filhos a Ardhem.

— Verei o que posso fazer — prometi.

Ele consentiu um pouco triste, porém conformado, e nós seguimos caminho para voltar a Shadowfalls. Um outro rosto conhecido nos avistou. Ela parava em nossa frente sem medo. Estava mais magra e abatida. A esperança havia deixado seus olhos sempre tão cheio de vidas. Aquele azul brilhante agora parecia cinza, e os cabelos brilhosos que sempre foram presos nos mais lindos penteados, agora estavam soltos e opacos. Alyra não era minha amiga, mas vê-la dessa forma mexeu comigo.

— Você o matou... — falou desamparada.

— Precisei me defender — respondi com um certo pesar, não por tê-lo matado e sim por ver como ela ficou após a morte de Luke.

— Você tirou de mim a única oportunidade que tive de ser feliz. — Seus lábios tremiam e uma lágrima escorreu de seu olho esquerdo.

— Por que não conta a verdade? — sugeriu Fandra, impaciente.

Alyra se espantou e me olhou buscando a resposta, mas eu hesitei.

— Luke não é o único homem existente em Ardhem — falei pacífica.

Ela caiu em prantos.

— Tenho certeza que terá muitas chances de ser feliz — dei-lhe forças, depois fiz sinal para que continuássemos o caminho.

— Por quê? Por quê? — repetia angustiada enquanto caminhávamos sem olhar para trás.

— Por que não contou a ela? — Fandra parecia não entender minhas razões.

— Porque não é necessário ela saber que ele não voltaria mesmo que estivesse vivo. Ele se apaixonou por outra — lamentei, apesar de tudo. Ela o amava.

— No estado em que ela se encontra, contar a verdade poderia fazer com que ela tirasse a própria vida — Disse Aidan.

As magas e os Terianos nos aguardavam para ir a Weston entregar os bebês, mas não podia deixar os centauros irem embora sem antes perguntar o motivo que os afligia mais cedo.

— Alguma coisa acontecendo em Tork? — perguntei aos três que se entreolharam. Tartus consentiu e tomou a palavra.

— Shadowfalls pode não ser o único território a entrar em guerra.

Aidan franziu a testa.

— Perdemos oito dos nossos batedores.

— Mas quem faria isso? — indaguei.

— Trolls? — perguntou Aidan, lembrando da antiga aldeia da irmã.

— Trolls não conseguem chegar até nós. Já tentaram em um passado muito distante, mas acabamos com eles — Bravan comentou.

— Então quem seria? — indaguei.

— Minotauros! — Tartus cerrou os punhos de ódio.

Eu ouvira falar dos minotauros dias depois da última guerra. Com a nova aliança, os centauros nos contaram sobre eles. Seu território era afastado, eles moravam nas planícies, aos pés das montanhas. A única coisa que sabíamos é que essas montanhas possuíam cavernas que eram verdadeiros labirintos. Assim como os centauros, não se interessavam em alianças. Weston, ainda sob o reinado do antigo rei, tentou acordo com os minotauros, prometendo-lhes poder e riquezas. A resposta foi enviar apenas um de seus mensageiros com dois sacos, contendo as cabeças daqueles que os acompanharam. Eles tinham um ódio mortal dos humanos e acreditavam que nada que pudesse vir deles era bom.

— Ambos os nossos territórios expandiram nesses últimos oito anos — explicou Tartus. — Portanto era comum que nos esbarrássemos enquanto explorávamos as áreas próximas, a fim de descobrir algum perigo.

— E nunca houve confronto? — perguntei.

— Jamais! — enfatizou. — Por isso estranhamos quando vimos suas armas fincadas nos corpos dos nossos batedouros. Um típico costume dos minotauros.

— Demoramos para acreditar que teriam sido eles. Na verdade, nos recusávamos a acreditar — completou Fandra, decepcionada. — Mas quando vimos as perfurações de chifres nas armaduras, um no flanco e outro no ombro, não tivemos como negar, porque esse é um de seus golpes mortais mais conhecidos.

— Havia pegadas de sangue no chão e alguns pedaços de chifres também. — Bravan rangia os dentes.

— Não sabemos por que eles se viraram contra nós, mas estamos em alerta dia e noite — disse Fandra.

Ela parecia estar mais decepcionada com os minotauros do que preocupada com a guerra prestes a acontecer.

— Shadowfalls lutará ao seu lado se necessário! — prometi. — Enviarei grupos de Terianos que irão se revezar entre Tork e Shadowfalls.

Tartus tocou o peito com o punho fechado em respeito.

— Faremos o mesmo — afirmou. — Thalana inclusive já nos separou em grupos, caso ambas as guerras aconteçam em paralelo.

Consenti, mas temi que isso pudesse acontecer. Aidan também estava preocupado, mas por outro lado parecia aliviado.

— Quando contaram sobre o ataque, confesso que temi os trolls — disse, quando já havíamos seguido para Shadowfalls.

— Mas também devemos temer os minotauros! Eles são maiores que os centauros e bem mais fortes.

— Trolls são ainda maiores e mais fortes que centauros e minotauros juntos. Lembre-se que eles dizimaram várias aldeias de centauros, inclusive a da minha irmã — lamentou. — Só de pensar que eles poderiam colocá-la em risco novamente... — Suspirou amedrontado. — Ao menos, os minotauros não são tão difíceis de derrotar.

— Nada irá acontecer a eles, nem com sua irmã — prometi receosa.



Solicitei apenas que as magas fossem comigo a Weston, para me ajudar com as crianças. Levei uma menina no colo que aparentava uns sete meses e as outras duas levavam um menino de um ano e outra menina recém-nascida. Eles seriam dados a famílias em Weston, que não conseguiam engravidar ou por terem perdido seus filhos no parto. Infelizmente havia uma enorme lista de espera e só três famílias teriam a sorte de ter seus filhos nos braços.

Subíamos as ladeiras de pedra, do único local onde por tão pouco tempo fora mais meu lar do que a aldeia onde nasci. A menina acabou adormecendo em meus braços e toda vez que íamos a Weston, éramos recebidos de forma acolhedora. Curiosos, eles nos acompanhavam a fim de saber quais famílias seriam as felizardas.

Os guardas abriram as portas do castelo e nem precisaram anunciar nossa chegada, porque a notícia correu tão rápido que ele já me aguardava. Arturo prendeu o fôlego em um sorriso ao me ver. Eu queria deixar a formalidade de lado e correr para seus braços e até ele queria isso, mas precisávamos manter a compostura na frente de todos.

As magas se aproximaram e Arturo pegou a menina recém-nascida no colo. Ela dormia tranquila e nos remeteu à época em que nossos filhos cabiam no nosso antebraço.

— Chame as famílias Benthros, Rogers e os Fullers — pediu de forma serena a um dos guardas enquanto olhava a bebezinha em seu colo.

— Parece que foi ontem que meus filhos nasceram — dizia com o olhar cheio de saudades.

— Em breve terá um em seus braços novamente — brinquei e ele suspirou em um sorriso.

— Teria tido mais um se Anabel não tivesse falecido, mas o destino se encarregou de me dar mais duas lindas filhas.

De longe, ouvíamos os gritos das famílias escolhidas e elas mal continham a ansiedade ao entrar no castelo para receberem seus tão esperados filhos. As mães já haviam perdido seus filhos no parto, mas havia uma que sequer conseguia engravidar e essa foi a que mais se emocionou quando viu os bebês. Ela paralisou, tapando seu pranto com as mãos e foi acolhida e incentivada pelas outras, que se abraçaram. Os pais pareciam estar ainda processando o fato de que teriam seus filhos nos braços, mas os sorrisos então brotaram e a emoção tomou conta do castelo do rei. Parte dos guardas tinha esposas que também estavam na fila de espera e, em meio a tristeza de não terem sido os felizardos da vez, estavam felizes pelas famílias beneficiadas.

Entregamos as crianças. Realizadas, as novas mães se emocionaram ao nos agradecer. Arturo e eu lhes desejamos sorte e que as crianças pudessem encher suas vidas de alegrias.

Após elas se retirarem, Arturo pediu que os guardas fizessem o mesmo e eu agradei às magas, pedindo que retornassem a Shadowfalls.

Uma vez que estávamos sozinhos na sala, corri para seus braços.

— Como estão meus netos?

— Ótimos! Um dragão ancião chegou e Síndel me ajudou a curá-lo.

— Mas isso é fantástico! — Falou como um avô orgulhoso. — E Kai?

— Cada vez mais empenhado — gabei-me levemente.

— Eu achava que ninguém poderia ser tão importante quanto os meus filhos, mas como disse, o destino se encarregou de aumentar minha família. — Olhou pela janela.

— Acha que não sei do que está falando? — Debrucei-me levemente para ver Anika, que dançava feliz no jardim dos fundos do castelo.

A mocinha sorridente de dezessete anos nem lembrava aquela menina assustada e machucada que resgatamos da taberna. Eu a teria criado como filha, se ela não

tivesse escolhido Megan e Tristan como seus pais. Arturo a amava incondicionalmente e eu a via como a filha mais velha que não tive.

— Kyara!!!

Virei-me para ver aquelas que, junto a Arturo, formavam meu único arrependimento em ter deixado Weston, pela falta que o convívio diário me fazia. Minhas irmãs que não tinham rabo de peixe, mas que eu amava igualmente. Gwen cresceu e se tornou uma linda mulher. Ela carregava seu arco nas costas e vestia roupas das arqueiras de Weston, uma saia por cima da calça, botas até os joelhos e uma blusa de gola alta fechada em cima, que caía para os lados como um sobretudo. Eram as novas armaduras, feitas com as peles de dragão que doamos para nossos novos aliados. Ao seu lado, Megan segurava seu ventre inchado em um lindo vestido azul-claro. Gwen e eu corremos em direção uma a outra enquanto Arturo ajudava carinhosamente Megan descer as escadas. Ela logo se juntou a nós em um abraço triplo. Arturo nos olhava emocionado.

— Precisa vir mais vezes — pediu Gwen em tom de saudades e eu lamentava não ter mais tempo.

— Eu juro que tento.

Desfizemos o abraço e beijei a barriga da minha irmã.

— Parece que foi ontem que soube que eu seria titia. — Acaricieei seu ventre e Megan apertou minhas mãos emocionada. — Síndel vai lamentar não ter vindo quando souber que a vi.

— Sempre lamento quando não a vejo. Primeiro porque a amo como minha e, segundo, porque ela me tranquiliza ao ver a luz do bebê e dizer que está tudo bem.

— Mas por que não estaria? — Gwen acariciou a barriga.

Sentamo-nos à mesa para um lanche, enquanto conversávamos e matávamos as saudades, lembrando as refeições na época em que Arturo era capitão da guarda, e sem Lana para quebrar qualquer clima familiar. Comentei sobre as novas armas e peles que seriam doados e Arturo se sentia agradecido, não somente pela minha ajuda, mas porque essa era a vontade de Anabel. Ele também sentiu que algo me incomodava, mas não comentei por não querer preocupá-lo. Nos víamos tão pouco, que só queria saber como as coisas andavam por lá.



Capítulo 04

Weston ainda era como um lar, mas voltar a Shadowfalls era sempre encantador, como se fosse a primeira vez. Aidan havia mandado um grupo de Terianos a Tork e um grande grupo de centauros cruzava Shadowfalls para a troca de vigília dos portões. Meu povo lhes dava água e comida em agradecimento pela ajuda e, no caminho, muitos deles auxiliavam as mulheres, carregando cestos ou vasilhames pesados. Ver a cumplicidade entre dois povos completamente diferentes era gratificante e fortalecedor, mas os temores da guerra próxima ainda estavam presentes e eu era assombrada pelas terríveis lembranças das tragédias da última guerra.

A noite começava a cair e Aidan estava perdido em seus pensamentos, visivelmente preocupado.

— Está pensando no que os centauros nos contaram? — indaguei afetuosa e ele consentiu.

— E se a guerra que você tanto teme, seja na verdade a guerra deles?

— Também me fiz essa pergunta mais cedo. — Fitei o chão, pensativa.

— Temos grupos de prontidão em ambos os territórios. Não podemos fazer mais nada além disso. Amanhã vou a Fainord e falarei com meu pai — prometi.

A água cristalina do lago central era um lindo espelho negro que refletia as estrelas. As sereias noturnas, que sempre eram vistas nas margens, naquele momento descansavam submersas, enquanto Dórken conversava com sua Shelly. Ela se sentava nas escadas do coreto que descia nas águas e ele estava no chão próximo a ela, enquanto conversavam ao pé do ouvido e de mãos dadas. A luz prateada da lua crescente brilhava sobre eles, transformando-os em duas lindas silhuetas de luz e sombras.

— Parece a gente, quando nos conhecemos. — Apontei com o queixo, sorrindo.

— E quem disse que ainda não somos assim? — Aproximou-se, beijando meus lábios.

Abraçamo-nos próximos ao lago, mas mesmo curtindo o momento, eu não conseguia relaxar totalmente.

Ao longe, minha filha que com certeza viu minha luz mudar de cor, já se atentou para o meu estado e, preocupada, correu para perto de mim.

— O que houve, mamãe?

— Nada meu amor — falei afetuosa, mas ela percebeu, Sem acreditar em mim olhou para o pai, em busca da resposta.

— Só estou preocupada com algumas coisas, mas é normal quando se é rainha. Você irá saber, futuramente — brinquei.



Já era de manhã, as crianças haviam ido para os treinos. Junto a Dunkan e Aidan, analisava as plantas de novas construções.

— Achei necessário criarmos mais pontes, uma vez que novos canais de rios foram interconectados ao longo de Shadowfalls.

— E quanto a esta aqui? — perguntou Aidan, mostrando um papiro amarelado pelo tempo.

Dunkan suspirou e logo percebemos quem havia desenhado.

— Este é um projeto antigo de Richard — disse após curta pausa. — Ele queria tê-la construído, mas naquela época, não havia os canais. Como era um dos projetos favoritos dele, me lembrei de trazê-lo para que dessem uma olhada. O caminho dela é bem largo, proporcionando que até quatro pessoas a atravessem ao mesmo tempo. No caso de uma outra invasão, os aliados que estiverem lutando nelas, poderão contar com a ajuda das sereias.

— Não vejo por que um projeto tão útil deveria ficar guardado! — Olhei para Aidan, aguardando seu consentimento, afinal, toda e qualquer mudança precisa do aval de ambos, rei e rainha.

Ele consentiu com um sorriso e os olhos de Dunkan brilharam.

— Façam muitas delas, será necessário para o dia-a-dia também — ordenou Aidan polidamente.

Dunkan se curvou em agradecimento e dois de seu clã, na forma humana, tomaram os projetos em suas mãos, para começarem as construções.

— Ele ainda sente muito a falta de Richard, não é mesmo? — lamentei.

— Eu também sinto. — Suspirou. — Mas veja pelo lado positivo, graças à sua ideia de construir os canais, não somente as sereias noturnas tiveram mais espaço para se locomover e nos ajudar no caso de invasões, como proporcionou Dunkan a realizar um sonho antigo de seu parceiro.

Sorri, mas a dor de Dunkan era tamanha, que eu não podia evitar de senti-la quando o via. Os anos se arrastavam para ele, e a saudade de Richard, que deveria amenizar, parecia que aumentava, como se fosse recente.

— Preciso ir a Fainord falar com os elfos. Não sei se volto antes do término dos treinos das crianças.

— Leve o tempo que achar necessário — tranquilizou-me. — Preciso treinar e acompanhar algumas construções. Disse às crianças que elas poderiam brincar após os treinos e me encontrar no lago central, perto da hora do jantar.

— Obrigada. — Beijei seus lábios.



Fainord era um local tão maravilhoso que se eu não amasse tanto o meu lar, me mudaria para lá sem pestanejar. Como se não fosse um sonho realizado poder finalmente me relacionar com eles, ainda tive o prazer de conhecer o motivo real do nome de seu território. Fain significa branco, e Nord é carvalho na língua dos elfos. Esse nome é devido à Gálatha, um enorme carvalho ancião branco e mãe de todas as driades. De todos os territórios do elfos, Fainord é o mais conhecido e respeitado por cuidar dela com tanto carinho.

Fiz questão que o portal fosse feito perto da entrada, desse jeito, eu poderia percorrer toda aquela floresta linda até chegar à sua cidade. Apesar do meu estado de alerta por temer a guerra, eu precisava relaxar, portanto resolvi deixar minha armadura em Shadowfalls e ir com um longo vestido aveludado azul turquesa, com bainhas verde-água, minha combinação favorita de cores. Meu arco negro e fiel companheiro estava em minhas costas com a aljava, pois mesmo sem a armadura, precisava estar preparada caso ocorresse uma tentativa de invasão a Shadowfalls ou a Tork.

Eu trilhava um caminho de pedras cinzentas que cortava uma floresta, habitat de lindas e exóticas criaturas que não se viam em Shadowfalls. Inúmeros carvalhos e árvores grandiosas eram vistas por todos os lados. Sentinelas com suas armaduras douradas e reluzentes guardavam o caminho a poucos metros de distância uns dos outros, e todos me cumprimentavam quando eu passava.

Nas árvores, eu via as casas das fadas, que mais se assemelhavam a ninhos de pássaros pendurados por longos fios trançados e enfeitados por flores. Era umas das coisas mais lindas que meus olhos já viram. Então, senti algo pousar no meu ombro e quando olhei, não evitei sorrir ao ver minha espécie favorita. Draklings eram dragões do tamanho de uma fada, uma longa cauda onde, na ponta, três escamas se abriam para ajudá-los no voo, mas que pareciam três pétalas de rosas e

com asas de borboletas. Ele era todo vermelho rubi, como uma pequena joia preciosa.

Sentou-se no meu ombro para coçar seu maxilar com a pata traseira, depois lambeu as patinhas dianteiras para limpar seu rosto, retomando seu voo em seguida. Suspirei maravilhada ao vê-lo voar tão graciosamente. Era a primeira vez que um deles pousava em mim.

Continuei trilhando aquele lindo caminho de pedra, que percebi que separava a floresta de um rio. À frente, vi uma jovem elfa de vestido branco e dourado, entrando na água descalça. Ela usava uma coroa de flores amarelas na cabeça e a ponta de suas orelhas ultrapassava o enfeite florido. Seu cabelo estava solto, era loiro e caía em uma ponta até o meio de suas costas. Sem se preocupar em molhar o vestido, ela caminhou até que a água batesse abaixo de seus joelhos, tirou uma flauta dourada de seu cinto marrom e começou a tocar. As dríades que estavam perto se aproximaram para assistir, o sentinela mais próximo esticou o pescoço e sorriu antes mesmo do que aconteceria, como se já soubesse o que aquela linda jovem estava prestes a fazer.

Ela tocou sua flauta e, em questões de segundos, peixes cintilantes nas cores roxas, vermelhas e douradas muito similares a carpas, apareceram. Eles a rodeavam em movimentos como se estivessem dançando, reluzindo seu brilho na água como um espetáculo colorido. Fiquei completamente estupefata com aquela visão, então os draklings surgiram voando e a rodeando na altura da cintura, enquanto as fadas pairavam no ar, em diversas alturas, exibindo seu brilho colorido. Aquela simples brincadeira era um espetáculo para quem via. Mas quem disse que o espetáculo era apenas de cores? Pequenas ações me encantavam, mas também traziam as amargas lembranças do passado, de quando eu ainda era uma escrava.

Eu era constantemente assombrada pelo meu passado e lamentei por muitos que até naquele momento se encontram no meu antigo lugar, privados de conhecer diferentes locais, aprender que o mundo não é somente aquela bolha injusta em que vivem e que muito daquilo que se é levado a acreditar, não é exatamente a verdade. Ao menos em Ardhem, os escravos possuíam uma chance, mas a triste verdade é que ainda havia muitas *Ardhens* espalhadas por Valdállen e milhares morreriam sem ter essa chance. Suspirei angustiada.

O rio acabou e o caminho voltou a cortar florestas, até que avistei as construções. Fainord era uma fantasia viva, daquelas que habitavam no subconsciente de qualquer criatura, seja criança ou adulta, e que te abraçava de forma convidativa a não querer mais deixar seus braços. Se eu não amasse tanto Shadowfalls, se não fosse rainha... Suspirei, sugando todo aquele ar puro e energia que só se encontrava ali.

As construções eram exuberantes jardins construídos nas florestas. Bancos de madeira entrelaçados eram separados por enormes jarros que guardavam lindos enfeites de flores. Os caminhos eram contornados por arbustos frutíferos, estátuas brancas de elfos importantes em pedestais e as diferentes espécies de borboletas que voavam como uma dança no vento.

Pequenas pontes enfeitadas com flores cortavam os lagos rodeados de pedras cinzentas, onde os peixes cintilantes nadavam. Crianças corriam livremente, adultos se sentavam nos bancos para observá-las e as espécies de animais exóticos caminhavam livremente entre todos, porque ali não havia motivo para temer o homem.

A entrada era uma gigantesca porta esculpida no muro, contornada por entalhes élficos brilhantes. No chão, os sentinelas sempre a postos de ambos os lados, se enfileiravam na borda do luxuoso tapete azul e dourado, que além de maravilhoso, era um conforto para meus pés.

Eles inclinaram levemente a cabeça em um tom de respeito e eu fiz o mesmo ao passar por eles. Eu era considerada como parte do seu povo, porque minha metade elfo era de maior importância, impressionantemente, bem maior do que o fato de eu ser neta do Deus que cultuavam. Por isso, minha presença nunca precisava ser anunciada. Talvez um dia, quando os anos pesassem o suficiente para enrugam minha pele e retirar-me as forças, quando meus filhos atingissem a idade adulta e minha filha tomasse o trono, Aidan e eu poderíamos nos mudar e desfrutar nossos últimos anos de vida ali. Afinal, eles também eram minha família.

No entanto, o maior deslumbre para os meus olhos era a gigantesca estátua de Báhlgor, um cervo, feita de pedras brancas, e ao contrário de qualquer representação de cervos que já tenha visto, este era imponente e com um olhar de fúria. Tinha um enfeite de flores em vermelho vivo que cruzava seu tórax como uma faixa. A estátua ficava no centro de dois corredores que se dividiam, mas davam para o mesmo lugar, a parte interna de Fainord.

O corredor parecia o interior de uma caverna luxuosa, tochas iluminavam o caminho e eu passava por várias estátuas dos antigos reis e rainhas, ainda muito lembrados e amados. Os homens eram esculpidos em pedras prateadas, porque para os elfos, a cor prata significava força. Já as mulheres eram esculpidas em dourado com detalhes vermelhos nas roupas, pois o dourado significava astúcia e o vermelho era a cor que representava o respeito pela mulher, por ser geradora da vida. Não foi à toa que Báhlgor se revoltou com a mentira de Lana.

As luzes do sol refletiam em meu rosto como um carinho de boas-vindas, quando saí do corredor e entrei na cidade. Respirei fundo novamente e sorri para aquela obra de arte que criatura alguma conseguiria esculpir, senão eles.

Fainord era toda construída com entalhes élficos nas portas e janelas, as entradas eram enormes e as peças raras de tapeçaria, móveis e cortinas davam um luxo àquele local como jamais eu vira antes. Portas e estruturas eram enormes, dando a sensação de grandiosidade. Sentia-me pequena lá dentro, mas isso estava longe de ser soberba. Os elfos eram apenas grandes fãs de arquitetura, mas eram as criaturas mais humildes que eu já havia conhecido. Ofereci-lhes materiais dos dragões para fortalecer suas armas e armaduras, mas eles gentilmente recusaram, sugerindo que eu oferecesse a parte deles a Weston, que julgaram precisar mais.

Percorri a cidade por entre as estruturas até chegar no centro de Fainord que fora construído de modo aos elfos terem uma enorme floresta cercada. E lá estava ela, no centro de uma ilha rodeada de um deslumbrante e reluzente rio, que emanava uma névoa quase mágica. Seus galhos, que eram também seus braços, beijavam as águas com suas folhas brancas. Ela era uma dríade que incorporara o corpo de seu carvalho por completo, limitando a mover-se. Seu largo tronco possuía curvas de uma silhueta feminina e nem mesmo as raízes das mais velhas e fortes árvores fincavam-se tão fortemente ao solo como as dela. Ela era a mais forte não só de todos os carvalhos, mas de todas as árvores e possuía respeito e admiração por todos que cultuavam ou tinham qualquer ligação com a natureza. A ponte de madeira arqueada, decorada com adornos em dourados, ligava a passagem entre o chão e a ilha onde Gálatha ficava. Inúmeras carpas e espécies de peixes diferentes nadavam naquele lago tão cristalino quanto o de Shadowfalls, ajudando a compor um cenário mágico. As inúmeras passagens com portas em formato de arco, me lembravam os aquedutos próximos à floresta de Weston. Inúmeras lindas elfas tocavam harpas ou flautas, o que resultava em um constante, delicado e relaxante fundo musical que parecia compor o território.

Gálatha adorava ouvir os sons dos instrumentos élficos, ela dizia que as plantas, assim como todas as criaturas, também gostam de carinho, e a música muitas vezes as fazem crescer melhor. Por isso, era muito comum ver elfos tocando perto de determinadas plantas e, juntando com seus poderes de cura, eles acabavam por morar na mais magnífica floresta que eu já vira em toda minha vida.

Há alguns metros, à direita do lago, havia um enorme morro de pedra. O topo servia como base para os aposentos da rainha, um lindo castelo com uma enorme varanda, construída em um penhasco, e de onde Windriel acenava para mim, feliz com minha chegada.

Subi as escadas delicadamente esculpidas por entre as pedras do grande morro e saí em um corredor branco, onde os arqueiros reais guardavam a entrada. Inclinarão-se levemente com a minha chegada e eu retribuí em respeito. Eles se sentiam honrados com minha presença, mas se houvesse uma única chance de eu

tomá-los como tolos, seria pelo fato de desconhecerem a importância que tinham para mim e o quanto eu me sentia honrada de ser parte deles.

O corredor logo ganhou a presença de Windriel, que vinha em minha direção com um sorriso nos lábios. Ela era uma das mais belas elfas, tornou-se o braço direito da rainha e a melhor dos arqueiros. Deixamos a formalidade de lado em um abraço apertado. Ela vestia um longo vestido vermelho com bainhas douradas, de tecido leve e esvoaçante, parecendo dançar a cada passo que dava. No entanto, sua presença era dolorosa ao mesmo tempo. Minha intuição pulsava na ideia de que ela escondia mais do que suas palavras diziam. Eu sabia que o segredo que ela guardava e o silêncio sobre o assunto a consumiam.

— Windriel! — sorri.

— Sempre uma honra recebê-la. — sorriu de volta.

Minha presença era ao mesmo tempo dolorosa e reconfortante pelo o que eu especificamente representava a ela.

— Presumo que não irá treinar hoje — eu disse, fitando sua vestimenta.

— Quase nunca descanso. Achei que um dia relaxante não me faria mal.

— Lostrédiel pode me ver?

— Sempre que as harpas e flautas são tocadas, ela medita.

— Eu sempre me esqueço — ri.

Ela sorriu, mas depois fitou o chão por um breve momento.

Mesmo os elfos sendo espécies conhecidas por sua bravura e benevolência, não havia uma que se comparasse a Windriel. Ela aparentava poucos anos mais velha, mas a verdade era que havia cerca de duzentos anos de diferença entre nós. Eu a sentia como nunca senti os outros e, por isso, sua tristeza me consumia. Então, depois de inúmeras esperanças onde em vão eu aguardei que ela me contasse, resolvi que era hora de pôr um fim em seu silêncio.

— Podemos conversar? — falei afetuosa, conduzindo-a para as escadas.

Ela percebeu minhas intenções e, por um momento, pensei que fosse hesitar. Mas, em seguida, ela deu um suspiro de alívio em poder finalmente falar sobre isso. Viramos à direita e nos sentamos em uma enorme praça onde elfos e dríades conversavam. Havia uma linda e larga fonte branca que me lembrava a de Aidan, mas sem o cristal flutuando. O restante do cenário era um lindo jardim de flores vermelhas em arbustos verdes, com árvores e dríades ao redor.

Ela sentou-se em silêncio, pacientemente aguardando minha pergunta óbvia. Seus olhos por um segundo zanzaram, fitando o bando de borboletas coloridas que voavam, seguindo seu curso, com ajuda da deusa Airya em uma leve brisa.

— Por que nunca contou a ele? — perguntei afetuosa.

Sua cabeça virou abruptamente em minha direção e somente depois ela relaxou os ombros.

— Quando um elfo ama alguém, ele ama de verdade, e se ele a perde, não existe outra que possa tomar o lugar da que se foi — lamentou.

Windriel era uma das mais lindas elfas que eu já havia visto. Seus cabelos pareciam querer competir com o sol de tão amarelo e brilhante, seus olhos eram verdes como duas joias raras em um rosto delicado e de traços finos. Não havia um elfo sequer que não a notasse, mas seu coração sempre pertenceu aquele que ela nunca teve: Meu pai.

— Há anos tento te contar, mas nunca tivemos oportunidades de nos sentarmos juntas.

— Estou aqui agora. — Peguei em sua mão em apoio.

Ela então suspirou e esfregou a mão livre nas coxas para se preparar para contar.

— Mesmo sendo um Deus, ele adorava ficar entre nós e assumia uma forma mortal. Somente Lostrédiel sabia quem ele realmente era, e o aceitou não somente por ser um Deus, mas porque sentia que parte dele desejava ter uma vida como a nossa. Eu mesma, que era sua melhor amiga, nunca soube a verdade. — Suspirou. — Gostávamos de caçar juntos e eu era completamente apaixonada por ele, mas a sua paixão era a vida na aldeia e hoje compreendo. Às vezes ele gostava de ir sozinho à floresta e foi em um desses dias que ele conheceu a sua mãe. — Fitou o chão.

— Windriel, Kyara... — disse um dos guardas nos saudando. — Lostrédiel está à sua espera.

Não podia deixar a rainha esperando, mas não consegui evitar a curiosidade em querer saber o resto da história.

— Terminou de contar depois — prometeu-me.



Capítulo 05

Lostrédiel se sentava em seu trono feito de madeira escura. O encosto era como o tronco e vários galhos de uma grande árvore, que se estendia por diversas direções, tocando a parede e se juntando a detalhes élficos esculpidos.

— Majestade! — Ela sorriu e se levantou de seu trono.

— Majestade. — Curvei-me em respeito com um enorme sorriso no rosto.

Lostrédiel tinha lindos olhos azuis e cabelo branco acinzentado, muito parecido com os meus, mas em um tom mais escuro. Eles eram trançados ao redor da cabeça em um lindo penteado, onde as pontas das orelhas apareciam. Vestia um longo vestido cinza com adornos arredondados em azul.

Fomos de encontro uma a outra e, muito gentilmente, ela me conduziu para a mesma varanda onde vi Windriel ao chegar.

— Elas tocam tão bem, não é mesmo? — Sorriu Lostrédiel ao olhar para as elfas que conversavam com Gálatha. A grande árvore parecia dar-lhes conselhos os quais elas ouviam maravilhadas.

Sorri para a paisagem.

— Como estão as jovens dríades? — ela perguntou.

— Estão fortes e felizes. Kai adora ficar com elas.

Lostrédiel sorriu.

— Não tinha dúvidas de que elas ficariam bem em Shadowfalls, mas há algo que gostaria de consultar com você antes.

— E o que seria?

— Arturo me visitou há uns dias. A pedido de seu pai, foi feito um portal aqui para Weston também.

— Verdade? — Sorri feliz com a notícia.

— Ele quer plantar mudas de carvalho na floresta próxima a Weston. Como uma forma de se redimir.

— Até hoje se sente em dívida com nossos povos — lamentei. — Arturo é um homem bom, talvez um dos melhores que ainda existem.

— Não vejo sombras em sua alma. Vejo clareza e uma linda energia.

— Parece-me que algo a preocupa... — Franzi a testa. Ela suspirou.

— Nossos laços com as dríades transcendem os laços de sangue. Confio em Arturo, mas e quanto ao seu enorme povoado? Não gostaríamos de arriscar que um deles derrubassem um carvalho. Seria como gerar um filho para perdê-lo ainda jovem.

— Entendo sua preocupação, majestade, mas confio que Arturo, sabendo dessa ligação, jamais faria algo que colocasse as dríades em perigo. Ele é amado e respeitado pelo seu povo. Se ele deixar claro que ninguém deve sequer encostar em um carvalho, ninguém fará!

— Você realmente confia nele, não é mesmo? — Fitou-me afetuosa.

— Sem sombras de dúvidas, majestade. E eu o amo o suficiente para garantir a sua palavra — falei respeitosa.

— Mas ele não é o seu pai verdadeiro — disse uma voz fingindo ciúmes.

Lostrédiel e ele sorriram e se curvaram.

— Dê as mudas para Arturo. — Assegurou meu pai. — Prevejo um bom futuro entre elas e as crianças de Weston. Também prevejo uma excelente oportunidade de uma reaproximação do homem com a natureza.

Lostrédiel consentiu com a cabeça, depois sorriu e se curvou respeitosamente.

— Irei providenciar, mas faço questão que meus homens escolham os melhores lugares para eles serem plantados. — Retirou-se para nos deixar a sós.

— Preciso vir a Fainord para te ver? — brinquei enquanto ele me abraçava.

— Pode me encontrar onde quiser.

Voltamos para a varanda. Meu pai adorava olhar o lago, que sempre foi seu lugar preferido.

— Sente saudades daqui?

Ele fez um gesto positivo com a cabeça, enquanto fitava o horizonte, perdido. Parecia triste.

— Por que não volta a viver aqui como costumava? É um Deus novamente.

As elfas agora já haviam ido embora, mas ela atravessava a ponte com um embrulho nas mãos. O semblante de Gálatha se entristeceu ao vê-la. Seus lábios mexiam em palavras de afeto, e Windriel ouvia atentamente, enquanto abria o embrulho de um pano bege nas mãos, onde guardava as rações dos peixes.

— Não é mais a mesma coisa... — lamentou meu pai ao olhá-la.

— Ela te ama, pai...

Ele suspirou.

— É exatamente por isso que quase não venho mais.

— Sinto que você gosta dela — instiguei-o.

— Mas eu amo a sua mãe. — Suspirou.

— Ela está morta. Não é errado seguir em frente.

Ele não respondeu, mas lamentava.

— Windriel me contou algumas coisas.

— Contou? — Tocou meu braço para ver até aonde eu sabia.

Ele suspirou fundo ao ver a expressão no olhar de Windriel quando me contava de sua vida antes de ele conhecer Alda.

— O que está me escondendo, pai?

— Quando a imortalidade me foi devolvida, pensei em continuar por aqui e voltei com os outros elfos sobreviventes da guerra. Houve festa com a nossa chegada e comemoraram o fato de eu ter minha imortalidade de volta. Então, quando Windriel me abraçou, pude ver toda a verdade. Um Deus consegue ver ou passar para um mortal toda a visão de um passado quando encosta nele.

— Izobel fez isso antes de morrer... — Suspirei.

— Humanos também podem, se permitido pelos deuses, mas são raros. Izobel foi uma das últimas a conseguir, pela sua bondade. Acho que você vai preferir ver, para entender melhor. — Tocou meu braço e eu me senti como se fosse sugada para uma outra dimensão.

Windriel aguardava aparentemente tranquila, mas eu sabia que havia uma certa tensão. Era como se o encontro prestes a acontecer, lhe causasse desconforto. Ela vestia um longo vestido verde simples e havia flores em seus cabelos presos para trás. Uma pessoa estranha se aproximava, mas Windriel não se assustou. Uma linda mulher apareceu. Seus cabelos negros estravam trançados para trás em duas tranças embutidas e usava as armaduras de couraças de Ardhem. Ela olhava para os lados, procurando-o.

— Era aqui que vocês costumavam se encontrar? — perguntou Windriel abatida, saindo detrás de uma árvore.

A mulher virou-se rapidamente, erguendo sua espada em alerta.

— Não vou lhe machucar, Alda — assegurou-lhe em um tom tranquilo.

— Como sabe meu nome, elfa? — inquiriu com escárnio, olhando para os lados.

— Onde está Ranfel? — Ameaçava-a de longe ainda apontando a espada.

— Tenho uma mensagem para você.

— E por que ele não veio dizer pessoalmente? — Lançou lhe um olhar desconfiado.

Foi então que os olhos de Windriel encheram-se de lágrimas, enquanto ela cruzava os braços, afagando-os, demonstrando um leve desconforto de estar ali. Somente assim, Alda desfez lentamente a posição de ataque.

— Ele está bem? — Ergueu as sobrancelhas, tensa com a possibilidade de meu pai estar ferido.

Windriel balançou a cabeça e limpou uma lágrima.

— Nosso Deus Báhlgor descobriu o romance de vocês e o castigou.

Alda engoliu seco.

— Como castigo, sua imortalidade foi retirada e Ranfel agora está preso em nossa aldeia.

— Imortalidade? — Franziu a testa.

Windriel pela primeira vez se aproximou e pegou as mãos de Alda como súplica.

— Ranfel é filho de Báhlgor. Ele ainda era um Deus quando gerou um filho em você. — Tocou seu ventre.

— Filho?! — Soltou as mãos, dando um passo para trás

— Ele cresce dentro de você. Um semideus.

Alda estava visivelmente assustada e confusa. Windriel segurou seus ombros e buscou seu olhar para lhe dar força.

— Escute, Ranfel e você não poderão mais se ver, mas isso não importa no momento! Precisamos proteger seu filho!

Alda parecia processar a notícia em sua mente, até que se deu conta da gravidade da situação.

— Irão matá-lo em Ardhem!

— Não se pensarem que é fruto de uma relação entre um deles. — Windriel falou desconfortavelmente. Ela sabia que pertenciam a espécies diferentes, mas jamais lhe agradaria aconselhar uma mulher a deitar-se com um homem sem amor, mesmo que fosse para salvar um bebê.

Alda franziu a testa novamente em um semblante enojado.

— Deite-se com alguém e salve seu filho. É a única forma de ele sobreviver e poder criá-lo.

— Não vou criar meu filho lá! Ele não merece aquele lugar! Fugirei antes mesmo de ele nascer.

Windriel pensou por um momento e teve uma ideia.

— Por mais que não sejamos aliados, nós, elfos, jamais deixaríamos de prestar ajuda a uma mulher que dá à luz. Proponho nos encontrarmos neste mesmo local, daqui há sete luas e eu lhe ajudarei a entrar em Fainord para ter o seu filho. Não podemos lhe dar abrigo, mas a criança ficará segura. Até lá, se algo ruim acontecer ou se lhe ameaçarem, não pense duas vezes, PULE NA ÁGUA!

— E ser morta pelas sereias, aqueles monstros marinhos? — respondeu em um ódio sarcástico. — Por que acha que eu iria recorrer à criaturas que já mataram vários dos meus?

— Elas irão ajudar se eu pedir. Elfos e sereias são aliados e eu mesma tenho duas grandes amigas entre elas. Farão isso por mim, por Ranfel e principalmente pela criança.

Alda parecia relutante.

— Por que acha que eu mentiria para você?

— Porque você é uma elfa — resmungou.

Suas palavras saíram como farpas, pois mesmo pacífica com a situação, não conseguia ignorar o fato de serem rivais. Desaprovei o gesto de Alda, mas, ao mesmo tempo, tentei entendê-la. Como se não fosse doloroso o suficiente saber que não veria mais o amor de sua vida, ainda descobria estar carregando um filho dele. Um filho que teria de entregar a duas espécies rivais para que ele sobrevivesse. Alda estava arruinada em saber que os elfos o criariam em seu lugar e ela jamais teria a chance de vê-lo crescer. Ela enfrentava o pesadelo de qualquer mãe.

Por outro lado, também não era fácil para nenhuma mulher de coração partido, independente da espécie, ter de olhar nos olhos de sua rival, oferecer uma ajuda para depois ouvir ofensas desnecessárias.

Windriel cerrou os olhos.

— Sim, uma elfa — ela disse contendo sua raiva. — Uma espécie superior à sua, que pode acabar com você em um piscar de olhos — ameaçou.

— Tente a sorte. — Desembainhou a espada, apontando para ela em ameaça. — Não sou qualquer humana e mesmo grávida posso acabar com você.

Os punhos de Windriel cerraram, mas ela respirou fundo.

— Não luto com mulheres. — Expirou fundo, baixando e retirando a tensão dos ombros. — Muito menos com uma grávida.

Grávida de Ranfel, ela pensou, fitando o chão. Nesse momento, Alda percebeu.

— Há quanto tempo você o ama, elfa? — perguntou debochadamente.

— Tempo suficiente para querer salvar o filho dele — respondeu firme. — Não me importo com você.

— Por que acha que eu entregaria meu filho a você, se posso apenas não mais retornar a Ardhem? Sei caçar, construir abrigo e tudo o que preciso para sobreviver sozinha.

Alda estava blefando. Ela seria de fato capaz, mas a solidão não lhe agradava. Windriel percebeu.

— Vocês humanos mentem tão mal...

— Acha que me conhece, elfa? — zombou.

— Você é que não nos conhece. Há algo sobre nós que vocês deveriam saber.

Alda a fitou semicerrando os olhos.

— Não andamos sozinhos — ela falou seriamente enquanto outras elfas saíam detrás das árvores ou de dentro das folhagens, pousando em troncos altos, ameaçando-lhe com flechas, prestes a atirar.

Alda então se viu cercada e, a contragosto, abaixou sua espada.

— Teriam coragem de atirar em uma mulher grávida? — zombou. — Vocês não são melhores do que os humanos.

— Você não entende, Alda. Se quiséssemos, já teríamos matado você. Eu mesma teria feito sozinha. Vim em paz e fui ameaçada. O que seria mais importante? Proteger uma criança que carrega metade de nosso sangue ou um de nós? A resposta é meio óbvia, não é mesmo?

— Nada diferente do que os humanos fariam, o que só prova que vocês são exatamente como nós. — Cuspiu no chão enojada. — Hipócritas!

— Você ajudaria sua rival, salvando a criança que ela carrega, por amor ao mesmo homem? Mesmo que essa criança não pertencesse à sua espécie por inteiro? — Windriel perguntou abatida.

Alda titubeou e Windriel balançou a cabeça de forma a tentar não se enfurecer.

— Mesmo que a criança fosse inteiramente humana, você o mataria, impedindo a criança de vir ao mundo, porque o filho do homem que você ama, e que nasceu fruto de um relacionamento com outra mulher, seria um eterno fardo em sua vida — acusou-a. — É por isso que queremos criá-lo conosco! Não queremos que uma criança inocente que carrega parte do nosso sangue se comporte como os humanos.

Alda então suavizou o olhar e fitou o chão. Sentiu um leve constrangimento e, por mais que doesse, preferiu que o filho fosse criado pelos elfos e aprendesse a ser o que ela não era.

— Sete luas, você disse... — falou secamente.

— As sereias estarão de prontidão caso você precise pular na água.

— Diga a Ranfel que eu o amo...

Windriel, visivelmente de coração partido, consentiu. Sabia que ele jamais teria o seu coração como tinha o de Alda, portando, estava disposta a fazer qualquer coisa para salvar o filho do homem que amava.

— Lembre-se de deitar-se com alguém, afinal, você e o bebê precisam estar em segurança durante a gestação. Não lhes farão mal enquanto acreditarem que a criança é um deles.

Fui trazida de volta das visões e meu pai me olhou afetuoso quando me notou decepcionada.

— O que houve? — ele perguntou, já sabendo a resposta.

— Alda era como os cidadãos de Ardhem — comentei com a voz falha.

— Filha, há mais coisas em relação à sua mãe que você precisa saber. — Suspirou e tocou meu braço novamente. Ele estava prestes a me proporcionar

novas visões. Eu consenti, e então ele o fez.

Em um piscar de olhos, as visões se voltaram para Alda no salão dos tronos, de frente para Norár, que a olhava com desgosto. Windriel não sabia que Alda era filha de um sábio e que, por mais decepcionado que ele estivesse, não deixaria que matassem sua filha. Sendo assim, Alda nunca se deitou com ninguém para proteger sua gestação.

Ela o olhava de cabeça erguida, se recusando a se arrepender de seus atos, mas ao mesmo tempo estava arrasada por ter decepcionado seu pai. Norár lhe cuspiu palavras árduas por se recusar a aceitar o que sua filha havia feito. Com exceção de Grand, os olhares dos sábios a condenavam à morte, mesmo sabendo que não poderiam interferir no destino que os deuses lhe deram.

— Os deuses me amaldiçoaram — ele falou com voz arrastada.

Grand baixou a cabeça, lamentando as cruéis palavras de Norár.

— É seu neto... — Alda falou amargamente.

— Meu neto não é filho de elfos! — cuspiu no chão.

— E vai permitir que me matem? — encarou-nos nos olhos, falando amargamente.

Então Norár, pela primeira vez, suspirou melancólico.

— Não posso permitir — falou com a voz embargada. — No entanto, não pense que terei amor pela criança, assim como não tenho mais amor por você! — enraivou-se.

— Pelos deuses, Norár! O que está dizendo? — Grand questionou-o incrédulo.

Alda enrijeceu seu corpo e mesmo com os olhos repletos de lágrimas, ela expressava raiva.

Ele então deu a ordem e ela perdeu sua liberdade. Os aldeões a xingavam, a humilhavam, mas ela não se deixava abater. Passava de cabeça erguida sem esboçar uma única reação diante das hostilidades. Alda tinha um autocontrole como eu jamais vi em ninguém. À noite, ela se deitava e conversava comigo em seu ventre.

— Vai ficar tudo bem. — Chorava, acariciando a barriga em movimentos circulares — Prometo, minha criança, que quando você nascer, não fará parte de Ardhem. Não posso permitir que se torne um deles, ainda mais um escravo! Você merece uma vida muito melhor do que essa.

Alda olhou para frente e respirou fundo.

— Eu recorreria a exércitos de espécies rivais se eles pudessem te proteger. — As palavras saíram como um tormento. — Mesmo que se tornasse um guerreiro, e eu sinto essa força em você, ainda assim, desfrutar do que nosso status nos proporciona, lhe seria insuficiente, porque você estaria em Ardhem. Eu te amo o suficiente para saber que você não pertence a esse lugar. Isso é a maior dor no meu

coração, mas irei lhe entregar aos elfos. — Caiu em prantos por longos minutos. — Por favor, não cresça acreditando em uma ideia irreal de que eu o abandonei por não te amar.

Alda continuou chorando até que Grand, também aos prantos, entrou pela porta e foi em direção a ela, abraçando-a como um pai abraça uma filha.

— Enquanto estiverem por aqui, protegerei vocês — prometeu, fazendo Alda relaxar. — E estarei ao seu lado para secar seu pranto quando entregar a criança aos elfos.

Grand sabia, não pelas visões dos deuses, mas porque Alda havia contado. A situação era tão crítica que ele em momento algum se opôs. Ele lamentava não poder ficar com a criança, mas Grand também não me queria lá. Ele estava disposto a dar todo apoio para a filha que jamais nascera dele e ambos sofreriam juntos a falta que a criança faria.

— Lembre-se — ele direcionou o rosto de Alda para ele —, quando sentir saudades ou questionar se fez certo em entregar seu filho, olhe ao redor e veja do que você o poupou.

Alda consentiu em silêncio, mas a sua dor era gritante. Nenhuma mãe deveria passar por aquilo.

Um flash estourou em meus olhos e eu fui levada novamente para um outro local. As visões de Alda já haviam cessado, mas meu pai parecia ter mais coisas a me mostrar.

Perto de Fainord, Windriel estava ajoelhada em uma pedra, perto ao mar. Ela conversava com uma sereia sentada em uma rocha próxima. Eu logo a reconheci, pelos seus lindos cabelos negros. Maleena, antes da maldição, a mesma que salvou minha mãe. Windriel chorava e falava de Ranfel, do quanto doía não ser correspondida, mas explicava a importância de salvarem o bebê de Alda. Maleena não tinha muito interesse em salvar uma aldeã de Arnhem, mas o fato de um bebê inocente correr perigo era algo que ela não estava disposta a deixar acontecer. Então, houve uma leve movimentação na água, onde uma outra sereia emergiu e, para o meu espanto, era exatamente igual a Maleena! Ela tinha uma irmã gêmea! As duas ouviam atentamente, estavam tocadas com a tristeza de sua amiga.

Outro flash me levou a um dia onde os ventos sopravam forte, um dia de fúria da deusa Airya. Maleena olhava tensa para a faixa de areia onde Alda era arrastada.

— Isso não era para estar acontecendo! — ela se desesperava.

— O que você vê? — perguntou sua irmã gêmea, aflita. Ela estava no mar, mantendo-se firme enquanto as ondas quebravam e o mar se agitava.

— Ainda faltam dois dias!

— Ela vai pular? — sua irmã se espantou.

Maleena viu Alda se jogar na água.

— Vá! — Ordenou — Avise as outras para me ajudar, depois avise a Windriel que estamos chegando dois dias antes do combinado!

Maleena pulou na água e nadou o mais rápido que pôde. Sua irmã chamou as outras e depois avisou a Windriel, para que ela pudesse trazer uma manta seca pois Alda chegaria antes do previsto.

Mais uma vez fui levada por um flash de luz e Maleena chorava ao sofrer a maldição. Ao longe, ela ouvia sua irmã gêmea chamar seu nome, incompreensível para minha língua.

As sereias a olhavam com pena, pensando em como contariam.

— Onde está minha irmã? O que aconteceu? — desesperou-se.

A deusa Mereen apareceu. Ela nadava com uma enorme cauda e se sentou graciosamente à sua frente.

— Elas sobreviveram? — A sereia perguntou aflita.

Mereen balançou a cabeça de forma triste e a irmã gêmea de Maleena levou a mão à boca, em prantos.

— Alda não sobreviveu — Mereen disse com um certo pesar. — A rocha em que vocês estavam ficava de um lado completamente oposto, e apesar de vocês nadarem em uma velocidade rápida, Alda aspirou e engoliu muita água devido ao turbilhão do mar agitado.

— E a criança? — Levou as mãos ao rosto em espanto.

— Ela sim, sobreviveu. E é uma de nós.

— E onde ela está? E minha irmã? — perguntou impaciente, olhando para os lados.

— A criança foi devolvida a Ardhem, conforme seu destino.

A sereia franziu a testa e Maleena, agora amaldiçoada, surgiu. Não havia maldição que pudesse fazer com que ela não reconhecesse a amada irmã. O semblante assustado e confuso da sereia tocou até o coração da deusa, mas ela não voltaria atrás com o castigo. Aos prantos, ela nadou rapidamente até a irmã para abraçá-la.

— O que houve com você? — perguntou abatida, enquanto suas lágrimas se juntavam ao oceano.

— Ela contestou minha decisão! — respondeu a deusa com autoridade.

— E com toda razão! Depois de todo trabalho que tivemos para levar a criança ao pai, você resolve devolvê-la a Ardhem?? — indignou-se.

Mereen a direcionou um olhar de advertência, desafiando-a a se calar, mas a sereia não se conteve.

— São nossos inimigos! Como tem coragem de entregar um bebê, que agora é um de nós, para um povo que irá maltratá-la?

Maleena sacudia os braços da irmã em desespero para que ela se calasse, mas ela continuou:

— Ainda por cima, amaldiçoa uma de suas filhas porque foi contra a sua decisão injusta e cruel?

A deusa as olhou com raiva e seu semblante logo se transformou. Aquela deusa de rosto delicado parecia um demônio enfurecido. As águas se agitaram em um redemoinho que poderia tê-las arremessado para longe, mas a deusa se encarregou de que ninguém fosse levada, para que pudessem ouvir o que ela estava prestes a dizer. Seus corpos pendiam sob as águas e seus cabelos eram bruscamente jogados. Pedacos de conchas corais e rochas eram levados, mas não as acertavam. O mar parecia estar sendo destruído pela fúria da deusa.

— Quando um Deus escolhe um destino, não cabe a interferência de nenhuma outra espécie! — Ela esbravejava com a voz estrondosamente modificada. Dava tanto medo que até eu estremeci, como se a ameaça estivesse sendo feita a mim. — Não aprenderam com as sereias noturnas que não se deve contestar o porquê eu tomo minhas decisões? Quantas mais precisarei amaldiçoar para que possam finalmente entender?

Apesar de sua fúria, vi tristeza em seus olhos. Ela parecia arrependida da maldição que jogou em metade de suas filhas e não lhe agradava ter de fazer novamente, mas faria se fosse preciso.

Ela então foi se acalmando e seu rosto foi voltando ao estado normal. O redemoinho parou aos poucos e todas as rochas e corais danificados pela sua ira voltaram e se regeneraram no mesmo lugar. Estava tudo calmo, nem parecia que ali acabara de acontecer algo tão assustador.

Mereen então desapareceu e um silêncio se formou quando a irmã de Maleena começou a se contorcer e a gritar. As águas ao seu redor ficaram escuras e essa escuridão aos poucos a envolvia, até tomar a forma de um furacão que a cobriu e parecia contorcê-la ainda mais.

As sereias, que estavam ao redor, exclamaram com a mão na boca e, amedrontadas, nadaram para longe, fugindo e temendo a ira de sua deusa, mesmo que ela já não estivesse mais presente. Quando percebeu que virara o mesmo monstro que Maleena havia se tornado, reconheceu seu erro em contestar a decisão que não lhe cabia.

Maleena se juntou à irmã e as duas sereias se olhavam. Maleena estava conformada, mas sua irmã rosnava de ódio e desespero, se recusando a aceitar tal maldição.

Veio um outro flash, o que demonstrava que meu pai me traria novas visões.

Algumas horas depois, Windriel levava suas mãos à boca em prantos, enquanto via no que suas amigas haviam se transformado. Ela carregava culpa de vários

fracassos de seus planos, mas ao menos Maleena e sua irmã não pareciam culpá-la. Elas estavam mais preocupadas com Windriel do que suas aparências.

Os dias foram passando e as duas sempre subiam à superfície para encontrar Windriel, até que um dia apenas uma dela apareceu. E assim continuou nos próximos dias que se seguiram. As duas choraram a ausência da outra sereia que desapareceu misteriosamente.

Outro flash então estourou, me levando para o lago central de Fainord, onde Windriel e meu pai, com sua imortalidade devolvida, abraçou a amiga. E foi quando ele teve uma visão do que aconteceu no passado.

— Por que nunca me contou?

— Como eu teria coragem de contar que meu plano deu errado e que, por minha culpa, Alda estava morta? Como eu contaria que o bebê foi entregue aos nossos inimigos? Temi que você me odiasse, portanto, achei melhor omitir. Você já havia sofrido demais... — lamentou.

Então meu pai cessou todas as visões por completo e eu voltei à minha realidade. Ele me olhava com tristeza nos olhos.

— Após a guerra de Shadowfalls, quando retornei à Fainord, já com minha imortalidade devolvida, soube o que Windriel fez. Naquele momento, senti que poderia amá-la. Ninguém nunca fez tanto por mim.

— Ela possui uma longevidade superior a de qualquer espécie, pai...

— Longevidade não a faz imortal. Mesmo que dure anos, um dia ela nos deixará e eu não serei capaz de suportar essa perda novamente. Até hoje não superei a perda de sua mãe.

Eu o abracei forte. Lamentava por eles, mas podia compreendê-lo.

— Lembro de Grand contando que minha mãe nunca soube de Báhlgor ou da maldição, mas ela sabia! Windriel contou. — Suspirei. — Agora tudo faz sentido, os deuses não permitiram que os sábios descobrissem o plano entre as duas.

— Exatamente.

— Mas se não se pode mudar o destino...

— Há muitas coisas que os deuses escondem, porque mesmo sabendo que devem respeitar as suas decisões, algumas revelações causam indignações que poderiam pôr em risco o destino. Se soubesse do acordo entre sua mãe e Windriel, Alda poderia ter sido morta com você na barriga. Claro que os deuses os castigariam, mas isso teria mudado tudo!

— Entendi...

— Eu preciso ir agora, Kyara.

— Mas pai...

— Estão me chamando.

— Mas preciso falar com você!

— Quando um Deus é requisitado, temos de ir imediatamente. Voltarei para que possamos conversar.

Ele começava a desaparecer na minha frente.

— Kai está na floresta. — Ele sorriu, antes de desaparecer por completo.

Eu não queria deixar Fainord. Não naquele momento. Eu nunca saía sem antes falar com Gálatha e naquele dia era mais do que necessário.

Pela primeira vez ela me viu triste, mesmo assim sorriu para me confortar.

— Olá, pequena elfa — falou com uma doçura fora do normal em sua voz.

Era assim que ela me chamava e eu sorri como sempre, porque eu era a única que ela se referia de tal maneira.

— Que ventos lhe trazem hoje? Um não muito bom, presumo...

— Meu pai me fez uma revelação.

— Conte-me mais... — pediu afetuosa.

— As visões que tive de minha mãe, mexeram comigo como nunca pensei que fosse acontecer. Sempre lamentei não a ter conhecido, mas dessa vez foi como se eu tivesse acabado de perdê-la. Ela tinha os seus defeitos, mas me amava e eu não fazia ideia do quanto, nem do que teve de enfrentar por mim. Alda era boa demais para um lugar como Ardhem, e mesmo possuindo o melhor status perante os cidadãos, ela os odiava tanto quanto eu...

— Ora, mas que história linda acabo de ouvir. Por que me conta com tristeza? Sabe, pequena elfa, perdi milhões das minhas filhas e não há dor maior do que isso, mas o problema que eu vejo em todos vocês, espécies diferentes de nós da natureza, é o fato de se prenderem à negatividades. É doloroso para você, saber que não houve a oportunidade de conhecê-la, mas é necessário lamentar? Quantos filhos têm pais que não os amam? Muitos gostariam de estar no seu lugar, por saber que ao menos já foram amados um dia... Lembre-se do amor dela por você e o que ela fez. Apenas isso. — Sorriu de forma maternal.

— Não é só isso... — Suspirei e Gálatha me fitou atenciosa. — Não sei se sou capaz de perdoá-la totalmente pela forma como a vi tratando Windriel. Sei que elfos e humanos não são aliados, mas por anos acreditei que minha mãe fosse diferente, por ter amado meu pai e a mim. Foi doloroso ver tamanha repulsa em seu olhar.

— Pequena elfa, nem todas as espécies irão se unir. Seria lindo se acontecesse, mas é utópico de nossa parte. Lembre-se do que eu disse sobre a prender-se à negatividades. Sua mãe amou Ranfel e não sua espécie. Amou você, mesmo sabendo que carregaria o sangue dele. Quem pode nos garantir que se ela ainda vivesse, não teria passado a gostar deles? E se não tivesse, ao menos com um foi diferente. Não esqueça que humanos crescem com a ideia de que elfos são ruins, ideias injustas são plantadas em suas mentes desde cedo. Como é bom ouvir que

sua mãe o viu com outros olhos... — Ela sorria de uma forma que era reconfortante, ninguém sabia usar as palavras como ela.

— Acho que tem razão, mas não é fácil deixar de lamentar.

— Nunca é, pequena elfa, mas é um dos inúmeros exercícios que devemos fazer dentro de nós mesmos. Pode levar dias, meses, ou anos, mas as frustrações passam e gente consegue seguir em frente.

— Como consegue ser tão forte, mesmo após ter perdido inúmeras filhas? — sorri carinhosamente.

— Porque na natureza há um ciclo onde tudo nasce, morre e depois volta. Eu as sinto no exato momento em que morrem e elas voltam, soprando um vento gentil contra mim. Sei quando se trata da deusa Airya e quando são minhas filhas, e uso esses momentos para sentir o quanto nos amamos e estamos juntas, independente de não senti-las em terra.

— Milhões delas são plantadas a meses de distância — falei impressionada.

— A distância pode ser grande, mas a terra está toda interconectada, mesmo que haja oceanos entre nós. Conseguimos nos ouvir sempre e inclusive sentir as emoções, como as de minhas filhas mais novas ao brincar com seu filho. — Ela sorriu maravilhada com a aproximação deles.

— Obrigada, Gálatha. — Toquei seu enorme tronco e emanai minhas energias, depois ela emanou uma energia branca que percorreu meu corpo, me renovando como nem eu mesma conseguia.

— Obrigada você, pequena elfa. Venha mais vezes.

— Venho sempre que posso. — Virei-me para ir embora, mas depois voltei meu corpo para ela, pensativa. Ela me olhou aguardando a pergunta. — De onde vem seu nome?

Ela riu.

— Me nome verdadeiro é Galathilion, que significa árvore branca, mas os elfos carinhosamente me chamam de Gálatha. Eles são como filhos para mim, portanto é um prazer enorme ter recebido esse apelido que hoje adoto como nome.



Capítulo 06

— Detesto ser filha de um Deus — comentei amargamente.

— Eu iria gostar que minha mãe fosse uma — Aidan respondeu enquanto organizava seus cristais.

— Sei que deuses têm suas urgências, mas não deixa de ser frustrante não poder terminar uma conversa com meu pai. Ainda mais quando tenho mais a perguntar.

— Não conseguiu falar sobre seus sonhos?

— Não... — Suspirei.

— Se houvesse algo a temer, ele teria lhe dito. — Tranquilizou-me.

— Verdade — falei, embora ainda temesse algo.

— Vamos buscar as crianças?

— Preciso falar com os arqueiros, e como Kai está com as dríades, eu o busco.

— Perfeito. Síndel está no lugar de sempre, brincado com a... Como é mesmo o nome dela?

— Wallandra... — cerrei o olhar entediada.

Eu caminhava até os portões quando Margreet em sua forma humana caminhava de mãos dadas com Odo. Os dois se despediram e seguiram seu caminho, mas Odo se juntou a mim.

— Vai buscar Kai?

— Sim.

— Um dia, Margreet e eu também formaremos uma família. Já temos Owen, mas queríamos um que fosse fruto do nosso amor.

— Filhos são nossa maior alegria, mesmo que não nasçam de nós. — Sorri ao me lembrar de Anika. — Fico feliz que pensem em ter filhos.

— É o nosso maior sonho. — Ele fitava o horizonte.

— Nunca perguntei como vocês se conheceram. Aliás, foi uma dúvida que eu tive, uma vez que ela não voltava à forma humana e estávamos em guerra.

Odo então suspirou. Essa lembrança ainda lhe era dolorida.

— Estávamos em guerra e meu irmão havia acabado de morrer pelas mãos de um mago daqui. — Suspirou. — Tínhamos um ano de idade quando fomos sentenciados a viver como escravos. A mesma escrava adulta nos criou como seus. Crescemos como irmãos e juramos proteger um ao outro. — Ele se engasgou com as lembranças — Falhei naquele dia e na hora não entendi o porquê daquele mago não me atacar. Acho que meu pranto sobre o corpo sem vida do meu irmão deve tê-lo tocado de alguma forma. Então, inesperadamente, vi que uma enorme fera se preparava para saltar sobre mim. Eu estava desprevenido, sofrendo e assustado com sua fúria. Sabia que não conseguiria vencê-la, mas precisava me defender. Peguei a lança do meu irmão e lancei contra ela, acertando próximo ao seu quadril. Seu corpo virou de lado quando a lança a acertou. Ainda no ar, ela rosnou de dor e seu corpo caiu pesadamente de lado. Ela tentou levantar-se duas vezes e falhou. Eu sabia que não éramos aliados, mas ver aquela enorme fera em sofrimento, mexeu comigo, principalmente quando a vi mancando e se arrastando para trás de uma moita. Ela queria fugir. — Suspirou. — Olha, Kyara, não sei se a morte do meu irmão havia mexido comigo a ponto de me sensibilizar com o que eu acabava de fazer. Eu queria sair dali, na verdade, queria abandonar todos, mas meu instinto foi mais forte e acabei indo atrás da fera para ver como ela estava. Quando afastei a mata para o lado, vi uma mulher caída no chão, nua e com a lança fincada exatamente onde eu acertei naquela fera. Foi então que percebi que havia ferido uma mulher. Ela sofria, havia pânico e lágrimas em seus olhos e até tentou sem sucesso voltar à forma feral novamente. Margreet só se acalmou quando viu a expressão de remorso em meus olhos. Calmamente, eu me ajoelhei próximo a ela, tirei minha túnica para cobrir seu corpo nu e nossos olhos se encontraram. Ela era a mulher mais bonita que eu havia visto e estava ferida por minha causa. Eu disse o quanto lamentava por tudo e ela acreditou em mim, mas quando ela tomou minha mão, me veio um sentimento como jamais pensei que pudesse sentir. Então o mesmo mago que matou meu irmão apareceu e Margreet logo olhou para ele, como se pedisse que não me machucasse, mas ele não parecia querer fazer algo contra mim. Tudo o que pude fazer, foi pedir a ele que cuidasse dela. Disse-lhe que eu ia embora, não queria nada daquilo e não poderia mais fazer parte da guerra. Eu seria um desertor, seria morto, mas não me importava. Ele consentiu, dei meu último olhar para ela, que parecia lamentar minha partida, e quando voltei à guerra, um amigo me viu sem minha túnica. Rapidamente, ele retirou a do meu irmão morto e me fez vesti-la, temendo que pudessem me matar. Nem tive tempo de responder, porque Luke apareceu e nos chamou para uma missão. Aquela missão covarde de cercamos uma casa repleta de inocentes.

— Eu me lembro — falei amargamente.

— Sabe, Kyara, sempre gostei de você nunca me agradaria lutar de um lado que não fosse o seu. Eu não fazia ideia de que lutaríamos um contra o outro. Portanto, quanto te vi lutar, lembrei daquela escrava que você era em Ardhem. Simplesmente não conseguia acreditar que a guerreira que vi lutando diante dos meus olhos era você. Então percebi duas coisas. A primeira foi que até aquele momento, nunca havia te conhecido realmente e a segunda era que estava de fato lutando do lado errado. Eu ia desistir, Kyara! Mas você me fez querer lutar e reparar meu erro. Quando nos viramos contra eles e tomamos o lado de Shadowfalls, estávamos ajudando os feridos como forma de nos redimirmos e eu fui procurar por ela. Precisava saber como ela estava. Eu andava entre os feridos, angustiado, e mesmo ainda fraca ela me estendeu a mão, como se soubesse que era por ela quem eu procurava. Eu não sairia mais de seu lado até que ela ficasse boa. Não foi necessário levá-la para os mais gravemente feridos, pois os xamãs haviam conseguido cuidar deles e deixá-los fora de perigo.

Perguntei sobre o mago que nos viu e ela disse que acabara de saber que ele havia morrido em batalha. Ele pediu a uma dríade que chamasse os xamãs para buscá-la no local onde eu a deixei. Mas antes que pudessem aparecer, ele comentou que não quis me matar quando me viu chorando a morte de um dos meus. Ele não sabia o que significava para mim, mas percebeu que era alguém importante. O mago ainda estava arrasado porque também juntava forças para lutar, desde o momento em que viu o corpo de seu irmão empalado e fincado morto próximo às margens do outro lado do rio.

— John... — Suspirei.

— E foi assim que nos conhecemos.

— Que história linda, Odo. Eu não fazia ideia.

— Por isso quero dar filhos a ela, Kyara. Ela merece, depois do que fez.

— Mas você a ajudou, Odo — falei compreensiva.

— Nada do que eu possa fazer será o suficiente para reparar o ferimento que eu lhe causei. Isso me assombra até hoje.

Então ele precisou ir. Eu entendia o seu lado, mas lamentei que ele se martirizasse tanto por ter tentado se defender. Como ele saberia agir diante daquilo? Ele era como eu, um mero escravo em busca de sua liberdade.



— Vou contar até três, hein? — gritava Kai, enquanto as jovens dríades pulavam eufóricas, próximas às margens do rio e as sereias se posicionaram atrás para segurá-las caso caíssem.

Três espécies diferentes brincavam entre si sob os olhares dos arqueiros e centauros, que riam ao assistir tudo do caminho de ronda dos muros.

Então ele jogou um jato de água contra elas. As sereias noturnas viraram os rostos rapidamente ao sentirem o primeiro jato, depois se voltaram para as dríades que forçavam seus corpos contra o jato de Kai. Uma a uma, elas foram perdendo as forças e, gargalhando, caíam na água, sendo amparadas pelas sereias. Uma última ficou de pé e ainda lutou bravamente contra o jato que Kai mandava. Ele precisou se esforçar para intensificar o jato, mas a dríade foi mais forte, fazendo Kai cansar e desistir.

— Eu venci! Eu venci! — comemorava a jovem dríade, pulando de alegria. As sereias aplaudiam junto às outras dríades.

Kai ofegava pelo esforço, mas sorria para amiga. Aplaudindo, ele se juntou a ela, depois ergueu seu braço em comemoração.

— E mais uma vez, a Drana me venceu! — riu, mas, brincalhão, a desafiava para outra competição.

Drana foi o nome que Kai deu a ela. Era sua melhor amiga e eu adorava a ligação que ele tinha com as dríades e as sereias. Embora Síndel também tivesse essa ligação, ela gostava de passar mais tempo sozinha com a sua imaginação, por assim dizer.

— Kai... — eu disse surgindo de um portal feito por uma maga que passava.

Ele veio correndo e me abraçou.

— Posso brincar só mais uma vez?

— Está tarde, meu amor. Amanhã vocês brincam mais.

Ele concordou. Triste, mas concordou. Drana, por outro lado, parecia bem mais triste. Ela sempre sentia quando Kai ia embora, como se a presença dele fosse tão importante quanto as outras dríades e sereias.

— Até mais, pessoal. — Acenou para todas, que acenaram de volta. O portal estava para se fechar.

— Amanhã eu serei o vencedor!

— Vai precisar jogar um rio inteiro em mim para me fazer cair! — respondeu Drana às gargalhadas, embora ainda estivesse triste pela partida de Kai.

— Ela sempre sente muito quando você vai embora — falei carinhosamente.

Kai suspirou.

— Às vezes, eu queria dizer a nossa palavra mágica para ela.

Assustei por um momento, mas não quis deixar Kai perceber. Como mãe, eu queria que fosse algo só nosso, mas, por outro lado, era maravilhoso ver o quanto ele se importava com ela, a ponto de querer dividir algo de tamanho significado pelo bem da sua amiga. Como minha ligação com a floresta e com as dríades era

tamanha, pensei em concordar e estava prestes a aconselhá-lo a dizer, quando ele me cortou:

— Acho melhor eu inventar uma com ela. A nossa é só nossa — enfatizou.

Genevieve estava prestes a trocar de posto, então aproveitamos para caminharmos juntas, enquanto Kai ia na frente.

— Desde que as crianças nasceram, nunca vi as sereias noturnas tão contentes — ela falou com um sorriso.

— É como se elas esquecessem um pouco da maldição.

Genevieve sorriu, mas depois suspirou. Ela também lamentava as dores que a maldição lhes trazia.



Kai se sentou próximo a um tronco de árvore. Ele fitava as palmas de suas mãos, franzindo o cenho. Não consegui interpretar se sua expressão demonstrava algo que ele já havia feito ou estava prestes a fazer. Algo que nunca pensou ser capaz. Eu o chamei para entrar, mas ao voltar ele viu um passarinho morto no chão. Kai delicadamente se ajoelhou próximo ao corpo daquela pequena criatura e a pegou. Com as mãos em concha, ele fechou o pássaro e se concentrou. Balbuciou palavras inaudíveis e abriu os olhos, tomados pelo azul da mesma magia que saía por entre as brechas de seus dedos. Ao abri-la, o animal saiu voando e pousou em um galho próximo aos olhares encantados de Kai. Aidan estava atrás de mim e pôde ver o que ele acabava de fazer. Kai nos olhou orgulhoso e aguardava que déssemos um sorriso em apoio, mas, na verdade, estávamos preocupados por aquilo que ele acreditava estar fazendo.

Aidan pediu que eu aguardasse, enquanto ele se aproximou carinhosamente do filho.

— Kai — disse com a mão em seu ombro. — Alguém já lhe viu fazendo isso? — perguntou aflito.

— Não sei. Fiz algo errado?

Aidan suspirou.

— Sabe o que acabou de fazer?

— Eu lhe devolvi a vida! — falou orgulhoso, voltando seu olhar para o pássaro que coçava sua asa com o bico.

Aidan balançou a cabeça.

— Isso se chama necromancia, filho — falou em um tom levemente decepcionado.

Kai ergueu a sobrancelha, confuso.

— Existem dois tipos de magia. — Segurou suas mãos — A arcana, que é aquela manipulada pelos elementos da natureza, como fogo, terra, ar, água e de luz. A outra é a necromântica. Mas, meu filho, por melhor que tenha sido sua intenção, o que acaba de fazer não é bem visto entre os magos.

— Por quê?

— Porque acreditamos se tratar de um ato maléfico.

— Mas eu devolvi a vida para aquele passarinho! — insistia.

— Nós magos acreditamos que quando uma vida deixa o corpo, é porque já cumpriu o seu propósito no mundo. Quando o sopro da vida se vai, nada pode trazê-la de volta.

Kai olhava para o pássaro confuso. Para ele, o fato de o animal estar vivo e bem, não poderia ser um ato ruim.

Uma fada então pousou no galho ao seu lado. Pássaros e fadas sempre foram muito unidos, nunca houve sequer um ataque entre eles, portanto, Kai se espantou ao ver que o pássaro começou a atacar ferozmente a fada.

Ele deu um salto espantado, mas Báhlgor surgiu em sua forma élfica e impediu que ele a matasse, ao desintegrar o animal.

— Com quem aprendeu isso? — Báhlgor perguntou em desespero.

— Sozinho... — Ele ergueu os ombros assustado e Báhlgor só não lhe deu uma bronca porque sabia se tratar da inocência de uma criança.

Báhlgor então pegou a fada ferida e assustada.

— Isso é muito comum. A maioria dos necromantes trazem os mortos de volta por acreditar que possam controlá-los, mas muitas vezes eles são mortos por aqueles que os reviveram.

— Mas se revivemos criaturas do bem, por que elas se tornam maléficas? — Kai ainda custava a entender.

— Porque a magia quando usada para esses fins, não funciona como você acredita. Logo, boas criaturas se tornam ruins ao reviver. — Ele entregou a fada em suas mãos. Kai a olhou com remorso.

— Se fosse possível que os mortos pudessem reviver, pense em quantas pessoas que perdemos na guerra estariam aqui conosco? Eles poderiam andar entre nós, mas não seriam os mesmos. Poderiam nos fazer um mal maior que o pássaro fez a ela. — Báhlgor curou a fada que se deitava assustada nas mãos de Kai.

— E esse é o principal motivo que nós magos jamais usamos necromancia — Aidan falou como o último conselho ao filho.

— Desculpe-me — ele disse à fada e ela voou em direção à maçã de seu rosto para lhe dar um abraço.



A deusa Fyra nos abençoou com um dia bem quente e as crianças já haviam ido para os treinos. Aidan foi inspecionar as obras das pontes e eu fiquei encarregada de ir a Weston para ajudar os elfos a escolher um bom lugar para plantar os carvalhos. Eles inspecionariam os locais, auxiliando Tristan e seus homens, indicando onde seria melhor para plantá-las. Os elfos e os homens de Tristan se dividiram em grupos para escolherem o melhor tipo de solo e posição solar. Tristan parecia animado.

— Meu filho ou filha vai adorar brincar com elas. Não teria alguma possibilidade de plantar alguns no jardim real? Há muito espaço por lá.

— As raízes dos carvalhos são imensas. Podemos plantar um lá, mas se quiser mais do que isso, teremos de inspecionar o local primeiro — informou um elfo.

Tristan concordou. Ao chegarmos no jardim real, os elfos acharam que seria seguro se plantassem apenas dois, mas Anika estava tão radiante com a ideia de ter dríades como amigas, que se ainda houvesse alguma dúvida dos elfos, foi embora com aquele sorriso inocente.

Ela me puxou para conversar e eu ouvia cada palavra, maravilhada em conhecer melhor o mundo dela e suas dúvidas frequentes, que as meninas têm ao crescer. Eu não tive uma mãe para me aconselhar e minha filha ainda era nova, presa ao seu mundinho particular. Eu proporcionava à Anika tudo o que nunca fizeram comigo e o que não podia fazer com minha filha. Como eu a amava! Ela sempre seria aquela menina assustada da taberna e por mais feliz que eu estivesse em vê-la crescer, sempre temia que algo ruim pudesse acontecer a ela. Assim como faria por meus filhos, daria minha vida por Anika.

Após um dia bem cheio, voltei a Shadowfalls, só fiquei triste em deixar Weston por causa de minha família. Passeava próximo ao lago central, quando a vi. Maleena gostava de pegar sol, próxima à estátua da grande sereia. Ela se deitava na rocha esculpida em pedra quando me viu. Sorri, e de forma afetuosa a chamei. Ela se aproximou da margem e eu me sentei com as pernas cruzadas. Ela logo percebeu que havia algo estranho e franziu a testa.

— Não sabia que você tinha uma irmã — acariciei seu rosto.

Ela primeiro se espantou, mas depois ameaçou chorar.

— Sinto muito. Por que nunca ninguém me contou a respeito? — indaguei.

Maleena não podia responder, ela só fitou a pedra da margem do lago e balançou a cabeça. Por um momento me senti culpada por fazê-la chorar.

— Só queria dizer que eu sei. Se houver algo que eu possa fazer...

— Não há nada, infelizmente... — disse Shelly ao se aproximar. Ela também lamentava. — Ela fez a sua escolha e não houve nada que pudéssemos fazer. — Acariciou o braço de Maleena em apoio.

— Mas o que aconteceu realmente?

Aidan me chamou de longe para ver detalhes da ponte. Por que isso sempre acontecia?



Deixamos Kai e Síndel brincarem na floresta após os treinos. Resolvemos fazer disso um hábito diário, afinal, eram crianças. Não tive uma infância feliz, portanto não quis privar meus filhos de serem eles mesmos. Tentei procurar Shelly para terminarmos a conversa, mas após meus afazeres, a vi sentada no coreto com Dórken e não quis interrompê-la.

Eu tinha muito o que perguntar, mas o dia passou rápido com tantas tarefas e quando dei por mim, o sol já estava quase se pondo e Shelly e as outras sereias voltaram para suas famílias submersas.

Preparava-me para buscar Síndel, e Aidan, já havia se retirado para buscar Kai na floresta quando escutei alguns gritos vindos dos portões. Imediatamente corri até eles, junto a enormes grupos que queriam saber do que aquela gritaria preocupante se tratava. A sereias noturnas grunhiam e gritavam um grito estridente, apontando para uma direção na floresta. As jovens dríades estavam em pânico, tremendo e encolhidas.

— O que aconteceu?? Onde está meu filho? — perguntou Aidan em desespero.

— Não sabemos ao certo — disse um arqueiro tenso. — Eles estavam brincando e, do nada, Kai desapareceu.

O povo exclamou em desespero e eu bufei cerrando meus punhos. Por que eu desconfiava que Christine estava por trás daquilo?

— Eu vou lá! — falei tomada pela fúria. Depois olhei para uma maga que imediatamente lançou magia sobre as águas para que eu pudesse passar.

Aidan me seguiu e pedimos reforços dos Terianos, magos e centauros.

— Suba! — ordenou Margreet se pondo ao meu lado.

Olhei-a espantada por um momento, mas depois percebi que ela correria mais rápido do que eu em sua forma feral, que era bem maior. Um outro teriano fez o mesmo com Aidan, então nós quatro fomos na frente.

Drana estava tão assustada que não conseguia falar. Ela pegou minha mão e rapidamente nos levou até um arbusto. Respirei aliviada e afastei as folhas gentilmente.

— Kai... — cochichei em alívio.

Então ele me olhou.

— Colton? — Espantei-me ao ver o amigo mago de Kai, encolhido entre as moitas. — O que aconteceu? — perguntei enquanto esticava meu braço para ajudá-lo a sair.

Aidan olhou para os lados abruptamente.

— Houve magia aqui! E não foi a de Kai!

Enrijeci meu corpo. Aidan agachou perto do menino, limpando as folhas de seus ombros e braços.

— Você está bem? — perguntou. O menino fez um sinal positivo com a cabeça.

— Kai me chamou para brincar hoje. — Ele disse assustado — Uma mulher apareceu. Ela pegou Kai com magia e entrou em um portal.

— Christine! — Minha visão ficou turva de ódio.

— Não foi ela, mas Christine está envolvida — Aidan afirmou, lançando um olhar preocupado para um local à distância, de onde ela deveria ter surgido. — Como ela era? — perguntou a Colton.

— Cabelos ruivos ondulados.

— Mandou alguém para fazer seu trabalho sujo — falei com escárnio.

Peguei Colton pela mão e pedi que Aidan fizesse um portal.

Do nada, os olhos de Aidan arregalaram em desespero e eu senti a sua urgência em me falar algo, e quando tomou fôlego, o gigantesco escudo de Shadowfalls falhou duas vezes, antes de se desfazer por completo.

O pânico foi geral. Gritos aterrorizados e olhares desesperados em busca de respostas que não tínhamos.

— A pedra! — gritei espantada.

Aidan fez um portal para a cúpula onde Drakenian estava. Angustiados, saímos do outro lado, onde as nossas suspeitas haviam sido confirmadas.

Christine erguia a pedra com magia. Ao seu lado, havia a mulher descrita por Colton, e do outro, Lana com aquele sorriso cínico. Kai estava à frente dela, seus olhos estavam completamente negros e seu corpo cambaleava lentamente para frente e para trás, sob algum tipo de feitiço.

— Achou que eu fosse desistir? — Ela zombou.

Ergui meu arco e flecha, iluminado pelos meus poderes.

— Eu não faria isso, querida... — advertiu Lana, pondo uma adaga no pescoço de Kai, que parecia um zumbi.

Aidan prendeu o fôlego e eu fui forçada a abaixar a arma.

— Se encostar em um só dedo nele... — Lancei um olhar ameaçador.

— A capacidade dele de fazer portais é como a de um mago experiente. — Ela me interrompeu. — Mas como ainda é uma criança, foi fácil dominar a mente dele — gabou-se.

— Você já tem a pedra — disse Aidan em tom de súplica. — Nos devolva o nosso filho!

Christine olhou para Lana e consentiu. Respirei aliviada, e quando ela retirou a adaga de seu pescoço, Kai voltou a si. Assustado, ele olhava ao redor a fim de

entender o que estava acontecendo. Tentei assegurá-lo de que estava tudo bem e quando acreditei que elas o deixariam ir, um portal se abriu por trás delas e elas entraram, levando Kai junto.

— Mãe! Pai! — ele gritou apavorado, esticando a mão em socorro, desaparecendo completamente.

— NÃÃÃÃO!!!! — gritei em desespero.

Aidan caiu ajoelhado com as mãos na cabeça. Dunkan e Tartus chegaram às cúpulas e em menos de poucos minutos, toda Shadowfalls sabia que Kai e Drakenian haviam sido levados.

— Somente meu pai ou meu avô poderão nos ajudar! — expliquei para meu povo, que se mantinha confiante de que eu os traria de volta.

Estávamos completamente expostos sem a proteção da pedra, mas a presença dos centauros e agora de elfos contribuíram para nos deixar um pouco mais seguros quanto ao próximo ataque, que naquele instante era óbvio.



Capítulo 07

Inferno e pesadelo haviam sido reconstruídos e melhorados após a última guerra. Eles agora tinham armaduras esculpidas em escamas de dragão, tingidas de negro, a mesma cor das pedras que eram feitos. Ampliamos sua percepção de perigo, fazendo seus olhos brilharem em alerta e colocando os arqueiros de prontidão, assim como a rapidez em que eles formariam os espectros. Ao longe, eu via seus olhos brilharem a luz vermelha que pulsava em querer liberá-los, mas não havíamos avistado ninguém.

— Preciso ir até lá — disse Aidan conjurando um portal e eu fiz sinal para que Margreet nos acompanhasse.

Os Terianos também haviam recebido armaduras feitas por Dórken, porque ele acreditava no fato de que muitos teriam sobrevivido a última guerra se as estivessem usando. Ele dizia que a suas peles poderiam ser mais densas, mas não estavam livres de uma perfuração. O fato de eles estarem protegidos por vestimentas especiais, também nos tranquilizava, pois era uma forma de fortalecer ainda mais os nossos melhores guerreiros.

Nós três vasculhávamos a floresta sem fazer muito barulho, para não atrapalharmos a concentração de Aidan. Ele queria sentir de onde e que tipo de magia estaria nos rondando. Margreet farejou algo no ar, no exato momento em que Aidan sentiu de onde ela vinha.

— Por aqui! — apontou o caminho.

Ela arrepiou os pelos da espinha e eu imediatamente senti que havia algo errado. Mal teve tempo de rosar e uma força invisível atirou ela e Aidan para o lado, fazendo-os bater com as costas em uma árvore. Margreet caiu de lado e rosou enfraquecida pela dor. Aidan curvava seu corpo na intenção de se levantar o mais rápido possível, mas foram jogados longe novamente.

— Aidan! — corri até ele quando uma risada conhecida me fez travar.

Lentamente virei-me, me contorcendo de ódio e a olhei enfurecida. Ela apoiava uma mão na cintura e a outra estava para trás, como se escondesse algo, talvez uma arma. Iluminei minhas mãos em ameaça.

— Que bom poder ter esse encontro entre nós duas — ironizou. Ela parecia não mais me temer.

— O que você quer, Lana?

— A pergunta é o que *você* quer, minha querida. — Retirou o sobretudo de Kai, que escondia atrás das costas, balançando-o no ar.

— O que fez com meu filho? — exigi a resposta.

— Sua pergunta é uma ofensa para mim — fingiu.

— Responda! — gritei com autoridade.

— Eu não fiz nada, mas outros farão! — Ela zombou com um riso triunfal. — Só segui ordens — falou de forma a se isentar de culpa, sem abandonar o lado sarcástico.

— Como pôde ter se tornado tão desprezível? — Olhei-a com escárnio. — Por que teve de levar uma criança que nada tem a ver com nossas rivalidades?

Seu olhar pela primeira vez suavizou. Era um misto de tristeza com raiva.

— Porque você me tirou a única chance de ser feliz... — começou a bufar.

— Lana... — Enrijeci meu corpo.

— Você destruiu minha vida quando me mandou de volta a Ardhem, aquele local infernal! Eu era a única escrava. E como fui proibida de servir as pessoas, elas sequer se importaram comigo! Faz ideia do que é ser invisível?

— Acha que não sei? — A olhei com olhar de tédio, acusando-a e todos que na época fizeram o mesmo comigo.

— Você me deixou lá para morrer! Se não fosse por Christine, eu teria enlouquecido naquele lugar!!

Ela parecia sair de si e por mais que eu quisesse destruí-la, eu cerrava meus punhos para me conter. Precisava manter a calma para tentar um possível acordo.

— Devolva meu filho e então poderei fazer algo por você! — ressaltei.

— Você não pode me dar o que quero. — Ela sorriu sarcasticamente.

— E o que quer? — franzi a testa.

Ela fitou o chão, depois ergueu o olhar para mim com um sorriso maligno.

— Tristan!

— Não pode estar falando sério! — Abismei-me. — Se pensa em tocar em um só fio de cabelo de Megan para isso, eu...

— Ela vai viver — interrompeu-me de forma serena, depois sorriu maliciosamente. — Para chorar cada dia em que Tristan e eu estivermos juntos e felizes. Aquela criança que nem deveria vir ao mundo, vai morrer no exato momento em que nascer!

Enfurecida, alcancei uma das minhas adagas para atirar em sua coxa, quando ela me surpreendeu ao criar um escudo de magia ao seu redor.

— Não desta vez, querida! — Um portal se formava perto dela.

— Dê-me o meu filho! — ordenei e ela riu.

— Nunca irá encontrá-lo! — Entrou triunfante no portal. — A vitória é nossa, querida! — Soprou um beijo como forma de deboche.

Gritei o mais alto que pude, indignada com tudo o que acabara de ouvir, mas acabei por me acalmar ao sentir um toque afetuoso em meus ombros.

Meu pai me abraçava forte e estava tão desesperado quanto eu. Meu avô em forma original, curava Margreet caída no chão, enquanto Aidan se aproximava mancando e ofegante.

— Para onde levaram meu filho? Digam-me! — implorei desamparada e tanto meu pai quanto meu avô pareciam chocados em não saber.

— Há algo muito errado! — Meu avô parecia perdido. — Não consigo senti-lo.

— Nem eu! — Meu pai estava tomado pela angústia.

— Como isso é possível? — indaguei enquanto ajudava Margreet ficar de pé.

— Há uma maneira de saber. — Meu avô parecia se lembrar de algo e nossa atenção se voltou abruptamente para ele. — Se por algum motivo eu não estou conseguindo senti-lo, não quer dizer que outro Deus ou deuses não possam. E se eles conseguem, os dragões têm chances de saber, uma vez que lhes é permitido alcançar as visões além do que qualquer outra espécie consegue.

Indaguei em minha mente “Por que não perguntamos para os outros deuses, ao invés dos dragões?”, mas meu pai pareceu ter lido meus pensamentos.

— No entanto, não é comum que um Deus não saiba de algo, mas há um código entre nós que nos impede de falar caso isso aconteça. Portanto, agora, os deuses se calam para nós, mas os dragões têm permissão. — Meu pai explicou.

— Não exatamente. — Lembrou meu avô. — Se os deuses se calam, há uma grande chance de os dragões não alcançarem as visões, mesmo que tentem. E, se conseguirem, há a possibilidade de se calarem também, uma vez que os deuses escondem a verdade de outros.

— Mas por que eles esconderiam algo de vocês? — Espantei-me.

— Não sabemos. — Meu pai respondeu chateado.

— É a única escolha que temos! — falei.



Shadowfalls então entrou em estado de alerta constante. Eu tinha de admitir, as últimas guerras tinham nos trazido perdas insubstituíveis e lembranças que insistiam em nos aterrorizar como se nossas almas sofressem a dor de eternas

feridas abertas, mas quando a pedra foi roubada, nossa fúria atingiu o ápice e nos fez mais fortes! Fortes o suficiente para enfrentar a nossa maior guerra que estava por vir.

Temendo pela nossa segurança, Arturo enviou grande parte de seus melhores homens que se juntaram aos centauros do lado de fora dos portões. Magos, elfos e arqueiros ficaram nos muros, as sereias estavam de prontidão no rio e somente os Terianos poderiam atravessá-lo para farejarem qualquer ameaça. Aidan e Bayleigh foram voluntários em atravessar o rio e vasculhar a floresta para sentir a presença de magia estranha. Só permiti pois eles eram convictos em dizer que abririam os portais mais rapidamente em caso de urgência. Os Terianos ficaram próximos aos portões, na parte interna, para dilacerar o primeiro inimigo que ousasse atravessar. Estávamos sem a proteção de Drakenian, mas nos recusávamos veementemente a sermos alvos fáceis.

Aidan pegou firme em minhas mãos, estava com os olhos marejados e cobertos por fúria.

— Vou encontrá-lo — prometi-lhe. — Não irei sossegar enquanto nosso filho não voltar são e salvo!

— Síndel finalmente conseguiu dormir — disse Margreet na companhia de Owen, que se ofereceu para vigiar a porta da minha casa.

— Está na hora — falou meu avô.

Toda Shadowfalls e nossos aliados estavam próximos a nós, não só para me dar forças, mas garantindo que manteriam minha aldeia e seus habitantes seguros. Eu confiava nos meus homens e mulheres, mas ainda temia deixá-los pensando na guerra que poderia ocorrer enquanto eu estivesse fora. Temia as mortes que eu poderia evitar se estivesse presente, mas meu filho estava perdido e assustado em algum lugar, e como mãe, temendo pela sua segurança, era fundamental que eu o encontrasse primeiramente.

Báhlgor nos teletransportou para o reino dos dragões. Era um local flutuante e cheio de luz. Gigantescos fragmentos de cristais lindamente transparentes cercavam o local. O céu tinha tons claros de rosa e laranja, e eles surgiram, sobrevoando, se juntando àquela linda paisagem.

Não era a primeira vez que eu via dragões vivos. Os mais novos sempre guiavam os anciões para Shadowfalls, mas minha atenção sempre estava naquele que se deitaria para seus últimos dias. Era a primeira vez em que os via de verdade, enxergando sua energia e essência. Eles deixavam rastros de luzes cintilantes, das mesmas cores de suas escamas por onde voavam, que atenuavam lentamente até sumir. Como seus movimentos eram contínuos, novos rastros eram formados, antes mesmos dos anteriores sumirem. O bater de suas asas, aos meus olhos, pareciam suaves como uma dança, mas causava uma ventania que poderiam facilmente atirar

mortais para longe. Nossos cabelos esvoaçaram para trás e eu estava completamente estupefata pela presença deles, então, o tremor que eles causaram no chão, mesmo pousando gentilmente, me trouxe de volta à realidade.

Os dragões eram grandiosas criaturas de pura energia sagrada, mas havia um que se destacava dos demais. Ele era negro, de escamas tão reluzentes que pareciam gigantescas joias preciosas. Era impossível não me encantar com a sua aparência, mas precisei manter a serenidade em meus olhos.

— O conselho lhes dá as boas-vindas — disse um dragão fêmea, ela era roxa e tinha um tom de voz aveludado.

— Não são todos que podem vir até nós. — O grande dragão negro falou em um tom polido e nós nos curvamos humildemente agradecendo as boas-vindas.

— Meu nome é Ságron — disse ele. — O líder supremo do conselho dos dragões. E esses são meus fiéis conselheiros que ajudam a formar o conselho.

— Meu nome é Ocshantra — disse o dragão fêmea roxa. Ela parecia uma ametista gigante e o interior de suas asas era azul-turquesa.

— Eu sou Khadra — disse outro dragão fêmea, de cor marfim com a linha espinhal e as extremidades das asas em dourado.

— E eu me chamo Khoma — Um dragão verde-água de extremidades azuis falou de forma polida.

— Obrigado por nos receberem. — Meu avô agradeceu humildemente mais uma vez.

— O que os traz até nós? — perguntou Ságron civilizadamente.

Eu sentia que ele era dotado de uma astúcia brutal e saberia dizer o porquê estávamos ali, mas por algum motivo, ele quis extrair a informação diretamente de nós. Talvez receoso de que pudéssemos mentir ou omitir algo. Assim, saberia se éramos ou não dignos de sua confiança.

— Uma criança foi raptada por um de nossos inimigos.

Contidamente, eles enrijecerem seus gigantescos corpos. Minha notícia trazia a eles um certo pesar, mas talvez eles não fossem bons em demonstrar seus reais sentimentos, ou quem sabe por outras questões, não lhes era interessante ou necessário fazê-lo.

— Acontece que essa criança é o meu filho de oito anos e o mesmo possui laço de sangue com dois deuses estranhamente incapazes de localizá-lo. Desconhecemos o motivo, mas sabemos a urgência que é tirá-lo das mãos inimigas, não por *somente ser uma criança*, mas pelo fato de ser uma criatura incapaz de fazer mal a outra criatura. Sei que minhas explicações não seriam necessárias, uma vez que sou ciente de sua capacidade em saber muito além do que lhes conto. Porém, como uma simples mãe em desespero, achei melhor explicar.

Os dragões se entreolharam. Ságron primeiramente endureceu o olhar para mim, depois suavizou-o, mantendo a postura majestosa.

— Você é uma criatura muito sábia, Kyara — elogiou-me polidamente.

Eu consenti.

— Acredito que saibam onde podemos encontrá-lo, assim como acredito em sua benevolência, incapazes de permitir que a criança permaneça onde ela se encontra — falei.

— Se me permitem que tome a palavra. — Meu pai pediu educadamente, aguardando a permissão. Ságron consentiu. — Esse estranho bloqueio nos leva a crer que as chances de perigo que ele corre, são ainda piores do que imaginávamos. E isso deixa claro a urgência que é poder encontrá-lo.

— Inocentes se perdem ou morrem o tempo todo — Ságron falou com calma. — Já imaginou se todas as criaturas viessem a nós, toda vez que isso acontecesse?

— Não quero ser petulante, mas... Está jogando comigo, senhor? — Insinuei que reconheci um certo blefe. — Ou como devo me reportar sem que lhe ofenda?

— Senhor está bom — falou pacificamente. — Se é tão astuta como parece, responda: por que deveria lhes dar essa informação, uma vez que não é necessário dizer que os deuses nos deixaram cientes de que poderíamos nos calar perante uma situação como essa?

— Não é necessário mencionar novamente o que já foi dito em relação a meu filho. — Fitei-o levemente desafiadora. — Não posso diminuir a urgência dos que passam pelo o que estou passando no momento. Seria demasiadamente cruel e egoísta de minha parte, mas há astúcia em mim, como o senhor mesmo disse. Astúcia o suficiente para sentir o quanto vocês se importam, e posso dizer com propriedade que minha situação possui um detalhe que me destaca das demais.

— E qual seria esse detalhe? — interrompeu-me polidamente. — Pois você é uma rainha? — ironizou de leve.

— Sabe de onde eu vim e onde fui criada. Se houvesse um título que pudesse usar para lhe convencer, não seria meu título real e sim de mãe.

— Suas belas palavras não respondem minha pergunta, Kyara. O que você possui de diferente das outras criaturas?

— Sua permissão para vir até o conselho.

Os dragões prenderam o fôlego.

— Quais outras criaturas puderam vir até aqui em busca de auxílio? Quase nenhuma, senhor! Mas vieram! E foram ajudadas! O que me difere de outros que já os procuraram que não me faria digna de sua ajuda?

— Nunca ninguém me chamou de senhor — desconversou. — Já ouvi majestade, alteza, grande fera, conselheiro, mas nunca senhor.

Continuei fitando-o com a mesma expressão, aguardando paciente sua resposta.

— Sua astúcia não a difere das outras criaturas que já vieram a nós, uma vez que todas eram dotadas de uma inteligência admirável. Mas a sua bondade ainda é rara entre as espécies — Ságron falou sereno. — Não será fácil resgatá-lo — advertiu após curta pausa.

— Onde? — perguntei isenta de qualquer medo ou receio de ir ao seu encontro.

— Acho importante frisar que os deuses não se calaram para vocês — assegurou. — Ele foi levado para um mundo diferente de todos aqueles que você já conheceu. Um mundo onde nenhum humano jamais voltou.

— Por isso não conseguia senti-lo! — Meu avô exclamou, aliviado por descobrir o paradeiro de Kai. — Fílmor! — Seus olhos, segundos antes tão tranquilos, voltaram a expressar desespero.

Estranhamente, era como se fosse mais amedrontador saber onde meu filho estava, do que não fazer ideia de como encontrá-lo.

— Quem é esse? — perguntei a ambos e os dragões fizeram silêncio.

— É meu irmão — Báhlgor falou decepcionado. — Após anos de desavenças, não nos falamos mais e prometemos que jamais viríamos a saber um do outro novamente.

— Com seus mundos bloqueados, Báhlgor jamais sentiria Kai se ele estivesse com Fílmor — explicou meu pai. — Foram tantos anos sem contato, que sequer percebemos algo tão óbvio.

— Ele não faria mal a Kai, faria? — preocupei-me.

— Não sei dizer — Ságron respondeu minha pergunta. — Mas como disse, uma vez em seu mundo, jamais conseguirá sair dele.

— Que mundo é esse, afinal? — franzi minha testa.

Ele suspirou e fitou o chão, relutante em contar. Eu insisti.

— O local onde todos os mortais serão enviados um dia...

— Onde? — insisti com veemência, me recusando a aceitar a desistência em encontrar Kai.

Ele inspirou novamente, certo de que eu não aceitaria seu silêncio.

— O mundo dos mortos. — Suspirou Báhlgor e eu enrijei meu corpo, prendendo o fôlego.

Meu pai apertou minhas mãos e Ságron agora não mais conseguia esconder sua preocupação.

— *Sanäel*. — Eu repetia para mim mesma em silêncio, mentalizando Kai, como se ele pudesse me ouvir.

Não era tola em acreditar que meus pensamentos chegariam a ele, mas só de imaginá-lo ouvindo minhas palavras, me tranquilizava por um momento.

— Como é o mundo dos mortos? — perguntei desamparada ao meu avô.

— Há locais lindos e há locais onde se escondem seus piores pesadelos. Almas boas vão para locais de paz, onde possam criar o seu próprio mundo, vivendo a eternidade que sempre sonharam. Outras são levadas ao labirinto, um local escuro, abafado onde a temperatura parece fazer sua pele ferver, transformando sua realidade em tormento eterno. Não há maldição que sobressaia ao que esse lugar representa.

— Há vulcões e rios de lavas? — perguntei angustiada e meu avô confirmou, depois se perguntou como eu sabia. — É para onde eu vi Kai sendo levado em meus sonhos!

Báhlgor respirou pesadamente com inquietação em seus olhos.

— Mas se há um lado bom e Kai é inocente, então há possibilidade de ele não estar no local do labirinto.

— O Labirinto é a única entrada para aqueles que querem adentrar o mundo dos mortos. O lado bom é aberto apenas para merecedores quando deixam este plano. Kai pode ser inocente e ter sido enganado, mas está no labirinto e sujeito à suas leis. Leis estas que consistem em não mais sair, uma vez que você entra. — disse derrotado.

— Você disse que humano nenhum jamais voltou, não é mesmo? — Fixei meu olhar em Ságron, que consentiu. — Não sou totalmente humana! — gabei-me.

— Mas é mortal — exclamou meu pai apavorado com a ideia de eu entrar lá.

— Ela é uma semideusa — disse Ságron polidamente, lembrando quem eu era.

— Exatamente! Portanto, se há alguma chance, mesmo que remota, eu irei até lá salvar meu filho! Vocês virão comigo? — perguntei ao meu pai e avô, que fitaram o chão decepcionados em não poder me ajudar.

— Posso te levar até os portões, mas não podemos entrar com você.

— Por que não?

— Porque não temos permissão para entrar em seu mundo e é de nosso código respeitar.

— Nem que fosse para salvar Kai ou qualquer outro que amamos — lamentou meu pai, lembrando que eles não me salvariam se eu precisasse.

Fitei o chão por um momento, depois ergui meu olhar para Ságron, decidida.

— Há algo mais que esteja me escondendo?

— Nós dragões nunca escondemos nada, mas há algo que você nos omite. — Ele instigou com os olhos apertados.

— A pedra! — Suspirei constrangida.

Ságron pela primeira vez pareceu irritado e os outros dragões, além de desapontados, temeram terem suas pedras em mãos inimigas.

— Alertamos o primeiro guardião, não somente da importância de nossa aliança, mas também da responsabilidade em mantê-la em segurança, pois seu povo

sofreria severas consequências se ela caísse em mãos inimigas, uma vez que sempre havia aqueles que desejavam tomá-la!

— Pensamos em retomá-la para o bem de seu povo e do nosso... — falou Khoma e Ságron pareceu desaproveitar que ele nos desse essa informação. Então as palavras do dragão ancião me vieram à cabeça.

— O ancião levado a mim, me contou sobre umas desavenças que seu povo vem sofrendo. Algo a ver com a pedra.

Ságron suspirou.

— Por anos Drakenian tem estado aos seus cuidados e jamais questionamos a essência daqueles que vêm guardando-a. No entanto, receosos de um dia sermos traídos, nosso povo começou a se dividir entre aqueles que, como nós, acreditam na benevolência de seu povo e aqueles que afirmam não ter ninguém melhor do que nós para guardá-la, uma vez que ela é nossa.

— Então começaram as discussões e uma coisa levou a outra. Hoje nosso povo está sofrendo com as opiniões contrárias, que geram brigas, levando à morte muitos de nós, inclusive os mais jovens — lamentou Khadra.

— Então por que nunca guardaram a pedra vocês mesmos? — perguntei, esforçando ao máximo para não soar grosseira.

— Porque até entre nós havia aqueles que poderiam sucumbir ao seu poder — lamentou Ságron. — Precisávamos de aliados, mas os destruiríamos no exato momento em que descobríssemos a sua traição.

— A pedra foi roubada de nós pela nossa inimiga. Meu povo jamais demonstrou interesse em Drakenian além da proteção que ela nos dava. Como rainha, assumo a responsabilidade de ter falhado e deixarei que me punam, mas peço que deixe meu povo fora disso, e que eu ao menos tenha a chance de resgatar meu filho primeiro — pedi.

— Os dragões jamais atacariam qualquer povo sem nossa permissão e nunca permitiríamos um ataque àqueles que por anos vêm provando sua lealdade a nós — assegurou Ságron. — Seus inimigos não somos nós. Jamais seríamos! Mas eles existem e, enquanto viverem, não estarão seguros!

Eu estava visivelmente constrangida, mas ao mesmo tempo aliviada em saber. Poderia enfrentar mil exércitos do reino dos mortos, mas não havia uma única célula do meu corpo que não temesse sofrer com a fúria de um dragão.

— E irão atacá-la? O nome dela é Christine — perguntei na esperança de que eles pudessem reaver a pedra, mesmo que me tirassem a sede de vingança que eu tinha em matá-la.

— Não podemos nos intrometer em guerras, porque somos proibidos pelos deuses e só teríamos permissão para matá-la se ela usasse o poder contra nós. Felizmente para ela, não somos seus alvos.

— Mas Shadowfalls sempre lhe foi fiel.

— E por isso nos corroemos em remorso em não poder ajudá-la — disse Ságron, sereno novamente. Os outros dragões baixaram a cabeça.

Consenti abatida e quando estava prestes a me retirar, lembrei de algo. Virei-me para eles, que elevaram o olhar para o que eu estava prestes a contar-lhes.

— A pedra costumava falar comigo... Uma língua antiga, incompreensível.

— Você foi a única que sobreviveu para tocar a pedra e com isso abriu um canal para uma comunicação direta com nossos anciões, mas como a linguagem é antiga, pode ser apenas um simples eco do que aconteceu há milênios — explicou Khadra.

— Mas, e quanto às visões que tive? Fui levada para um local muito parecido com este.

— Visões do passado, como o eco que você escuta — disse Ságron. — Mas isso não é importante no momento. A pedra está em mãos inimigas, seu povo está prestes a sofrer outra guerra e seu filho se encontra no mundo dos mortos. Eu aconselho a tentar salvar o seu filho e nós daremos um jeito de descobrir onde nossa pedra está para a retomarmos.

— Ela será devolvida a Shadowfalls?

— Tem minha palavra — assegurou-me fielmente.

Eu lhes agradei humildemente por toda a ajuda e voltamos a Shadowfalls completamente abatidos.



Capítulo 08

Meu povo se dividia entre dormir e vigiar os portões. Achei que seria melhor convocar uma reunião logo pela manhã, para que pudesse, em seguida, resgatar meu filho. Conteí a Aidan sobre a reunião com o conselho e o paradeiro de Kai. Não sabíamos quando a guerra aconteceria, mas eu sabia que Shadowfalls estaria em ótimas mãos com os elfos, centauros e Weston ao nosso lado. Eu traria Kai o mais rápido possível e chegaria antes da guerra. Aidan e eu não conseguimos dormir devido ao desespero que era imaginar nosso filho aterrorizado e não estar lá para protegê-lo.

Pedi às fadas de sangue que iluminassem os topos das árvores, mostrando uma reunião de emergência. Shadowfalls acordou em estado de alerta; e eu, no centro da ponte que cortava o lago central lotado de sereias, iniciei a reunião. Houve um alvoroço desesperador após explicar o paradeiro de Kai, mas consegui passar-lhe segurança em lembrar-lhe o que já havíamos enfrentado e garantindo que seria a nossa última guerra.

Eles ergueram os braços com bravura e gritaram como vencedores. Ninguém iria nos destruir assim tão fácil. Mesmo já lamentando as mortes que viriam, lutaríamos até nosso último suspiro.

Margreet trouxe Síndel, que estava aos prantos.

— Não vá, mamãe! — implorava e nem mesmo a mais forte das mulheres conseguiria se manter séria em um momento como aquele. Apertei-a forte contra o meu peito e, em lágrimas, prometi que voltaria.

— Odo, Owen e eu ajudaremos a tomar conta dela — prometeu carinhosa.

— Obrigada. — Consenti humildemente com a cabeça.

— Sabe que jamais me perdoarei por não ir com você. — Aidan lamentou.

— Sabe que jamais permitiria que você fosse, uma vez que não é um semideus. Por que eu o levaria a um mundo de onde você jamais sairia? — Acaricieí seu rosto. — As crianças são como eu, e Kai não sabe como sair de lá.

Aidan me tomou em seus braços e após um longo abraço ele beijou meus lábios com força.

— Traga nosso filho o mais rápido que puder — implorou-me e eu prometi que assim o faria.

Báhlgor apareceu em sua forma de cervo e eu podia ver a angústia em seus olhos ao ter de me levar até o mundo de seu irmão. Meu pai sentia o mesmo, mas tentava me passar confiança.

Eles me levaram para os portões do labirinto, no interior de uma caverna tenebrosa, onde um lindo e gigantesco portão de madeira com adornos dourados parecia trancado.

Ambos estavam visivelmente relutantes em me deixar entrar.

— Como possuí conhecimento desse lugar, se nunca entrou?

— Porque era como ele descrevia que seria. Conhecendo meu irmão, duvido muito que ele tenha feito diferente.

— Meus maiores medos estão na guerra e no meu filho assustado, mas não no labirinto em si — assegurei.

— Tranquiliza-me o fato de saber que está tão confiante e segura, mas é necessário que eu a alerte dos truques que esse lugar tem, destinados a fazer você desistir.

— Jamais desistiria do meu filho — falei com veemência.

— Diz isso por desconhecer o que é o labirinto! As almas são capazes de fazer com que você se perca em seus pesadelos. Eles podem fazer-lhe esquecer quem você é e lhe tirar toda e qualquer vontade de cumprir sua missão. Até mesmo de viver! Você pode esquecer do perigo que Shadowfalls corre, porque as almas irão convencê-la de que nada disso é importante. Todos aqueles que ali entram, sucumbem na própria escuridão! — Báhlgor insistia em me fazer desistir.

— Já ouviu falar no local onde as sombras se deitam? — Interveio meu pai. — Ali é pior! É onde as sombras se reúnem para brindar com o sangue de suas vítimas e planejar o próximo passo!

— Kai já deve ter sucumbido ao labirinto. Acredite, ele não tem salvação! — Báhlgor já não conseguia mais conter o pranto.

— Por que não me disseram isso antes? — afrontei-os.

— Porque não queríamos que você desistisse perante o seu povo. Nosso plano foi trazê-la aqui e fazer com que desistisse. Podemos arquitetar uma resposta para o motivo do seu fracasso.

Uma rainha precisa demonstrar bravura para o seu povo, portanto eu estava irredutível.

— Ainda pensa em entrar? — Meu pai perguntou incrédulo. — Não faz ideia de onde está se metendo! Nenhum perigo que você passou ou irá passar, pode se

comparar ao que vai acontecer lá dentro!

— Kyara... Por mais que seja difícil, esqueça-o! Seu reino tem um rei e todos têm suas famílias, mas sua filha precisa de você!

— Posso desconhecer o labirinto, mas as almas também *me* desconhecem! Se acham que podem ficar com ele e eu nada farei a respeito... — bufei.

— Filha... — Meu pai botou a mão no meu ombro e eu dei um passo para trás, revoltada.

— Se fosse eu lá dentro, você desistiria de mim? — desafiei-o a me responder. Ele baixou a cabeça e eu soube da resposta.

— Eu enfrentaria os maiores perigos por você... Mas entenda que a decisão de um Deus, deve ser respeitada. Ele bloqueou esse mundo para nós e não podemos desrespeitá-lo.

— Então entende que eu preciso entrar! Se Kai está em um perigo como esses que me relataram, então minha presença se faz mais do que necessária. Faz-se urgente!

Derrotados, fizeram uma curta pausa como se sofressem o luto de minha morte. Estavam convictos de que seria a última vez que me veriam, mas eu estava ainda mais convencida de que conseguiria provar o quanto estavam errados.

— Que assim seja. — Meu avô ergueu a cabeça. — Confie sempre em seus instintos, é o único conselho que posso lhe dar.

— Meu instinto me manda entrar — falei carinhosamente. Beijeí sua testa e ele fechou os olhos, sem se mover. Ele não queria ter de se despedir de mim.

Em seguida meu pai me abraçou. Após alguns segundos me afastei lentamente. Não poderia mais esperar.

— Daqui você vai sozinha. — Lamentou meu avô com a voz embargada. Meu pai preferiu ficar em silêncio.

Assim que dei o primeiro passo em direção aos portões, o chão por trás de mim tremeu e se rasgou em uma enorme fenda entre nós. Nesse momento, eu sabia que não teria mais volta, nem que eu quisesse desistir. Os portões rangeram ao se abrir e assim que o atravesssei, eles bateram em um estrondo forte que fez o chão tremer novamente, antes mesmo que eu pudesse dar uma “última” olhada para meu pai e avô. Havia apenas a parede rochosa do interior da caverna, como se o portão nunca tivesse existido.

Então, me deparei com milhões de almas que atravessavam as paredes e olhavam para frente nas mais diversas expressões. Notei que alguns estavam extasiados e outros aterrorizados e eu me questioneei o porquê de tais reações, quando na verdade estava apenas confusa com o que via.

Havia uma ponte de pedras cinza, era luxuosa e ligava o caminho para uma escadaria coberta por um tapete vermelho aveludado, com adornos dourados nas

bordas. Aos pés da escadaria havia duas estátuas de mulheres viradas de frente uma para outra. À esquerda, uma súcubo prateada; e à direita, uma mulher dourada com asas mais delicadas.

Ambas eram minuciosamente esculpidas, mostrando duas lindíssimas e diferentes mulheres, desde suas feições às vestimentas. A súcubo tinha armaduras metálicas que se ajeitavam sensualmente às curvas de seu corpo e um par de asas pontudas. Ela também tinha enormes chifres e um olhar enigmático. A outra tinha a aparência mais leve, uma asa delicada como penas de gigantesco pássaro. Vestia um longo e simples vestido de alças, levemente esvoaçante perto dos pés descalços.

A disparidade entre as duas era algo realmente magnífico, mas a súcubo não era tão amedrontadora a ponto de causar quase que uma histeria coletiva entre alguns e nem a de anjo era tão linda a ponto de fazer brilhar os olhos extasiados de pessoas que pareciam hipnotizadas.

Minha reação em nada poderia se comparar aos dois extremos de todas aquelas almas. Quando um homem ao meu lado direito suspirou, quase que apaixonadamente, e depois riu como se seus olhos não acreditassem no que viam, eu me vi na necessidade de lhe perguntar:

— Do que você está rindo? — questionei respeitosamente, não porque suas vestimentas mostravam se tratar de um guerreiro, mas porque mesmo desconhecendo o emblema cravado na armadura metálica, senti que ele era um homem honrado.

— Você não vê os portões dourados? — ele me questionou com o semblante confuso.

Franzi meus olhos, sem entender o que acontecia, e ao voltar o olhar para frente, ainda via o mesmo cenário de antes. Um grito de um pedido desesperado de ajuda interrompeu meus pensamentos. Uma mulher agarrava minha perna em desespero e olhava para frente completamente aterrorizada, relutante em prosseguir.

— Eles querem me pegar! — apontava para frente em pânico e me olhava suplicante, como se acreditasse que eu fosse capaz de ajudá-la.

— Quem? — perguntei olhando novamente para frente, sem ver nada.

— As criaturas das sombras, atrás do túnel de fogo!

Então, ao mesmo tempo em que o guerreiro e outras almas andavam quase que hipnotizados em direção àquilo que somente eles viam, outras eram arrastadas ou sugadas em desespero. Todas desapareciam no exato momento em que pisavam no vão ao redor da ponte.

Em meio a todo aquele cenário ambíguo, uma cena se sobressaiu, a ponto de cessar os sons de gritos ou risadas que se misturavam ao meu redor. A alma de uma jovem mulher caminhava em leves passos de dança, claramente agradecida pelo

seu destino. Ela chorava, mas seu pranto era de alívio por saber que não mais sofreria os horrores que seu corpo e mente sofreu quando viva. Aquela dança tão linda e inusitada, claramente se tratava da cultura de sua aldeia, onde ela agradecia aos deuses por aquilo que parecia lhe aguardar do outro lado. Aos poucos, sua alma desapareceu conforme o seu caminhar. Sim, eu me emocionei, porque o fim do sofrimento daquela mulher era para mim um acalento momentâneo.

Os sons voltaram normalmente e, com eles, um momento de lucidez, onde pela primeira vez questionei minha decisão. Uma mãe jamais deveria se martirizar por tentar salvar seu filho, então por que eu questionei minha decisão?

“Porque você deixou sua filha para buscar uma criança que não tem salvação!”, uma voz sussurrou em acusação.

Enfurecida, olhei para os lados a fim de procurar quem ousava dizer tais palavras, mas ninguém me olhava. Aquela voz ria em deboche, então percebi que a voz vinha de dentro da minha mente, como um pensamento incontrollável.

“Excelente escolha, Kyara... Antes, era uma criança sem mãe, agora serão duas! Acha mesmo que irá conseguir encontrá-lo?”, ela sussurrava em afirmação do meu fracasso.

Tapei meus ouvidos a fim de não a escutar, mas ela ria novamente, como se tapá-los fosse inútil. Ela ia continuar a me sabotar, ela fazia parte daquele lugar e eu precisava ignorá-la, afinal, quando foi que palavras me travaram? Se fui contra o conselho de dois deuses, por que daria ouvidos a uma voz que eu nem sequer fazia ideia de onde vinha?

Comecei a caminhar, mas ao dar o meu primeiro passo na ponte, todas as almas desapareceram, porque assim como eles, também fui levada para outro local. Debrucei-me levemente na margem esquerda da ponte a fim de ver o que havia lá embaixo. Tudo era apenas um vão negro.

Cruzei a ponte, passando entre as duas estátuas. Eu poderia jurar que elas interagiriam comigo de alguma forma, mas não quis ficar ali para saber. A escada era dourada e coberta por um carpete aveludado, que mesmo com a bota da minha armadura, eu podia sentir sua maciez, pela forma que meus pés repousavam quando eu andava.

Havia pilares dourados arredondados e, entre um e outro, eu via estátuas de diferentes criaturas. Do lado esquerdo, onde a súcubos estava, vi demônios, criaturas de orelhas e dentes pontudos, feras deformadas, monstros, cobras de duas cabeças e até uma serpente gigante que se enroscava no pilar e projetava sua cabeça com a boca aberta e os enormes dentes protuberantes, como se fosse me abocanhar. Do lado direito, eu via estátuas de homens e mulheres com armaduras ou roupas leves, expressões serenas, crianças e animais, e até dríades, mostrando claramente os dois opostos do mundo dos mortos. Aquilo me causava o extremo

das duas sensações de acolhimento e ameaça. Eu tinha medo e vontade de prosseguir, mas só continuava por não ter muito controle do meu corpo, as escadas pareciam levar-me como um encantamento. Encantamento esse que cessou quando cheguei ao topo de onde a escada levava. Uma sala escura e vazia, onde o único objeto era uma estátua em um pedestal e onde diferentemente das outras, não era nem dourada ou prateada, mas, sim, branca.

Corri meus olhos desde os seus pés até a cabeça, e, enquanto eu ia me aproximando da face daquela estátua, eu já tremia só de imaginar quem era. Meu coração palpitava aceleradamente quando minhas suspeitas se confirmaram. Modelaram perfeitamente cada traço do rosto, porque quem fez a estátua, claramente conhecia aquele quem ele esculpia. Então, preendi meu fôlego, enrijecendo meu corpo com susto que tomei, ao ver uma réplica exata minha, com cada detalhe da minha armadura. Ao me aproximar, bruscamente caí em um abismo que se abriu do nada, debaixo dos meus pés.

A queda parecia não ter fim, eu caía com uma violência tão extrema, que minha queda não parecia ter acontecido, mas sim forçada, como se tivessem me empurrado com brutalidade. A pressão do ar partiu minhas costelas e a dor era insuportável. Meu coração parecia sofrer algum tipo de arritmia, porque ele acelerava mais que as asas de um beija-flor pairando no ar.

O cenário ao meu redor era um céu em tempestade. Mesmo das grossas nuvens acinzentadas, eu via as sombras com asas pontudas das criaturas que voavam por trás delas. Então, uma dessas sombras ultrapassou a nuvem cinza. Vi um demônio alado de corpo vermelho e musculoso, com pernas como as de um boi. Seu rosto era deformado e os dentes cresceram mais quando abriu a boca para rosnar, mas foi a odiosidade em seus olhos que mais me aterrorizou. Ele ergueu as enormes garras e me agrediu com um intenso tapa que me empurrou brutalmente para as nuvens, me levando direto para o dorso de outra criatura igual.

Irritado, ele me deu um soco no rosto e, nesse momento, foi como se eu perdesse a consciência, mas não a ponto de não ver o que acontecia, foi como se o meu corpo adormecesse, me impedindo de sentir traumas ou dores. Outras criaturas surgiram e fui jogada de uma para a outra, como se eles se divertissem ao me machucar. Meu corpo passava dando rasantes por pedras flutuantes, até que me choquei de encontro a elas, mudando a direção pela qual eu havia sido arremessada. A cada agressão, eu sentia meus órgãos internos esmagados ou perfurados pelos ossos partidos. Eu não sentia dor, mas também não conseguia me mexer e nem as inúmeras fraturas expostas me causaram traumas. Eu estava letárgica, prestes a perder a consciência por completo.

Então, fui pega novamente por algo que me puxou pelas minhas costas. Algo que não parecia ser uma daquelas criaturas. Aos poucos, enquanto eu era levada, o

cenário se modificava e me mostrava um breu. O silêncio me acalmou e quando pensei em tentar me curar, estranhamente meu corpo foi voltando ao normal, como se agisse por conta própria. Em segundos, não havia mais nem sinal de qualquer lesão sofrida recentemente. Então, gentilmente fui colocada no chão e quando olhei a fim de ver quem havia me conduzido, eu nada vi



Capítulo 09

Eu havia entrado em uma escuridão silenciosa onde o ar era úmido e sufocante. O odor era indistinguível, mas era repugnante, me causando ânsia de vômito. Retirei uma das minhas flechas e preparei meu arco para atirar no primeiro perigo que encontrasse. As iluminei com minha energia, não somente para dar mais potência à minha arma, mas para enxergar o caminho que eu percorria, perdida. Minha armadura começou a ranger e a pesar, e eu precisava me esforçar para caminhar, porque além do peso, o chão parecia querer prender meus pés, como um imã. Arrastava minhas pernas em um esforço exaustivo para poder prosseguir e acabei, por fim, deixando meus braços caírem doloridos, derrubando meu arco e flecha. Aguardei alguns segundos para descansar, mas ficar imóvel parecia ser ainda mais exaustivo. Ajoelhada, peguei-os e os devolvi em minhas costas novamente. Eu engatinhava e minha respiração era curta. Queria me livrar da armadura, porque ela me impedia de prosseguir. As memórias da última guerra voltaram com força em minha mente, como se alguém as manipulasse propositalmente para me atormentar, e o que antes parecia só lembranças, se tornou realidade diante de meus olhos.

O breu fora ganhando o verde da floresta de Shadowfalls e junto com ele, o cenário de morte. Eu engatinhava em meio à guerra e me via matando cada inimigo. A fúria em meu olhar, que antes me parecia o certo por defender meu povo, agora me apavorava, me fazendo temer a mim mesma. O terror nos olhos dos meus inimigos me levou às lágrimas, como se eu sentisse compaixão por eles. Então percebi que o que eu via era, na verdade, toda a culpa que carregava inconscientemente pelas vidas que tirei. A culpa já conhecida por todas que não consegui salvar. O chão que antes era uma terra áspera e escura, aos poucos foi umidificando, como se água surgisse por debaixo dela, prestes a transbordar. Havia uma pequena brecha transparente de vidro, esfreguei a terra para os lados, a fim de ver o que tinha ali, mas assim que a toquei, uma completa escuridão tomou o local.

Meu coração acelerou, meus batimentos cardíacos faziam eco e minha respiração parecia querer falhar. Toda a terra ao meu redor inexplicavelmente desapareceu, não pela escuridão, mas porque eu sentia, ao engatinhar, que estava sobre uma superfície completamente lisa. Superfície essa que começou a esfriar aos poucos e trouxe uma estranha sensação de corrente que passava por baixo dela. Iluminei minhas mãos e toquei o chão para enxergar. Foi então que as luzes que emanei refletiram nos olhos de um enorme peixe que passava boiando de lado naquele momento. Era claro que ele estava em sofrimento, abrindo e fechando a boca lentamente, e a corrente de água se encarregou de levá-lo para longe.

Em um piscar de olhos, a escuridão se foi e eu me vi perdida, engatinhando em um mar congelado. Havia inúmeros icebergs, uns bem próximos, outros mais distantes. Teve um que desmoronou e rachou o gelo próximo a ele. Pensei que a fenda formada se estenderia até a mim, mas, para minha sorte, parou bem antes de se aproximar.

O cansaço sumiu, dando espaço a uma angustiante sensação de isolamento. Os únicos sons eram das gigantescas geleiras, cujos estalos ecoavam constantemente e o assóvio do vento gélido e cortante que soprava contra meu corpo.

Minha atenção voltou-se para o gelo fino em que eu estava. Minhas palmas e joelhos começaram a queimar pelo frio, mas eu não poderia me erguer, ou o gelo se romperia. Eu sentia que deveria ficar imóvel.

A corrente marinha, que antes levava só peixes mortos, começou a trazer corpos humanos desmembrados, como se ela manipulasse tudo o que seria me mostrado. Consegui, bem devagar, tirar minhas palmas do chão, ficando somente ajoelhada, enquanto cruzava os braços na frente do tórax em uma tentativa sem sucesso de me aquecer. Meus joelhos tapavam a visão do que estava prestes a surgir, e abaixo deles, pela água abaixo do gelo, um tórax humano desmembrado e sem cabeça ia sendo levado lentamente. Quando chegou na cintura, ele parou um segundo, e antes que eu pudesse temer o que seria, a corrente o levou e mostrou uma enorme cauda de sereia em decomposição.

A temperatura do meu corpo começou a cair bruscamente, eu tremia, enquanto minha pele queimava e rasgava pelo frio. Aos poucos, senti como se meus órgãos internos comessem a falhar. Como se não fosse o bastante, vi o cadáver inteiro de uma das minhas irmãs sendo levado lentamente e me desesperei ao reconhecê-la. Ela foi a primeira que eu conversei, ainda em Ardhem, quando fora capturada. Suas cicatrizes pulsavam como se animais peçonhentos lutassem dentro dela para rasgar sua pele. Eu gritava sem parar. Gritava por socorro, gritava em desespero e cheguei a um ponto onde nem eu mesma sabia por que eu gritava, mas não conseguia parar. Não sei até que ponto um ser precisa atingir o ápice da loucura para chegar à sanidade, sequer sei se isso era possível, mas aconteceu. Parei e

fechei os olhos, me focando na respiração, que já começava a falhar, e me lembrei de quando levei Arturo de volta a Weston, após a última guerra. Naquele dia, ele acreditava que iria morrer e seu consolo seria pensar em mim e nos filhos. Então, de olhos fechados, mentalizei o gelo se transformando em grama. Meus pensamentos se tornaram reais. A textura dura e gélida deu espaço para outra, macia e quente. Voltei a posicionar minhas mãos no chão e pude sentir a terra entrar por entre meus dedos enquanto os pressionava contra o solo. Sorrindo, respirei em alívio por um segundo. Era tudo em minha mente, mas eu estava em casa! Aidan segurava Kai e Síndel em cada mão e todos sorriam como se me encorajassem a prosseguir. Anika surgiu dançando, como gostava de fazer. Arturo se recostava em uma árvore sorrindo ao observá-la e Megan carregava seu bebê no colo enrolado em uma manta.

Seus rostos em minha mente me ajudaram e me acalmaram, mas havia algo ou alguém que insistia em manipular meus pensamentos, como se quisesse me impedir de pensar naqueles que amava. De repente, um grito me fez abrir os olhos novamente.

— MÃE! ME AJUDA!!!! — gritava Kai em desespero.

Levantei-me em um salto para ir em direção à voz do meu filho, no exato segundo em que percebi estar de volta às geleiras. O gelo por debaixo dos meus pés rachou e estalou, e mesmo imóvel, ele continuou. Fez-se um rombo ao meu redor e eu caí naquela água congelante. Em desespero, senti minhas extremidades comprometidas, meu corpo pesou como uma bigorna e eu era incapaz de voltar à superfície.

Havia pontas de icebergs submersas e, detrás delas, uma espécie diferente de sereias surgiu. Elas tinham cabelos completamente brancos, olhos azuis leitosos que quase se juntavam ao branco de seus olhos, suas caudas eram de um azul-claro cintilante e nadavam rapidamente em minha direção.

“*Estou salva!*”, pensei antes de elas abrirem a boca e mostrar enormes presas. Elas eram hostis e me cercaram para me atacar. O enorme grupo se juntou e, no que a primeira cravou os dentes no meu ventre, em um piscar de olhos, fui levada a outro lugar.

Meu corpo inexplicavelmente estava seco e eu caía em um abismo sem fim. Meu coração acelerava a ponto de eu pensar que ele explodiria. Temi, terrificada só de imaginar em encontrar aquelas criaturas aladas novamente. Graças aos deuses, elas não vieram. Meu corpo continuava a cair e assim foi por um tempo. Quando menos esperei, atingi o solo. Eu estava dolorida pelo impacto, mas não quebrei um osso sequer, como se eu tivesse levado um tombo bobo e não sofrido uma queda como a que acabara de sofrer.

Não sei se eu precisava ser punida severamente ou se aquilo apenas queria que eu fosse. Ainda de bruços, não mais conseguia me arrastar. Soquei o chão com força e indignação por não estar no local onde ouvi a voz do meu filho. E continuei socando inúmeras vezes a fim de extravasar minha raiva. Então senti as dores dos ossos quebrados na minha mão. Eu contraía meu braço em agonia sem poder mexer meus dedos. Tentei me curar e pela primeira vez fracassei. Poderia estar perdendo meus poderes ou estava tão enfraquecida a ponto de não conseguir me lembrar de como usá-los? Só sei que a dor aumentava, assim com o peso da armadura que voltou a pesar como se alguém se sentasse em meus ombros.

Eu precisava me livrar dela para caminhar novamente. Tentei, mas sem sucesso. Estava tão fraca que nem conseguia me despir. E se conseguisse, com a mão quebrada não suportaria a dor de nada que passasse pelo meu braço.

Então, as paredes pareceram se fechar na minha direção e, apesar da temperatura estar bastante elevada, senti calafrios. Minhas pernas e braços começaram a coçar pela falta de oxigênio e a sensação era de estar sendo assada viva em um enorme caldeirão sem água.

O chão começou a rachar e formar brechas que flutuavam em um rio de lavas borbulhante entre um pedaço e outro ao se afastarem. Eu sabia que poderia morrer, mas minha vontade de sobreviver ultrapassava qualquer dor física ou terror mental, porque meu filho precisava de mim. Talvez mais até do que eu precisasse encontrá-lo. Minha adrenalina atingiu o ápice e levantei-me com dificuldade, porém o mais rápido que consegui. O pedaço de chão em que eu estava começou aos poucos a ser engolido pelas lavas. Em desespero, fiquei na ponta dos pés, sentindo meu coração palpitar como socos internos no meu peito. Eu precisava pular para outra pedra, antes que ela se afastasse o suficiente, se tornando impossível, alcançá-la. Eu sabia que em algum momento poderia ser transportada para outro local ou simplesmente morrer, mas enquanto houvesse chances de sobreviver, eu continuaria, porque meu fim não aconteceria por desistência.

Peguei impulso, quando algo pareceu se fixar em minhas costas. Um enorme par de asas negras me levava para perto de outro portão aberto que dava para o mesmo cenário do meu sonho. Estranhamente, isso me trouxe uma sensação de alívio. Elas praticamente me jogaram no chão e eu rolei, me erguendo rapidamente. Limpei a sujeira da minha armadura e ajeitei o arco em minhas costas.

O caminho que eu percorria era escuro, mas não o suficiente que eu não pudesse enxergar. Não havia ninguém, ao menos ninguém que meus olhos pudessem ver, porque fui subitamente tomada pela fobia de me sentir observada. A presença era forte, hostil, e eu não acreditava que pudesse enfrentá-la. Ouvia seus passos firmes pelo chão, mas não importava para onde eu olhasse, porque eu nada via. Era angustiante. Os passos que antes caminhavam lentamente pareceram ganhar

companhia. Eram muitos, como uma horda de criaturas monstruosas. Então eles aceleraram e correram com tudo até mim. Duas estranhas sensações repentinas de pavor e urgência me consumiram de uma forma que sem explicar, comecei a correr. Não sabia do porquê ou de quem eu fugia, mas se ficasse ali, poderia resultar na minha morte. Meu corpo começava a dar sinais de exaustão. Entre todos os passos, um em específico se aproximava mais apressadamente para me alcançar. Olhei para trás e, novamente, nada vi. Aquela criatura invisível fincou-se nas minhas costas e o impacto foi tão grande que eu tombei para frente.

No entanto, ela não perfurou minha pele, mas a ultrapassou, unindo sua energia em minha corrente sanguínea. Ela pesava e sua energia me consumia como se sugasse minha força vital. Enfraquecida, parei de correr e as sensações de perseguição e urgência de fuga também cessaram, assim como os outros passos.

Caí de joelhos, tombei meu corpo para o lado e, após alguns segundos, consegui levantar-me. Ergui-me com dificuldade, mas consegui manter-me ereta novamente, porém, o aperto no peito não me deixou. Tudo estava em silêncio, mas, novamente, eu não estava sozinha. Eu parecia estar no interior de uma enorme caverna, com cheiro ácido e nauseante, como o vômito. As palpitações não me permitiam andar normalmente, mas eu insistia. Um vulto negro se escondeu atrás de uma das rochas e outro saltou sobre mim, pelas costas. Virei no exato momento em que ele ia me atacar e consegui pegá-lo pela garganta com minhas mãos incandescentes. Era uma criatura estranha, parecia uma sombra sólida, olhos amarelos, orelhas de enormes pontas na horizontal, dentes pontudos e corpo de um humano. Não tinha vestimentas e suas armas eram as enormes unhas, que fracassaram ao tentar destruir minha armadura para furar meu braço. Ele tentava se soltar de minhas mãos, mas eu o forcei para baixo, fazendo-o ficar de joelhos.

— Procuro pelo meu filho!

A criatura rosnou.

— Uma criança, você o viu? — perguntei praticamente ordenando que ele me respondesse, mas ele só grunhia.

A criatura não era dotada de comunicação, mas era hostil e eu precisava me defender! Apertei ainda mais a sua garganta e ele começou a sufocar. Soltei-o e o chutei para que caísse sem ar no chão.

— Não quero problemas, só quero encontrar a criança... — falei derrotada a mim mesma.

A criatura rosnou e tentou saltar sobre mim, mas morreu ainda no ar pela ponta de minha adaga incandescente. Ele se liquefez, escorrendo um líquido escuro, denso e fétido que borbulhou no chão antes de sumir. Das rochas, várias delas surgiram e uma a uma se aproximaram para o ataque.

Minha única mão não machucada ficou em posição de garras, cerrei meus olhos e rosnei feito um animal, aguardando que viessem a mim. Por um segundo, estranhei minha reação, mas depois voltei meu olhar para as criaturas.

Eles andavam lateralmente com as mãos no chão e saltavam alto, como se fossem algum tipo de animal. O primeiro saltou de uma das rochas mais altas e morreu por uma das minhas adagas incandescentes que lhe acertou no meio da testa e o fez explodir em líquido no ar, que caiu sobre outros que se aproximavam. O segundo morreu pela minha outra adaga em sua garganta, e o terceiro saltou sobre mim e lutamos um pouco. Ele tentou me estrangular e eu finquei a adaga várias vezes em suas costas. Aquele líquido nojento escorreu em mim e quase vomitei, mas tive de me conter quando outro agarrou minha perna e mordeu minha coxa. Ele grunhiu alto pela dor dos dentes quebrados. Ele tinha força, mas nada comparado à resistência da minha armadura. Esmaguei seu crânio com minha mão que não cessava o brilho. Coberta de sangue e do líquido negro, rangi os dentes em desafio para as outras criaturas que aguardavam para me atacar. Elas agora me temiam e aos poucos se afastavam.

— Só quero saber onde encontro meu filho! — gritei, depois rosnei como um alerta para que se afastassem de vez, já que não podiam me ajudar.

Elas continuaram a caminhar para trás, quase que rastejando, e sumiram de vez por entre as rochas. Foram segundos de silêncio enquanto eu ofegava. Senti que a criatura não deixaria as minhas costas e eu sabia que precisaria me acostumar com o peso. Concentrei-me para reunir minhas forças e seguir adiante.

— Eu vi um menino... — Uma voz doce falou.



Capítulo 10

Tentei buscar de onde veio, mas o som parecia vir de todos os lugares.

Notei um movimento sutil no chão, encostado em uma rocha. Ela parecia assustada, como se arrependesse de ter me feito notar sua presença. Ela me temia. Aproximei-me vagarosamente.

— Não irei machucá-la — prometi afetuosa.

Ela vestia uma capa negra encapuzada e se sentava de costas para mim, abraçando seus joelhos. Gentilmente, ela virou seu rosto, parcialmente escondido pela sombra do capuz, mas podia ver seu queixo de pele mais ávida que a minha e os rubros lábios que se contraíam receosos.

— Meu nome é...

— Kyara. — Ela completou ao se levantar e jogar delicadamente o capuz para trás, mostrando um rosto de traços finos, cabelos negros e olhos castanho-claros acinzentados.

Ela era jovem, mas seus olhos eram velhos. Talvez resultado do que aquele lugar podia fazer.

— Me chamo Crystal.

— Como sabe meu nome?

— Porque a criança não parava de repetir, dizia ser filho de Kyara Morrigan e, mesmo aterrorizado, havia esperança em sua voz, quando afirmava que a mãe viria buscá-lo.

Suspirei tomada pela terrível e frustrante sensação de fracasso em protegê-lo.

— Ele te disse isso?

— Falou para a mulher que o trouxe!

— Então ele não entrou sozinho?

— Não.

— Christine... — Cerrei meus punhos e Crystal deu um passo para trás, assustada.

Eu não sabia o que era pior, meu filho estar sozinho ou acompanhado de alguém que poderia ser pior do que todas aquelas almas juntas.

— Quem era essa mulher? Eu lhe peço, me conte tudo o que viu.

— Não a conheci, tampouco fiz questão, mas ela tinha cabelos ruivos e ondulados.

“*A mesma descrição da que raptou Kai*”, pensei comigo mesma, após socar o solo abruptamente para extravasar minha raiva... Sequer perceber o rombo que fiz em um chão sólido.

— E depois? — perguntei com o coração dilacerado.

— Quando o portão se fecha, ele não abre novamente. Não importa se você veio por livre vontade ou se foi obrigado. Eu estava lá quando você chegou e percebi a diferença entre você e as outras almas, mas não pelo o que sei que seus olhos enxergaram, e sim por eu conseguir distinguir quem está morto e quem entrou vivo. E assim também foi com ela e seu filho. Quando os escutei gritando apavorados, percebi que foram enganados.

Crystal continuou:

— Depois, as asas os trouxeram sãos e salvos. Então as criaturas apareceram e a mulher duelou com eles. Eu vi as mãos da criança brilharem e sabia que ela poderia enfrentá-los, mas o garoto estava muito assustado, portanto, tomei-o pelo braço e corri antes que nos alcançassem, pois essas criaturas que você viu, não entram no labirinto.

— Levou meu filho para o labirinto? — enrijei meu olhar para ela.

— Foi preciso! Mas sei onde ele está e posso levá-la até ele — prometeu, suplicando para que eu não a machucasse, mesmo que eu não estivesse a ameaçando.

— E essa mulher, onde ela está? — perguntei me corroendo pela vontade de matá-la com minhas próprias mãos, sem precisar incandescê-las.

— Por que acha que me importaria com ela depois do que fez? Eu sei diferenciar pelas reações de quem entra aqui enganado e quem não entra. Não sei quais os planos dela, mas, ao contrário do seu filho, ela sabia o que estava fazendo.

— Você sabe meu nome, mas se refere a ele, como meu filho. Para alguém que diz tê-lo ajudado, é duvidoso acreditar na veracidade de suas palavras, uma vez que você não menciona o nome dele. — Franzi minha testa, desafiando-a a falar, na esperança de que a pegaria na mentira pela sua expressão de espanto, mas, para minha surpresa, ela se manteve serena.

— Kai. — ela respondeu calmamente, compreensiva dos motivos que ainda me levavam a ter dúvidas sobre ela. — Foi ele mesmo quem me contou, enquanto eu o guiava.

Suavizei meu olhar para ela e consenti levemente constrangida. Ela queria ajudar e eu estava sendo grosseira em duvidar. Sem contar que era um alívio poder conhecer alguém tão familiarizado com o lugar e que sabia o paradeiro do meu filho.

— Entendo que seja difícil confiar em mim, mas que outra escolha você tem? Acabei de descrever a pessoa que veio com ele e pelo seu olhar nem um pouco satisfatório, acredito ter acertado na descrição, assim como na minha decisão em tê-la abandonado.

Ao ouvir suas palavras sobre a mulher, minhas mãos incandesceram só de me imaginar pondo minhas mãos nela, e Crystal mais uma vez se afastou com as mãos em súplica, acreditando estar sendo ameaçada.

— Prometo que só quero ajudá-la! — Seus lábios tremiam, estava prestes a chorar e eu ouvia seus batimentos cardíacos acelerados de pavor.

Não a conhecia, mas ela me pareceu genuína. Relaxei meus ombros e meu semblante.

— Não lhe ameacei. — Assegurei-lhe. — Essa é a reação que tenho e ainda terei por um bom tempo, enquanto pensar nessa mulher que trouxe meu filho para este lugar. — Olhei ao redor com repúdio.

Crystal então relaxou também.

— Não a culpo por desconfiar de mim. É sempre assim. — Ela suspirou abatida, fitando o chão. — Nem todas as almas daqui são ruins — lamentou.

— Então o que você faz aqui? — perguntei serena, e ela engoliu seco. Parecia magoada.

— Temos assuntos mais urgentes...

Ela fitava o chão com os olhos cheios de lembranças, mas logo se recompôs em um suspiro e pediu que eu a seguisse.

— Conheço o labirinto como ninguém e posso levá-la pelo caminho mais rápido, embora ainda seja demorado.

— Certo!

Ela parecia hesitar.

— Algo aqui a assusta?

— Não gosto de cruzar o labirinto, poucas vezes o fiz... Poucas se comparar com o tempo que estou aqui. — Ela fitou o chão. — Seu filho não foi o único inocente a ser trazido para cá por engano — lamentou.

— E o que houve com esses que não deveriam estar aqui?

— Eu os guiei para um local seguro.

Havia um enorme rio de lavas borbulhantes, onde Crystal olhava apavorada, como se temesse alguma criatura medonha que pudesse surgir dali.

— Vamos, vamos rápido. — Pegou-me pelo braço e atravessamos a larga e escura ponte rochosa que cortava o rio.

Ela corria o mais rápido que podia e ofegava em pânico. Chegamos do outro lado da ponte, onde ela soltou minha mão. À frente, havia uma enorme entrada em ruínas, onde uma fonte de água turva cascadeava pela lateral e se juntava ao rio de lavas. Era a única saída do local em que estávamos.

— Ali começa o labirinto e, desculpe minha petulância, mas seria melhor que você se limpasse primeiro. — Apontou com a cabeça para a fonte. Até ela estava nauseada com o meu cheiro.

A água tinha um cheiro estranho e a textura parecia pegajosa, mas nada era pior do que o líquido fétido daquelas almas que eu havia derrotado antes. Para falar a verdade, estava tão preocupada com meu filho que sequer me dava conta do quanto fedia.

Mesmo conhecendo o caminho, ela parecia andar com cautela. O labirinto era, de fato, perturbador e eu podia entender claramente o porquê de Crystal evitar o lugar, eu mesma não achava que conseguiria me acostumar. Estávamos em uma caverna revestida de carne humana, com pilares de ossos, portais negros para todos os cantos e criaturas de sombras esqueléticas que se arrastavam no chão e nos seguiam.

Ela me guiava por entre as paredes entrecruzadas do labirinto e os portais iam surgindo como um convite tentador, mas, mesmo tentada a entrar, Crystal segurava firme em minha mão e me pedia que apenas a seguisse. Até que, de dentro de um deles, uma mão verde e enrugada surgiu, pegando meu braço. Como Crystal segurava minha mão que não estava machucada, ela começou a me puxar para impedir a criatura de me pegar, mas eu me vi na urgência de me soltar de suas mãos para alcançar minha adaga e fincar no braço da criatura. E assim o fiz. A criatura me soltou e, gritando de dor, voltou para o portal que se fechou bruscamente.

— Desculpe, nunca precisei ajudar alguém que soubesse lutar antes. E essa criatura também nunca apareceu nessa parte — ela disse confusa.

— Está tudo bem — assegurei, olhando para minha mão.

Os ossos não mais estavam quebrados, foi como se eles tivessem se regenerado, mas eu ainda sentia dor em minha mão e uma dificuldade estranha em mexê-la. Tentei me curar, mas não conseguia e isso me deixava frustrada. Crystal olhou como se não estivesse surpresa, então, se era algo normal de acontecer ali, e uma vez que a dor se tornou suportável, decidi por hora não dar importância.

O portal que entramos era como se fosse a parede de um túnel negro e ficava à direita de um extenso corredor feito de ossos. O chão estava inundado de sangue com crânios que tínhamos de chutar para fora do caminho. Quando entramos no

portal, saímos em um corredor extenso com uma única porta a muitos metros de nós. O problema era que deveríamos passar por um corredor repleto de jaulas feitas de ossos humanos, que trancavam almas em desespero. Elas colocavam as mãos para fora, umas pediam ajuda, outras cuspiam xingamentos e queriam nos atacar. Por sorte, o corredor era largo e as mãos não nos alcançavam, mas era desesperador e atordoante passar por elas. Então, uma delas chamou meu nome, e todas as outras instantaneamente se calaram. Parei confusa e pedi a Crystal que me esperasse.

De todas as almas, havia uma única que estava encolhida no canto da jaula. Quando me aproximei da grade, não a ponto de ela me alcançar se tentasse, mas para mostrar-lhe que eu estava curiosa a seu respeito, a alma então se aproximou. Assim como todas, ela tinha a pele parcialmente enrugada e a outra metade estava em carne viva. Não tinha cabelos, os olhos eram apenas os glóbulos oculares e alguns dentes apareciam por falhas na pele da mandíbula. Não conseguia distingui-la das demais, só soube que se tratava de um homem pelo tom de sua voz.

— Por favor, me ajude! Não aguento mais esse local! — ele suplicava desesperadamente.

Franzi meu olhar e tombei levemente a cabeça para o lado, tentando reconhecê-lo. Crystal me pedia para que seguíssemos o caminho e eu fiz um gesto para que ela esperasse.

— Você não me reconhece? — ele perguntou surpreso, mas logo o reconheci pela malícia em seu olhar, acreditando que usaria isso a seu favor.

— Kendrick! — falei enojada ao reconhecê-lo.

— Só segui ordens de nosso rei! — Tentou explicar, isentando-se de culpa.

— E quando ajudou a destruir a aldeia de Megan e a levando para o seu pai? Quando se juntou ao grupo sem escrúpulos que violentou o corpo de uma jovem, próxima ao corpo sem vida da mãe? Também seguiu ordens do rei? — perguntei com escárnio e Crystal levou a mão ao seu colo, frustrada com o que ouvia.

— Monstro! — ela gritou.

— Você precisa entender que todos nós seguimos regras! Agora me tire logo daqui!

Eu nem tinha palavras para descrever o que queria fazer com ele, porém, por mais que quisesse lhe causar um dano terrível, apenas me afastei com o olhar de repúdio.

— Vamos sair daqui — pedi à Crystal, que consentiu, enquanto o fitava com raiva.

— ELFA! — ele gritou como último recurso para chamar minha atenção. E conseguiu!

Virei-me lentamente para trás e cravei meu olhar nele, que mais uma vez tentou usar uma de suas artimanhas.

— Você não me tira daqui porque é incapaz! Ora, Kyara, nem mesmo quando era uma escrava, você tinha medo de nós! Enfrentou Norár em seu último dia em Ardhem, enfrentou Brenda e todos nós no barco. E segundo você mesma, só não viajou conosco lá embaixo, porque não quis! Você nunca teve medo! Assim como não tem medo de mim! Mas não é por isso que você não me ajuda e, sim, porque você não sabe. — Ele ria debochadamente, na falsa esperança de que eu ia ajudá-lo para provar-lhe o contrário. — Você é uma fracassada! Não consegue fazer algo tão simples! Solte-me e prove que estou errado a seu respeito, elfa inútil. Se você me soltar, eu a ajudo com o que você precisar. Posso não saber muitas coisas, mas sei que não pertence a este lugar, que está de passagem com essa daí. — Olhou para Crystal com desdém.

— Como ousa se referir a mim debochadamente? Nem sequer me conhece ou sabe o que eu posso fazer por Kyara!

— Você tem a minha força para lutar? Acha que não sei que há monstros aqui?

— É fácil dizer que há monstros aqui quando você é um deles! — Ela zombou e ele bateu na grade com raiva.

— Alguma vez você me viu ter medo do inimigo? — Ele virou-se para mim rapidamente, ignorando as palavras de Crystal. Eu o olhei com tédio, lembrando-me de como ele fugiu feito um covarde durante a guerra de Shadowfalls.

— Tire-me daqui e eu ajudo vocês!

— Eu não pediria a sua ajuda nem que fosse minha última alternativa — falei amargamente e ele então se enfureceu e começou a forçar os ossos da cela para tentar sair.

Ele me xingava e esbravejava, mas eu nem conseguia prestar atenção nas suas palavras, porque sua ira me bastava. Após uns minutos, fixei meu olhar nele e falei como quem joga uma maldição:

— Que a eternidade seja o seu tormento.

E saímos daquele local sob os gritos de todas aquelas almas. O portal se fechou, cessando os sons estridentes.



Capítulo 11

Crystal deu um suspiro de alívio quando deixamos o local, mas me olhava assustada. Ela ainda parecia me temer e, talvez, isso fosse um dos motivos em que ela me ajudava, por temer que eu a machucasse.

— Lá! — Apontou para um canto da parede, onde não havia passagem nem nada que se parecesse com uma saída.

— Mas não tem nada... — Inspecionei o local, sem entender.

— Nem tudo aqui é aquilo que seus olhos enxergam. — Pegou minha mão machucada e a acariciou vagarosamente, levando a dor embora. Então pude mexê-la novamente como se nada tivesse acontecido. — Você não se machucou, sequer quebrou algum osso. Apenas acreditou nisso, porque é o que esse lugar faz.

— Mas eu soquei o chão! Eu senti!

— Eu a vi durante suas alucinações. Para você, estava ajoelhada, socando alguma superfície sólida, mas na verdade, eu a vi de pé, socando o ar em desespero. Quando você voltou, a sensação de dor se fez tão presente nas alucinações que você a trouxe com você. Agora me siga.

Tomando-me pela mão, atravessamos a parede como que por magia, surgindo em um local sem iluminação e de um silêncio sepulcral. O chão era inundado por uma água cristalina, que, mesmo na escuridão, podíamos ver nosso reflexo claramente. Mesmo que caminhássemos, as pequenas ondulações causadas por nossos passos não modificavam nosso reflexo por muito tempo. Então aquele silêncio se desfez com uma lamúria de uma mulher, deixando Crystal surpresa.

— Eu nunca vi ninguém aqui — ela dizia olhando confusa para os lados.

O som daquele choro se fez mais próximo, à medida que caminhávamos para a saída daquele local. Então nós a vimos. Ela estava seminua e ajoelhava curvada, fitando seu rosto no reflexo das águas. Ela o tocava insistentemente com as mãos trêmulas e repetia sem parar:

— A minha beleza! Eles levaram minha beleza! Levaram minha beleza!

O reflexo de seu rosto estava deformado, mas seu rosto em si estava normal. Ela nos viu, levantou-se às pressas, vindo em nossa direção com as mãos ainda no rosto.

— Brenda? — perguntei surpresa e Crystal me olhou espantada por eu conhecê-la também.

Ela estava tão desesperada pela beleza que acreditava ter perdido, que sequer me reconheceu ou ouviu-me dizer seu nome.

— A minha beleza! Eles a levaram embora! — Seus olhos em desespero pareceram congelar, como se ela estranhasse algo.

Então, de repente, vermes e insetos saíram de sua boca, narinas e olhos, e começaram a devorar a sua pele de verdade, enquanto ela gritava de pavor. As figuras de Luke, Kendrick e outros guerreiros de Ardhem surgiram como reflexo nas águas e começaram a cercá-la.

— Vagabunda! — xingou, Luke, trazendo um momento de lucidez à Brenda.

Assustada, ela olhava para eles nas águas, depois ao redor, como se buscasse respostas para o que estava acontecendo.

Eles se juntavam, cercando-a cada vez mais. Os insetos agora quase tomavam seu corpo. Na ponta dos pés, ela gritava para os guerreiros a deixarem em paz.

— Traidora! — Kendrick acusou-lhe.

Ela deu um grito de pavor e arrependimento.

— Alyra era sua melhor amiga! — outro falou com desprezo, criticando suas ações.

Mesmo eles sendo apenas reflexos nas águas, Brenda não conseguia fugir. Desesperada, ela ficava nas pontas dos pés e sacudia os braços como se pudesse espantá-los. Então ela nos viu.

— Kyara? — Seus olhos, a única parte de seu corpo não tapada pelos insetos, me fitaram em um misto de espanto e esperança, mas eu sequer tive tempo de esboçar qualquer reação, porque, subitamente, uma mão sombria a puxou, tragando-a para baixo d'água.

As ondulações cessaram em um segundo, assim como o reflexo dos guerreiros. Foi como se nada tivesse acontecido.

— Você disse que nunca viu ninguém aqui... — lembrei ainda abalada com o que acabava de ver.

— Ela deve ter encontrado esse local. Eles sempre encontram...

Depois de percorrer inúmeras partes do labirinto, driblar os portais que surgiam, nós finalmente entramos em um que nos levou para o interior de uma caverna coberta por mofo e onde eu comecei a passar mal. Estávamos em uma enorme sala central, cercadas de paredes que levavam a mais locais do labirinto, porém, havia uma passagem à frente, não muito diferente das demais, mas que Crystal

reconheceu por ter feito uma marca. Era lá que deveríamos ir, mas antes, precisávamos passar pelas almas com buracos negros no lugar dos olhos e bocas, e que andavam levemente curvadas, arrastando os pés. Seus corpos eram envoltos de correntes pesadas e elas emitiam um som como se estivessem em agonia. Iam sem rumo e em diversas direções, mas quando se chocavam acidentalmente, eram eletrocutadas. Elas gritavam como se sofressem a pior das dores e os que estavam em volta gritavam aterrorizados, temendo acontecer o mesmo com eles. Era um misto de súplica por ajuda e desespero de não poder falar ou ver o que acontecia.

— Não deixe que te encostem ou te escutem — ela sussurrou. — Se souberem que estamos aqui, vão vir de encontro ao som da sua voz e você será eternamente eletrocutada.

— Como conseguiu passar por aqui inúmeras vezes sem ser tocada? — sussurrei em seu ouvido.

— Apenas pise onde eu pisar. — Ela fez um sinal para que eu esperasse. Somente quando ela consentiu, demos o primeiro passo.

Foram longos minutos naquele lugar, onde o tempo entre um passo e outro era desigual. A sala era grande e eu podia esperar se fosse preciso para que saíssemos dali, mas a agonia daquelas almas me consumia e tive de me conter para não sair correndo ou gritar. Sem contar no cheiro do mofo, que fazia minha garganta coçar e eu precisava me concentrar para não espirrar. Meu corpo tremia, mas Crystal apertou minhas mãos, me dando força. Ela sabia o que eu sentia e me passou tranquilidade. Tinha de me focar nela e em seus comandos.

“*Fuja...*”, aquela voz sussurrou novamente dentro da minha cabeça.

“*Uma semideusa como você é capaz de matar todas essas almas, antes mesmo que elas te encostem.*”

Franzi a testa, tentando buscar de onde ela vinha e ela gargalhou por eu tentar descobrir.

“*Achou que eu fosse me calar? Achou que eu ia te deixar em paz? Pensa que me esqueci daquilo que te acusei? Ah, Kyara... Como se não bastasse ter abandonado sua única filha, marido e povo, ainda deixa Crystal, essa tola, te fazer acreditar que você precisa dela.*”

Zombou.

“*Cale a boca!*”, respondi em pensamento e ela riu novamente.

“*É melhor se acostumar...*” aconselhou-me em tom de deboche e eu resolvi ignorá-la.

Finalmente conseguimos sair e atravessamos a porta que dava para a frente de uma casa abandonada. Às vezes entrávamos em locais onde não havia sequer um sinal de que eu estava em um labirinto, mas eu me sentia encurralada, como se mesmo em um local aberto, as paredes estivessem próximas. Eu podia abrir os

meus braços e jurar que as sentia, mas nada condizia com o cenário que eu enxergava. A casa era empoeirada e todas as janelas estavam quebradas. Ela ficava a três degraus do chão e o do meio estava quebrado, com um rombo central. Todas as árvores ao redor estavam mortas, e no chão havia um tapete de folhas secas onde enormes e gordos vermes andavam e desapareciam entre elas.

— Como soube onde pisar?

— Elas são cegas e trilham sempre os mesmos caminhos. Não sei explicar ao certo, mas é como se acreditassem só haver um caminho a percorrer.

— Então por que elas se chocam?

— Porque os caminhos e trilhas vão de encontro um com o outro. Eu vi que há espaços, locais seguros, onde nenhuma dessas almas se encontram. É por lá que guio as pessoas.

— Como conseguiu descobrir?

— Depois de ser eletrocutada milhares de vezes, acabei aprendendo.

— Você me disse que eu seria eternamente eletrocutada se me encostassem. Por que o mesmo não ocorreu com você? — perguntei desconfiada de suas palavras.

— Porque eu sou daqui, Kyara! Fui sentenciada a ficar, você não.

— Mas então deveria ser ao contrário. — Eu a olhava suspeita e ela se assustou.

— Por que eu sofreria eternamente se meu lugar não é aqui? — fitei-a fundo nos olhos.

— Não sei te responder — ela disse melancolicamente.

— Pensei que soubesse tudo a respeito do labirinto — continuei a indagá-la.

— Se há uma única coisa que não sei em relação a esse lugar, são as regras daqui — ela respondeu calmamente, segura de suas palavras. — Não fui eu quem ditou as regras... — Ergueu os ombros. — Mas se não quiser acreditar em mim, eu entendo.

“*Mate-a!*”, a voz voltou a sussurrar.

Crystal parecia chateada por eu duvidar de suas palavras, mas depois de tudo o que ela fez, achei injusto questioná-la. Talvez ela estivesse certa, talvez as regras fossem além de nossa compreensão, mas a verdade era que eu não teria conseguido chegar ali se não fosse por sua ajuda.

Eu consenti para ela.

— Cuidado com o degrau. — Ela apontou para o do meio.

A casa tinha uma sala estreita, sem móveis, sem nada. Não condizia com o espaço que a casa aparentava ter. Era como se tivéssemos entrado em outro local. Quando dei outro passo, a sala se transformou novamente em um cenário completamente diferente. Era escuro, sem paredes ou portas.

— Onde nós estamos?

— Vamos embora daqui! Rápido! — Ela me levava para onde deveria ser a saída, foi quando ouvi o som das ondas quebrando no oceano e o cheiro de maresia.

Quando ameacei sair, fui tomada por uma angústia inexplicável. Algo pingou na minha cabeça, depois na minha maçã do rosto, quando limpei, vi que era água. Olhei para cima, de onde o som vinha e um mar invertido começou a se formar. As ondas quebravam no mar agitado, como um dia de tempestade, e minhas irmãs que morreram na guerra surgiram. Com os olhos repletos de horror, elas estenderam suas mãos por socorro e eu pensei que elas fossem cair sobre mim. Estiquei meu braço para tentar tocá-las, quando as pontas das armas inimigas as perfuraram. Elas pareciam presas às lanças e gritavam em desespero, pedindo ajuda.

Uma névoa bem sutil começou a subir pelas paredes, transformando-as em gelo e mostrando os cadáveres das sereias mortas na guerra. As mesmas muralhas que prenderam e mataram minhas irmãs, voltaram a me cercar e me atormentar com as visões horripilantes. Elas ficaram imóveis por alguns segundos, até que a primeira abriu os olhos. Aquele azul, que antes era vibrante como uma joia, agora estava leitoso e sem vida. Ela me olhou em súplica e eu prendi o fôlego, mas por um breve segundo me senti encorajada de salvá-las, ou ao menos libertar suas almas daquela tortura sem fim. Ela encostou a palma da mão no gelo como um pedido de ajuda e eu tentei tocá-la emanando minhas energias para poder derreter a parede, quando sua expressão facial logo se transformou em hostil. Assustada, dei um passo trás, quando vi que todas me olhavam em julgamento e nutriam um ódio fora do normal por mim, como se eu fosse culpada pelas suas mortes.

Elas batiam insistentemente no gelo, formando rachaduras, mas percebi que se tratava de um truque, quando olhei para trás vi uma das minhas irmãs, presas pela cintura, com o corpo pendendo para fora da muralha. Em agonia, ela vomitava sangue. Eu sabia que não era real, mas precisei de um esforço brutal para que meu coração não sentisse o que meus olhos viam.

— Não olhe para elas, olhe para mim! Olhe para mim!!! — Crystal puxava meu rosto para que eu a olhasse.

— É tudo culpa sua!!! — gritou uma.

— Jamais devíamos ter ajudado você! — afirmou outra.

— Não é uma de nós!

— Por quê? Por que deixou que morrêssemos?

Fui xingada, julgada e mesmo sabendo que era um truque, era exatamente assim que eu me sentia em relação a cada irmã que havia perdido naquela guerra.

Em minha mente, eu repetia em *looping* as minhas palavras secretas com Kai.

“*Tarde demais para isso! Assume que foi sua culpa!*”, a voz sussurrava enraivecida.

Crystal me abraçava e tentava tapar meus ouvidos.

— Sei que é difícil, mas sei também que você é forte, Kyara e tem consciência de que não são suas irmãs! Se não as enfrentar agora, jamais sairemos daqui! — Aconselhou-me rapidamente. — Nenhuma alma que morre de forma inocente ou por defender quem ama vem parar no labirinto! São ilusões!

“O que essa tola sabe? Vai dar ouvido a ela?”

Fechei meus olhos, mas as palavras ásperas de um julgamento injusto pesavam sobre mim. E eu me odiava por isso! Como pude permitir que tivessem esse poder?

— DESISTAM, ALMAS IMUNDAS!!! — Minha voz saiu com um estrondo que fez o local tremer. — Como ousam, se passar por minhas irmãs que nada têm a ver com vocês ou com esse local abominável?

Surpresas, elas se calaram, mas ainda mantinham a forma das minhas irmãs.

— Almas inferiores... — falei com escárnio, encarando-as com ódio nos olhos.

Minhas mãos começaram a brilhar e a pulsar como nunca. As batidas do meu coração ecoavam pela sala e a fazia tremer como se eu pudesse destruir o local e todos ali presentes.

Crystal tapou os ouvidos, perturbada pelo som e tombou de lado pelo tremor no chão que eu causei. No entanto, ela parecia aliviada, pois sabia o quanto aquilo era preciso para sairmos daqui.

— Continue! — Ela me incentivava. — Ninguém nunca falou assim com elas!

“Pode ignorar as almas, mas não a culpa que carrega...”

As almas estavam mais do que surpresas, estavam assustadas. Havia muito que eu queria esbravejar, mas a odiosidade em meu olhar, parecia ser suficiente para que elas parassem. Quando o silêncio finalmente tomou o local, fechei os olhos por um segundo e respirei fundo.

Quando os abri, olhei para cima novamente, em meio ao silêncio, corpos esqueléticos, de peles ressecadas e sem cabelos eram presos pelas estalactites no teto. As paredes eram feitas de pele humana com essas almas costuradas em várias posições diferentes. Elas tentavam se soltar e algo parecia puxá-las de volta. Eles ainda estendiam as mãos em ajuda, mas depois gritavam de ódio quando resolvi ignorá-los.

Crystal me pegou pelas mãos e rapidamente me levou até a saída que surgiu naquele exato momento.

“Frac...”, a voz zombou.

— O que eram aquelas almas?

— São encarregadas em fazer com que você se sinta culpada e se enfraqueça. As almas desse labirinto se alimentam da dor, do medo e qualquer sentimento ruim que consigam extrair de você. Por isso, escondi seu filho em minha capa e o guiei.

Uma criança seria facilmente pega. — Seus olhos encheram de lágrimas. — Louise era o nome dela — disse após curta pausa.

Fitei-a afetosamente.

— Eu costumava contar-lhe histórias de fantasias quando ela sentia medo, então fiz o mesmo com seu filho. Senti que ele não gostava de historinhas, mas continuei porque o som da minha voz o acalmava.

“O som da voz dela é irritante. Mate-a logo! Sei que é isso que você quer Kyara!”, a voz tentava me manipular e eu sacudi a cabeça para me livrar dela.

— O que houve com a sua filha? — perguntei serena.

As lembranças lhe eram dolorosas. Ela deixou escapar umas lágrimas, limpando-as em seguida.

— Vim de uma antiga aldeia do sul chamada Tardwar, onde nasci e fui criada. Wallace foi meu melhor amigo de infância e, por muitos anos, meu grande e secreto amor. — Suspirou. — Ele cresceu e se tornou um dos guardas do rei, portanto nosso contato acabou por se tornar escasso. Certa noite, deitamos juntos e eu acabei engravidando. Ele desapareceu quando lhe contei e passei anos acreditando que nada me deixaria tão devastada quanto o abandono, mas eu tinha uma criança crescendo dentro de mim e mesmo que meu corpo não demonstrasse sinais visíveis para outros, eu sentia a mudança e já jurava dar minha vida por aquele pequeno ser. Ouvi dizer que Wallace se casou com uma moça de uma aldeia distante quando se mudou para lá, outros disseram que ele foi assassinado na guerra. Talvez não saber da verdade tenha sido pior, porque eu precisava de um desfecho para seguir minha vida. Então, quando minha filha e fruto do amor com o homem que amei nasceu, ela levou embora qualquer angústia que eu carregava em não saber da verdade sobre o seu pai. Eu não podia mentir para ela, mas não achava certo que ela carregasse a mesma angústia que eu, portanto, falei que ele havia morrido e que ela foi muito amada pelo pai antes de sua morte. Louise não merecia saber que o pai nunca a quis. Que filho precisa crescer com esse trauma? — Ela me fitou em lágrimas, depois suspirou. — Cinco anos após o nascimento da nossa filha, a praga nos alcançou. O rei Anthony III, o mais cruel que tivemos, mandou exterminar os doentes, queimando também suas casas e pertences para evitar qualquer possibilidade de contágio. Louise tinha cinco anos e brincava perto do rio quando os guardas chegaram. Ela estava melhorando de uma gripe e notei que um deles a fitou de forma estranha. Eu a abracei para protegê-la e ficamos ali até que os guardas terminassem de matar os doentes. Cantei para ela, que assustada, não conseguia se focar na minha voz, porque os gritos aterrorizados daqueles que morriam, eram maiores. Os guardas voltavam vitoriosos depois do massacre e aquele mesmo que fitou minha filha, a ouviu tossir uma única vez.

Apontou a espada e falou alto que ela carregava a praga e precisava ser morta. — Começou a soluçar.

Continuei ouvindo sua narrativa emocionante:

— Foi apenas uma tosse, uma única tosse... — lamentou. — Desesperei-me, tentei explicar que era apenas uma gripe, mas eles a mataram a sangue frio diante dos meus olhos. Meu único pecado, que me mantém presa aqui, foi ter seduzido e matado o assassino da minha filha. Eu o vi na taberna, comemorando alguma coisa, meses após a morte da minha Louise. Como um monstro daqueles tinha coragem de comemorar alguma coisa? Um assassino de crianças! — Seus olhos expressaram raiva, ela continuou: — Eu teria feito tudo novamente se tivesse a chance e meu único consolo é vê-lo sofrer em uma das piores partes do labirinto.

— Mas você disse que quem mata para proteger aqueles a quem amam, não vêm parar aqui.

— Matei por vingança, meses depois!

— No seu lugar, eu teria feito o mesmo. — Peguei em sua mão para lhe dar apoio. — Não deveriam ser punidos aqueles que vingam a morte de um filho.

— Agora você entende quando digo que até hoje não compreendo as regras? — Suspirou.

“*Quanto drama...*”, a voz falou arrastada.

Nada que eu dissesse poderia consolá-la, porque não existe dor maior do que a perda de um filho. Em silêncio, aguardei pacientemente enquanto ela chorava aterrorizada pelas cruéis lembranças. Ela não merecia estar ali, mas não entendia as regras e não achei prudente tentar entendê-las no momento.

— Não podemos perder tempo! — Crystal se recompôs e se levantou quase que em um salto.

— Você está bem?

— Não me sinto bem há anos. — Fitou o horizonte, indiferente. — Mas, seu filho precisa de você.

— Por que está tão preocupada que eu o encontre?

— Porque se fosse minha Louise, ia querer que alguém me ajudasse a chegar até ela — respondeu assustada, da mesma forma quando tivemos de atravessar a ponte.

Estávamos em uma sala redonda, cercada de inúmeras portas iguais, que faziam rotação após alguns segundos, confundindo nossa mente.

— Aonde devemos ir? — perguntei e Crystal tocava o queixo concentrada, olhando as portas calmamente.

— Ali.

— São todas iguais! Como sabe?

— Olhe de perto. — Ela apontou para a maçaneta. — Há uma runa diferente — respondeu nos segundos que a porta estava parada.



Capítulo 12

Estávamos em uma ilha de chão rochoso, cercada por um enorme rio de lavas. O céu era alaranjado, coberto por nuvens negras de raios que estouravam entre elas. Havia caminhos formados por degraus flutuantes que saíam da ilha e davam para portais escuros que também flutuavam. Crystal parecia saber para qual dos portais deveríamos ir, mas temia subir os degraus. As nuvens se distanciaram e detrás delas surgiram blocos de rochas flutuantes, de onde pássaros deformados se aproximaram e começaram a sobrevoar nossas cabeças. Matei alguns que tentaram nos atacar e os outros fugiram amedrontados.

— Aqui é onde o labirinto começa a ficar mais confuso.

— Onde esses portais nos levarão?

— Não irá gostar de saber. Há mais portais dentro de cada local que entrarmos e uma vez que você se perde, nunca mais sai daqui. É para lá que devemos ir e foi para onde o levei. — Apontou para o portal que ficava à direita do portal central.

— Então vamos! — Comecei a andar, mas ela não se moveu.

Ela tremia e cruzava seus braços, amedrontada. Então seus olhos arregalados voltaram-se novamente em direção ao rio de fogo, para uma movimentação estranha que se locomovia em direção ao primeiro degrau de onde devíamos ir. O ser que nadava ali emergiu em uma silhueta feminina de fogo, mergulhando e erguendo uma cauda de sereia em seguida. Seus movimentos desenhavam símbolos do infinito, entre os degraus de dois portais, como se desafiasse uma aproximação. Eu sentia a sua ira, como se nossa presença fosse ultrajante. Seu rastro era marcado pelas bolhas de fogo que subiam e estouravam na superfície, fazendo um barulho denso. Então, o tenso silêncio foi cortado pelo seu lindo canto. Um canto como eu nunca ouvira antes, ecoou pela ilha. Parecia mais um misto de lamúria e raiva. Ela cantava em um tom pesado e forte, como uma forma de extravasar toda sua indignação que eu desconhecia. Então, ela emergiu de forma firme e se arrastou sem paciência até o topo de uma rocha de ponta arredondada

que se projetava para fora do rio de lavas. As chamas que até então queimavam por completo e escondiam suas feições, aos poucos foi se acalmando e diminuindo, mostrando a belíssima mulher que se escondia atrás daquele fogo laranja. Era uma sereia ruiva cujos cabelos cobriam os seios nus, ela tinha a cauda vermelha coral e a ponta ficava submersa nas lavas. Ela piscou os olhos que ainda brilhavam em fogo, mas quando os abriu novamente, eles se tornaram rubros como dois rubis. Eu estava encantada com ela, mas questionei internamente a razão de sua ira.

Seu semblante me era familiar, e ela parecia gostar de minha curiosidade a seu respeito. Ela continuava cantando aquele canto que por alguns segundos quase me enfeitiçou, mas Crystal interveio imediatamente.

— CALE-SE!!! — ela gritou e a sereia expirou o ar pesadamente.

Por mais que Crystal tivesse a intenção de ajudar, me desagradou muito a forma como ela tratou uma de minhas irmãs. Eu estava prestes a questioná-la, quando Crystal me interrompeu.

— Não se engane com ela — alertou-me e eu consenti.

Tentou acertá-lhe uma pedra, mas a sereia sequer se mexeu, porque a pedra caiu antes mesmo de chegar ao rio de lavas. Ela cerrou os olhos para Crystal.

— Não queremos problemas, Medrene... — Crystal falou amargamente.

A sereia então lhe lançou um olhar sarcástico, em seguida olhou para o local onde a pedra caiu e que ainda borbulhava.

— Vai nos deixar passar?

A sereia lhe lançou um olhar enfurecido.

— Medrene! — insistiu autoritária.

— O que houve com aquela alma amedrontada que cruzava as pontes se esgueirando por temer a mim? — Medrene perguntou com ironia.

— Ao menos hoje, não dificulte as coisas — Crystal implorou.

Com um sorriso irônico, Medrene apontou com o queixo para o local onde deveríamos passar.

— Está nos desafiando ou permitindo que passemos sem que nos ataque? — Crystal perguntou confusa, mas sem desfazer o semblante enrijecido.

Medrene manteve-se em silêncio.

Não me agradaria ser rude com uma de minhas irmãs, mas sereia alguma me impediria de chegar até meu filho.

— Ela te fez uma pergunta! — eu falei.

Ela apertou as pontas dos dedos na rocha e se conteve para não falar algo que pudesse se arrepender.

— A passagem está livre — falou isentando-se de qualquer culpa.

— Então vamos! — falei de forma a apressar Crystal, que enrijeceu seu corpo no mesmo local, recusando-se a vir comigo.

Medrene agora me encarava em desafio.

— Está com medo? — Medrene zombou.

— Não tenho medo de você — respondi serenamente.

— Mas teme entrar por aquele portal sozinha! — Ela me lançou um olhar desafiador e quando eu ia respondê-la, ela me interrompeu: — Vamos, Kyara! Ou devo dizer *irmãzinha*? — continuou. Eu já havia perdido completamente a paciência.

— Como sabe meu nome? — franzi a testa.

— Há muitas de nós que você desconhece — falou amargamente. — No entanto, todas nós a conhecemos. — Fez uma pausa. — Ou pensávamos conhecer, afinal, a tão destemida Kyara que ouvimos falar, está se mostrando uma verdadeira covarde por não querer cruzar um portal sozinha.

Crystal me segurou quando dei um passo forte, com minhas mãos iluminadas e um olhar mortal para a sereia. Medrene, por sua vez, rosnou alto feito uma fera e seu corpo se curvou para frente em desafio.

— Está bem, parem! — Crystal implorou amedrontada, mas Medrene e eu, mesmo em silêncio, nos encarávamos prestes a iniciar uma luta. Jamais pensei em sequer machucar uma de minhas irmãs, mas se fosse preciso para salvar meu filho, eu nem pensaria duas vezes.

— Enquanto vocês ficam aí, brigando, uma criança está perdida e assustada! — ela falou, fazendo Medrene mudar completamente o olhar, confusa pelo o que acabara de ouvir.

— Então há uma criança no labirinto? — Medrene perguntou desacreditada das palavras de Crystal.

Crystal, com os olhos marejados, fez um gesto positivo com a cabeça.

— De todas as mentiras que você contou, essa foi de longe a pior delas — a sereia respondeu enfurecida.

— Que mentiras, Medrene? — Ela, que antes segurava as mãos na cabeça, agora deixava os braços cair em derrota. — Já estou farta de você tentar me impedir de ajudar as almas só porque está fadada a nadar no rio de lavas!

A sereia rosnou de forma a desafiá-la a se calar, mas Crystal logo resolveu se impor.

— Já perdi muitas almas pelas suas mentiras! Enfrento os maiores perigos para chegar até aqui e você estraga todos os meus esforços, as colocando contra mim e fazendo-as ir embora, se perdendo para sempre. Você quase sempre consegue o que quer, mas não irei permitir que faça o mesmo com Kyara!

A sereia a olhou com ira nos olhos.

— Só queremos chegar até a criança... — Suspirou e depois se virou para mim novamente. — É uma velha alma do labirinto e uma das piores que já vi! Ela

sempre me atrapalha e é por culpa dela que eu demoro mais do que deveria. É por culpa *dela* que inúmeras almas inocentes agora se encontram perdidas. — Olhou-a com ódio e Medrene rosnou.

— “Uma velha alma do labirinto...” — Medrene ameaçou que ela repetisse as insinuações.

— Se não fosse por você ficar nos atrapalhando, já teríamos percorrido mais da metade do caminho que devemos seguir! — Crystal se defendeu.

— Não busco confusão com nenhuma de minhas irmãs, mas você não me deixa outra escolha.

— Você não iria querer uma irmã como ela!

Medrene a olhou com raiva.

“*Mate-as! Mate as duas logo de uma vez!*”, a voz voltou a sussurrar no meu ouvido. “*Precisa mesmo delas? Sabe que pode seguir seus instintos sem ajuda!*”

Não pude ouvir o que elas discutiam, porque a voz me atrapalhou, mas seja lá o que Crystal tenha dito, elevou a ira de Medrene ao ápice, porque ela rosnou e seu olhar voltou a brilhar como duas bolas de fogo. Densas fumaças negras das chamas que viriam começaram a surgir, contornando seu corpo como uma silhueta. Apavorada, Crystal agarrou meu braço.

— Ela só quer buscar o filho — disse Crystal derrotada, juntando as mãos em súplica. — Se há alguma bondade em você...

“*Patéticas essas duas...*”, a voz zombava. Tapei meus ouvidos a fim de ignorá-la. “*Não pode evitar me ouvir!*” Gargalhou.

Medrene disse algo enquanto a voz sussurrava e por conta disso não a escutei.

“*A mais patética é você em acreditar precisar delas!*”

— Cale-se!!! — gritei para a voz, com as mãos na cabeça.

Fiz Medrene rosnar novamente. As chamas agora voltaram a cobrir seu corpo por completo e então minhas mãos incandesceram. O calor de suas chamas conseguia ser mais intenso que todo o rio de lavas, mas não a temi. Incandesci minhas mãos novamente e o meu rosnar se igualou ao dela, como se fôssemos duas feras prestes a se enfrentar.

Bufando, ela estendeu o braço direito e um enorme tridente dourado e reluzente emergiu do rio de fogo até sua mão. Crystal gritou de pavor e o semblante de Medrene mudou, eram olhos demoníacos e dentes pontudos como os de um animal. Com facilidade, girou o tridente na horizontal e o apontou para nós, lançando-o em seguida. Pulei sobre Crystal para desviarmos do tridente, que fincou no chão rochoso, milímetros da minha perna.

Medrene gritou de ódio por ter errado, então peguei o tridente e o iluminei com minhas mãos. O brilho quase cegou seus olhos. Ela parecia saber do que meus

poderes eram capazes e, temendo que eu a atirasse no rio de lavas e a matasse, ela mergulhou em desespero, sumindo de vez.

Crystal tremia e eu ainda apontava o tridente na direção do rio, mas calmamente cessei meus poderes e ele voltou ao seu brilho normal. Guardei-o nas costas, junto com minha aljava. Após alguns segundos, Crystal tomou coragem para finalmente seguimos até o portal.

— Você está bem? — perguntou preocupada.

— O que uma de minhas irmãs faz nesse local? — lamentei.

— Humanos não são os únicos que aqui habitam — respondeu abatida. — Como disse, nem todas as almas daqui são ruins, sendo assim, nem todas as sereias são boas. Já perdi alguns por culpa dela, mas não poderia sequer permitir que acontecesse o mesmo com você, Kyara! Eu lhe devo isso pela amiga que você se tornou e pela criança que precisa de você.

— Obrigada.

No curto silêncio que fizemos, me peguei pensando no quanto aquele rosto me era familiar e o quanto era frustrante ver uma de minhas irmãs em um local como aquele. Sei que eu não conhecia todas elas, mas era demasiadamente doloroso me questionar o que ela poderia ter feito para que viesse parar ali.

— Disseram-me que esse lugar muda as pessoas, mas, pelos anos que estou aqui e por tudo o que eu vivenciei, posso dizer com propriedade que a escuridão só penetra na alma daqueles que permitem — falou aborrecida.

— E por que elas permitiriam?

Crystal suspirou abatidamente.

— Por vários motivos. Há almas que, como eu, vieram para cá injustamente, mas deixam a escuridão penetrar por não serem completamente boas ou pelo simples fato de não terem esperanças. Eu não fui completamente boa quando viva. — Seus olhos fitaram o horizonte. — Mas tenho Louise e ela é meu escudo. Não sei se um dia poderei vê-la novamente, mas a eternidade pode dar voltas e me apego na esperança de que um dia poderemos nos reencontrar.

— Então é por isso que você é diferente? Digo, sua fisionomia? — perguntei carinhosamente e ela fez um gesto positivo com a cabeça.

— As lembranças da minha filha impedem que eu sucumba completamente à escuridão — disse fitando o horizonte com os olhos saudosos.

Toquei seu ombro em apoio. Senti-me mal por ela, se houvesse ao menos algo que eu pudesse fazer.

— Obrigada, Kyara — ela falou carinhosamente.

— Pelo o quê? — franzi a testa.

— Por se importar. Já ajudei milhares de almas, mas nenhuma delas sequer se preocupou com nada além de chegar ao local onde eu as levava. Eu era apenas uma

guia.

— Sinto muito.

Ela deu de ombros.

— Aprendi a não me importar com isso, mas quando você agiu diferente, não pude evitar me sentir agradecida.

— Eu é que tenho muito a lhe agradecer.

— Lembrarei de você depois que for embora. Não é todo dia que se faz uma amiga por aqui.



O corredor exalava temperatura baixa. O frio era forte e meu corpo chegava a doer. Aos poucos, lamúrias eram ouvidas. Choros contidos e desesperadores se misturavam em uma energia angustiante. Meu coração já estava apertado e apertou ainda mais quando vi mulheres nuas, sujas e se encolhendo de frio. Elas tremiam em desespero e por algum motivo não conseguiam se mover. Estavam todas jogadas no chão, se escorando nas paredes e mesmo que passássemos por elas, elas não nos viam. Até que uma delas fixou o olhar em mim, como se minha presença fosse uma esperança repentina.

— Você pode me ver? — Ela parecia aliviada e surpresa. — Pode? — insistiu angustiada.

Crystal me tomou pela mão, para que seguíssemos caminho.

— Isso tudo é um engano! Por favor, me tire daqui!

— Ignore-a — Crystal falou com um certo pesar.

— Quero meus filhos! — ela gritou com os braços estendidos em sua última tentativa desesperada por ajuda.

Suas palavras me fizeram travar e engolir seco. A mulher chorava e, entre soluços, suplicou novamente por ajuda.

— Tirem-me daqui, por favor. — Sua voz era fraca, mas eu sentia a urgência de ajudá-la.

Crystal me olhou. Ela também tinha lágrimas nos olhos, mas sabia que não havia nada que pudéssemos fazer por aquela alma.

“Kyara Morrigan negando ajuda a uma mãe. Já não basta toda culpa que carrega e ainda quer mais essa?”, insistia a voz e eu sacudi a cabeça tentando ignorá-la juntamente aos gritos de socorro daquela mulher.

— Por que ela foi a única alma que se comunicou e parecia sã? — indaguei ainda relutante em não a ajudar.

Crystal limpou as lágrimas.

— Vê todas essas mulheres? — perguntou melancólica, olhando para o cenário estarrecedor.

Fiz um gesto positivo com a cabeça.

— Foram pessoas que pararam para ouvir o que ela dizia. Suas histórias são tão reais, que quem as ouve, primeiro ficam anos ouvindo-a contar e aos poucos passam a acreditar estar vivendo aquilo que ela conta, ficam presas em uma eterna ilusão mental. Nesse estágio, nada nem ninguém poderá trazê-las de volta. — Ela chorou. — O pior de tudo é que mesmo sabendo do que ela é encarregada, seu falso sofrimento sempre me afeta como se fosse a primeira vez que eu a vejo.



Capítulo 13

Crystal me guiava por um longo corredor pouco iluminado, onde o ar era pesado e úmido. Ainda me prendia às recentes lembranças das minhas ilusões e, mesmo sabendo que eu caminhava em um pesadelo encarnado, nada era pior do que vivenciar aquela falsa realidade de Shadowfalls. Eu estava extremamente consolada pela sensação de alívio em saber que ainda estava na minha missão e, por isso, não me abalei pelos sons perturbadores vindos do local onde estávamos prestes a entrarmos.

Barulhos de coisas quebrando e gritos estridentes de dor e ódio, muito me lembravam as desavenças que os cidadãos livres tinham na taberna de Lugh. Era a típica multidão enfurecida que costumava me assustar, mas naquele momento eu estava totalmente absorta.

— Essa é a parte do labirinto que mais detesto — falou amargamente.

Era um local fétido, abafado e pouco iluminado onde milhões de goblins lutavam entre si. Eram de média estatura, na altura dos meus joelhos, nas cores verde ou cinza, repletos de manchas pelo corpo, orelhas pontudas e se matavam impiedosamente.

— Quando eu disse que todas as espécies vêm para cá... — Revirou os olhos entediada. — No seu mundo, se reproduzem como pragas e são tão imbecis que lutam em si sem motivo aparente. Portanto, chegam aos montes, lotando o labirinto, como se tudo de ruim que há por aqui não fosse suficiente. Mais um motivo pelo qual eu detesto cruzá-lo — falou com escárnio.

Próximo a nós, dois goblins rolaram enquanto lutavam. Um montou por cima do outro e cravou uma adaga na sua jugular, depois, saiu entre tropeços em nossa direção.

— Gôbu venceu!!! — Ele erguia as mãos para cima em comemoração, até nos notar...

— Parabéns... — disse Crystal amargamente.

Ele olhou para os lados sem entender.

— Gôbu quer ir para a casa agora, mas Gôbu confuso...

— Essa é a sua casa, idiota! — ela falou sem compaixão, mas ao notar a expressão de espanto em Gôbu, eu tive pena.

— Aqui não é minha casa... — ele disse melancólico.

— Passou a ser quando você morreu em uma luta sem sentido no seu antigo mundo — falou secamente.

— Gôbu morreu? — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Gôbu não queria morrer... Gôbu quer família. — Seus olhos fitaram o chão e ele começou a chorar.

— Tarde demais para isso! Kyara, vamos! — Pegou-me pela mão sem paciência, para sairmos dali o mais rápido possível.

Ele me tomou pela outra mão.

— Gôbu não quer ficar aqui. Gôbu pode ir com vocês? — perguntou desamparado.

— NÃO!!! — ela gritou e ele se assustou e paralisou sem esperanças.

— Gôbu tem medo daqui...

— Crystal... — falei de forma doce.

— Ah, não! Não me diga que quer que ele venha conosco! — disse aborrecida.

— Eles são chatos demais!

Ele abraçou minha perna.

— Sinto-me mal por ele. Acabou de perceber que morreu e não verá mais sua família. Que mal ele pode nos fazer?

“Vai mesmo permitir que essa criatura inferior lhe siga?”, sussurrou novamente a voz em deboche.

— Está bem! — Rolou os olhos e Gôbu comemorou. — Mas não serei responsável por ele. Se ele se perder ou se ferir, vai ficar para trás!

— Gôbu vai viver! Gôbu forte!!! — Batia no peito.

Ela respirou fundo, buscando paciência.

— Esse corredor é longo e está lotado dessas pragas. — Olhou Gôbu com raiva.

— Temos de passar por eles, portanto, vamos andando.

Gôbu me escalou e se sentou nos meus ombros para que pudéssemos passar pelos Goblins. Ele não era pesado, mas foi um peso a mais que se formou em mim e eu comecei a andar com certa dificuldade.

“Bem feito! Ninguém mandou querer ajudar essa criatura irritante!”, disse a voz. Sacudi a cabeça em um leve espasmo para ignorá-la.

Foram minutos bem chatos tendo de passar por eles, Crystal chutou alguns para fora do caminho ou berrava para que nos deixassem passar. Alguns tentaram atacar Gôbu em minhas costas e eu tive de apartar os golpes com minhas adagas, enquanto Gôbu fazia careta e ria da tentativa fracassada deles em feri-lo. Não

culpava Crystal por odiá-los, porque com a exceção de Gôbu, até eu me via com vontade de eliminá-los.

Sáímos em uma sala que mais parecia um limbo. Não tinha nada, era apenas uma ilha flutuante.

— Estamos no lugar certo? — perguntei olhando ao redor.

— Sim — confirmou olhando para cima.

Do nada senti um peteleco na ponta das minhas orelhas e uma risada.

— Orelhas iguais a de Gôbu. — Deu outro peteleco. — He-he-he, orelhas de Gôbu. — Deu outro peteleco.

— Já chega — pedi gentilmente, segurando suas mãos. Ele parou.

Crystal começava a querer se aborrecer novamente com ele.

— Eu avisei que eles eram chatos... — disse amargamente.

Pedras começaram a surgir, formando degraus.

— Precisamos subir — ela disse.

Os degraus pareciam intermináveis, mas nos levaram a uma sala com três portais. Retirei Gôbu de meus ombros e o coloquei no chão. Ela apontou para o da esquerda e no primeiro passo que demos, ele puxou o seu vestido.

— Gôbu quer ir para lá. — Apontou para o portal do meio. Ela puxou a barra do vestido bruscamente.

— Você não escolhe nada! Vai para onde eu disser!

— Mas Gôbu viu um menino lá... — Apontou para um dos portais.

Agachei-me próxima a ele com urgência no olhar.

— Como era esse menino?

— Tinha olhos como os seus...

— Kyara! — Ela segurou meus ombros amigavelmente. — Precisa entender, a figura de Kai irá aparecer algumas vezes. É o que esse lugar faz para despistá-la.

“E se ela estiver mentindo?”

— Mas o que tem lá, então? — Ele insistiu.

— Se quiser saber, vai descobrir. — Encorajava-o maliciosamente.

— E lá tem o quê? — Apontou para o portal da direita.

— Cala a boca e me segue se quiser continuar conosco.

“Você é muito superior a isso. Acha mesmo que precisa da ajuda dela? E quanto a aturar essa criatura inconveniente que mal chegou e já está lhe causando problemas?”

Gôbu tremeu, depois baixou o olhar, triste. Ele era uma criatura irritante, mas sem maldade, portanto, tive pena.

— Gôbu, vamos... — Encorajei-o amigavelmente, quando, de repente, uma mulher assustada saiu pelo portal da direita.

Ela era ruiva de cabelos ondulados trajava-se com um vestido verde de mangas longas, manchado com sangue e líquidos negros das criaturas que devia ter enfrentado. Eu a reconheci no exato momento que a vi.

“Vai poupar a vida dessa aí também?” a voz zombou de mim. *“Preciso te lembrar quem ela é?”*

— Você!!! — Crystal apontou o dedo, acusando-a odiosamente. — Foi ela quem trouxe seu filho!

Minha cabeça se moveu em espasmos laterais.

“Finalmente vai tomar uma atitude!”, vibrou a voz com fervor.

Eu estava prestes a emanar minhas energias enquanto o ódio me consumia. Eu bufava e rosnava feito um animal e meu rosnar ecoou pela sala, fazendo o chão tremer. Em pânico, ela criou uma bolha ao seu redor.

Gôbu correu para trás de Crystal. Ela estava tão assustada com meu rosnado que nem se incomodou com ele se enroscando em seu vestido novamente.

Eu ia acabar com ela e a faria sofrer cada segundo. Atravessei seu escudo sem a menor dificuldade, como se nada houvesse ali. Instantaneamente o portal falhou e, vendo o que eu era capaz de fazer, apavorada, ela deu um passo atrás com as mãos em rendição.

— *Sanäel!!!* — ela falou ofegante, como se fosse seu último recurso para me impedir.

Aquilo me travou, mas não cessou minha ira.

— O que foi que você disse? — perguntei, desafiando-a a repetir.

— Sua palavra secreta, não é mesmo? — Ela ainda me olhava com os olhos arregalados em pavor. — Kai me contou sobre o significado e repetiu essas palavras para me acalmar!

Eu suavizei meu olhar ao lembrar-me de meu filho e ela então, aos poucos, foi relaxando.

— Antes de sermos pegos pelo par de asas negras, quando os portões se fecharam, começamos a gritar. Tentei abrir um buraco com minha magia, que serviria como uma saída. Kai me ajudou, mas não fomos fortes o suficiente. Kai estava aos prantos e eu precisei ser forte por ele. Abracei-o, me desculpei e expliquei que jamais teria permitido se eu desconfiasse dos reais planos de Christine. E foi quando ele me falou essa frase. — Seus olhos enchiam de lágrimas e eu sentia o seu arrependimento. No entanto, ainda queria matá-la. — Meu nome é Sórum! Não sou quem você pensa!

— Era você quem estava com Christine e Lana quando raptaram meu filho e roubaram a pedra!

— Eu as ajudei a roubar a pedra, mas jamais traria uma criança para esse lugar! Sequer sabia que ela existia! Christine mentiu para mim também! Precisa acreditar

em mim!

— Você concordou em raptar uma criança! — gritou Crystal em acusação.

— Ela me prometeu que Kai estaria seguro! Disse que ele ficaria conosco e não sofreria nenhum arranhão. — Seus olhos se mantinham arregalados em um misto de pavor e urgência para se explicar. — Quando Kai me repetiu suas palavras, eu as repetia alto com ele, pois minha prioridade era acalmá-lo e depois prometi que o protegeria.

A vontade de acabar com ela ainda corria em minhas veias, mas senti que falava a verdade. Suavizei meu olhar, mesmo que a contragosto, e Sórum me encarou tensa por uns segundos. Consenti e ela então soltou o ar e baixou os ombros em alívio.

Pelos deuses, como você é fraca!!!

— Christine queria te tirar de Shadowfalls e, para isso, precisava pegar um de seus filhos! Kai era o único que saía de seu território.

“Lá vai você se derreter novamente com outra história triste...”, falou sem paciência.

— Por que concordou com isso? — perguntei amargamente.

— Porque eu não sabia de seus reais planos! Quando chegamos aos portões, percebi que desconhecia o local, assim como percebi que algo estava errado. Ela nos empurrou para dentro. Acredite, se eu soubesse que ela o traria para cá, jamais teria concordado!

— E o que teriam feito com meu filho? — franzi a testa irritada.

— O acordo foi que o devolveríamos após a guerra, uma vez que ele não nos seria útil. Eu não machuco, tampouco mato crianças! Estou até agora tentando encontrá-lo! — Ela olhava para os lados em desespero.

— Se eu desconfiar por um momento de sua traição, não irei poupar sua vida! — adverti.

“Não deveria poupar nem agora, mas sendo a tola que você é...”

— Tenho conhecimento de que meus poderes não se comparam aos seus. Antes, jamais a enfrentaria sozinha e agora não me vejo lutando contra você, nem que um exército inteiro me ajudasse. — Garantiu, levando a mão ao peito em um gesto de lealdade.

Consenti novamente, apreciando o gesto.

— Aonde vocês estão indo? — perguntou um pouco mais calma.

— Buscar Kai — respondeu Crystal impaciente, puxando o vestido e fazendo Gôbu rodopiar. — O menino que você deixou escapar — falou amargamente.

— Precisei lutar contra aquelas criaturas bizarras para nos proteger, mas quando acabei com eles, o menino já havia sumido — respondeu.

— Claro! Alguém tinha de resgatá-lo, uma vez que ele foi covardemente raptado. — Crystal cerrou o olhar.

— Então por que não me ajudou? — perguntou amargamente.

— Por que eu deveria? Não me importa que você foi enganada, jamais irei perdoar uma mulher que tira uma criança da própria mãe! — Ela esbravejou com os olhos cheios de lágrimas.

— Quantas vezes preciso dizer que sinto muito para você entender?

“Que maravilha, Kyara! Agora são três chatos para você aturar!”

— Está, bem, parem! — pedi. — Não temos tempo para isso.

— Vamos Andando, Kyara. — Crystal me conduzia para o portal enquanto Gôbu nos seguia saltitando. — Já perdemos tempo demais.

— Eu vou com vocês! Quero ter certeza de que o menino está bem e ainda há criaturas que devemos enfrentar. Você pelo visto não sabe lutar, não é? — Sórum olhou para Crystal com olhar de tédio e ela desviou o olhar com raiva. — Foi o que pensei. — Consentiu para mim e veio a nossa direção.

Aceitei sua companhia, não pelas lutas, mas porque eu sentia que ela precisava disso para se redimir do que fez.

— Você boazinha? — perguntou Gôbu puxando gentilmente seu vestido para lhe chamar atenção.

Sórum o olhou por um momento. Seu olhar era sério e Gôbu ficou na expectativa de uma resposta positiva.



Capítulo 14

Entramos em uma linda floresta, um local que não condizia com nada do que tínhamos visto desde que chegamos ali. Sórum e Gôbu estavam maravilhados, mas após darmos três passos, o breu engoliu a paisagem. Não havia nada, nem uma criatura sequer, nada que nos pudesse causar ilusões. Era apenas um breu, criado propositalmente para aqueles que tinham pânico de ficar sozinhos, engolidos pela escuridão. Eu não ouvia os gritos, mas sentia a energia angustiante do local, daqueles que se perderam no breu para sempre e tentavam alcançar a luz. A sala parecia não ter fim, mas Crystal sabia exatamente aonde ir. Nós a seguíamos em silêncio.

— Mãe! — escutei Kai me chamar.

Ele estava aos prantos e o desespero era nítido em sua voz. Sórum imediatamente olhou para os lados e eu fechei os olhos, inspirando. Eu sabia que não era ele.

— É um truque — Crystal falou amargamente, olhando para Sórum.

— Como você sabe? — Sórum a desafiou.

— Porque eu estou aqui há mais tempo e conheço os truques. E o mais importante, graças a *mim*, ele está em um local seguro! — Cerrou seus olhos para Sórum, novamente em acusação. — Fiquem próximas o máximo possível, pois a escuridão pode engoli-los se ficarmos distantes.

— Gôbu tem medo do escuro! — Aproximou-se de Crystal, que o fulminou com o olhar e ele rapidamente recuou uns passos para trás.

Ele segurou minha mão em seguida, encostando seu rosto no meu punho.

“*Você sabe que poderia facilmente esmagar a cabeça dele?*”, a voz insistia.

“*Até quando vai dar ouvido a ela? E se dessa vez for realmente seu filho?*”

— Então você é a Kyara que Christine tanto falou... — Sórum suspirou.

— Ela me teme? Seria bom se me temesse — falei amargamente.

— Claro que sim! Mas Christine é muito determinada e não deixa se abater pelos seus medos.

— Por que ela temer você? — perguntou Gôbu sem entender. — Kyara boazinha.

Sórum o encarou por um momento.

— Acredite, ela tem seus motivos.

Ele me olhava atentamente, aguardando a resposta.

— Assim como ela, também tenho meus poderes, mas ela é humana; e eu, uma semideusa.

“Blá-Blá-blá...”

— Precisamos aguardar um momento. Há um portal que se abre aqui, mas ele demora um tempo.

Sentamo-nos próximos de onde o portal surgiria.

— Fique atentos, ele só abre por uns segundos — alertou-nos.

— Você filha de Deus??? — Gôbu se sentou ao meu lado, apoiando as mãos no queixo, ansioso com a história. — Então você sabe voar? — perguntou extasiado com os olhos arregalados.

Crystal rolou os olhos.

— Não, Gôbu, não sei voar — respondi rindo.

— Então você pode ficar invisível? Ou pode mexer objetos com a mente? Pode ler meus pensamentos? Você escala paredes? — Ele ia continuar quando balancei a cabeça em um gesto negativo, porém ainda rindo da sua curiosidade inocente.

Então iluminei minhas mãos e seus olhos brilharam.

— Olha! Sua mão vira tocha!! — exclamou maravilhado.

Sórum deixou escapar um riso.

— Ainda falta muito para encontrá-lo? — Sórum perguntou à Crystal, que a ignorou.

— Não pareceu se preocupar com a criança quando o raptou — respondeu amargamente.

— Só estou tensa por querer encontrá-lo — explicou-se.

— Você não é a mãe dele! — falou odiosa. — Se ao menos fosse Kyara a me perguntar... — Ainda falta um longo caminho, mas te garanto que ele está bem — assegurou-me gentilmente, depois fez uma careta para Sórum e virou a cara.

— Qual o problema dela, afinal? — Sórum me perguntou impaciente.

— Ela teve uma filha assassinada. — Suspirei. — Veio parar aqui porque matou o assassino.

Gôbu voltou seu olhar para nós, de forma a prestar atenção na conversa.

— Coitada... — falou Sórum com compaixão.

Gôbu a olhou com pena e Sórum levou a mão ao peito, engolindo em seco.

— Deixe-a ter o tempo dela. — Aconselhei. — Não é de me admirar que ela seja sensível quando se trata de assuntos que envolvem crianças. Mas, e quanto a você? Qual a sua história — perguntei curiosa.

— Assim como as outras, fui treinada por Christine desde cedo, mas sempre me achei diferente. Não gostava de guerras, lutas, ou desavenças... Christine já havia me chamado atenção inúmeras vezes e me achava fraca. Não participei da última guerra porque ela achava que eu não estava pronta e, se quer saber, acho que nem agora eu estou. Talvez por isso, ela tenha me enganado e me trazido para cá. Como eu não faria parte do seu exército, acredito que ela temia que eu a traísse um dia.

— Lamento muito.

Gôbu também parecia triste. Ele ouviu a tudo e fitava os pés, sentado no chão.

— E qual é a sua? — Sórum perguntou.

— Nasci em uma aldeia chamada Ardhem e fui criada como escrava, porque eu era filha de um elfo, espécie rival à nossa. Minha mãe morreu ao me dar à luz. Foram anos de maus tratos, mas isso é passado... Preocupo-me mais com meu filho, que deve estar assustado.

— Ele é filho único?

— Tem uma irmã gêmea.

Sórum sorriu, suspirando de leve.

— Sempre quis ter filhos... — fitou o chão, triste.

— Que bom que não teve — disparou Crystal em ofensa. — Ou talvez devesse ter tido. Talvez seu instinto materno não teria lhe permitido raptar uma criança. — Cerrou o olhar.

Sórum inspirou profundamente e se conteve para não responder. Até eu já estava ficando cansada das insistentes ofensas de Crystal.

— Há crianças por aqui? — ela perguntou e Crystal a olhou incrédula.

— Mas que tipo de pergunta idiota é essa?

— Pergunta idiota de quem não viu sequer uma alma de criança neste lugar.

— E você queria ver? — perguntou abruptamente.

— Não queria nem estar aqui! Sequer tive conhecimento deste local. E falando em conhecimento, você deveria saber que a maldade habita em qualquer criatura, independentemente da idade — respondeu impaciente.

Crystal revirou o olhar e riu debochadamente.

— Conhecimento é algo que, pelo visto, lhe é escasso. Crianças são seres bons!

— Sórum tem razão — intrometi-me. — Já conheci crianças terríveis. Elas eram numerosas em Ardhem.

Ela mudou o seu semblante impaciente para compreensivo quando me dirigi a ela.

— Quando tudo é manipulado pelos deuses, as trevas encarnam nas mais inocentes almas, pelas missões que estão encarregadas em seu mundo. Se uma criança sem bondade morre, ela vem para o labirinto como adulto, porque são assim as suas verdadeiras almas. Por isso não se vê crianças por aqui. Não faz ideia do susto que eu tomei quando vi Kai... — Fulminou Sórum com olhar.

Sórum engoliu em seco. Seu olhar era um misto de espanto com alívio, porque ver uma criança em um local como aquele seria ainda mais perturbador do que tudo o que já havíamos presenciado.

— Eu não sabia disso...

— E do que você sabe realmente, se foi capaz de se deixar enganar pela sua líder? — Zombou. — Então não desconfiou que um dia ela pudesse armar contra você?

Ela abaixou a cabeça sem responder.

— Quando eu era viva, nunca ninguém conseguiu me enganar! — Gabou-se, depois olhou para Sórum com desdém. — Talvez tenha sido mesmo fácil enganar alguém como você. Talvez você seja mesmo uma burra!

Gôbu tomou um susto e virou-se para Sórum com o olhar espantado. Sórum a olhou abruptamente.

— Talvez eu tenha sido boa demais, a ponto disso sequer me passar pela cabeça! — disparou.

— Ser boa e ser burra são coisas completamente diferentes! — Crystal a acusou e Sórum cerrou os punhos com uma energia roxa em ameaça.

Tive de me meter entre as duas e pedir que se acalmassem. Acabei por ameaçar ambas, caso as discussões distraíssem Crystal de seu foco. Estávamos ali por Kai.

Uma vez que ambas se aquietaram, sentamo-nos novamente e aguardamos em silêncio.

— Gôbu fica triste... — fitou-nos com os olhos marejados.

Havia mais do que instinto de guerra naquela criatura. Havia sentimentos que desconhecíamos.

Eu sorri e apertei sua mão.

— E quanto a você, Gôbu? Tem família? — perguntei serena.

Ele sacudiu a cabeça e derramou lágrimas em silêncio.

— Gôbu tem irmãos, mas irmãos de Gôbu estão longe...

Sórum pela primeira vez o tocou em um gesto carinhoso, o que o fez ficar surpreso por um momento, mas depois se arrastou até ela e deitou a cabeça em seu ombro.

— Gôbu quer ver a tocha de novo!

Nós demos risadas e eu iluminei novamente. Crystal virou o rosto, achando tudo uma perda de tempo.

“Está regredindo, Kyara? Desde quando emana seus poderes para fazer rir uma criatura idiota? Você é fraca! Somente os fracos agem assim. Péssima mãe! Péssima mãe! Péssima mãe!”, disse a voz.

Sacudi a cabeça em espasmos novamente. Eu não queria dar ouvidos a ela, mas ela começava a fazer efeito sobre mim. Eu começava a entender e a concordar. Não precisava deles! Minhas mãos deram os primeiros indícios de brilho e uma vontade inexplicável de matá-los surgiu.

— Gôbu pode ficar perto de você?

— Sim, Gôbu. Você pode. — Ela sorriu e, vendo a felicidade estampada no rosto daquela criatura, advertiu, tentando em vão ser fria. — Mas não significa que eu goste de você...

Ele deu de ombros e continuou apoiando sua cabeça no ombro dela. Sem que ele notasse e sem perceber que eu disfarçava o olhar para baixo, ela prendeu um sorriso.

Suspirei e minhas mãos cessaram o brilho. O que eu estava prestes a fazer? Eu ia mesmo matá-los?

— Crystal... — chamei-a de forma a incluí-la na conversa. Ela voltou seu olhar para mim. — Como conseguiu conhecer o labirinto sem se perder?

— Eu já me perdi aqui, inúmeras vezes, até que consegui gravar os caminhos. Percorri milhões de vezes cada ponto desse lugar e comecei a gravar os portais e onde cada um levava. Não foi fácil, quase me perdi de vez, passei por inúmeros perigos, mas sempre mantive em minha mente a visão da minha filha e ela me deu forças para continuar. Não gosto daqui e só venho quando tenho de ajudar algum inocente. Eu geralmente fico perto da entrada, onde nos encontramos.

— Então você sempre volta para lá depois de guiar as almas para um local seguro?

Ela fez que sim com a cabeça. Gôbu a olhou desconfiado.

— Local seguro? Mas você disse que labirinto é ruim... — Ele tocava o queixo pensativo, franzindo o olhar para cima.

— Como ousa tentar me contestar, depois de tê-lo deixado vir com a gente e depois de tudo que venho fazendo por vocês? — Ela se enfureceu.

“Mate-os, Kyara! E me prove que estou errada a seu respeito. Quem sabe não é acabando com eles que você encontrará a saída? Talvez ainda haja tempo para resgatar Kai e voltar para a sua filha.. A sua pobre filha que você abandonou...”

Gritei por dentro como um animal feroz para que a voz se calasse, iluminando minhas mãos novamente.

— Ele tem um ponto! — Sórum o deu razão, questionando-a sobre a veracidade de suas palavras e minhas mãos imediatamente cessaram o brilho.

— Há um local específico para almas não tão ruins, é como se fosse um enorme salão e, mesmo sendo quente, não há perigos lá dentro. Sem sensações de sufocamento, sem palpitações, ilusões, nada! Elas se apoiam umas nas outras para driblar as saudades de suas famílias, mas é claro que nem todas as almas que merecem estar lá, conseguem chegar.

— Então por que você não fica com elas? — Sórum a questionou amargamente e Crystal bufou.

— Se não fosse por Kyara, eu os abandonaria aqui agora mesmo! Tudo o que eu queria era poder ficar com eles e nunca mais colocar os pés no labirinto, mas se eu o fizer, quem ajudaria os inocentes que chegam aqui? Sou a única que se importa!

Sórum e Gôbu se sentiram constrangidos e eu agradei humildemente por toda sua ajuda. A voz queria me perturbar e me forçar a fazer coisas que eu não queria. Eu precisava me controlar!

— Gôbu sente muito... — Tentou tocar Crystal em um gesto afetuoso.

— Não me toque, criatura! — Ela o ameaçou.

Ele se recolheu desamparado e foi para os braços de Sórum novamente.

— Por que você o trata tão mal? — perguntei.

— Porque os goblins são a pior espécie que existe! Só querem sangue e guerra!

Gôbu fitou o chão e as lágrimas começaram a surgir.

— É fácil só dar valor quando perde quem vocês amam, não é mesmo? — Perguntou amargamente. — Por isso que desprezo todos da sua espécie!

— Não confio em você. — Sórum cerrou o olhar. — Não se preocupe, Gôbu, estamos juntos, não importa o que aconteça. — prometeu-lhe amigavelmente.

— Por acha que eu minto?

— Não sei. Há algo em você que não me parece genuíno.

— Então sigam sozinhos por aí e boa sorte com esse lugar.

— Ninguém vai a lugar nenhum! — gritei. — Estamos juntos, e quando buscar meu filho, vocês ficarão no local seguro.

“E se ela estiver mentindo? E se Kai estiver perdido?”

O portal se abriu, nos levando a um labirinto estreito que, para não nos perdermos, tivemos de andar de mãos dadas. Algumas paredes viravam portais e, de dentro delas, ouvíamos gritos de socorro de entes queridos que já se foram. Gôbu se desesperou quando a imagem de um de seus irmãos surgiu em um dos portais.

— Gôbu, ajuda!!! Irmão precisa de você! — ele gritou estendendo a mão para fora do portal. A mesma que se transformou em uma mão cinza e ressecada, diferente da imagem que víamos.

E só assim Gôbu percebeu se tratar de uma ilusão. Sórum acertou-lhe com magia antes mesmo da mão alcançá-lo. A criatura deu um grito e a imagem do irmão de

Gôbu no portal se transformou na criatura horrenda que tentaria pegá-lo. Ela iluminou as mãos novamente e a criatura sumiu, gritando estridentemente.

Gôbu encolhia o rosto contra o colo de Sórum. Os sons abafados de seu choro e os leves espasmos dos soluços mexeram conosco. Pelo tamanho, ele parecia uma criança assustada e a situação foi tão desconfortante que até Crystal permaneceu calada diante dela.

— Não preciso alertá-los, não é mesmo? — Ela falou ainda nos guiando por entre as paredes entrecruzadas que hora pareciam se fechar e hora pareciam se abrir. — Os portais lhes causarão ilusões. Não deem ouvidos, não deixem que te peguem.

Mais à frente, havia um portal enorme e ele surgia dentro de construções feitas por ossos humanos, moldados de forma a se entrelaçarem. Havia crânios de diferentes criaturas no topo e os olhos dos esqueletos brilharam uma luz vermelha, enquanto de sua boca, uma fumaça verde saía.

— Cubram os narizes! Se inspirarem essa fumaça, vão se intoxicar! — Ela dizia enquanto corríamos apressadamente para o portal. Saímos do outro lado ofegantes e tossindo. Uma sensação de exaustão repentina nos tomou, mas Crystal não queria nos deixar descansar, alegando que seria pior se parássemos.

Juntamos forças, à medida que dávamos passos a sensação estranhamente ia embora.

Se não fosse pelas inúmeras entradas e degraus, poderíamos jurar estar caminhando dentro de uma criatura em decomposição. As paredes eram de carne viva, com ossos de costelas gigantes que apareciam entre falhas na parede. O chão era rochoso e desigual, e nele, muitas poças densas dos sangue que escorriam das paredes se formavam, em um tapete. O cheiro de ferro era insuportável, assim como o zumbido das moscas que pareciam querer entrar pelos nossos ouvidos, narinas ou boca.

Sórum teve de fazer um escudo em forma de bolha para nos proteger, mas, inevitavelmente, muitas delas ficaram dentro da nossa barreira. Gôbu e Crystal as abanavam insistentemente, até que eu e Sórum conseguíssemos matá-las com magia. A quantidade de moscas era tão grande, que elas tomaram o exterior do escudo, tapando de vez a nossa visão. Sórum poderia emanar uma energia para eletrocutá-las, mas ela ficaria fraca. Eu então toquei o escudo com minhas mãos e minhas energias se encarregaram. Elas caíram em um segundo e o cheiro de queimado foi tão forte que ultrapassou o escudo.

O surpreendente foi que, quando as moscas caíram e retomamos a visão, avistamos um cenário diferente, com várias almas perdidas. Elas não pareciam ser ameaças, pelo contrário, estavam assustadas. Eles eram esqueléticos, como estes

que vemos morrer de fome. Uma sensação que não se sentia ali, mas para aquelas em específico, parecia se fazer presente.

Os corredores exalavam uma fumaça verde tóxica, a mesma do portal pela qual entramos e, por isso, Sórum precisou manter o escudo. As almas inevitavelmente inalavam aquela fumaça e tossiam a ponto de vomitar vermes, sangue e uma gosma amarelada. Gôbu levou a mão à boca para conter a ânsia de vômito e Crystal o olhou de forma a ameaçá-lo a se controlar.

Passávamos por entre as almas, completamente perturbados com o que víamos, porque sabíamos que estavam em sofrimento. Crystal se mantinha fria quanto a elas e eu poderia entender, pois estava ali tempo o suficiente para saber que não estavam em sofrimento à toa. No entanto, era difícil ignorar. Principalmente em relação às mulheres que pareciam tão frágeis, ansiando por um fim de suas agonias.

Então, o inevitável aconteceu. Fomos notados por elas, mas não somente por nossa presença, e sim por nossa aparência. Ao perceber que não éramos dali, vieram a nós pedindo auxílio.

— Por favor, abram espaço para que eles passem! — Um homem gritou, pedindo que as almas não nos cercassem. — Só assim para eles nos ouvirem!

A multidão então se acalmou, mas a súplica em seus olhares era gritante.

— Precisam nos ajudar! — ele implorou.

— Isso foi o que suas vítimas gritaram, minutos antes de serem mortas — Crystal rebateu com escárnio.

— Só queremos uma chance de sair daqui — falou tossindo sangue.

— E quanto àqueles inocentes que mataram? Vocês lhe deram alguma? — ela perguntou amargamente, nos fazendo um gesto para que deixássemos essa parte com ela.

Quando o homem tentou aproximação, foi pego por uma criatura demoníaca e em carne viva que surgiu da parede. Aterrorizadas, as almas correram em direções opostas e também foram pegadas, enquanto outras foram tragadas pelo chão, pelas mãos dessas mesmas criaturas.

Sórum e Gôbu ficaram petrificados e o escudo automaticamente foi desfeito. Com o sumiço das almas, as fumaças tóxicas também cessaram.

— Não fiquem aí olhando e se lamentando — Crystal os repreendeu. — Se soubessem que muitos que eles mataram envenenados foram crianças, vocês mesmo iam querer ter acabado com cada uma dessas almas.

— O que aconteceu com eles? — perguntei.

— Depois de serem severamente torturados, eles voltam.



Capítulo 15

A caminhada era mentalmente exaustiva, pelas inúmeras vezes que tivemos de driblar os portais que surgiam entre as paredes, trazendo ilusões avassaladoras. Nossas cabeças doíam com tudo o que víamos e ouvíamos, se tornando cada vez mais difícil manter o foco no caminho. Viramos inúmeras vezes para a esquerda ou direita e sempre de mãos dadas para não nos perdermos. Crystal mantinha o tom suave em sua voz para ajudar a nos guiar e, finalmente, quando nossas pernas doíam e a cabeça estava a ponto de explodir, Crystal apontou um portal com o queixo.

Entramos em um lugar que parecia um enorme pântano. Andávamos com certa dificuldade em uma água viscosa e fétida que batia acima dos nossos joelhos. Havia névoas no chão e um enorme tapete de limo, de onde brotavam árvores sinistras de galhos secos e sem folhas. Uma névoa intensa cobria as águas e, deles, espectros gritantes em agonia nos rondavam. Sórum levava Gôbu e ele escondia o rosto em suas costas, tremendo pelos gritos dos espectros.

Ela caiu de joelhos e eu parei para ajudá-la.

— Não consigo respirar!!! — Ela puxava o ar com dificuldade.

Pedi que Gôbu pulasse para as minhas costas e a ergui, dando-lhe forças. Passei a carregar a criatura invisível, Gôbu e Sórum, sem mencionar a exaustão que tomava meu corpo e fazia quase impossível manter-me de pé.

— O que é esse lugar, afinal? — perguntei olhando em volta.

— Aqui é para onde vem as almas que mataram inocentes afogados.

A névoa se dissipou das águas e milhões de almas tentavam sair, em busca de ar, mas era como se elas estivessem presas abaixo d'água, sem conseguir emergir.

Crystal me puxava para me ajudar e precisávamos puxar nossos pés, puxados pelas almas que nos agarravam em desespero, pedindo ajuda. Sórum quase caiu novamente.

— Se ela for pega pelas almas, ficará presa para sempre! — falou sem se importar muito caso isso acontecesse.

“Empurre-a logo, então! Vai se livrar de um peso!”, a voz me fez parar.

Eu olhei para Sórum e pela primeira vez percebi o quanto ela poderia me atrapalhar. Eu não poderia deixar que nada ficasse no meu caminho para buscar meu filho. Ela estava realmente me atrasando. E se eu fosse pega por culpa dela?

Olhei para Sórum prestes a seguir os conselhos da voz. Ela estava pesada demais.

“Ou você se livra dela, ou vai acabar caindo junto! Se você cair, Kai se perderá para sempre!”

Sórum começou a ficar pálida, como se a respiração fosse cessando aos poucos. Gôbu começou a se desesperar e balançava as pernas nas minhas costas, apertando minhas costelas.

Apressei Crystal para que saíssemos de lá o mais rápido possível.

— O caminho é longo, Kyara! — advertiu. — O pântano sempre pega uma pessoa por vez. Quando ela perder o ar, vai ser puxada para baixo, depois será você... E depois eu!

— Não podemos deixar que a levem! — insisti.

“Ande logo, empurre-a!!! Não vê que ela está lhe atrasando?”, a voz gritava impaciente.

Sórum começava a ficar pálida. Seus olhos me fitavam em súplica e, sozinha, ela tentava andar por conta própria. A voz estava certa, ela estava nos atrasando, mas também tentava apressar-se ao máximo. Eu não poderia matá-la, não depois de tudo o que ela contou e vinha fazendo para se redimir. Então, notei Crystal fitando Gôbu em minhas costas. Ele tremeu ao perceber suas intenções.

— Só há uma maneira. — Ela cerrou os olhos para Gôbu, arrancando-o de mim. — Ele se debatia e gritava, enquanto ela o segurava pelo pescoço, quase enforcando-o.

— Somente um sacrifício poderá salvá-la. É uma troca! Ela voltará a respirar novamente e poderemos todos sair daqui.

— NÃO!!! NÃO!!! Kyara, ajuda Gôbu!!! — Ele implorava tentando soltar as mãos de Crystal.

— Solte-o! — ordenei tentando pegá-lo enquanto uma das árvores começou a se mexer e um de seus galhos, que pareciam enormes braços com dedos compridos, se aproximava para pegar Gôbu.

O tapete de limo se abriu, mostrando uma enorme boca de dentes pontudos. Os lábios de Sórum começaram a ficar roxos e Crystal o oferecia para a árvore.

— Leve-o e nos deixe sair!!! — ela gritava. Gôbu entrava em desespero.

“Se deixar que o peguem, aproveite e se livre logo dessas duas. Você consegue sozinha!”, a voz me encorajava e tremeliquei da cabeça aos pés, mas a cena que eu via não me permitia seguir seus conselhos.

Minhas mãos incandesceram e eu peguei o tridente, emanando meus poderes para que acertasse a árvore. Se eu a matasse, poderíamos ter uma chance. Também comecei a perder o ar de forma rápida e com isso perdi minhas forças. Tentei acertar-lhe o tridente e pensei que eu fosse falhar, foi quando Sórum reuniu as últimas forças que lhe restavam e mandou um raio de energia de fogo, que empurrou o tridente, acertando a árvore milímetros antes de ela tocar Gôbu.

Sórum ainda estendia a mão pelo raio que acabara de mandar e encarava Crystal com ódio.

— O próximo será em você se não me entregá-lo! — ameaçou-a.

Assustada, ela entregou-o para mim e o coitado tremia tanto que ficou em choque.

Do nada, Sórum puxou o ar com força e, aos poucos, foi voltando à respiração normal.

— O que há de errado com você? — esbravejou.

— Acabei de tentar salvar sua vida!

— Pondo Gôbu em perigo? — contestou.

— Já basta, vocês duas! — Minha voz causou em estrondo que as fez se calar.

— Por que o ofereceu para sacrifício se bastávamos ter enfrentado aquela criatura? — Sórum a questionou em tom de acusação.

Ela tinha um ponto.

— Responda! — ordenei amargamente.

Crystal fitava o chão.

— Não farei novamente. — prometeu.

— Sabe que precisamos de você, mas não poderei tolerar que tente machucá-los.

“Entenda você... não... precisa...”

Ela consentiu.

— Ótimo. — Apontei com o queixo para que ela continuasse o caminho que deveríamos percorrer.

— Não confio nela. — Sórum sussurrou.

— Não fui eu quem raptou uma criança! — Crystal rebateu, fazendo Sórum se calar.

Bufei e revirei meus olhos. Pensei que aquela voz se pronunciaria novamente, mas ela se calou.

Após longos minutos percorrendo aquele rio de almas, finalmente pisávamos em solo sólido. A sensação era estranha, como se a gravidade fosse alterada. Nossos pés tocavam o chão, mas tínhamos de nos esforçar para caminharmos sem que

nossos corpos flutuassem. O tridente de Medrene e a criatura nas minhas costas eram pesados e me ajudavam a caminhar normalmente, mas Sórum e Crystal forçavam seus corpos para conseguir se manter no chão. Por ser mais leve, Gôbu flutuava e Sórum o segurava quase acima de sua cabeça.

— Gôbu pode voar!!!! — Divertia-se, abrindo os braços.

Ela o puxou para perto e o segurou no colo, como se segurasse uma criança.

Havia crateras no chão escuro e rochoso e várias pedras de inúmeros tamanhos. Crystal pegou algumas e colocou na parte detrás de seu capuz e depois botou outras nos bolsos de seu vestido desgastado.

Ajudei-a a pegar algumas e entreguei a Sórum, que as colocou dentro de sua roupa. Elas caíam na cintura e eram presas pelo seu cinturão. Gôbu levava uma em suas mãos e ele a abraçava contra si, com medo de levitar para longe.

Então o chão tremeu e Crystal deu um grito de pavor.

— Não, não pode ser!!! Ele não vem aqui há anos!!!

Um raio de fogo brotava da superfície, desenhando um círculo ao nosso redor. O solo se desfez em mil pedaços e flutuávamos em um limbo. Chovia corpos queimados que gritavam em agonia. Giramos em volta do nosso eixo e nos unimos no centro do círculo, protegendo Gôbu.

Uma gargalhada horripilante em eco fez Gôbu tremer e agarrar minha perna.

— É Ophyus! — Entrou em pânico. — Uma das mais medonhas e impiedosas criaturas do labirinto. Poucos sobrevivem a ele!

Então ele surgiu. Uma serpente gigante de olhos e escamas vermelhas, que abria a boca para pegar os corpos cadentes. Eles tentavam fugir, mas eram mastigados e engolidos.

Seus olhos me fitaram com fúria e nesse momento o medo deu lugar ao ódio que me fez cerrar meus punhos iluminados.

— Olha só quem conseguiu chegar até aqui! — ele esbravejou com indignação por eu não ter desistido ou sucumbido ao labirinto.

— Diga ao responsável por este lugar que ele precisa se esforçar muito para que eu desista!! — Encarei-o.

Ele gargalhou ironicamente.

— Sua tolice me diverte, mortal!

Sórum estava com medo, mas minha determinação lhe deu forças. Olhamo-nos e consentimos, sabendo o que deveria ser feito.

— Você se acha invencível? — perguntei secamente.

Ele voltou a rir.

— Sua diversão acaba agora! — Enrijeci os braços para baixo, iluminando minhas mãos.

— Não, sua tola. Só está começando... — ele sibilou e um portal se abriu.

Dele, saiu um homem que vestia uma armadura de couraça negra e um elmo que deixava seu maxilar à mostra. Ele tinha partes do corpo queimadas, brasas o queimavam por dentro, e ele gritava em agonia. Havia pânico em seus olhos como nunca havia visto antes em nenhum inimigo. Então o homem foi se acalmando aos poucos, como se Ophyus tivesse enfim lhe retirado toda sua dor.

— Acabe com ela e prometo que jamais voltará a sentir essa agonia interminável que penetra e consome sua pele ao queimá-la.

O homem se curvou em agradecimento. Ele parecia aliviado, então cerrei meus olhos e fechei meus punhos em ira quando desconfieei de quem poderia ser.

Ele retirou o elmo e se virou para mim com um sorriso debochado.

— Lembra de mim, elfa? — piscou e mandou um beijo.

— LUKE! — cerrei meus olhos em fúria.

Sórum iluminou as mãos e eu estendi meu braço, pedindo que ela parasse.

— Ele é meu!

Luke urrou para o alto, abrindo os braços e duas espadas caíram do céu, fincando-se no chão à sua frente. Ele as pegou e correu em minha direção, girando-as com maestria. Por um segundo quase o temi, mas a ira que ele mais uma vez despertou em mim, veio com tanto vigor que eu poderia matar um exército inteiro.

Tentei lhe acertar uma flecha iluminada, mas ele desviou.

— Precisa mudar suas técnicas — ironizou.

— Se você insiste... — retirei o tridente de Medrene e o girei, iluminando-o.

Tentei fincá-lo em seu tórax, mas Luke apartou meu golpe, cruzando as espadas. Girei meu corpo para retirar o tridente e ele me acertou um golpe lateral de espada. Consegui me curar rapidamente, então ele me deu um chute nas costelas que me fez cair.

— O que é você, afinal? — perguntou com escárnio.

— Ainda não percebeu? — respondi em zombaria.

— Aquela que se gabava por ser tão diferente de mim, agora se encontra comigo nesse lugar. — Caçoou novamente.

Preparei-me para levantar-me o mais rápido possível, mas ele se aproximou e chutou meu queixo com força, tombando minha cabeça para trás. Girei meu corpo antes que ele pudesse montar em mim para me fincar a espada e levantei-me rapidamente.

Tentei fincar o tridente em sua barriga, mas ele desviou para o lado e tentou me acertar com sua espada. Desviei todos os seus golpes, mas o tridente pesado me fez começar a cansar. Ele, pelo contrário, estava se fortalecendo com o início da minha exaustão.

Luke acertou um golpe no meu braço quando tentei atacá-lo com o tridente novamente. O corte foi fundo e gritei de dor, mas me curei novamente em seguida.

Começamos a desferir golpes mortais, mas acabávamos bloqueando ou desvencilhando um do outro. Ele chegou a me cortar algumas vezes, mas eu sempre me curava e cada vez mais eu ficava cansada. Então, em um ímpeto de repulsa pelas coisas que ele me dizia, juntei minhas forças e tentei um último golpe com o tridente. Ele desviou, mas consegui acertar-lhe de raspão o braço, o que o fez perder as espadas. Ele girou seu corpo para que eu não o acertasse novamente e acabou se distanciando de mim.

Então, escutei o som metálico das espadas se arrastando no chão, pela magia de Sórum, que as levava até meus pés. Pisei nelas, parando-as.

Pela primeira vez, ele me temeu.

— Não! — A repreendi com veemência. — Essa luta é minha! — chutei-as de volta para Luke.

Impressionado, ele as pegou novamente e se convenceu de sua vitória. Seu sorriso já demonstrava o quanto ele me achava tola por ter devolvido suas armas.

Luke corria em minha direção, com uma espada na frente e a outra em posição de ataque para trás. Ele veio com tanta ira que eu nem conseguia mais atacar.

Depois de um bom tempo só desviando de seus golpes, tentei mais uma vez fincar-lhe o tridente, mas ele desviou e desferiu um golpe lateral na minha coxa. O corte foi profundo e caí de joelhos. Luke me chutou no peito e mais uma vez fui ao chão, caindo para trás, batendo as costas e a cabeça.

Ele rodeou meu corpo girando as espadas, rindo e debochando de mim, enquanto eu lutava com a dor do golpe e da queda. Senti-me tão fraca que não consegui me curar.

Percebendo minha impotência, ele tomou impulso para me acertar o golpe final.

— Reaja, Kyara! — Sórum gritou. Gôbu estava com as mãos na cabeça para não ver e Crystal em choque com as mãos no peito.

Enquanto ele se aproximava, me ajoelhei, usando o tridente como apoio. Quando Luke saltou com as duas espadas voltadas para mim, iluminei o tridente, o fincando em seu tórax.

Ele gritou apavorado enquanto me levantei do chão e o ergui pelo tridente urrando de fúria, feito um animal. Seu corpo estava no ar, descendo pelas pontas da minha arma que perfurava seu corpo cada vez mais. Por um breve segundo ele tentou se apoiar no tridente, evitando que seu corpo continuasse sendo perfurado, mas estava tão fraco que soltou as mãos e o corpo caiu com força.

Então, suas pernas começaram a se dizimar e ele aos poucos foi tomado por cinzas que desapareceram com o vento.

— Já acabou? — perguntei amargamente a Ophyus.

Sórum veio ao meu lado com as mãos brilhando e criou um escudo protetor para Gôbu e Crystal, que estavam em choque.

— Aquele velho ditado que os mortais adoram usar... Se quer algo bem feito, faça você mesmo!

Sua coluna bifurcou e dela surgiu outro pescoço e cabeça de serpente, porém na cor branca.

A cabeça branca tentou me acertar, mas rolei para o lado. Sórum a feriu com um raio, mas ela se ergueu novamente. Eu o acertei com uma flecha iluminada e podia ver minhas energias percorrendo dentro dele, mas as dores lhe pareciam suportáveis. Sórum acertou a cabeça vermelha que tentou pegá-la desprevenidamente, mas os raios que ela emanava não eram fortes o suficiente para detê-lo.

Atirei duas flechas contra ele e então a serpente se sacodiu em agonia, mantendo-se ocupada por um tempo. A serpente branca tentou acertar-me novamente. Dei um mortal para trás e todas as minhas flechas e o tridente caíram. Vendo-me desarmada, ela voltou em seguida, mas Sórum pegou o tridente de Medrene e, mesmo com dificuldade, ela o jogou para mim. Peguei-o no ar e bati com o tridente no chão. Dele, emaneei energias que a acertaram e a feriram gravemente. Seu enorme pescoço tombou, ele tentava se erguer sem sucesso. Escalei-o por trás enquanto Sórum mantinha a cabeça vermelha ocupada, enviando raios contra ela, que impediam de se aproximar. Girei o tridente no ar e com toda minha força e energias que percorriam meu corpo, eu o finquei em seu crânio, depois o girei, fazendo-a cair. Emaneei minhas energias que fez seu crânio desintegrar em um golpe final. Queria explodi-lo, mas tive de me controlar, a força da explosão poderia me atirar no abismo.

Indignado, Ophyus me abocanhrou. O tridente ainda estava fincado na cabeça branca, mas Sórum teve chance de chutar uma adaga para mim antes que ele me pegasse. Estava escuro, úmido e fedido, ao sentir aquela enorme língua me empurrando para o lado para me mastigar, iluminei minha adaga e a cortei ao meio. Depois urrei mais uma vez como um animal e emaneei minhas energias pelo corpo explodindo-o por dentro.

Caí no chão, junto aos restos mortais daquela criatura e, coberta por sangue e saliva, eu me ergui, mais forte do que nunca.

O escudo de Sórum foi desfeito e Crystal correu para retirar o tridente da cabeça branca e me entregar. Gôbu ainda estava paralisado.

— Para onde agora? — perguntei amargamente.

Ela engoliu em seco e, trêmula, apontou para o local.



Capítulo 16

Parecia um enorme rio de lodo, mas quando demos o primeiro passo, o chão ficou sólido e rochoso. Era um longo e fino corredor, onde só se passava um por vez. Andávamos enfileirados e Gôbu começou a ter calafrios.

— Gôbu não gosta daqui...

Ouvíamos gritos aterrorizantes que cessavam do nada, como se alguém os calassem. Quando viramos para a direita, entramos em um enorme local, cercado de vulcões, pouca iluminação e um imenso e largo rio de piche. À margem havia criaturas que vestiam armaduras metálicas com espinhos nos ombros. Na cabeça usavam um capuz da cor de vinho e seus rostos eram buracos negros. Eles seguravam uma lança com pontas de bolas espinhentas que de longe se notava o quanto eram perfeitamente afiadas. Nossa presença os fez virarem em nossa direção, mas pareciam desinteressados de nós.

— Eles vão nos machucar? — Gôbu travou seu corpo, amedrontado, prendendo o fôlego por um segundo.

— Está com medo? — Crystal perguntou amargamente com os olhos cerrados. — Não deveria temê-los, uma vez que sua espécie podre adora uma briga. — Revirou os olhos. — Covardes!

Ele abaixou a cabeça, sentido.

No rio, mãos e braços pareciam alcançar a superfície com dificuldade e alguns até conseguiram pôr o rosto para fora em uma busca desesperada por ar. Contudo, eram tragados para baixo ou forçados a afundar pelas pontas das lanças dessas almas que cercavam o rio.

— Que lugar é esse?? — Sórum perguntou visivelmente perturbada com o que via. Gôbu andava abraçando minha perna, com o rosto contra minha coxa, a fim de não ver aquela cena.

— Não se preocupem — Crystal respondeu secamente. — Eles não querem nada conosco.

— E quem são essas almas? — perguntei.

— As de armadura são encarregadas de não os deixar sair do piche.

— E por que eles estão no piche? — franzi a testa.

— Melhor que não saiba, ou você mesma se encarregará de matá-los. Se isso acontecer, enfrentaremos um exército de almas armadas. Acreditem, eles podem ser piores do que imaginam.

— Então vamos logo embora daqui! — Sórum nos apressou. — Não queremos problemas.

Era uma longa caminhada, a cada passo que dávamos mais almas conseguiam subir à superfície, porém, muitas delas eram constantemente afogadas e forçadas a permanecerem abaixo do piche pelas pontas das lanças. Mas o mais perturbador eram as gargalhadas em um eco sinistro e arrastado, de prazer por não permitirem que elas subissem por um bom tempo.

Era perturbador, meu único consolo era pensar que tudo lhes era merecido, mesmo que eu não soubesse o motivo.

Entramos em uma sala redonda, onde novamente os portais faziam rotação a cada dez segundos. Havia runas que brilhavam em fogo e por mais que a escrita fosse incompreensível para nós, notei leves diferenças. Algumas possuíam um traço ou um espaçamento maior entre eles e Crystal franzia a testa, prestando atenção.

Gôbu e Sórum olhavam como se não entendessem. Crystal educadamente pediu silêncio ao levar o dedo indicador aos lábios, assim entendemos que ela sabia qual era a diferença que levaria para a porta que deveríamos entrar. O lado ruim, era que a porta certa estava perdida entre milhares de outras e prevemos que demoraria um bom tempo até que ela encontrasse.



— Crystal, sente-se um pouco. Você está aí há horas, deve estar cansada — falei.

— Não posso. Há uma sequência de portas e, se eu a perder, ficaremos mais tempo esperando — disse sem tirar os olhos atentos da rotação.

— Como será que ela sabe tanto? — Sórum sussurrou.

Ergui meus ombros. Sua presença era necessária, então a deixei fazer o que era preciso.

Do meu lado, Gôbu fitava os pés como se revivesse tristes lembranças.

— Você está bem? — perguntei

Ele negou com a cabeça.

— Gôbu não queria estar aqui. Gôbu sente saudade da família. — As lágrimas desciam pelo seu rosto.

Sórum passou o braço pelo seu ombro e segurei sua mão em apoio.

— Se ao menos Gôbu soubesse...

— Está tudo bem. Também sinto falta da minha, mas nada podemos fazer a respeito, senão aceitar. Serei sua família aqui. — Prometeu Sórum, deitando sua cabeça na dele.

Ele deu um leve sorriso. Estava feliz em tê-la com ele, mas nada superava a falta da família. Eu podia entendê-lo.

— É esta! Vamos rápido! — gritou Crystal.

Nos levantamos em um salto e corremos antes que ela pudesse se fechar e sumir.

— Então agora você entende, não é? — Ela o provocou desnecessariamente.

— Por que não deixa ele em paz? Não vê que ele reconheceu o erro? — Sórum partiu em defesa de Gôbu, mas Crystal deu de ombros e seguiu andando.

— Se quiser vir comigo, venha. Caso contrário, se minha presença ou minhas atitudes lhe incomodam, fiquem por aí e se virem para encontrar o local seguro, sem se perderem por milhões de anos.

— Crystal! — Chamei sua atenção e ela baixou a cabeça.

— Só estou ajudando porque lhe prometi. Agora precisamos ir.

Por horas caminhávamos naquele local com cheiro de carne em putrefação e, depois de entrar em diversas passagens que nos confundiam facilmente, chegamos a uma enorme sala com um altar de sacrifício no centro.

— Sórum! — Um grupo de cinco magas de Christine surgiu.

Entre elas, as primeiras a matar minhas irmãs na muralha de gelo. Minhas mãos se iluminaram, mas Sórum me segurou.

— Kyara, não é hora para isso! — Uma delas falou e seu semblante estava longe de ser cínico.

Eu ia me acertar com elas, com cada uma delas, mas a urgência na sua voz causou um estranho sentimento em mim e parei para ouvi-las.

“Se tivessem matado sua filha, você também as perdoaria? Francamente, Kyara! O que há de errado com você?”, a voz me acusou em desgosto.

— Achamos uma saída! — A líder com cinturão dourado falou. — Sabíamos que você se juntaria a nós, Sórum, mas de forma diferente!

Sórum franziu o cenho, confusa.

— Não existe saída! — Crystal as desmentiu e então a líder se aproximou esperançosa, pegando em suas mãos.

— Existe, para almas como nós, que se arrependeram profundamente.

— Mentira! — Crystal rebateu, soltando suas mãos bruscamente da líder das magas.

— Você é a Crystal, não é? — perguntou outra maga de forma amigável.

— Como sabe meu nome? — A desafiou a falar.

— Fílmor nos contou sobre você e sua história. Como quer sair daqui se não consegue se arrepender de seus atos?

— De matar o assassino da minha filha? — Cerrou os olhos.

A maga fitou o chão, triste, e balançou a cabeça em negação.

— Sórum, ele disse que você chegaria, disse que viria para cá enganada!

— É claro que ela viria! Pelo ato que cometeu, não poderia ter outro destino! — Disparou Crystal em acusação. — Não importa que tenha sido enganada, ela merece estar aqui. Como podem acreditar que ela era digna a deixar esse lugar?

A maga então se virou para mim.

— Lembro até hoje do pavor nos rostos das sereias quando as matei. — Seus olhos encheram de água. — Acreditem, essas visões têm sido meu tormento.

— Ela diz a verdade! — Outra maga se aproximou. — Você teve as visões da guerra ao chegar, não teve?

Fiz que sim com a cabeça.

— Nós também. E desde então nos demos conta de nossos atos. Estávamos tão arrependidas, que Fílmor veio a nós e nos deu uma missão. Se a concluíssemos, poderíamos sair daqui. E vocês viriam junto.

— E onde vocês estavam esse tempo todo? — Crystal perguntou ainda insinuando que elas mentiam.

— Com Fílmor! — insistiu desesperada para que acreditássemos nela.

Sórum e eu estávamos completamente confusas. Gôbu as olhava maravilhado, como se estivesse hipnotizado por elas.

— Venha, pequena criatura. — A líder esticou a mão para Gôbu. — Fílmor nos contou que você viria. Você se arrepende por ter matado vários de sua espécie?

— Gobô muuuuito arrependido. Gôbu quer ir embora com você...

A maga sorriu maternalmente.

— Não estranhe meus atos, Kyara — ela pediu de forma amigável. — Sei que é difícil acreditar em nós depois de todo o ocorrido, mas a morte muda as pessoas. Quando temos chances de ver realmente o que fizemos, tudo muda. Felizmente há aqueles que ainda vivos conseguem perceber, mas não foi o nosso caso. — Suspirou. — Por isso, peço que acreditem em mim e que venham conosco. Seu perdão e confiança são necessários para seguirmos em frente.

— Por favor, Kyara. — A maga de cinturão dourado falou em tom de súplica. — Fílmor nos concedeu a saída e uma chance no lado bom do mundo dos mortos, mas somente se você nos perdoasse.

— Por que acha que seria tão fácil acreditar em vocês? — perguntei ainda relutante.

— O grupo está completo, Kyara... Não temos muito a explicar, apenas pedir que acreditem em nós.

— O que quer dizer com grupo completo? — Crystal zombou. — Isso não existe!

— Ele existe. — A maga respondeu com certo pesar. — E lamentamos muito você não estar dentro dele.

Sórum abruptamente lançou um olhar para Crystal, claramente acusando-a de mentir.

— Se elas dizem que existe, como você não sabia disso?

— Crystal devia saber! — Gôbu a enfrentou pela primeira vez. — Crystal está mais tempo no labirinto!

— Elas mentem! — Crystal rebateu as acusações, fitando-os nos olhos, repletos de ira. — Por que acha que as palavras delas são mais confiáveis do que as minhas?

— Porque eu não a conheço!

— Fui eu quem te trouxe aqui? — Crystal perguntou amargamente e Sórum baixou a cabeça. — Acha que se elas fossem vivas, não teriam apoiado sua líder em te enganar?

— Não precisa ficar contra ela, Sórum. — A maga disse em defesa de Crystal, que se mostrou surpresa. — Fílmor decidiu isso recentemente e só tomamos conhecimento por nos ter sido dada a missão.

— E o que seria esse grupo? — eu as interrompi. — O que nos faz pensar que fazemos parte dele?

— É um grupo formado por pessoas que vieram parar aqui por motivos diferentes, como nós, que cometemos atos terríveis, aqueles que como Sórum foram enganados e por fim, aquele único que, ao perceber seus erros, resolveu se afastar dos demais. O que temos em comum? Arrependimento. Esse sentimento é o elo que nos une, portanto, temos uma chance, mas, para isso, precisamos do seu perdão.

— Mas, e quanto a mim? — perguntei confusa.

— Kyara, você pode sair quando bem desejar. Ele lhe concedeu essa escolha. — Virou-se para Gôbu. — Seu coração sempre foi puro. Você apenas seguiu os instintos que foram impostos a você pela sua espécie.

Ele fitou o chão, tocado com as palavras e, claramente remetido a tantas lembranças, deu início a um pranto.

— Gôbu quer sair daqui!! Gôbu não suporta mais tanta dor! — implorou, indo em direção à mão da maga que ainda se estendia a ele. Sórum o segurou.

— Lembro das vezes que me enganaram quando vivas — falou com um tom repleto de mágoas.

— Nós também, Sórum. — A líder de cinturão dourado falou. — E também nos arrependemos por ter deixado Christine nos envenenar com suas palavras o tempo

todo. Se não tivéssemos dado ouvidos a ela, talvez tivéssemos sido iguais a você e não estaríamos aqui agora.

— Não é hora para isso. — A outra maga interrompeu ansiosa. — Por que não deixamos para explicar tudo quando chegarmos do outro lado, longe desse pesadelo?

Sórum deixou o ar escapar em alívio. As palavras das magas realmente mexeram com ela e pude perceber naquele momento que uma das coisas que ela mais queria quando viva, era ter amigos.

Ela então estendeu a mão, confiante das palavras das magas, que a aguardavam felizes e aliviadas pelo perdão dela. Até eu me intrometer bruscamente entre as duas e agarrar a líder pelo pescoço com minhas mãos incandescentes.

— Kyara, não! — Sórum e Gôbu gritaram para que eu parasse.

A maga começou a sufocar, enquanto eu apertava ainda mais minha mão, rangendo todos os meus dentes, consumida pelo ódio.

Ela me olhou em súplica por um segundo, mas não conseguiu prolongar mais a mentira, quando seu rosto começou a deformar e mostrar a criatura horrenda por debaixo daquela máscara.

As outras, ainda usando o disfarce, fugiram amedrontadas e a que eu estrangulava morreu pelos raios que Sórum enviou.

“Custou, mas ao menos percebeu...”, a voz zombou novamente.

Fez-se um silêncio mórbido onde os únicos sons eram nossas respirações ofegantes. Decepcionada pelas mentiras, Sórum se sentou no chão e pôs as mãos na cabeça. Era demasiadamente devastador ver que a saída que nos fora oferecida, não passou de mais uma das mentiras daquelas almas tão cruéis.

— Como percebeu que elas mentiam? — ela me perguntou, limpando as lágrimas.

— Porque em nenhum momento mencionaram o Kai.

Um choro contido nos chamou atenção. Gôbu nos olhava confuso com as mãos para cima, isentando-se de ser aquele quem chorava.

Crystal olhou com raiva para o centro do local de sacrifício e havia uma menininha que abraçava seus joelhos e escondia o rosto, amedrontada.

Ela usava uma capa roxa de bainhas douradas que eu conhecia bem, e mesmo tocada com a visão, eu já estava farta das armadilhas daquele lugar.

— Mamãe? — Síndel, ou aquele que se passava por ela, me encarou. — Eles me pegaram quando você partiu! Por que me abandonou?

As lágrimas eram inevitáveis, assim como minha raiva. No entanto, eu não teria coragem de matá-la, porque ela se disfarçava com a aparência de minha filha.

— Vamos embora! — pedi com firmeza e todos concordaram.

Crystal nos guiava para outro local, enquanto a criatura gritava por socorro, sem desistir da mentira. Aquilo apertou meu coração de tal forma, que tive de repetir as palavras secretas entre mim e Kai. Quando chegamos ao outro local, desabei em lágrimas.

“Não adianta se martirizar por não ter “ajudado a sua filha”, afinal, foi exatamente isso que você fez quando veio para cá!”

— Já chega!!! — urrei tapando meus ouvidos e todos se assustaram, me olhando completamente confusos.

— Você está bem? — Sórum perguntou e eu me desabei a chorar.

Senti a mão de Gôbu tocar meu ombro, quando me ajoelhei desabando em prantos. Eles sentiam que eu precisava daquilo e sabiam o quanto a última visão havia mexido comigo.

Compreensivos, eles se aproximaram em silêncio. Crystal me tomou em seus braços.

— Como mãe, sei o quanto aquilo foi perturbador — ela dizia compreensiva.

— Kyara assustou Gôbu quando gritou.

— Desculpe — pedi, retomando meu fôlego. — Ando escutando uma voz, que me recrimina constantemente. Acreditei poder ignorá-la, mas não consigo.

— Sabe algo sobre isso? — Sórum questionou Crystal, que aparentou igualmente surpresa.

— Nunca ninguém me relatou algo do tipo — ela disse pensativa. — O que ela lhe diz?

— Desde que entrei, ela me diz que não preciso de vocês e que foi o maior erro ter entrado aqui para salvar meu filho. Ela me acusa de ter abandonado minha filha por uma causa perdida e que eu deveria ter ficado com meu povo. Às vezes dou razão a ela, mas, ao mesmo tempo, como posso achar errado ter escolhido enfrentar todo esse terror para salvar meu filho?

— É preciso muita coragem para fazer o que fez — disse Crystal me encorajando.

— Até poderia dizer que amor de mãe nos dá coragem para enfrentar o impossível, mas, infelizmente, conheci mães que não amavam seus filhos. Então, acho que não basta ser mãe. Basta apenas ser como você, Kyara... — Sórum falou e Crystal a olhou de forma amigável pela primeira vez.

— Olha só... — Ela ironizou de leve. — Não pensei que algum dia pudesse concordar com você.

— Obrigada. — Ela sorriu e Crystal consentiu.

— Desculpe por ter sido tão rude com você. Foi clara ao admitir que se arrependia, mas acho que esse lugar me tornou uma pessoa amarga, pelos anos que aqui estou.

— Não estou aqui há tanto tempo quanto você, mas posso compreendê-la perfeitamente. De minha parte, também peço desculpas por tê-la acusado de mentir. Depois de tudo o que tem feito por nós, tenho certeza que suas ações são verdadeiras.

As duas se renderam, finalmente deixando a rivalidade de lado. Então, o sorriso de Crystal cessou e seu semblante modificou completamente.

— Mas não devia! — Ela fixou o olhar em Sórum, que a olhou surpresa. Crystal estava cansada e irritada.

Tomei um susto e encarei as duas.

— O que está dizendo? — Sórum engoliu seco.

Crystal cerrou o olhar para ela e ameaçou dizer algo, mas Sórum a olhava em desespero, de forma a pedir que ela se calasse.

— Agora não... — ela pedia quase em um sussurro.

— Agora, sim! Já estou farta de tanto mentir! E você deveria estar também!

Então as olhei completamente perplexa.

— Finalmente essa baboseira vai acabar! — Intrometeu-se Gôbu na conversa. — Gôbu tem medo disso, Gôbu quer isso, Gôbu sente muito... ARGH! — Ele chutou uma pedra em seu caminho para longe. — Cansei de falar igual a um imbecil!

— Imbecil, foram suas atitudes! Quase arruinaram o plano! — Sórum disparou.

— Já deveríamos ter recebido o sinal há muito tempo! Não aguento mais mentir e ter de criar todas essas ilusões! Estou fraca e exausta! Já não sei mais o que fazer!

Simplesmente não consegui acreditar no que escutava. Estava tão incrédula que sequer conseguia tomar uma atitude.

— E o que nós temos a ver com isso? — Gritou Gôbu com raiva. — Foi você quem se gabou por dizer que conseguiria enganá-la com uma falsa realidade e que não teríamos pressa até que mandassem o sinal.

— Ao menos ela não quis mentir sobre não gostar de você! — Sórum disparou com um olhar de ódio e Gôbu rangeu os dentes, retirando uma adaga de seu cinturão. Ela iluminou as mãos e os dois iriam começar a lutar quando Crystal os impediu.

— Parem!!! Agora só nos resta esperar! — ela ordenou.

Sórum deixou as mãos caírem com força e bufou, virando-se de costas para Gôbu, que apontava a adaga para ela.

— Não teria pena nenhuma de matar você! — ele disse nervoso.

— Seria possível que, ao menos, mudasse a realidade para um local mais bonito? — Sórum pediu com ironia.

Crystal só suavizou o olhar quando me viu e percebeu o quanto eu estava em choque com tudo o que ouvia.

Ela fez um gesto de mãos e criou uma linda floresta com um rio cristalino próximo a nós.

— Desculpe por tudo isso, Kyara. Nós realmente não queríamos, mas fomos pagos para fazer isso.

— Pagos por quem? De uma vez por todas, o que está acontecendo? — perguntei completamente angustiada.

— A realidade que está prestes a enfrentar não chega a ser como essa, mas não é fácil. Nos disseram que se você enfrentasse um pesadelo em um mundo fictício, seria mais fácil aceitar o que está prestes a vir — Crystal se explicava, tentando ao máximo me acalmar.

— Sua história cruzou os diversos ventos e mares, chegando nas mais diferentes e distantes aldeias — Sórum continuou. — Desde o seu desaparecimento, iniciou-se uma incansável busca pelo seu paradeiro, e se tratando de Christine, você poderia estar em qualquer lugar de Valdállen. Aidan fez de tudo para que você fosse conhecida através de todos os mares, as sereias o ajudaram, fadas voaram quilômetros de distâncias e até as dríades se afastaram ao máximo que puderam de seus carvalhos para passar a notícia adiante entre outras de suas espécies.

— Não se engane em acreditar que o fim das buscas viria por aqueles que desejavam seu bem — Gôbu falou em tom áspero, enquanto lavava o rosto e as axilas na água do rio. — Alguns, como eu, já não viam a hora de te encontrar, porque eram como espinho no meu traseiro, ver inúmeras vezes criaturas se passando por você e sendo entregues por um grupo que claramente queria a recompensa.

Crystal tocou a testa, franzindo o cenho.

— O sinal! Eu o recebi.

— Finalmente! — Gôbu falou com olhar de tédio.



Capítulo 17

Nem tive tempo de sanar qualquer dúvida, primeiramente porque ainda tentava assimilar o que me diziam e, segundo, porque um portal começou a surgir e eu conhecia muito bem de onde vinha aquela magia. Aidan! Eu chorava aliviada e mal podia esperar para abraçar minha família. No entanto, não era Aidan quem me aguardava fora do portal.

Lana, com as mãos no rosto e lágrimas nos olhos, correu em minha direção para me abraçar e, em um ato automático a empurrei com toda força, fazendo-a cair de costas no chão. Assustada, ela engatinhava para trás, mas também havia decepção em seu olhar.

Owen veio em seguida, agachou próximo a irmã e a tomou nos braços, ajudando-a se levantar.

— Não se preocupe — ele disse a ela carinhosamente. — Sabíamos que isso iria acontecer.

Lana começou a chorar e eu olhei para os lados, completamente incrédula do que via e ouvia. Toda Shadowfalls estava presente e me olhavam com lágrimas nos olhos em alívio. Eu sentia que queriam vir a mim e dar-me as boas-vindas, mas precisavam se conter.

— Onde está minha família? — Foi a primeira coisa que perguntei e olhava para os lados em desespero, procurando as crianças.

Então notei os olhares confusos que se entreolhavam, claramente se perguntando do que eu falava.

— Kai e Síndel...

Eu falava insistentemente, implorando para que me dessem uma resposta, mas todos estavam calados. Virei-me para Crystal e Sórum.

— Eles estão bem? — insisti em desespero.

— Deem um tempo para ela. — Ouvi a voz de Aidan, que cortava a multidão para me ver. Então corri ao seu encontro.

Ele me recebeu com um abraço apertado e ambos chorávamos. Devo ter ficado uns bons minutos chorando contra o seu peito e, quando fui beijá-lo, surpreendentemente, ele me afastou de forma carinhosa, tocando meus lábios para evitar o beijo.

— Precisamos conversar — ele disse constrangido.

Eu o olhei, completamente confusa.

— Podem deixar a conversa para depois? — Se intrometeu Gôbu de forma grosseira e impaciente. — Quero minhas pedras e minhas bebidas! Aproveita e faz logo um portal para a minha aldeia! Não vejo a hora de sentar-se na taberna e beber.

— Você é tão estúpido, Gôbu. — Sórum falou com amargura. — Não vê que ela está confusa?

— E daí? Aceitei a missão pelo pagamento, nunca disse que me importava! — Ele deu de ombros.

Aidan então consentiu e fez um gesto com a cabeça. Os magos trouxeram duas trouxas pequenas de joias e um barril.

— Vocês disseram três sacos! — Ele cerrou o olhar.

— Desculpe, Gôbu. Perdemos muitas coisas e isso é tudo o que temos. Podemos providenciar outro barril, se quiser.

— Que seja! — Ele bufou. — Me tire logo daqui!

Aidan fez um portal que dava para a aldeia dele e, antes de entrar, virou-se para nós e falou pela última vez:

— A propósito, meu nome é Gustharb! Não sei quem teve a *brilhante* ideia de inventar esse nome ridículo. — E o portal se fechou, no exato momento em que ele entrou.

— Desculpe por ele, Kyara — Crystal falou constrangida. — Sórum e eu conversamos enquanto Gustharb reclamava. Sabemos as condições que se encontram. Portanto, em consideração a vocês e ao carinho que tomamos pela Kyara, não precisam nos pagar.

— Só estamos felizes de ela estar de volta e queremos ficar ao seu lado enquanto lhes contam a verdade, pois ela vai precisar do maior apoio possível. — Sórum completou e Aidan consentiu.

— Pelos deuses, o que está acontecendo? Aidan, cadê as crianças?

Ele me acalmou com um gesto de mãos e calmamente me guiou por um caminho. Eu não conhecia aquela floresta e me espantei ao ver que as inúmeras cortinas de nobres tecidos das nossas construções, agora estavam sujas e remendadas, formando tendas improvisadas. Havia também abrigos de troncos e folhas, ao invés das construções das árvores. Era um enorme acampamento precário e até as roupas de todos estavam em farrapos.

— Que lugar é esse? Por que não estamos em Shadowfalls? — perguntei ao entrarmos em uma tenda que ele abria para mim.

Não havia muito lá dentro, a não ser um lençol sujo e amarrotado no chão, mostrando o local onde ele dormia e, do outro lado, uma pedra que servia de mesa para um vasilhame com água. Ele tinha uns cristais escondidos que rodeavam uma pequena poça, feita manualmente para servir como uma fonte de onde ele teria suas visões.

Ele pegou água do vasilhame.

— É melhor se sentar — falou, estendendo a cuia para mim.

Sórum e Crystal se sentaram ao meu lado e toda Shadowfalls cercou a tenda, aguardando o que ele teria para me contar.

— Perdemos a guerra aquele dia.

— De qual guerra você fala? Da última?

Aidan então fez um semblante confuso.

— Só enfrentamos uma guerra, Kyara. E perdemos — ele disse abatido.

Prendi meu fôlego por um segundo.

— Aquele dia nas cúpulas, depois de matar minha mãe, Christine pegou a pedra e tomou Shadowfalls para si.

— Isso é impossível! Eu me lembro de termos vencido! Consegui tocar a pedra e Christine fugiu! Izobel morreu e, com a ajuda de Báhlgor, nós reconstruímos Shadowfalls! — falei incrédula do que ele me contava.

Aidan balançava a cabeça decepcionado e deixou cair uma lágrima.

Peguei seu rosto e o virei para mim.

— Nós nos casamos Aidan! Tivemos dois filhos!

— Chega! — Ele me cortou, segurando seu pranto, não querendo acreditar no que eu dizia. — A verdade foi que você desmaiou no exato momento em que tocou a pedra e não mais voltou. Christine conseguiu pegar a Drakenian e Izobel morreu! Ela destruiu Shadowfalls e hoje está reinando em Weston.

— Isso não pode ser verdade! — Eu falava para mim mesma. — E quanto Arturo?

— Arturo também morreu depois de deixar Shadowfalls. — Ele suspirou. — Acho melhor você ver por si mesma.

Ele abriu um portal que nos levou a Shadowfalls e meu coração estilhaçou ao olhar a destruição ao redor. O lago central era uma enorme poça lamacenta, o coreto estava destruído, as árvores derrubadas, as casas cobertas de folhas e as construções nas árvores eram apenas ruínas. Foi uma visão muito mais devastadora do que a que vi após a guerra. Eu me recusava a acreditar que o que eu via era verdade.

— Filha? — Meu pai surgiu e eu corri para seus braços aos prantos.

No momento em que o toquei, ele me passou a verdade do que aconteceu.

Fui mais uma vez transportada para outro local e me vi novamente naquele dia, enquanto lutávamos dentro da cúpula.

— Kyara! — gritou Aidan, rastejando para mim, deixando um rastro de sangue no chão.

Eu não havia notado quanto sangue ele perdia e só não entrei em pânico porque sabia que se tratava de uma visão do passado.

— Você já está morto, rapaz! — Ironizou. Depois olhou para Drakenian à minha direita. — Tenho urgências maiores. — Christine ergueu as mãos em direção à pedra, que começou a tremer segundos antes de levitar. Aidan arregalou os olhos e me olhou suplicando para que eu a impedisse de alguma forma.

Brisêys tentou distrai-la voando ao redor da sua cabeça. Mas, Christine, apenas com uma mão, deu-lhe um tapa que a fez cair no chão.

Drakenian estava entre nós duas, flutuando no ar ao ser controlada por Christine. Ao ver as minhas mãos incandescendo para impedi-la, começou a formar um escudo para protegê-la e proteger a pedra.

A pedra agora passava perto de mim, e o seu brilho se fortaleceu, refletindo no meu rosto como um chamado. A fenda do escudo começava a se fechar diante de nós duas. Em um ato de desespero, saltei atirando minha flecha contra Christine, agarrei Drakenian e caí de joelhos com ela nos meus braços.

Imediatamente, senti como se a pedra fosse me desintegrar. Eu estava cada vez mais fraca e, Christine, que havia se esquivado da minha flecha, começou a gargalhar.

No portal atrás dela, saiu Lana e mais duas magas. Elas me olhavam estremecendo em fortes espasmos no chão. Aidan gritava em desespero, Arturo estava em choque e Izobel já estava morta.

Quando Lana me viu agonizando, ao contrário do que eu esperava, seus olhos lacrimejaram. Ela estava assustada e impressionada com o que vira.

— Sua tola, ninguém pode tocar a pedra! — ria da minha estupidez enquanto meus espasmos iam cessando aos poucos.

Christine deu sinal para uma de suas magas terminarem o serviço, pois ela estava muito ocupada, tentando manter a pedra erguida por magia. A maga ia mandar um raio de energia elétrica contra mim, mas Aidan a impediu com outro. No entanto, ele estava tão fraco que o raio se desfez antes mesmo de chegar até ela, que, enfurecida, redirecionou o raio contra ele. Aidan caiu morto e Lana levou às mãos a boca, assustada.

— Peguem o corpo dela! — ordenou Christine e as magas se juntaram para me pegar.

Lana estava em choque e Arturo nem conseguia fazer nada, pois sabia que sua espada seria inútil para a magia de Christine.

— Não!!! O que vai fazer com ela??? — ele gritava em desespero.

— Não se preocupe, querido, cuidarei dela. — Piscou de forma debochada.

— Vai ficar aí parada? — Uma das magas perguntou de forma grosseira para Lana, que permanecia em pé ao lado de Christine.

Outra maga surgiu por trás do portal, trazendo um cetro, onde Christine com magia apoiava a pedra. Com a mão livre, ela empurrou Lana para longe do portal, fazendo-a cair de joelhos no chão.

— Christine? — ela perguntou em desespero enquanto as magas passavam por ela, carregando meu corpo.

— Já possuo o que quero, querida! Não me é mais útil.

O portal se fechou e Lana gritou, caindo em prantos em seguida. Seu choro era o único som naquela cúpula.

Arturo abraçava o corpo sem vida de Izobel e quando Dunkan apareceu, apesar de toda ira que ele guardava por Arturo, percebeu a cena diante dele. Sentindo seu arrependimento, Dunkan se aproximou do corpo de Izobel com as orelhas baixas.

— Sabe que irão querer matá-lo. — Ele disse com a voz arrastada. Arturo consentiu.

— Acabo de perder minha filha e matar uma mulher inocente. Não quero nada senão a morte — ele disse em lágrimas. — Só peço, por favor, que antes resgatem meus filhos e os criem aqui em Shadowfalls. Se souberem que eu traí o rei, minha sentença de morte será estendida à minha família. Não posso permitir isso.

Dunkan consentiu.

Ao ouvi-lo, Lana, visivelmente arrependida, tentou buscar consolo em Arturo, que a parou com um olhar raivoso, impedindo-a de se aproximar.

— Fui tola em acreditar em Christine! Por favor, me perdoe! — suplicava em prantos.

— Prove que você mudou e nos ajude. Então terá meu perdão — ele falou rígido.

— E terá também um abrigo em Shadowfalls — Dunkan a prometeu. Ele sentia a bondade vindo dela.

Ela se aproximou do corpo de Aidan e tocou seu pescoço.

— Ele está vivo!!! — ela gritou aliviada.

Então Brisêys surgiu detrás de uma pilastra e pousou sobre os ombros de Aidan, esperançosa.

Fui sugada por uma energia e vi um resumo de tudo. Arturo nunca conseguiu salvar seus filhos, pois a primeira coisa que Christine fez ao chegar em Weston, foi

matá-los e depois matar ao rei, tomando o trono e a aldeia para si, escravizando a todos.

Depois, Christine destruiu Shadowfalls por completo. Muitos conseguiram fugir, e outros foram mortos antes de buscar Gwen e Tristan. Ela dizia que não queria que esse lugar existisse, porque só lhe trazia péssimas lembranças, e que com a pedra poderia construir algo bem melhor e mais imponente que uma simples *aldeiazinha bonita*.

Quanto a mim, surgiram boatos que se dividiam entre eu estar morta ou apenas desacordada em algum lugar, impossível de ser encontrada. Porém, Shadowfalls começou uma busca incansável por se recusar a aceitar qualquer uma das opções, nem que precisassem ver com os próprios olhos e me dessem um enterro digno.



Capítulo 18

Aidan tinha o corpo coberto por talas manchadas de sangue velho. Lana estava ao seu lado, limpando algumas feridas e o ajudando a tomar água com uma cuia. Dias e noites se passaram sem que ela saísse do seu lado. No início, aquele que era apenas um moribundo para ela cuidar, aos poucos se fortaleceu. Aquele que antes mal conseguia falar, agora sorria e dividiam histórias de vida. Com o tempo, os olhares amigáveis ganharam um brilho diferente e, agora, mesmo com dificuldade, Aidan conseguia andar, se apoiando em Lana, feliz com sua melhora.

Ela passou a ser querida em Shadowfalls e era uma pessoa completamente diferente, de quem o irmão se orgulhava. Tinham-na como exemplo maior que Margreet um dia foi.

Vi o dia em que Gôbu, Sórum e Crystal foram encontrados. Eles realmente eram os melhores das suas distantes redondezas. Por meses e guiados pelas sereias, cruzaram os diferentes mares, até chegarem à Shadowfalls onde lhes foi explicado melhor sobre quem eu era e a importância de me encontrarem.

Foi Crystal quem me encontrou. Meu corpo deitado em um círculo de magia, no canto da mais distante caverna dos territórios habitáveis. Por algum motivo ainda desconhecido, Christine não queria que eu morresse e não queria me guardar em Weston para impedir realmente que soubessem de meu paradeiro.

Quando ela me encontrou, fez um portal para Shadowfalls, e dele saiu Aidan, completamente curado.

Ele travou ao olhar meu corpo e engoliu em seco com lágrimas nos olhos. Ela já sabia o que precisava ser feito, e ao tocar meu corpo, consegui ver o que ela fazia. Tive duas visões ao mesmo tempo, uma do meu corpo na caverna e outra do dia nas cúpulas, onde acreditei ter feito Christine fugir.

No momento em que acreditei ter sido transportada para um local etéreo no conselho dos dragões, ela perguntou a Aidan se isso seria o melhor a fazer. E, enquanto ela falava, eu ouvia os sussurros que acreditei ser de Drakenian. Então

todas as vezes em que eu chegava perto e acreditei ouvir as vozes da pedra, eram, na verdade, as conversas das pessoas próximas ao meu corpo. Somente Dunkan e Aidan tinham acesso ao meu paradeiro, junto a Sórum, Crystal e Gôbu. Eles não poderiam remover a magia que me cercava, portanto, enquanto tentavam descobrir um meio, Crystal criava a realidade que eu acreditei viver. Ela criou o dia do meu casamento, meus filhos e meu reinado. Aidan não fazia ideia de como ela manipulava minha realidade e esconderam de todos onde eu estava, alegando que poderia causar pânico na população.

Crystal era tão poderosa que conseguia rastrear qualquer magia, mas não conseguiu desfazer aquela que cercava meu corpo. Preocupado, Aidan pediu que os três entrassem na minha realidade e me ajudassem, porque mesmo sabendo que eu não estava sozinha em minha mente, ele não se sentia bem em ver que não havia ninguém real comigo. E foi aí que, um por um, entraram e compartilharam da minha falsa e cruel realidade.

Então meu pai me trouxe de volta. Ele e Aidan estavam preocupados em como eu iria reagir. Talvez acreditassem que eu pudesse suportar a verdade e destruir tudo, mas só o que consegui fazer foi baixar minha cabeça e deixar escapar umas lágrimas.

— Quero ir embora — pedi com a voz rouca pelo choro e Aidan consentiu, criando um portal direto para o acampamento.

Já sabendo que eu sabia a verdade, muitos se aproximaram compreensivos e se mostrando aptos a me apoiar. Eu agradecia internamente, pois por fora eu não era capaz de esboçar uma reação sequer. Aidan sabia o quanto eu precisava ficar sozinha em momentos difíceis, mas aquele era demasiadamente perturbador e, portanto, não quis deixar o meu lado. Sórum e Crystal se aproximaram, pois Crystal queria me explicar o porquê fizera aquilo.

Sentamo-nos em um local afastado e ninguém disse uma palavra sequer, aguardando que eu quebrasse o silêncio. Então eu finalmente o fiz.

— Você e Lana? — perguntei com desgosto.

Ele suspirou incomodado e constrangido com minha pergunta.

— Você sumiu por três anos, Kyara. Eu pensei que estivesse morta... — Ele mal me olhava nos olhos.

— E quanto a você? — Encarei Crystal com raiva. — Nem preciso dizer que aguardo sua resposta e espero que me convença a não lhe matar — falei entre os dentes com minhas mãos incandescendo.

— Eu errei — ela falou calma e nem sequer parecia temer que eu a machucasse. — Quando a encontrei, seu corpo estava imóvel, mas a sua mente se retorcia em agonia pelo pesadelo que Christine a fez acreditar viver por esses anos. Pude ver

parte do que sofria e nem de longe se compara ao mundo dos mortos que eu criei.

— Ela suspirou. — Consegui apagar tudo da sua mente e lhe dar outra realidade.

— Tirou-me de um tormento e me levou a outro. Muito nobre de sua parte — falei em sarcasmo.

— Quando limpei sua mente, pude perceber melhor suas feições. Seu semblante muito me lembrou de uma pessoa que me feriu no passado. Louise não era minha filha e sim minha companheira, que me traiu com outro homem e fugiu. Você se parece muito com ela, Kyara, e eu te odiei por isso. Quando Aidan pediu que lhe criasse outra realidade apagando aquele tormento, projetei em você toda fúria e toda minha sede de vingança. Por isso criei seus filhos e tirei um de você. — Suspirou.

Aidan e Sórum a olharam em desaprovação pelo o que ela fez.

— Quando entrei em sua mente, a pedido de Aidan, queria lhe fazer sofrer, então te dei a vitória sobre sua inimiga, um reinado, casamento e filhos para depois lhe tirar tudo! Mas foi ao interagir diretamente com você que eu percebi sua lealdade. Eu me arrependi profundamente, mas não podia voltar atrás, até que Aidan nos chamasse.

— Finalmente consegui encontrar uma forma de quebrar a magia de Drakenian — ele disse. — E só então pudemos lhe trazer de volta. Foram seis longos anos de pesquisas... — ele suspirou.

Seis anos! Acreditei ter vivido oito anos da minha vida enquanto desacordada. Aquilo era muito difícil de aceitar.

— Por que não pediu ajuda ao meu pai ou avô? São deuses!

— Você estava sob um feitiço da pedra dos dragões e eles são superiores aos deuses. Nem seu pai ou avô seriam capazes de quebrar o feitiço.

— Você disse que derrotei minha inimiga, mas Christine fugiu ferida na realidade que você criou. — Eu a olhei desconfiada.

— Eu não queria que ela morresse. Queria que você vivesse angustiada tomada pela sede da vingança que jamais viria.

Aidan e Sórum pareciam preocupados e desconfiei de algo.

— O que está realmente acontecendo? — Cerrei meus olhos quando fui surpreendida pela presença de Brisêys.

Ela me trouxe o primeiro sorriso, o primeiro suspiro aliviado, porque vê-la bem foi meu único consolo diante daquela realidade perturbadora.

Levantei-me e estendi a mão para receber seu pouso, quando ela simplesmente passou por mim e pousou no ombro de Lana, que vinha logo atrás.

Bufei e bufei feio. Eu jamais viria a ser amiga dela, não importava o bem que ela poderia vir a fazer. Eu a odiava, e vê-la com Brisêys elevou minha ira ao ápice.

Percebendo minhas feições, ela se assustou e olhou para Aidan em apoio. Ele então se levantou e pôs-se ao seu lado para acalmá-la.

Todos olhavam para baixo, constrangidos com a situação. Lana me olhou abatida.

— Acredita que um dia será capaz de me perdoar? — ela perguntou cabisbaixa.

— Ela não terá outra escolha! — disse Genevieve se aproximando. — Você mal chegou e quer atacar alguém que pertence ao seu povo?

— Lana jamais pertencerá a Shadowfalls! — protestei.

— Tarde demais, Lana está conosco há seis anos e nada fez para que desconfiássemos dela — Genevieve falou me desafiando a contestá-la.

— Ainda sou a rainha de vocês, não? — perguntei amargamente. — Eu quem decido quem faz parte de nós e, acredite, ela — apontei bruscamente — jamais fará! Lana é falsa e não permitirei que ela fique.

— Kyara... — Aidan se pronunciou tentando me acalmar. — Com a sua ausência e devido ao nosso relacionamento... — ele afagou seus cabelos quando Lana deitou a cabeça em seu ombro e aquilo me encheu de repulsa. — Ela agora é a nossa rainha.

Meu corpo tremia pelo ódio corroendo cada célula minha. Minhas mãos brilharam e só então o pânico se fez presente nos olhos daquela que parecia ter esquecido quem eu era.

— Kyara, não faça isso! — Aidan quase suplicou. — Essa não é a solução!

— Ela só quer o trono! Não percebe?

— Que trono? — Genevieve interveio impaciente. — Olhe ao redor e veja se temos alguma riqueza!

— Ela quer poder! Não percebem que está usando Aidan para isso?

Nessa hora, Lana se mostrou completamente ofendida e tomou a palavra.

— Eu nem fazia ideia de quem ele era quando me apaixonei! — Ela o olhou tomada por um sentimento nunca visto nela antes. — Você estava desacordado e repleto de feridas — Aidan encostou o nariz no dela, exatamente como costumava fazer comigo.

Eu estava enojada a ponto de querer matar os dois!

— Você acha que a matando vai voltar a ser rainha? — Genevieve se colocou em minha frente para que eu cessasse o brilho das minhas mãos.

— Não me importa! Não a quero aqui!

Genevieve me empurrou com dois tapas no peito e eu me assustei com sua atitude.

— Se quiser matar minha rainha, terá de passar por cima de mim e de toda Shadowfalls para isso!

— Genevieve, eu...

— Qual o seu problema afinal? — ela dizia encarando-me, rente ao meu rosto. Havia uma odiosidade em seu olhar que eu nunca vira antes.

— Não vou te machucar, Gen!

— E nem a nossa rainha! — ela me disse em ameaça.

Então, percebendo que estava segura, Lana resolveu se pronunciar.

— Kyara, entenda, não quero poder algum. Sequer dou ordens aqui! Só quero paz.

— Mentirosa! — gritei.

— Você não aprende, não é mesmo? — disse Genevieve amargamente. — Por isso nunca foi e jamais será uma boa rainha.

— Não vou permitir que fale assim comigo depois de tudo que fiz por Shadowfalls!

Nós duas começamos a discutir. Eu não queria machucá-la, apesar de tudo, pois minha ira estava voltada para Lana. Após muitas discussões e os nervos elevados, Lana parecia lamentar o que via e ao percebê-la buscando auxílio nos braços de Aidan novamente, quando Genevieve desembainhou sua adaga para me atacar, minhas mãos incandesceram. Empurrei Genevieve para o lado e tomei-lhe a adaga para mim, atirando-a contra Lana.

Quando a adaga incandescente fincou em seu coração, ela curvou o corpo para frente, com as mãos próximas à ferida. Ela tentou gritar enquanto o sangue saía pela sua boca. Sangue este que aos poucos virou uma fumaça negra que me engoliu em uma escuridão.

Levantei-me em um salto com a mão para frente, como quem acaba de lançar a adaga, e me vi de volta ao mundo dos mortos. Crystal, Sórum e Gôbu estavam no chão. Aos poucos, eles tentavam se levantar com dificuldade. Mais uma vez eu me senti perdida.

— Acho que ela acordou... — falou Crystal com a mão na testa e uma voz arrastada pela dor.

— O que aconteceu, Kyara? — Sórum parecia confusa, mas não mais do que eu, pois ainda tentava assimilar tudo.

Eu estava de volta a Shadowfalls segundos antes e agora de volta ao labirinto.

— Sei que deve estar confusa, mas você foi tocada pelo Sombrio, uma silhueta de fumaça em forma de um cavaleiro fantasma. Ele te faz entrar em um pesadelo e a única forma de sair é derrotando aquele que assume a forma de seu inimigo. Muitos não conseguiram voltar até hoje, mas tínhamos esperanças de que você conseguiria — Crystal explicou.

— E como conseguiu... — Sórum falou ao se levantar com dificuldade.

— Fílmor deve tê-lo mandado — Crystal falava para si mesmo.

— Não queria machucá-los — falei constrangida.

— Está tudo bem. Tivemos sorte que você não emanou seus poderes realmente. Foi só uma explosão de energia.

— Ele tentou pegar o Gôbu também — Sórum disse assustada.

— Sórum protegeu Gôbu — ele afirmou agradecido.

— Mas por que Fílmor o mandaria? — Sórum questionou confusa.

— Ele não a quer aqui, Kyara — Crystal respondeu.

— Mas ele não tentou me pegar — Sórum disse pensativa.

— Talvez você seja tão insignificante que nem mesmo sua presença faz diferença — Crystal respondeu a olhando de canto de olho.

— Foi apenas um pesadelo. — Suspirei, pondo as mãos na cabeça, em um misto de alívio e agonia por ter voltado àquele lugar. — Às vezes, já nem sei o que é sonho ou o que é real... — Sou surpreendida por um beliscão doloroso. — Ai!!! — Passei a mão no local dolorido e Gôbu estava ao meu lado com as mãos para cima.

— Gôbu só queria ver se Kyara não estava sonhando.



Capítulo 19

Enfrentamos as mais diversas criaturas, cada uma mais bizarra que a outra, do tipo que não se imagina nem nos seus piores pesadelos. Por inúmeras vezes quase morremos, mas não por elas e, sim, pelo estado de loucura em que chegávamos. Nossas mais aterrorizantes lembranças se tornaram reais, porém três vezes pior. Sentíamos que um lado dos nossos rostos e corpos paralisavam do nada, trazendo uma sensação de agulhamento insuportavelmente dolorosa.

Nossos corações palpitavam como socos internos e a dor era tamanha que tentamos arrancá-los do nosso próprio peito. Aos poucos, nossos corpos pararam de responder ao comando de nossas mentes, e se não fosse por Crystal conhecer tão bem o labirinto e todos os efeitos que ele nos causava, ela teria falhado em nos trazer de volta à sanidade. Contudo, eu ainda precisava driblar a voz na minha cabeça, que me mandava insistentemente matá-los. Por inúmeras vezes, quase os matei covardemente pelas costas. Nem queria pensar no que teria acontecido se eu tivesse dado ouvidos a ela ou se Crystal tivesse falhado.

Eu seria a única a ouvir aquela voz? Ela seria mais um truque daquele local infernal para fazer com que eu ficasse presa ali? A única certeza que eu tinha era que se tivéssemos falhado, estaríamos perdidos em um mundo dentro de nossas cabeças, um mundo de dor eterna, capaz de destruir as mais fortes e sãs das criaturas. Ali habitavam os piores pesadelos, a impotência daquele que vê a morte se aproximar, o gosto forte de ferro daquele que se engasga com próprio sangue e angústia por ar... Era o pesadelo encarnado!

— Estou tão cansada... — disse Crystal em tom arrastado.

— Não a vi se esforçando para lutar contra aquelas criaturas. — Sórum falou amargamente.

— Se não fosse por mim, vocês teriam se perdido no labirinto e nas suas loucuras. E o cansaço mental pode ser tão ou mais exaustivo quanto. Então não reclame!!!

Sórum se calou e Crystal continuou.

— Se não tivesse ajudado a raptar uma criança inocente, nenhum deles precisaria passar por isso.

Ela abaixou o olhar. Gôbu pegou sua mão em apoio.

— Gôbu feliz por conhecer você...

Sórum sorriu para ele.

“Patéticos. Olhe só para eles! Tão inferiores...”



Estávamos em um imenso corredor luxuoso de chão branco e brilhante. Nas paredes, inúmeros castiçais de cristal brilhavam uma linda chama. Havia um portão de vidro transparente de extremidades douradas, esculpidas delicadamente.

Os olhos de Gôbu brilharam.

Crystal tentou bater no portão, mas ele se abriu antes mesmo que nos aproximássemos.

Era um enorme salão de dois andares. Nele, havia as mais belas mulheres que um dia imaginei ver. Elas tinham corpos esculturais, como se os deuses as tivessem moldado, porque eu nunca vira silhuetas tão belas como as delas. Vestiam armaduras femininas como corpetes e saias de couraças que variavam nas cores vermelho, roxo e preto. Elas nos olhavam de cima, sensualmente debruçadas nas varandas. As que estavam no primeiro andar se deitavam ou se sentavam em longos sofás vermelhos aveludados. Algumas se deitavam no colo das outras ou estavam em pé se abraçando pela cintura. Elas demonstravam um carinho que me parecia ir além de uma amizade e nenhuma nos oferecia perigo. Não pareciam ofendidas ou surpresas com nossa presença, muito pelo contrário, era como se nos aguardassem.

Talvez fosse um lugar seguro para meu filho estar. Ansiosa, eu olhava para os lados, procurando-o, na esperança de que uma das mulheres pudesse trazê-lo.

Então a líder apareceu. Uma mulher deslumbrantemente linda. Sua armadura era mais bruta que as de suas discípulas. Ela usava calça e peitoral metálico, de forma que a armadura abraçava cada curva de seu corpo. Ela tinha longos cabelos loiros, orelhas pontudas como as dos elfos e olhos cor de fogo.

— Gôbu apaixonado... — ele falou quase hipnotizado.

Crystal revirou os olhos.

— Kyara... — ela disse em um tom de voz inebriante.

Senti palpitações.

— Que surpresa agradável... — ela continuou.

— O que é esse lugar? Quem são vocês?

— Neste lado sombrio do reino dos mortos, somos as fiéis protetoras e guardiãs de Fílmor. — Ela e todas as outras se inclinaram levemente.

— Há outras guardiãs do outro lado?

— Vestidos claros e delicados. Sem contar as asas brancas — zombou e todas prenderam o riso.

— Elas têm asas? — Perguntou Gôbu impressionado. — Mas vocês não? — questionou curioso.

A líder então sorriu, virando o rosto em direção ao ombro direito. Ela tinha um charme que parecia nos hipnotizar. De forma muito sensual, espreguiçou-se, fazendo rotação com os ombros para trás e projetando seu tórax para frente, deixando sua armadura peitoral em evidência por uns segundos. Então, um enorme par de asas negras como as de um morcego surgiu majestosamente, abrindo em pequenas camadas. Ela gemeu baixinho em um leve prazer ao esticar as asas e, sensualmente, voltou seu olhar para nós.

Gôbu foi para frente hipnotizado.

— Não precisam ter medo de nós — assegurou.

Sua voz se mantinha sempre em um tom sereno, e pela primeira vez desde que eu chegara ao reino dos mortos, relaxei meus ombros. Foi como se ela tivesse mandado embora a criatura nas minhas costas e feito a voz se calar. Ou talvez a sua beleza tenha sido tamanha que até a voz não conseguia dizer uma só palavra. Estávamos estupefatas diante dela.

— Eu não as temo — disse de forma respeitosa. — Acredito que saiba porque vim até aqui.

Ela consentiu de forma polida.

— Kai está bem — disse com a voz doce.

— Onde ele está? — perguntei aliviada, controlando minha ansiedade e vontade de desabar em choro.

— Há regras aqui. — Ela me alertou. — Quem entra, não sai mais e não será diferente com ele por ser seu filho.

Tentei falar, mas ela me impediu.

— Por que não se junta a nós? — Ela vinha em minha direção. Engoli em seco enquanto ela me rodeava próxima ao meu corpo. — Não há perigos aqui. — Ela passou as mãos nas minhas costas como um carinho e senti um arrepio gélido correr pela minha espinha. — Precisamos de pessoas como você, Kyara... — Ela parou centímetros do meu rosto e pousou a mão no meu colo, próximo ao meu seio. — Seu toque é quente e há algo em suas palavras, ou talvez seja o tom de voz, capaz de quebrar qualquer barreira de sentimento ou astúcia das mais sábias criaturas. — Eu segurei firme em sua mão e respirei inflando meu seio, o que a fez sorrir.

— Meu nome é Sebile... — ela disse com a voz lânguida.

— Não, obrigada — respondi respeitosamente, retirei sua mão e a olhei fundo nos olhos.

Ela não pareceu impressionada e sorriu como se já esperasse esse tipo de resposta.

— Eu aceito! — Sórum ergueu o braço com timidez e Sebile a fitou com um sorriso convidativo.

Crystal cerrou os olhos para ela.

— O quê? — Sórum questionou o olhar que acabara de levar.

— Gôbu também quer ficar!! Quer ficar com Sebile...

— Lamento, pequena criatura... — ela disse com compaixão. — Seu lugar não é aqui.

— Nem o meu, nem o do meu filho — eu disse de forma serena. — E nada me fará desistir dele.

Sebile consentiu. Ela demonstrou respeito e admiração.

— Não posso forçá-la a ficar, mas deixarei que converse com Fílmor.

— É sério? — perguntou Crystal abruptamente. — Poderemos mesmo falar com ele?

Sebile não a respondeu e a linda parede branca e dourada atrás dela começou a rachar, se rompendo em uma enorme fenda. Pedacos da parede ainda caíam no chão, como se o local fosse alvo de demolição. O chão tremeu e Gôbu se assustou, segurando na minha perna.

Então olhamos adiante e atrás da fenda havia um local medonho, contrastando bruscamente com o lindo e luxuoso salão em que estávamos. Havia uma floresta ressecada e escura e a única luz saía do enorme rio de fogo borbulhante. Então, juntos, caminhamos para aquele local.

Sórum passou desconcertada por Sebile, que sorriu para ela como se a convidasse a ficar, mas ela resistiu.

Ao pisarmos naquela floresta, Gôbu fixou o olhar no nada e assim ficou. Ele parecia em choque e Sórum e eu tentamos trazê-lo de volta.

— O que está acontecendo com ele? — perguntei à Crystal.

— Não faço ideia — ela respondeu visivelmente chocada.

— Você deveria saber!!! — Sórum cerrou o olhar para ela.

Ele permaneceu imóvel, parecia hipnotizado.

— O que o afetou dessa forma? E por que o mesmo não ocorreu conosco? — Ela se enfureceu, acusando Crystal em falhar propositalmente.

— Eu não sei! Eu não sei!!! — Ela insistia visivelmente assustada e me pareceu genuína.

O rio de fogo começou a borbulhar e se agitar. Parecia que estava prestes a transbordar e nos engolir. Precisávamos buscar um local para subir, mas não havia nenhuma rocha sequer, apenas árvores de troncos velhos que se quebrariam facilmente com o peso dos nossos corpos.

— O que vamos fazer? — Crystal se desesperou. — Essas árvores não nos servem!

— Elas devem aguentar o Gôbu! — eu disse, indo em sua direção para buscá-lo e travei no exato momento em que percebi o rio de fogo se acalmar e a expressão nos olhos dele.

Gôbu agora nos olhava com uma expressão serena e sorriso sarcástico.

— Gôbu? — Sórum franziu a testa. — Você está bem?

Fumaças negras começaram a surgir sobre seus pés. Ele inclinou levemente o corpo para frente e foi engolido pela mesma, que cresceu em uma forma estranha e se movimentava como se algo dentro dela tomasse outra forma.

Então escutamos um uivo que ecoou alto por toda a floresta e a fumaça que cobria Gôbu começou a se dissipar. Sórum e eu ficamos completamente confusas ao ver um enorme lobo negro que a fumaça mostrou ao se desfazer.

— NÃÃÃÃÃÕOO!!!! — Crystal gritou em pânico, mas ele não lhe ofereceu perigo, pelo contrário, parece decepcionado.

— Onde está o Gôbu? O que fez com ele? — Sórum perguntou em desespero.

Eu continuava perplexa, demorei um pouco para assimilar o que acontecia, enquanto Crystal caía de joelhos, com as mãos no rosto em desespero.

— Quem é você? — perguntei em um leve tom de ameaça, já imaginando que eu teria de enfrentá-lo.

— O perigo aqui não sou eu, Kyara — Ele falou pacífico, depois virou-se para Crystal. — Por que não diz a elas quem eu sou?

— Crystal, do que ele está falando? — perguntei, abaixando e tocando seu ombro em apoio.

— Cadê o Gôbu? — Sórum insistiu quase em súplicas, enquanto olhava ao redor à sua procura.

— Mestre! Eu posso explicar! — Crystal tentou falar em um tom de urgência.

— Mestre? — Sórum indagou.

— Você nunca aprende, Roxane — ele lamentou com as orelhas baixas.

— Roxane? — eu a questioneei. Sórum a olhou enfurecida.

— Eu fiz o que você queria!!! Eu a trouxe até você! — Ela tentou se explicar.

Ele a olhou em silêncio. Senti o quanto estava decepcionado.

— Deixe-me ir para o outro lado do mundo dos mortos! — Crystal suplicou de joelhos.

Nessa hora, ele se ergueu e estufou o peito.

— O que mais você quer que eu faça? Até quando precisarei provar a você que eu não mereço este lugar? — implorou.

Ele continuou calado e seu silêncio a frustrou.

— Fiz tudo o que pude para mantê-los salvos e não mereço ir para o outro lado? — ela gritou indignada.

Então ele cerrou o olhar e Roxane gritou de raiva.

— Não entendo!!! — Ela levou as mãos ao cabelo, puxando suas raízes, visivelmente frustrada. Quando ela sentiu que eu me levantei e me afastei desconfiada, com as mãos em súplica, tentou se explicar, mas não conseguiu dizer uma única palavra.

Sórum estava boquiaberta, com as mãos no rosto por desconfiar de quem ele realmente era. Eu me peguei pensando a mesma coisa, mas ainda era difícil acreditar.

— Acredito que já faça ideia de quem eu sou — ele disse educadamente.

— Fílmor! — falei e em seguida fiz uma leve reverência em respeito.



Capítulo 20

Crystal correu e me puxou para longe dele. Ela segurou meu rosto em desespero e pediu que a olhasse nos olhos.

— Ele está mentindo! Precisa acreditar em mim! Olha para mim, Kyara! Não estou mentindo, nunca menti para você! Ele é mais um truque!

À medida que ela falava e me afastava dele, eu indaguei se ela estava vendo o rio de lavas para o qual ela parecia me conduzir desesperadamente. Pisei firme no chão a fim de fazê-la parar e segurei seus punhos, afastando suas mãos do meu rosto.

— Roxane? — eu a questionei enfurecida e a desafiei a me contar a verdade.

— Não acredita em mim? — perguntou incrédula. — Foi ele quem mentiu para nós esse tempo todo e, mesmo depois de tudo o que fiz, ele insiste em me manter onde eu não pertenço! Por que as palavras dele devem ser ouvidas e as minhas não?

— Olhe para ela, Roxane. Suas mentiras não mais surtirão efeito — Fílmor disse.

Roxane me pegou olhando-a enfurecida.

— Onde está o meu filho? — perguntei entre os dentes. — Para onde estava nos levando esse tempo todo?

Ela começou a chorar copiosamente como se quisesse o meu perdão. Fílmor se manteve imóvel.

— ME RESPONDA! — ordenei e ela primeiro me olhou aterrorizada, mas, no segundo seguinte, sua expressão mudou para raiva.

— Você não entende! — Ela disse em tom de acusação. — O pouco tempo que ficou aqui não foi suficiente para que saiba realmente o quanto esse lugar é um tormento! — Começou a chorar. — Você poderia ser mais agradecida, Kyara, afinal, em meio às minhas mentiras, a maior verdade é que você não teria conseguido chegar até aqui sem minha ajuda.

Eu ainda tinha raiva dela, mas talvez Roxane estivesse tão desesperada para sair dali que seria capaz de fazer qualquer coisa. Eu estaria sendo justa? Soltei delicadamente seus punhos e ela se afastou, depois se sentou, abraçando os joelhos derrotada, como se finalmente tivesse entendido que jamais sairia daquele lugar, porque não havia de fato bondade em seu coração. Até Sórum se sentiu mal por ela.

Então, comecei a me sentir estranha. Algo se contorceu dentro de mim e eu perdi o controle sobre o lado direito do meu corpo. Meu punho começou a querer fechar para me socar e com a mão esquerda a segurei bruscamente, completamente confusa e assustada.

Sórum não sabia o que fazer, Roxane se arrastou para longe, escorando-se na parede, apavorada, e Fílmor permanecia tranquilo, como se nada fosse novidade.

Meu punho finalmente relaxou como se tivesse desistido e eu voltei a ter controle do meu corpo, até sentir algo estranho no meu rosto. Levei minhas mãos a ele e algo parecia querer sair de mim. Então, eu me peguei arrancando minha própria pele do rosto, pescoço e colo, que se esticou e se partiu, tomando uma outra forma.

Abri os olhos e me espantei ao ver que a criatura que eu arrancava de mim era, na verdade, eu mesma. Um outro eu, furioso e que me deu um soco, fazendo meu rosto virar bruscamente para o lado. Ela levou o joelho na altura do meu peito e me chutou como impulso para se desprender de mim por completo.

— Vai mesmo poupar a vida dessa mentirosa? O que há de errado com você? — ela perguntou com escárnio.

Eu ainda me via confusa por ver a mim mesma fora do meu corpo.

Olhei para Fílmor em auxílio, mas ele nada dizia. Roxane e Sórum estavam em choque.

— A guerra não é feita só de mortes para alguém como você. — Ela cerrou o olhar. — Para que matá-los se você poderia facilmente enfraquecê-los para que fossem levados embora?

— Fiz o que deveria ser feito! — retruquei me recuperando.

— E quem você acha que carrega a culpa? — ela perguntou enfurecida, depois apontou para si mesma.

— Carregaria a mesma culpa se eu os tivesse matado, como me influenciou? — perguntei amargamente.

Ela fitou o chão e quando voltou seu rosto para mim novamente, seu corpo e cabelo se transforaram, tomando a forma de Izobel. Ela me olhou abatida.

Ainda no chão, paralisei horrorizada.

— Depois de tudo o que fiz por você, por que não me desobedeceu e me curou?

— Izobel balançou a cabeça, decepcionada, depois fitou o chão.

— Eu tive netos que nem sequer pude conhecer. Era o meu lugar que você queria? — Ela perguntou abatida. — E pensar que eu a tive como se fosse minha filha...

Eu me desmanchei em prantos. Ela se cobriu por nevoas que diminuía para o tamanho da palma da minha mão. Raios lilases explodiam entre as névoas que se desfaziam. Brisêys pairou no ar em fúria.

— Você sabia que eu corria perigo subindo as cúpulas! Por que não me impediu? — ela tinha raiva no olhar, uma raiva que jamais imaginaria vir de um ser tão puro. Cobri o meu rosto e comecei a soluçar.

— Fui eu quem chamei as fadas, sabia? Eu te ajudei, mas você nem sequer pensou em mim! É uma egoísta! Alguém como você jamais mereceria a benção das fadas... — disse com escárnio.

Ainda cobrindo meu rosto, balancei a cabeça em negação. Aquilo estava realmente acontecendo?

— Kyara? — Uma voz conhecida chamou meu nome de forma doce.

Ergui meu rosto já inchado de tanto chorar. Alyra se abaixou à minha frente. Ela pegou em minhas mãos de forma amigável, como se quisesse me consolar. Eu a olhei agradecida e aliviada, e ela sorriu afetuosa, passando a mão pelo meu rosto. Então ela enrijeceu o olhar e puxou meus cabelos para trás, rangendo os dentes.

— Você acha que eu sou falsa? Acha que eu, depois de tudo o que fiz por você, mereceria seu silêncio em relação às duas traições que sofri? — Puxou-me para trás e se levantou com ódio.

— Eu quis te dar um vestido para as comemorações, lembra? Sempre te tratei bem — Ela me rodeou pisando firme — Conteí meu segredo a você e nem preciso mencionar as inúmeras vezes em que te dei um sorriso quando passou por mim. Quem mais em Arnhem fez isso pelos escravos? *Eu* me importava! *Eu* quis ajudá-los inúmeras vezes, mas não o fiz por medo dos sábios! Você sempre soube disso! — Apontou o dedo me acusando.

Tentei me levantar.

— Fui gentil com você antes de me apaixonar por Luke! Se conseguiu perdoar Megan por estar tão apaixonada por Tristan a ponto de esquecer o perigo que os escravos corriam, por que não fez o mesmo comigo? — gritou ofendida e coberta de fúria.

Eu me ergui e a olhei fundo nos olhos.

— Por que não me levou embora dali como fez com Dórken? Por que não me contou a verdade para que eu pudesse ter recomeçado?

Duas sombras tomam a forma de Luke e a filha da cozinheira. Eles estavam abraçados, com os rostos próximos.

— Cometi um erro ao pedir Alyra em casamento. É você quem eu quero...

Os dois se beijaram e Alyra caiu em prantos ao ver a cena.

— Devia ter me contado!!! — Ela apontou para os dois, que desapareceram em meio às névoas.

Voltei meu olhar para Alyra e vi Grand em minha frente.

— Por que aceitou ir embora? — questionou-me decepcionado. — A menina que criei como minha própria filha me deixou por uma vida melhor e tudo o que eu queria era ter visto o seu sorriso, enquanto eu dava meu último suspiro. Não poderia ter esperado alguns dias para partir? Arturo teria permitido! — Seu semblante mudou para ódio.

Eu chorava, completamente tomada pela culpa. Que criatura horrível foi essa que me tornei? Olhei para Fílmor como a pedir ajuda, e ele, mesmo lamentando internamente, se manteve em uma postura firme. Ele sentia minha dor, mas nada fez para me ajudar. Então, enquanto Grand me cuspiu xingamentos, percebi o que acontecia. Estava diante de mim mesma e das culpas que carregava. Umas eu conhecia e outras estavam no meu subconsciente. Eu queria me desculpar, mas algo em mim ordenava me conter. Mantive meu olhar firme nos dela até que ela se transformou novamente.

Norár tinha o corpo curvado. Estava fraco e fitava o chão em prantos. Meu coração se estilhaçou pela primeira vez ao vê-lo, como se finalmente eu tivesse entendido.

— Nem mesmo com todas as visões que os deuses lhe proporcionaram, você foi capaz de compreender o quanto foi necessário e doloroso fazer o que eu fiz. — Ele lamentou. — Eu me arrependi, mas você sequer me perdoou. Tampouco me deixa ver meus bisnetos... — Chorou copiosamente com as mãos no rosto.

Fui até ele e abaixei-me, tocando suas costas, mas quando ele me olhou, foi o meu rosto que eu vi. Cerrei meus punhos e juntas nos levantamos, enquanto encarávamos uma a outra em desafio.

— Foi um teste, sua estúpida! Estou lhe testando desde o momento em que entrou e você foi incapaz de perceber. — Balançou a cabeça em desaprovação.

— Como pode ser parte de mim? — perguntei com escárnio.

— Então acha que sou ruim? — questionou zombando, depois se enfureceu. — Você é muito pior! — Suas mãos brilharam e ela alcançou uma adaga, iluminando-a.

Ela tentou fincar em mim, mas rapidamente eu me esquivei para o lado. Ela riu me desafiando.

Iluminei outra adaga e atirei, mas ela deu um mortal para trás, se desvencilhando do golpe e zombou da minha falha. Minhas mãos brilharam e meus pulsos latejaram de forma estranha. Senti como se algo quisesse tomar o meu corpo. O estranho acontecimento me distraiu por um segundo e ela se aproveitou para saltar

sobre mim, mas eu desviei e lhe acertei um soco. O golpe não a machucou, pois ela mal virou o rosto com o impacto. Quando voltou seu olhar raivoso para mim, me desferiu um outro soco que me fez voar longe e bater com as costas e cabeça em uma parede rochosa, que rachou com meu impacto.

Fui ao chão, fraca e completamente aterrorizada com a sua força. Ela se aproximou vitoriosa e me arrastou pelos cabelos sem muito esforço. Estava enfraquecida, mas jamais pensei em desistir. Tentei segurar seu braço, mas isso não a impediu de continuar me arrastando para o rio de lavas. Quando chegamos à margem, meu coração disparou em pânico. Não podia morrer ali! Fui erguida pelos cabelos e ela cuspiu na minha cara.

— Só pode haver uma de nós! Você é muito fraca para existir e eu não aguento mais sofrer as consequências de seus atos!

Ela me lançou para o meio do rio e afundei desesperada, esperando a morte me tocar de vez, visto que quem morria no reino dos mortos, se perdia para sempre. Pensei em quantas almas eu já havia enfrentado. Havia sido tudo em vão? O fogo por um segundo queimou cada poro do meu corpo, mas, surpreendentemente, uma sensação revigorante me tomou por completo. Era como se uma criatura dentro de mim desse um grito de liberdade. Eu já não me sentia queimando novamente, também não estava mais amedrontada, e então percebi, estranhamente, que nunca me sentira tão viva! Eu conseguia respirar submersa em um rio de chamas e tentei buscar a superfície em um ímpeto desesperado de subir e acabar de vez com aquela que queria tomar o meu lugar!

Então eu a vi! Medrene se aproximou e me tocou. Tentei lutar, mas ela me surpreendeu em um gesto amigável, ao me pegar pelo braço para me ajudar a subir.

Roxane se levantou em um salto e Sórum levou as mãos à boca. Ambas estavam em choque por me ver sair ilesa, mas Fílmor novamente não pareceu surpreso.

Pressionei minhas mãos no solo para subir. Ao mesmo tempo, Medrene me empurrou para cima e eu notei que, em meu antebraço, veias estranhas apareceram em ondulações quando fiz esforço, mas desapareceram quando me coloquei de pé.

Corremos em direção uma da outra e rolamos no chão entre socos. Ela montou em meus quadris, tentando me enforcar. Sórum iluminou suas mãos, mas Fílmor pediu para que ela não interferisse.

Ela tentou socar meu rosto, eu desviei e ela socou bruscamente o chão, formando um buraco. Agarrei seus punhos e os torci para trás lhe causando desconforto. Ela enrijeceu as costas de dor e gritou. Acertei-lhe uma cabeçada no nariz e a joguei para o lado. Ela então levou as mãos em concha para conter o sangramento.

Eu a encarei repleta de fúria e ela por um instante se espantou por eu não ter morrido. Minhas energias emanaram por todo meu corpo e atirei flechas contra ela,

que desviou de todas com maestria. Quando ela já estava mais próxima, atirei uma das minhas flechas iluminadas no chão, que se abriu em uma cratera. Ela rapidamente rolou para o lado e se levantou em um salto.

— Não sabe mesmo com quem está lutando? — Ela cuspiu o sangue no chão.

Iluminei minhas mãos, rangendo os dentes e ela me aguardou erguendo as mãos iluminadas. Corremos de encontro uma a outra e nossos corpos travaram quando nos chocamos, então ela me empurrou em direção a uma parede rochosa, me fazendo bater com a cabeça novamente. Eu mais uma vez fui ao chão de joelhos para o lado e ela aproveitou para iluminar uma flecha e acertar o topo da parede, que se partiu fazendo cair enormes destroços sobre mim.

Após um esforço, consegui desintegrar os maiores destroços. Levantei e joguei algumas pedras para o lado, me ergui consumida pelo ódio, enquanto minhas feridas se curaram com facilidade.

Ela me aplaudiu lentamente em deboche e com a cara azeda.

Comecei a atirar-lhes flechas e ela se esquivava sem dificuldade, até eu enganá-la atirando uma flecha para a esquerda e uma adaga em seguida para a direita que acabou acertando seu ventre. Ela caiu de joelhos e os poderes emanados pela minha adaga pareciam lutar contra os dela ao tentar se curar. Emanei energias para uma outra flecha que acertou o chão, próximo a seus pés, formando um buraco que a arrastou para dentro.

Rapidamente, escalei uma parede rochosa, onde perfurações me permitiam apoiar meus pés para subir. No topo, eu a vi saindo do buraco e, então, lhe acertei mais três flechas. Ela envergou a coluna para trás, gritando de dor, e quando a encarei soube que estava enfraquecida, eu enfim recuperei o tridente com minha respiração ofegante.

Então, com um grito de raiva, saltei em sua direção e finquei minha arma com força em seu peito.

— Você é mesmo uma estúpida, sabia? — Ela desdenhou.

Soltei um grito de ódio e afundei ainda mais o tridente, o girando para causar-lhe mais dor e ela, enfim, tombou a cabeça para o lado com os olhos revirados.

Pisei em seu quadril para arrancar o tridente. Ela enfim estava morta, mas eu não estava contente com o que acabara de fazer.

Fílmor se colocou próximo a mim, ao lado de Roxane e Sórum. Ele permaneceu calmo, enquanto as duas continuaram em choque. Escalei a cratera e saí com dificuldade. Ajoelhei-me ofegante buscando conforto no chão. Tentei pegar ar, meu coração estava disparado enquanto eu tentei ao máximo retomar meu fôlego.

De repente, em meio àqueles segundos de silêncio, eu a vi surgir da cratera com facilidade. Ela se levantou e o seu corpo começou a se curar.

— Você não pode me derrotar, Kyara! Desista!

— E o que a faz pensar ser mais forte do que eu? — indaguei.

Ela me atirou uma flecha iluminada e meus poderes lutaram com o dela. Eu desabei, tomada por uma dor insuportável, até que ela correu e montou em cima de mim.

— Quando eu retornar a Shadowfalls em seu lugar, nunca mais precisarei sofrer com os erros que você cometeu. Tampouco meu povo! — disse ciente de sua vitória.



Capítulo 21

Ela batia minha cabeça contra o chão insistentemente. Então, as ondulações voltaram e as veias pulsaram como se quisessem sair do meu corpo, me trazendo uma força repentina.

Eu a peguei pelo pescoço e ela me soltou, abrindo a boca em busca de ar.

— Você pode ser parte de mim, mas jamais será eu, portando, nunca permitirei que me controle!

Então eu a ergui do chão e a joguei novamente com força para enfraquecê-la ao máximo, e no solo onde ela caiu formou-se um vão. Ela percebeu e, por um momento, se assustou e tentou sair, contudo, eu a interrompi com o pé sobre seu peito.

— Jamais tomarão meu lugar, meu povo e família! Sou *eu* quem controla você! Nem que tenhamos de duelar pela eternidade!

Ao perceber que eu enfim entendia realmente o que era preciso para derrotá-la, ela arregalou os olhos desesperada, depois fincou uma adaga no meu joelho que me fez cair de dor. Ela se ergueu rapidamente, ficando em pé na minha frente.

Eu retirei a adaga com ódio e aguardei me curar para ficar frente a frente com ela novamente, entretanto, me espantei quando a vi com serenidade em seu olhar. Com um sorriso, ela me estendeu a mão para me ajudar a levantar. Dei um tapa para desviar sua mão do meu caminho e me levantei sozinha.

— Finalmente você entendeu, Kyara — disse com um sorriso e, para meu espanto, pareceu aliviada.

— Você é louca? — perguntei enraivecida.

— Para sua sorte, esse lado seu não existe — ela brincou.

— Do que está falando?

— Não percebeu a deixei mais forte?

Eu a olhei confusa.

Fílmor então se aproximou pela primeira vez, tomando a palavra.

— Ela é toda culpa que você carrega pelas decisões que precisou tomar ou até por destinos já traçados os quais você não teve domínio.

— Por que tentou manipular minha mente para matá-los?

— Apenas um teste. Se soubesse o que o destino lhe reserva, saberia que será responsável por muitas mortes. E se não souber conviver com a culpa, você poderá sucumbir e falhar.

— Não sei do que você fala, mas entendo que não posso me culpar por erros dos outros e que há consequências em cada escolha que tomamos.

— Nunca estaremos totalmente satisfeitos, Kyara. Fico feliz que finalmente entenda isso.

Respirei fundo e ela estendeu a mão para que eu a tocassem. Ela começou a ser sugada para dentro de mim novamente, então me lembrei de suas palavras ao dizer que me deixava mais forte, e uma vez que com ela de volta a mim, realmente me senti mais forte do que nunca.

Fílmor se aproximou pela segunda vez e paramos frente a frente. Ele parecia orgulhoso.

— Você é muito sábia, Kyara. Não preciso ser um Deus para perceber isso.

— Eu curvei meu corpo em respeito e agradecimento. Ele se virou para Roxane e pareceu cansado de tanto se decepcionar com ela.

— Nenhuma alma conheceu tão bem o labirinto como você — disse admirado. — É frustrante ver uma alma tão inteligente, que conseguiu driblar todas as barreiras emocionais e psicológicas do labirinto, não conseguir perceber algo tão óbvio. Não são as ações que determinam quem fica ou não no labirinto, mas, sim, suas emoções! Se sentisse verdadeiramente todas aquelas lágrimas que você fingiu... — Ele agora pareceu lamentar. — Mas isso não habita em você, então não há nada que poderei fazer para tirá-la daqui. — Ele suspirou e Roxane, abaixou a cabeça. — Tentei, pela última vez, lhe dar uma chance, mas assim como todas as vezes, você falhou.

— Por todos esses anos, eu a protegi de forma que você não sucumbisse totalmente ao labirinto e, por isso, manteve sua aparência, mas eu cansei, Roxane.

— Não, não, por favor!! — ela implorou, já sabendo sua sentença. — Não irei mais mentir, eu quero me juntar a você! Quero fazer parte do seu exército!

Ele lamentava. Suas palavras, como sempre, não eram verdadeiras. Ela estava aterrorizada e só prometia lealdade por medo. Ele sabia que ela o trairia futuramente.

Fílmor abaixou as orelhas novamente, então sombras diabólicas surgiram por detrás das árvores, desviando de mim e de Sórum.

Roxane tentou correr, mas foi pega pelo tornozelo por uma das sombras.

— Larguem-na! — Fílmor pediu abatido.

As almas ficaram confusas, mas obedeceram seu mestre, sumindo em seguida. Roxane mais do que nunca estava em choque.

— Não vai castigá-la? — perguntei amargamente.

— Eu, o Deus do mundo dos mortos, devo ser o mais tolo de todos, por insistir em acreditar em algo que jamais vai acontecer. Para alguém como ela, vagar pelo labirinto é o pior dos castigos, ainda mais agora, que ela é como eles. Vá! — ele ordenou a ela. — Quem sabe um dia você não ajude alguém de verdade?

Roxane saiu enraivecida e sumiu por um dos portais.

— Sabe que ela jamais ajudará alguém, não é mesmo?

— Sei disso, mas gosto dela apesar de tudo. Foi a alma mais inteligente que conheci e, portanto, ela tem meu respeito. Deixarei que vague por aí.

— E quanto às almas que ela disse ter ajudado?

— Foi apenas mais uma de suas mentiras. — Respirou fundo. — As almas boas não pertencem a esse lado e jamais permitiria que ficassem. — Ele encarou Sórum. — Você cometeu um erro, mas eu sinto seu arrependimento, assim como sua compaixão comigo, sem fazer ideia de quem eu era. Sendo assim, eu a perdoo.

Sórum levou a mão ao peito em alívio e agradeceu humildemente.

— Você pertence ao outro lado — ele disse sereno e eu a abracei, feliz em saber que ela ficaria bem.

Fílmor então faz um gesto com a cabeça. Ele inspirou fundo e abaixou o pescoço, como se consentisse ou permitisse algo que estava por vir. Então, por trás dele, ao longe, uma criança surgiu com um lindo e longo vestido de rendas azuis e douradas.

Fílmor permaneceu imóvel, mas vi em seus olhos que ele sorria por entro.

Sórum então abriu a boca, espantada. Ela por um momento questionou quem seria aquela criança, mas após fitá-la com atenção, pareceu reconhecê-la e estava feliz em vê-la. Sórum ainda se questionou, mas quando a criança sorriu, ela prendeu o fôlego, estupefata.

As duas correram uma para outra e Sórum a abraçou. Emocionada, eu observei as duas e virei-me para Fílmor no aguardo de uma resposta.

— Sabe que, no outro lado, você tem direito de ter a vida que sempre sonhou?

— Meu avô me disse — eu falei carinhosamente e Fílmor abaixou a cabeça e as orelhas.

Foi então que me lembrei de quem ele era realmente, além do Deus do mundo dos mortos. Ele pareceu sentir saudades, contudo, ainda não estava pronto para falar ou fazer algo a respeito.

— Quem é a criança? — perguntei na intenção de quebrar o clima desconfortável, o qual sem querer remeti.

— Ela não te contou que perdeu um filho quando viva?

Eu prendi meu fôlego, emocionada, e sorri para as duas.

— Eu salvei aquela alma — disse pacífico e orgulhoso do que fez.



Capítulo 22

Sórum então nos olhou emocionada, ela mal tinha forças para dizer uma só palavra, mas sabíamos o quanto estava agradecida. Fílmor olhou para o lado, onde um portal de luz se abriu e Sórum foi carinhosamente conduzida pela filha até ele.

Então, a amiga que eu nunca imaginei fazer, se virou para mim em um largo sorriso e balbuciou:

— Obrigada, Kyara, por acreditar em mim.

Deixei cair algumas lágrimas e fiz um gesto positivo com a cabeça, quando elas entraram o portal enfim se fechou.

— Como foi que Sórum perdeu o bebê?

— Dias depois de nascer. — Ele suspirou. — Eu salvo todas essas almas inocentes e as permito crescerem normalmente do outro lado. Elas não tiveram uma chance em seu mundo, então resolvi fazer as minhas regras. Se o destino lá fora lhes é curto e se forem almas boas, elas têm uma chance aqui. Caso contrário, o labirinto se encarrega.

— Mas Roxane disse que não há crianças no labirinto.

— E não há. Essa foi a única verdade que ela contou, inclusive sobre como as almas delas são realmente.

— Então Kai não está aqui — eu disse aliviada.

— Não. Eu o busquei no exato momento em que eu o senti e o levei para o outro lado.

— Fílmor... — eu o interrompi de forma a quase suplicar, mas nem precisei fazer a pergunta.

— Mamãe!!! — Aquela voz doce e inocente que eu tanto amo, chamou por mim, e quando eu me virei, Kai correu em minha direção.

Apoiei meus joelhos no chão em prantos e ele se jogou em meus braços. Tombamos de lado no chão e eu cobri seu rosto de beijos fortes enquanto ele ria

como se fizesse cócegas. Eu então o afastei carinhosamente de mim e inspecionei cada parte de seu corpo, para me certificar de que não havia um arranhão sequer.

Aquela floresta escura em seguida se transformou em verde. O rio de lavas, agora estava cristalino, mas Medrene manteve a aparência de cabelos e olhos vermelhos. Ela olhou para mim e Kai com carinho. Pouco depois, eu me aproximei amigavelmente.

— Acho que isso lhe pertence. — Entreguei-lhe o tridente. — Por que tentou me matar? — questionei com pesar.

— Você é minha irmã. Eu jamais tentaria tal coisa — falou em juramento.

— Você tentou me acertar com o tridente. — Lembrei pacificamente.

— Não o joguei para lhe acertar. Joguei-o para você usar! Fingi errar propositalmente, pois sem ele, muitas das criaturas que você enfrentou não teriam morrido facilmente apenas pelos seus poderes.

— Por que não disse nada quando nos conhecemos? — perguntei de forma gentil.

— Conhecendo Roxane, percebi que ela já havia lhe conquistado com suas mentiras. Calei-me por medo de que ela te contasse a verdade sobre mim.

Eu franzi minha testa.

— Eu já te odiei no passado. — Lamentou. — Mas as almas que chegam aqui comentam e, assim, eu soube da verdade. — Ela suspirou. — Maleena, como vocês a chamam, foi amaldiçoada por não aceitar o seu destino em Arnhem e eu recebi a mesma maldição por defender minha irmã. — Seus olhos se encheram de lágrimas e eu me espantei.

Eu sabia que reconhecia seu rosto de algum lugar!

— Culpei você por tudo, pelo sofrimento que eu e minha irmã enfrentamos e principalmente quando vim parar aqui. Maleena não se incomodou com a maldição, mas eu era vaidosa demais para aceitar. Acabei pondo um fim em minha vida para cessar a dor, mas ela só aumentou.

Eu prendi o fôlego, abismada.

— Quando as almas da última guerra de Shadowfalls chegaram aqui no labirinto, eles comentaram que falharam por sua causa. Então eu soube o que fez para defender e vingar as mortes das sereias.

— Ela finalmente se convenceu de que um bebê não tem culpa do destino que lhe é dado e, só então, ela não encontrou mais motivos para te odiar — completou Fílmor.

— Acredite, sofro até hoje com o ódio que me consumiu e me fez tirar minha própria vida. Mesmo que eu não sinta dores físicas, a dor da saudade é angustiante. Meu pior castigo é uma eternidade sem ver minhas irmãs.

Fílmor então fitou o chão de forma a lamentar algo profundamente.

— Eu compreendo a sua ira. Já fui como você e quase errei quando pensei te castigar com as dores do rio no qual você nadava. Às vezes, meu próprio mundo me consome e acabo por tomar decisões erradas. Ainda bem que voltei atrás. Você já sofria demais, não precisava de mais uma dor — ele lamentou, mas depois continuou: — Meu irmão e eu éramos os deuses da floresta. Reinávamos juntos, mas tínhamos opiniões diferentes. Nós sabíamos por que tais pessoas eram predestinadas a determinados destinos, mas quando pessoas ruins tinham destinos bons, eu não concordava. Depois de tanto brigar, acabei criando o meu mundo, o mundo dos mortos, onde eu me encarregaria de punir os culpados e recompensar os inocentes.

— E para onde os mortos iam antes?

— As almas eram dizimadas no exato momento em que morriam, mas acabei por fazer minhas próprias regras. Os deuses concordaram, pois eles mandariam nos destinos das pessoas enquanto vivas, mas depois que morressem, eles se isentariam de qualquer responsabilidade. E seria ali que eu entraria. Meu mundo, minhas regras, sem intervenções. Eu respeitaria as decisões deles e eles me deixariam livre para me encarregar das almas.

Kai me abraçou forte e então me lembrei do que Fílmor me contou quando estava na forma de Gôbu.

— Falou a verdade quando disse sentir falta da sua família? — perguntei afetuosa.

Ele fitou o horizonte por um tempo, depois confirmou em um gesto de cabeça.

Kai se pôs à frente dele e Fílmor baixou a cabeça em sua direção. Os dois encostaram suas testas uma na outra e meu filho segurou em suas bochechas como se lhe desse força a fazer o que Fílmor relutava.

— Meu irmão nunca bloqueou seu mundo para mim, mas eu fui egoísta e bloqueei o meu para ele. — Suspirou arrependido.

— Nunca é tarde para reparar um erro — aconselhei serenamente.

Então, uma mulher apareceu procurando algo pelos cantos, como se tivesse uma urgência em encontrar algo ou alguém. Ela vestia uma armadura em farrapos e usava um elmo que cobria parte de seu rosto. Eu a conhecia de algum lugar. Ela então nos notou e paralisou de longe.

— Antes de sucumbir por completo na escuridão, te ouvi dizer várias vezes que reconheceria sua filha, Alda. — Ele brincou.

Ela então tirou o elmo e seus cabelos, que pareciam presos, caíram na altura dos ombros. Nos olhamos boquiabertas por um segundo.

— Kyara? — perguntou incrédula. Eu estava tão confusa que não consegui dizer uma palavra sequer.

Alda então correu até a mim e seu abraço me tirou do transe. A emoção era tamanha que perdíamos as forças, então caímos ajoelhadas e depois tombamos para o lado. Ambas estávamos aos prantos enquanto ela me segurava em seu colo como se eu fosse uma criança e não soube dizer exatamente quanto tempo ficamos assim, só sei que nunca pareceria tempo suficiente. Então, finalmente, tive forças para falar:

— Mãe? Mãe!

Ela me apertou mais em seu colo e Fílmor então se pronunciou.

— Alda foi uma das raríssimas almas que já chegou derrotada, sem vontade de lutar contra as sombras, pois ela jamais se conformaria em não poder criá-la. Aos poucos, a escuridão a engoliu e ela se perdeu em seus pesadelos, mas quando as almas comentaram que você estava aqui, ouvir seu nome lhe trouxe de volta à lucidez e ela fez de tudo para te encontrar. Os deuses também têm sentimentos e ver o amor que ela carrega por você, me tocou profundamente.

— Então ela poderá ir para o outro lado? — perguntei esperançosa, mas o olhar da minha mãe não dizia isso. Ela sabia de sua sentença.

— Alda também cometeu atos hediondos enquanto viva, portanto, não posso ajudá-la.

— Mas Sórum também. E ela teve uma chance — contestei de forma polida.

— Ela tinha um bom coração, Kyara. Eu não. Minha única bondade foi amar você e seu pai.

— Tive as visões de você em Ardhem! Você não era como eles.

— Sim eu era. — Ela lamentou. — O fato de eu não gostar deles, não me fez diferente. Matei muitos inocentes sem remorso algum. Hoje eu me arrependo e teria feito tudo diferente, mas não é o suficiente para ser perdoada por tudo o que eu fiz.

— Mas posso perdoá-la, fazendo-a parte do meu exército — ele disse, nos pegando de surpresa.

Alda arregalou os olhos.

— Seria uma honra!

— E para onde seu exército vai? — perguntei, curiosa com o paradeiro de minha mãe. — Roxane comentou sobre um local seguro, era o lugar para onde ela dizia estar nos levando.

— Não existe um local seguro. Seu plano era enganá-las e guiá-las pela eternidade porque ela acreditava que ajudando vocês a fugir dos perigos do labirinto, eu a tiraria daqui. Mas, como disse, ela fez por ela e não com real intenção de te ajudar.

— Então, se não há um local seguro, para onde minha mãe vai?

— Há um limbo criado por mim e neste local eles ficam em segurança, longe dos tormentos desse lugar. Não tem beleza, mas há paz e eles gostam pelo fato de não pertencer ao labirinto. São livres para passearem por aqui se quiserem, mas sabem se teletransportar de volta ao limbo quando bem entenderem.

— Eu ficarei bem, filha — disse olhando nos meus olhos.

Seus olhos transbordam agradecimento pelo momento em que estávamos tendo e por finalmente poder deixar aquele lugar.

— Poder finalmente conhecê-la já me basta para poder aceitar minha morte, pois sei que você está bem. — Ela olhou para Kai com tristeza. — Só lamento por outros que deixei de conhecer.

Kai se juntou a ela em um abraço apertado e Alda derramou lágrimas em silêncio. Fílmor estava satisfeito com o que via e ela o olhou extremamente agradecida, quando então, seu olhar fixou-se em alguém atrás de mim. Devagar, ela largou Kai e se levantou completamente chocada com o que via.

Eu a olhei em questionamento e antes que eu pudesse me virar ou perguntar o que era, Fílmor disse:

— Enquanto estavam ocupadas, eu finalmente me comuniquei com meu irmão e lhe convidei para entrar.

Quando me virei, notei meu pai fitando minha mãe em choque e, ao seu lado, Báhlgor em forma de cervo encarava Fílmor com raiva. Fílmor rosnou parecendo incomodado.

Com os dois prestes a se atacar, Ranfel se contorceu em angústia por não poder ir até Alda. Ela, por sua vez, estava ao lado de Fílmor e se sentiu da mesma forma, mas ambos sabiam que precisavam ser fiéis aos seus superiores e nada puderam fazer.



Capítulo 23

Báhlgor ainda manteve um semblante nada amigável e não parecia nem um pouco impressionado ou surpreso, tampouco feliz em ver o irmão após tantos anos. Fílmor rosnou novamente e o encontro que deveria ser feliz, acabou por se tornar hostil.

Meu avô arrastava os pés no chão, enquanto o cenário ia ficando sombrio novamente. De seus cascos, raios amarelos e brilhantes como relâmpagos surgiam e eram atirados pelas laterais. Muitos derrubaram algumas árvores quando se chocaram e barulhos de trovoadas com ecos nos fizeram tapar os ouvidos, enquanto todo cenário, inclusive o chão, tremia como em um terremoto. Depois, ele esfregou os chifres em uma rocha próxima e o atrito causou faíscas. Fílmor arrepiava os pelos das espinhas, rosnava e cravava as garras no chão. Elas eram tão fortes que os separava em fendas grossas, mostrando o rio de lavas que corria por baixo.

Kai se assustou e eu o abracei forte para protegê-lo. Minha mãe nos puxou para ela. Meu pai permanecia imóvel e assustado quando Fílmor e Báhlgor correram e se chocaram no ar. Báhlgor o feriu com seus chifres e o jogou longe. Aquele lobo imenso caiu e causou um estrondo no chão pelo rombo que se formou com a queda. Fílmor rolou e se ralou no chão rochoso, mas se levantou, ignorando a dor dos ferimentos que saravam instantaneamente.

Ele rosnou alto e, mais forte, correu para Báhlgor, desviando de seus chifres e surpreendendo o irmão com uma mordida no dorso. Meu avô gritou de dor e, fraco, perdeu a força em suas patas. Ele relutava para levantar-se e Fílmor estava de pé, travando seu corpo e impedindo que meu avô se movesse. Eles rosnavam um para o outro há milímetros de seus rostos.

— Faça alguma coisa!!! — implorei ao meu pai, mas ele nada pôde fazer, pois quando os deuses brigam, ninguém interfere.

Kai chorava e tapava o rosto para não ver nada. Eu me encarreguei de tapar seus ouvidos para também cessar os sons aterrorizantes.

A ferida agora exposta e grande mostrava a gravidade da situação do meu avô. O sangue escorria e ele, enfraquecido, ainda tentava se manter de pé, mas era impedido por Fílmor que aproximava o rosto e continuava a mover o corpo de forma a impedir meu avô de se levantar.

— Acabou de dar o seu showzinho? — perguntou Báhlgor amargamente.

O sangue ainda jorrava. A expressão de Fílmor então mudou da fúria para um olhar cerrado e irônico.

— Como ousa falar em showzinho se não consegue nem fazer parar o próprio sangue? — ironizou.

Os dois começam a rir e Báhlgor se levantou totalmente curado.

Meu pai deu um sorriso de canto de boca e eu, aliviada por ter sido tudo uma brincadeira, corri em direção ao meu avô para abraçá-lo. Ele então mudou para sua forma original novamente.

— Por que fizeram isso? — perguntei assustada, mas ele riu.

— Um velho hábito entre irmãos.

Nessa hora, meus pais correram ao encontro um do outro e se beijaram apaixonadamente. Eu olhei aquilo enquanto abraçava meu filho, que se juntou no meu abraço com seu bisavô. Não poderia estar mais feliz em ver minha família junta, algo que jamais pensei que pudesse acontecer. Eu estava completamente emocionada, até meu avô olhar para Fílmor atrás de mim e quebrar o clima.

— Sério? Uma foice? — Báhlgor indagou amargamente com os olhos semicerrados.

Eu me virei curiosa e me deparei com um dos mais lindos elfos que já imaginei ver. Com longos cabelos e olhos negros, sua vestimenta me lembrou muito a de Aidan, com um sobretudo preto e um sorriso tão fascinantemente sedutor, que desconcertaria qualquer criatura. Fílmor girou a foice com a lâmina passando acima de sua cabeça em um ato descontraído.

— Não sei por que os humanos sempre associaram a morte como uma figura esquelética que usa uma foice. Não me agradou a figura esquelética, mas da foice eu gostei — brincou.

Báhlgor manteve o olhar de tédio.

— O quê? Achei interessante! Me dá um certo poder, afinal, como espera que eu receba as almas no meu mundo? Com uma espada? — respondeu com sarcasmo.

— Você sempre gostou de aparecer.

— Você escolheu saltitar reluzentemente pelas florestas e eu que gosto de aparecer? — Fílmor riu. — Não nos vemos há anos e você vai criticar minha foice?

— Por isso que nunca escolhi uma forma animal — disse meu pai a Kai e a mim, enquanto abraçava minha mãe.

As ondulações escamosas voltam no meu braço, mas agora, involuntariamente. Eles então perceberam. Fílmor se aproximou e pegou em meu braço para ver melhor e elas aconteceram novamente. As veias grossas e negras apareciam e sumiam de acordo com a intensidade das ondulações.

— A verdade, Kyara, é que todos que entram no meu reino, morrem.

Eu abri a boca em espanto e ele continuou:

— Todos vocês, inclusive Kai, morreram quando entraram. No entanto, você não é uma simples humana, portanto, ainda está apegada ao corpo físico que não mostra quem é você na verdade.

— Os urros animais que eu dei...

— Foi a sua real forma querendo sair, mas ela só sairá quando você realmente a permitir.

— Mas se eu e Kai morremos, estamos presos aqui? — perguntei angustiada e Fílmor negou com a cabeça, me aliviando em seguida.

— Se esqueceu de que é uma semideusa? E seu filho também?

— Sua parte humana e élfica morreu, Kyara. São deuses agora! — disse meu pai orgulhoso. — Fílmor não poderia prendê-los aqui, nem que ele quisesse.

Eu abracei fortemente meu filho. A ideia de ter me tornado uma deusa não me afetou, sequer mudou algo em mim. Eu só queria levar meu filho para casa.

— Então, se nada nos impede de ficar, podemos ir embora — disse aliviada.

Para meu espanto, Kai soltou minha mão carinhosamente e caminhou para o lado de Fílmor.

Meu pai e avô não pareceram surpresos.

— Kai? — perguntei de coração partido. — O que está fazendo? Vamos para casa! — estendi a mão, agoniada.

— Não, mãe — ele respondeu carinhosamente.

Prendi o fôlego com o nó na garganta.

— Fílmor me mostrou o outro lado e como tudo funciona. Eu nunca me senti tão em casa.

— Sua casa é em Shadowfalls com sua família — insisti desamparada.

— Ele também é minha família — Kai disse, enquanto Fílmor apoiou a mão em seu ombro e o apertou carinhosamente contra si.

— A deusa Mereen deixou claro que Kai jamais viria a ser rei de Shadowfalls, mesmo que fosse o primeiro a nascer — lembrou Báhlgor.

— Kai é muito maduro para a pouca idade que tem. É como se fosse um espírito velho no corpo de uma criança e a decisão de um Deus deve ser respeitada — disse Fílmor em apoio ao meu filho.

— E quanto a minha decisão? Eu também sou uma deusa agora e digo que quero que Kai venha comigo!

— O destino dele é aqui, Kyara — meu pai disse firme e com pesar.

Não segurei o pranto e meu filho veio me abraçar.

— Ele sempre teve uma estranha ligação com o meu mundo — Fílmor afirmou.

— Por que acha que a morte sempre o fascinou?

— Aquele episódio do pássaro não foi o único — Báhlgor se pronunciou. — Como nunca pude ver seu real destino por ter o mundo dos mortos bloqueado, eu não sabia o verdadeiro motivo. Eu o impedi aquela vez para salvar a fada, mas algo me dizia que eu não poderia me meter, pois sentia que tinha algo a ver com seu destino.

— Cuidaremos bem dele — garantiu Medrene de forma gentil.

— Entendo a sua dor — Báhlgor disse se colocando ao meu lado. — Também senti quando Ranfel quis viver com os elfos, mas como Fílmor mesmo falou, precisamos respeitar as decisões dos deuses.

— São livres para voltar sempre que quiserem — Fílmor faz uma leve reverência. — O mundo dos mortos agora se abre para vocês.

— O mundo lá fora também. — Báhlgor tocou o ombro do irmão com força e Fílmor consentiu.

Meu pai e minha mãe se olharam felizes em saber que poderiam continuar juntos. Os dois se abraçam novamente.

Fílmor parecia feliz, mas Báhlgor estava arrependido. Ele então aproximou-se de Alda dizendo:

— Jamais deveria ter me intrometido.

— Não fui uma das melhores criaturas. Entendo sua decisão.

Eles tocaram o ombro um do outro e se perdoaram, mantendo um grande respeito entre si.

Ainda relutante em aceitar a decisão de Kai, eu só tinha como consolo que ele ficaria bem e que, com o tempo, eu entenderia melhor a importância de respeitar a vontade de um deus, afinal, é mais fácil quando seu filho não é um deles. Eu ri da minha própria piada mentalmente e apertei meu filho contra meu corpo mais uma vez. Confessei a mim mesma que me preocupava com a reação do meu povo e família ao me ver retornando sem ele.

— Não se preocupe — Fílmor me assegurou carinhosamente. — Ficarão chateados com a ausência de Kai, mas você sempre será amada pelo seu povo.

— Estou pronta para ir. Preciso voltar para casa antes que a guerra comece.

Houve um silêncio repentino e então me dei conta de que os deuses nunca devem interferir na guerra. Eu me virei para eles com os olhos repletos de angústia.

— Minha filha está lá! Meu marido e meu povo também. Que os deuses me castiguem com sua pior punição, mas não há imortalidade alguma que me permitirá ficar de fora de uma guerra onde eles correm perigo — falei respeitosamente, mas incisiva.

— Há uma força muito poderosa e não humana a qual Christine se uniu para obter sucesso. E quando isso acontece, a intervenção dos deuses não é apenas permitida, se faz necessária!

— Não é mais uma guerra só de humanos! — Meu pai explicou completamente aterrorizado. — Jamais foi permitida tamanha intervenção, pois isso gera um desequilíbrio brutal nas forças, mudando vários destinos já traçados! É uma catástrofe!

— Essa força é a voz da caverna em meu sonho!! Os olhos de Christine ficaram repletos de terror ao ser ameaçada por ela! Agora tudo faz sentido!

— Consegue reconhecer a voz? — Fílmor perguntou, aflito.

— Não é nada comparado a qualquer voz que eu tenha escutado. Eu desconheço essa força, mas sinto ser muito poderosa! Precisamos ser rápidos!

— Você sente os temores da guerra que já acontece — Báhlgor falou e eu escutei os gritos dos inocentes e o barulho das lâminas cortando sua carne. Eu comecei a tremer.

— Shadowfalls não está em guerra! — Senti a paz em meu lar ao visualizá-lo, mas senti também o desespero que partia do meu povo. — Não entendo.. — eu disse aflita. — Há uma guerra acontecendo, mas não consigo sentir onde! Pelos deuses!!! — Eu finalmente me dei conta. — WESTON!!!! — Dei um grito de pavor repentino.

— Eu sabia que você iria senti-la — Báhlgor falou orgulhoso, mas sem perder a urgência em agirmos. — Ranfel, vá para Fainord, convoque os elfos com urgência e crie dois portais: Um que os leve para as proximidades do castelo e outro para a porta de entrada de Weston!

Ranfel consentiu e sumiu por um portal que ele conjurou.

— Weston está toda tomada pela guerra, mas venha comigo para as proximidades do castelo. Sinto Christine por lá!

— Certo!

Báhlgor sumiu de minha vista e eu me concentrei, mas fui interrompida por Fílmor.

— Não sem antes eu lhe dar um presente. Afinal, somos uma família — disse Fílmor com um sorriso brincalhão ao acariciar meu arco. Ele em seguida desintegrou minhas flechas, me causando incômodo.

— Não precisará mais delas.

Eu o encarei desentendida e questionei seriamente:

— Como vou usá-lo sem elas? E meu arco continua o mesmo. — Eu o inspecionei minuciosamente sem achar nada de diferente, até que ele riu.

— Você verá!



Capítulo 24

Abri os olhos após minha primeira tentativa de teletransporte e me vi na floresta próxima a Shadowfalls.

— Mas que droga! Como será que isso funciona?? Concentre-se, Kyara, concentre-se! — Eu disse a mim mesma, nervosa.

Senti meu corpo ondular como se um ser quisesse rasgar minha pele, então me dei conta de que eu precisava correr! Corri enquanto mentalizava Weston com força, tive a sensação de ser sugada quando parei em um local onde os gritos e o pavor da guerra se faziam presentes. Eu havia conseguido! Quando abri meus olhos e vi onde estava, não consegui evitar de revirá-los

— Só pode ser brincadeira!!! — Eu disse em pé, exatamente em cima de um dos aquedutos. — Ainda tenho muito o que aprender! — resmunguei enquanto corria por um dos aquedutos e pulava para um dos muros de Weston, vendo todos de cima.

Seres metade mulher, metade pássaros de penas brancas, sobrevoavam e pousavam no meio do campo de batalha, retirando meus aliados do perigo. Eu ouvia dizer que as harpias eram apenas lendas! Elas os pegavam pelos ombros com as garras dos pés. Respirei aliviada por saber que elas existiam e estavam do nosso lado. Meus homens sorriam em agradecimento, quando outro grupo delas surgiu, os pegando pelos braços ou pernas, desmembrando-os no ar. Alguns tiveram seus olhos arrancados antes e os membros caíam com uma chuva de sangue sobre aqueles, que ainda lutavam.

Outro grupo voltou, mas estavam erguendo elfos e magos que atiravam magias ou flechas nas inimigas que se aproximavam. Algumas harpias caíram feridas e morreram com a queda. Uma maga juntou-se a um elfo durante a queda e um homem no solo esticou suas mãos para o chão. Dele, brotaram duas raízes em formas de mãos e essas os pegaram no ar e o levaram ao solo em segurança.

Muitos conseguiram se salvar usando poderes parecidos, outros foram mortos pelas harpias ou pelas lanças dos minotauros que atiravam do chão.

Minotauros! Não pensei temê-los quando soube de sua existência, mas sua presença era intimidadora. Bípedes com pernas e cabeças de touro, tronco humano, peludo e musculoso como uma fera e, por fim, possuíam chifres pontiagudos e fatais. Seus cascos eram tão pesados que quando pisavam no chão com fúria, o solo parecia ceder um pouco, marcando suas pegadas de bode.

As magas lançavam projéteis de magia contra as harpias e eram cercadas pelos nossos arqueiros, que atiravam contra um grupo de minotauros que se aproximavam. Eles eram tão fortes, que precisavam de três flechas ou mais para diminuir seus avanços, mas os arqueiros atiravam insistentemente. Os elfos, por serem mais ágeis, conseguiam atirar mais flechas em menos tempo, mas, infelizmente, muitos foram covardemente mortos por magas inimigas em ataques pelas costas. Elas formavam portais próximos, pegando-os de surpresa com magias mortais de fogo ou de gelos pontiagudos que perfuravam suas nuças ou tórax.

Alguns minotauros caíram, outros tiveram tempo de se aproximar e matar os arqueiros com golpes de chifres ou de enormes e pesados machados que poderiam facilmente matar em um só golpe. As magas fizeram brotar raízes do chão, prendendo-os, mas eles conseguiam destruí-las, abrindo os braços e urrando. Outro usou o machado para cortar uma grossa raiz que se enroscou no tornozelo do seu aliado. Em seguida, um enorme grupo se aproximava para terminar de aniquilar as magas e arqueiros de Shadowfalls que se juntavam para matar as harpias. Eu estava prestes a intervir, afinal, era um grupo grande e meus homens, já cansados, não conseguiriam sobreviver a eles. Então, o chão começou a tremer como um terremoto e uma enorme fenda se formou diante dos pés dos minotauros, fazendo-os cair. Alguns se salvaram ao pular para os lados, antes da fenda aumentar, mas outros morreram quando a terra se fechou e os engoliu.

O enorme grupo de magas responsáveis pelas fendas surgiu e ajudou os outros a terminar de matar os minotauros que não foram engolidos.

Eu precisava ajudá-los! Mas quando pensei em fazer alguma coisa, minha presença acabou sendo notada por um grupo de harpias negras que se formava perto de mim. Elas eram maiores, mais fortes e pairavam no ar ao meu redor, gritando e vibrando as asas em ameaça. Eu alcancei o arco em minhas costas, quando me dei conta: As flechas! Lembrei-me de Fílmor tê-las desintegrado, mas quando eu o segurei firme em minhas mãos, o arco tomou a forma de um fogo vermelho vivo que não me queimou. Então foi como se a criatura dentro de mim me guiasse para fazer o que eu fiz. Puxei a corda do arco para trás e uma flecha de fogo surgiu instantaneamente.

Atirei-a sobre as harpias que se dissiparam e a força da flecha foi tanta, que eu não estava preparada. Caí desajeitadamente de cima dos aquedutos, de uma altura bastante elevada e batendo com as costas no chão. Eu me levantei e olhei confusa para o rombo que minha silhueta fez no solo.

Elas ainda erguiam e destroçavam meus aliados no ar, mas consegui matar todas com minhas flechas flamejantes, causando uma enorme explosão que fez seus restos mortais caírem sobre aqueles que ainda lutavam no solo. Meus aliados em queda foram salvos pelas magias dos magos que faziam brotar raízes ou galhos no chão, que os pegavam, apartando a queda. Eles buscaram de onde a explosão veio e ao notarem minha presença, meu povo vibrou com fervor, enquanto os inimigos se misturavam entre aqueles que se encheram de fúria e os aterrorizados, pois todos já sabiam de onde eu havia voltado.

As harpias se dividiram em dois grupos, um para me atacar e outro para atacar mais aliados distantes. Eu matava todas que se aproximavam de mim, elas caíam e se contorciam no chão em espasmos. Raios de fogo se juntavam às minhas flechas e quando percebi, um grupo de magos de Shadowfalls se juntava a mim até que finalmente um grupo sobrevivente começou a recuar e voar para longe. Elas haviam desistido, mas eu não.

— Majestade! — Um deles falou já sem fôlego. — Você voltou!

— E na hora certa pelo visto! — Outro comemorou.

— Precisamos ser rápidos. Weston foi atacado desprevenidamente. Há muitos inocentes sendo mortos.

—Vamos! — eu disse apressadamente e todos me seguiram.

Enquanto eu corria para ajudar meus aliados, observei o cenário de terror diante dos meus olhos, quando um belo e enorme corvo negro pousou no meu ombro.

— Depois de anos, finalmente decidi que animal me tornar.

— Pai? — Olhei para o corvo, confusa.

— Você tem trabalho a fazer! — ele disse e depois crocitou alto, levantando voo entre aqueles que lutavam.

Milhares de casas foram queimadas pelas magias das magas de Christine. Uma mulher e duas crianças gritavam quando um telhado em chamas desabou sobre elas. Minhas magas apagaram o fogo rapidamente com suas magias de água, enquanto eu atirava contra o grupo que incendiou a casa. Entretanto, elas conseguiram fugir. Terianos e centauros ajudavam a retirar os destroços e as crianças saíam com leves ferimentos, enquanto a mãe gritava de dor com partes de seu corpo queimadas. Consegui curá-las rapidamente, depois avistei um grupo de inocentes correndo por trás das casas e instantaneamente eu já sabia do que se tratava.

Um mago conjurou um portal que levaria os inocentes direto para Shadowfalls em segurança, mas nem todos conseguiram entrar, pois quando cheguei com a família que acabara de salvar, o mago já havia sido morto por trás, pelo machado de um minotauro. O Portal se fechou abruptamente e os inocentes gritaram em pânico, correndo para lados opostos. Apontei meu arco para aquele minotauro maldito, mas ele foi pego pelas costas, por Margreet, que abocanhou sua nuca. Ele caiu com os dentes dela travados na sua carne enquanto ela sacudia o focinho para destruí-lo, antes que pudesse tentar revidar, a criatura foi morta pela minha flecha.

— Margreet!!! — Corri até ela. — Você está bem?

— Você voltou! — disse feliz e aliviada em me ver.

— Precisamos de outro mago!

— Mas primeiro precisamos encontrar os inocentes!

As magas de Cristine lutavam contra os Terianos e, ao lado delas, elementais em forma de ar, fogo e pedra as ajudavam. Eles possuíam uma espécie de anel que os rodeavam com runas luminosas e percebi que eram esses anéis que os mantinham vivos.

— Forme um grupo para procurar e proteger os inocentes! Eu lido com os inimigos!

Ela concordou, rosnou alto e saltou para longe, correndo mais do que podia.

Magos de Shadowfalls já estavam cansados e enfraquecidos, mas relutavam bravamente contra os elementais que ajudavam os inimigos e os fortalecia. Seus poderes complementavam os de suas donas e meus homens não pareciam páreos para eles.

Finquei o meu pé no chão e atirei minhas flechas nos anéis, que se desfizeram, desintegrando as criaturas junto. Depois eu tentei acertar as magas. Umas caíram mortas, outras fugiram em portais.

Mais à frente, os gritos de pavor dos inocentes me chamaram a atenção. Havia minotauros bloqueando as portas com enormes pedras, enquanto algumas das magas de Christine ateavam fogo nos telhados. Havia famílias lá dentro que gritavam desesperadamente para sair. Jatos de água das minhas magas apagaram as chamas sem muito esforço. Eu atirei e matei o minotauro que bloqueou a passagem. Em seguida, acabei com as duas magas juntas, mas outras se aproximaram por trás das minhas magas e as mataram com magia de fogo, que se voltou para as casas novamente.

Aproximei-me dos grupos e vi Margreet ferida, lutando contra um minotauro. Perto dela, estava um enorme grupo de famílias que ela havia conseguido resgatar. Em meio à batalha, um mago se juntou a ela para ajudar com magia de fogo.

— Não! — ela gritou enquanto se esquivava de seu golpe de chifres. — Salve-os primeiro!! — Apontou com a cabeça e o mago rapidamente fez um portal para Shadowfalls.

Nessa hora, um enorme grupo de magas com seus elementais chegaram para atacar Margreet, o mago e os inocentes.

— Eu cubro vocês! — disse, enquanto atirava contra cada um que se aproximava.

O mago chegou a ser ferido por um raio, mas a maga responsável por feri-lo foi morta pela minha flecha. Ele caiu ajoelhado e o portal falhou por um segundo. Os inocentes então gritaram apavorados. Eu não podia curá-lo naquele momento, senão todos acabariam mortos. O grupo inimigo chegou em grandes quantidades, entretanto, minhas flechas de fogo foram capazes de matar parte do grupo de uma só vez.

Eu olhei para o mago e lhe dei força e mesmo sendo ajudado pelos inocentes, ele se ergueu com dificuldade e se concentrou no portal, o conjurando novamente.

Margreet lutava com bravura e suas esquivas começavam a cansar o oponente. Ele estava cada vez mais enraivecido pelas inúmeras vezes em que falhou ao acertá-la e eu resolvi me intrometer, atirando uma adaga no meio da sua testa. Margreet demonstrava-se incansável e já queria partir para outra batalha, enquanto eu continuei atirando flechas nas magas que tentavam atacar os inocentes. Felizmente, centauros e Terianos chegavam em massa e conseguiam atacá-las, mantendo-as ocupadas enquanto os inocentes corriam para o portal.

Margreet pulou sobre uma maga que tentou matar uma criança e arrancou sua cabeça com fúria. Ela jogou a cabeça como se a cuspiisse e logo foi cercada por um grupo que tentou atacá-la, mas foram mortas pelas flechas dos meus arqueiros que chegaram aos montes.

Nunca senti tamanha fúria vinda dela, Margreet deixou-me orgulhosa.

Alguns inocentes morreram pelas magas, outros conseguiram entrar no portal. O mago, que reuniu todas as suas forças para manter o portal, caiu exausto e o portal se fechou bruscamente. Sem inimigos por perto, eu pude curá-lo. Assim eu o fiz e me deparei com Margreet furiosa em busca dos inimigos, ela saiu correndo e rosnando para a estrada de Weston com sangue nos olhos!

— Desde que soube que Weston foi atacado desprevenidamente, ela virou a mais enfurecida das feras — disse o mago enquanto eu o curava. — Até agora, foi ela quem conseguiu matar o maior número de magas e minotauros. Preciso ir com ela para conjurar mais portais, pois há mais inocentes por aqui.

Ele me agradeceu por tê-lo curado e correu atrás dela.

Voltei para o caminho de pedras e vi um minotauro ferido, retirando a lança do corpo de um centauro morto. Pela primeira vez, senti algo estranho. Sem saber

explicar, eu não queria matá-lo. Ao menos não esse em específico. Enquanto os outros lutavam impiedosamente, esse me parecia não querer estar ali, mas fora levado a acreditar nas mentiras que faz uma guerra ser necessária. Ergui meu arco e, relutantemente, atirei contra ele. Lembrando-se do que minha sombra me disse. Canalizei minhas forças para a flecha que apenas o enfraqueceria dependendo do local atingido. Mirei em sua coxa e a soltei. Ele caiu ajoelhado e mugiu alto, como se fosse um berrante.

Um grupo de centauros e Terianos se aproximaram e eu ordenei que o tirassem dali, mas que não o machucassem. Eles seguiram minhas ordens, mesmo sem entender o porquê de eu querer poupá-lo.

Outro minotauro me notou e estava furioso por ter ordenado que meus homens levassem um dos seus.

— Da próxima vez, eu o mato, se preferir assim — eu disse com os olhos cerrados e as mãos iluminadas.

Ele mugiu alto e bufou, arrastando os pés no chão, vindo em minha direção com a cabeça inclinada para desferir-me um golpe mortal. Eu poderia ter facilmente o matado com as minhas flechas, mas quando percebi, estava correndo e rosnando de encontro a ele.

Segurei seu chifre para apartar seu golpe e imediatamente desviei girando sua cabeça, que foi de encontro com a parede de uma casa. Preso pelo chifre, ele retirou um machado das costas e começou a bufar. A criatura socou a parede formando rachaduras e ela começou a ruir até se desmoronar e cair em pedaços, mostrando a família que se escondia na casa, em pânico.

A família correu apressadamente pela brecha, enquanto o minotauro novamente ergueu seu machado e apontou seus chifres em minha direção. Ele estava convicto de que eu não poderia parar seu golpe novamente, ou se assim eu fizesse, sofreria um golpe de seu machado.

Ergui minha flecha até que fomos surpreendidos por um jato de água que uma das minhas magas direcionou. Ele parou e olhou-a por um segundo, depois começou a rir de sua falha tentativa de acertá-lo.

— Você quer me refrescar? — zombou ao girar o machado para acertá-la.

Então, uma magia de choque o pegou por trás, eletrocutando-o fortemente. Ele estremeceu por uns segundos enquanto seus olhos reviravam e sua boca espumava. A criatura logo largou o machado e caiu morto, mostrando Aidan em pé atrás dele, com o braço emanado da energia que acabara de arremessar.

Corremos um para o outro e nos abraçamos bruscamente.

— Kai está bem! — Assegurei e ele consentiu, enchendo os olhos de lágrimas.

— Síndel também está! — garantiu.

Abraçamo-nos novamente, dessa vez aliviados.



Capítulo 25

Paramos nosso abraço quando notamos um grupo de centauros cercado pelos minotauros, formando uma luta entre brutamontes.

Então, dos telhados das casas que não foram atacadas, Genevieve surgiu com seu grupo de arqueiros. Do lado oposto, em outro telhado, surgiu Windriel liderando um grupo de elfos, que cercaram os minotauros pelos telhados.

Tartus e Fandra perceberam o apoio e gritaram para os arqueiros que já miravam suas flechas.

— Atirem no dorso e em suas pernas! Faça-os sangrar! — Tartus gritou por já conhecer seus inimigos.

Aidan fechou os olhos com fúria e, quando os abriu novamente, eles estavam acinzentados como um céu em tempestade enquanto pequenos raios pareceram explodir dentro de seus olhos. Ele ergueu as mãos e caminhou de encontro ao grupo, lançando e controlando a intensidade de seus raios que os eletrocutam sem esforço. Aidan não queria matá-los ainda, apenas enfraquecê-los, facilitando os arqueiros de acertarem o alvo.

Os minotauros recebiam mais de uma flechada por vez e, aos poucos, eles foram caindo enfraquecidos, para depois serem mortos pelas lanças dos centauros. Eu ajudei a matá-los também e uma vez que todos estavam mortos, as harpias voltaram enfurecidas.

Elfos e arqueiros direcionaram suas flechas para o ar e muitas foram mortas com tiros certos na cabeça ou no peito. As que foram acertadas em pontos não vitais, logo foram mortas pelos centauros quando caíram.

Então outro grupo delas começou a aparecer por trás, erguendo-os novamente no ar e destruindo-os. Matei um grupo que erguia os elfos, mas não me atentei que não havia magos por perto. Muitos elfos e arqueiros morreram na queda, outros eu tive a chance de curar, enquanto os arqueiros e centauros me davam cobertura.

Chorei pelas mortes que causei, mas aprendi no mundo dos mortos a conviver com a culpa. Foi preciso, mas não ia repetir o mesmo erro duas vezes.

Quando os arqueiros cansaram e a maioria deles já haviam sido mortos ou feridos, as harpias sobrevoaram próxima a nós, pousando em seguida, dobrando os joelhos e tocando as mãos no solo. Espreguiçavam suas asas e tremiam as extremidades, rosnando em um semicírculo.

Aidan puxou-me para perto, soltou um grito de ódio e criou um escudo de energia em formato de bolha. Seus olhos estavam acinzentados e mais uma vez eu vi pequenos raios se formarem dentro deles enquanto o escudo pulsava crescendo até chegar nas harpias e matá-las eletrocutadas. Penas voaram e cobriram o chão como um tapete e seus corpos depenados estavam tostados, exalando um cheiro nauseante de carne queimada.

As magas de Christine voltaram a aparecer no exato momento em que Margreet, Tartus, Hoga e Fandra se juntaram a mim, alinhados horizontalmente. As magas sorriam maleficamente ao formar uma densa parede de fumaça. Nossas visões foram cessadas e começamos a tossir como se a fumaça nos intoxicasse.

Bayleigh surgiu liderando um grupo de magos e eles dissiparam a fumaça inimiga em uma ventania, entretanto, quando retomamos a visão por completo, nos deparamos com criaturas maiores que os Terianos. Eles colocaram-se em fila para nos atacar. Eram homens acinzentados e suas peles tinham uma textura estranha, como se fossem de pedra. Vestiam trapos e eram o triplo do tamanho de um teriano ou minotauro, com rostos desproporcionais e fortes. Muito fortes eu reconheci. O maior deles estava um passo à frente e parecia ser o líder.

Aidan apertou minha mão. Notei que minha presença trouxe um alívio tão grande que eles pareciam nem ter notado que eu acabara de retornar do mundo dos mortos. Fandra rosnou alto como se reconhecesse as criaturas e seu rosnado elevou a ira de Hoga e Tartus.

— Quem são eles? — perguntei para o primeiro que pudesse me responder, enquanto cerrei meus olhos e punhos.

— Trolls! — rosnou Fandra. Em minha mente, surgiram rápidos *flashes* de imagens das criaturas atacando covardemente sua antiga aldeia.

Eles começam a grunhir e as magas nos olhavam vitoriosas, enquanto o líder, lentamente se aproximava. O chão trepidava a cada passo e o barulho desconcertante do enorme tacape espinhento que ele arrastava, causou um certo receio nos meus aliados, mas eu me mantive firme. Então, ele finalmente ergueu a arma no ar e a desceu sobre nós, que nos esquivamos, saltando ou rolando para os lados. Ele tentou reaver a arma que ficara presa no chão pelos espinhos, enquanto os centauros e os Terianos que chegavam em um grupo numeroso tentavam saltar sobre ele para feri-lo.

Com o braço livre, o troll os golpeou em tapas, arremessando-os para longe. Todos caíram feridos, alguns até bateram bruscamente nas casas próximas, danificando as propriedades. Nessa hora, o pânico tomou a população por completo, porque até mesmo aqueles que se refugiaram em suas casas, saíram correndo com o estrondo dos aliados em seus telhados ou paredes. Nem mesmo Bravan, que surgiu em toda sua fúria, conseguiu encostá-lo. Ele parecia um mini gigante e não havia centauro ou teriano que conseguisse vencê-lo.

Os outros estavam enfileirados e não atacavam, mas se defendiam muito bem quando agredidos. Então muitos dos meus conseguiram matá-los, mas também foram mortos pelos trolls.

Duncan saltou sobre as costas de um deles e cravou seus dentes na nuca do inimigo que, após rodopiar desajeitadamente com a fera em suas costas, alcançou-o pela pele da coluna e o arremessou para longe. Não vi onde Duncan foi parar, mas sabia que ele voltaria e lutaria.

Eu notei que além da força brutal, eles eram burros como uma rocha, pois o líder ainda tentava retirar a arma do chão, mesmo sua força o tornando capaz de matar os inimigos com as próprias mãos. Corri e saltei sobre seus ombros, no exato momento em que ele retirou o tacape e quase caiu para trás. Ele poderia ter me esmagado, assim como meu povo, não sabia que isso agora seria impossível de acontecer, as raízes brotadas do chão por uma das minhas magas, saltaram e enroscaram em seus punhos, trazendo-lhe o equilíbrio de volta. Magos e arqueiros tentavam acertar-lhes magias e flechas, mas ele se desvencilhava, enquanto relutava em manter o equilíbrio.

Eu segurava em um trapo que passava por um de seus ombros, mas meu corpo pendia solto no ar. O tecido começou a querer romper e eu não conseguia montar nele de tanto que se mexia.

— Parem! — ordenou Aidan em desespero. — Irão acertá-la! — Referia-se a mim.

Então as magas começaram a enviar raízes que o prendiam, mas sua força era maior e ele acabava por arrancá-las do solo com facilidade. Outras congelaram o chão ao redor dele, e, mesmo assim, o troll ergueu um dos pés e rompeu em pedaços o gelo que chegava próximo aos seus joelhos.

Meu corpo todo sentiu as ondulações que feriam minha pele de dentro para fora, como se fossem me rasgar, e, em um ímpeto de fúria, peguei uma adaga em cada mão e finquei em suas costas, para poder escalá-lo até os ombros. Ele sequer sentiu dor, mas somente porque meu intuito era chegar perto de sua cabeça e não o matar. Apertei minhas pernas ao redor do seu enorme pescoço, não para enforcá-lo, mas para dar-me segurança. Então finalmente iluminei as duas adagas, fincando-as no topo de sua cabeça, enquanto retorci meus joelhos, quebrando o pescoço do

enorme monstro que perdeu o equilíbrio, já sem vida. Eu saltei, mas quando quase atingi o solo, ele e caiu sobre mim.

Os gritos se misturavam entre seus ex-seguidores, aqueles asnos que fugiram covardemente ao ver seu líder morto, como se não soubessem o que fazer sem ele por perto, e os de Aidan junto do meu povo em desespero por pensar que eu havia morrido com a queda. Eles se aproximaram para tentar levantar a criatura, quando se surpreenderam ao ver o enorme corpo sem vida se mexer e rolar para o lado com facilidade. Eu o escalei rapidamente e mais uma vez as ondulações voltaram. Minha maçã do rosto se mexia como se vários vermes andassem sob minha pele e eu estava tão perdida que não notei os olhares completamente confusos e assustados de Aidan e parte do meu povo.

— Kyara... O que está havendo com você? — Aidan franziu o olhar completamente abismado e meu povo em choque mal conseguia acreditar no que presenciava.

Eu toquei o meu rosto e as senti, mas acabei tendo uma visão nada agradável de Christine próxima ao castelo.

— Explicarei depois! Precisamos de um portal para as proximidades do castelo agora mesmo!

Aidan entendeu a urgência e mesmo abismado com o que havia presenciado, abriu um portal para as escadas, próximas as do salão do castelo.

Arturo e seus homens lutavam contra um largo grupo de minotauros.

— Corram para o castelo! — Arturo praticamente nos implorou, enquanto tentava insistentemente impedir que eles entrassem.

Eu matei grande parte deles com minhas flechas, enquanto Aidan fazia outro portal. Poucos sobreviveram, mas eram muito fortes. Eu precisava entrar no portal, mas, antes, precisei passar instruções para Arturo e seus homens.

— Golpeiem suas nucas para sangrar e o ligamento atrás do joelho para perderem o equilíbrio!

Arturo consentiu.

— Vocês ouviram! — ele gritou erguendo sua espada e seus homens urraram cercando os minotauros com golpes repetidamente.

Sangues jorravam enquanto eles mugiam de dor segundos antes de morrer.

Sáimos dentro do salão. O chão estava coberto por cinzas e Christine gargalhava vitoriosa, com um cetro nas mãos. Em sua ponta, havia uma pedra, protegida por magia que acabara de desintegrar um dos meus arqueiros ao tentar acertá-la. A máscara de ouro que cobria parte de seu rosto, refletiu um brilho reluzente ao olhar para aquele que ela acabara de matar. Os olhos de Aidan e os meus se arregalam em pânico ao ver Drakenian em sua posse.

Gwen apareceu pelas escadas, liderando um grupo de arqueiros, e eu entrei em desespero. Christine ainda não havia me visto e essa era uma vantagem. Gwen ergueu uma flecha e quando Christine apontou o cetro em sua direção, gritei no mesmo instante que Aidan emanou uma energia roxa que jogou Gwen para o lado, desviando-a do golpe mortal. Surpreendentemente, o raio que Christine mandou não foi direcionado a Gwen e sim ao grupo atrás dela.

Os raios de Drakenian desintegraram mais da metade de seu grupo e Gwen, ainda no chão, olhava apavorada para Christine. Tristan apareceu em seguida com um outro grupo de guerreiros.

— Gwen!!! — ele gritou para irmã e Christine girou seu corpo.

Tristan e os seus homens desembainharam a espada para ela no mesmo instante em que Christine ameaçou matá-los com o cetro.

— Minha vingança não é contra vocês! — alertou-os.

— É contra meu pai? — Tristan indagou amargamente.

— Podem reinar comigo, como uma família! — ela prometeu. — Posso lhes dar tudo o que Arturo tirou de mim e de vocês! Nós temos direito há muito mais do que imaginam!

Tristan se recusou a ceder e ordenou seus homens a atacá-la, mas, ao verem o que o cetro em suas mãos era capaz de fazer, eles ficaram imóveis e amedrontados.

Christine então parou por um tempo e riu.

— Seus homens não são tolos como você, que ousa me enfrentar. — Ela zombou — Sabem que não há quem possa me impedir agora que tenho a pedra.

— Eu não contaria com isso, querida! — disse me aproximando com fúria.

Ela se espantou ao me ver.

— Como conseguiu sair? — questionou em choque.

Ela notou que ao me aproximar, a pedra brilhava mais forte. Christine então fincou o cetro no chão, formando um escudo de proteção com a força de Drakenian.

— Tragam-nas!!! — Christine ordenou para um grupo de magas que trazia Megan e Anika com agressividade.

— Se tentar algo contra mim, eu as mato agora mesmo! — apontou o cetro para as duas.

— Christine! Não!!! — Entrou Arturo em desespero, ferido e cansado pelas batalhas que enfrentara. Ele e os poucos sobreviventes ofegavam de cansaço, mas ainda mantinham a guarda.

— Eu permito que me mate, mas deixe meus filhos e netos fora de seus planos!

— Ora querido, essas duas aí nunca me serviriam de nada! Não tem meu sangue.

— Zombou. — Por que acha que eu as pouparia mesmo depois que acabar com você?

Gwen e Tristan gritam para o pai ir embora, mas ele se virou firme para ela.

— Não tenho medo de você nem da sua pedra! — ameaçou-a.

— Por que acha que usaria o poder da pedra contra você se posso facilmente te matar com uma arma? — Ela retirou uma adaga brilhante de seu cinturão. — Aliás, não somente você — ela ordenou que duas magas se aproximassem com Megan e Anika, que gritavam em desespero. — Essa daqui vai ser a primeira. — Apontou a adaga para o ventre de Megan, que se debateu em desespero. — Dois coelhos com uma cajadada só... Ou melhor dizendo, uma adaga.

Resolvi agir quando, para a minha surpresa, meu avô Báhlgor surgiu furioso.

— VOCÊ JÁ ESTÁ PASSANDO DOS LIMITES, MORTAL! — Sua voz ecoou no salão do castelo, fazendo as paredes estremecerem e Christine tremeu ao ver um Deus em fúria na sua frente.

Ela soube que não poderia lutar contra Báhlgor que, aliás, estava em sua forma de servo e que possuía o dobro de seu tamanho. Ele raspou sua enorme galhada no chão e empinou as patas dianteiras, causando um enorme tremor ao pousá-las.

Então, ela se viu forçada a cessar o escudo e se render. As magas soltaram Megan e Anika dando em seguida um passo para trás, mas suas rendições não eram o suficiente para que a ira do grande servo fosse embora e, sendo assim, ele cavalgou até ela em fúria.

Raios saíam de seus cascos e, tomada pelo medo, ela refez seu escudo o fortalecendo, contudo, Báhlgor não parou. Ele batia bruscamente no escudo fazendo-o trincar. Ele repetiu os golpes por mais algumas vezes e Christine começou a dar sinais de exaustão pela dificuldade em manter o escudo que finalmente se rompeu.

Imediatamente, Báhlgor fez surgir raízes tão graúdas que nem mesmo mil magas conseguiriam formar. Elas cobriram Christine por completo contorcendo-se para prende-la asfixiada. Ela havia sido finalmente derrotada!

Sem sua líder, as magas nos temiam, mas mantinham as meninas como reféns, em forma de segurança. Báhlgor então aproximou-se furioso das magas. Ouvimos um barulho vindo das raízes, que começaram a ressecar, quebrar e cair como pó. Christine enfim surgiu majestosamente.

— Para um Deus, é só isso que consegue fazer? — Ela o depreciou, fincando o cetro no chão.

Ela fez outro escudo para se proteger. E eu só conseguia pensar em como ela era covarde! Báhlgor então empinou novamente e Christine lhe atirou uma adaga brilhante.

Em desespero, tentei atirar uma flecha para desintegrar a arma, mas fui surpreendida pelo enorme lobo negro que saltou de um portal e se colocou à frente do servo, recebendo o golpe.

Ferido, Fílmor rosnou desintegrando o escudo que Christine não mais conseguiu manter. Mesmo enfraquecido, ele correu e saltou sobre ela que, rapidamente retomou a adaga com magia e bateu o cetro no chão, desaparecendo em seguida. Fílmor caiu já cambaleando de lado e grunhindo de dor.

— Irmão! — Báhlgor gritou desesperado. E enquanto corria até ele, a cada passo, ele voltava à sua forma original de elfo.

Todos estavam assustados e confusos, eu então corri junto a ele, me ajoelhando próximo ao corpo do enorme lobo.

— Vá buscar seu neto... — Fílmor pediu ao irmão com a voz enfraquecida.



Capítulo 26

Báhlgor o deixou e enquanto seu corpo estava fraco no chão, encarei as magas que seguravam minha família. Minhas flechas ultrapassaram Megan e Anika como espectros, mas foram mortais para as magas as quem eu realmente direcionei.

Meu arco ainda brilhava em fogo vermelho, cor de sangue, e Aidan parecia em choque pelo o que tinha visto. Eu então o guardei, corri para as duas e as abracei aliviada enquanto Tristan e Gwen se juntavam a nós. Toquei o ventre da minha amiga e me tranquilizei ao ver que o bebê estava bem. Arturo, apesar de tudo, demonstrava choque ao ver o lobo ferido à sua frente. Sem saber de quem se tratava, mas sabendo ser um Deus, ele então se ajoelhou próximo a fera. Fílmor o reconheceu e pareceu ter algo a lhe dizer, mas estava fraco demais.

Aidan assistia a tudo incrédulo e se aproximava de mim em busca de uma resposta.

— Kyara, o quê..?

— Pai!!! — nosso filho o interrompeu e o semblante de Aidan se tornou ainda mais incrédulo ao ver Kai surgindo de dentro de um mundo desconhecido.

Contudo, ele relevou tudo para enfim poder abraçá-lo.

Após alguns minutos de choros abafados e soluços, Báhlgor carinhosamente afastou pai e filho para levar o menino a Fílmor.

Kai então se ajoelhou em lágrimas próximo a ele.

— Desde que eu o vi pela primeira vez, eu soube que o seu destino era reinar o mundo dos mortos, não por carregar meu sangue, mas pelo talento que você tem.

Aidan e eu prendemos o fôlego, surpresos.

— Você sabe o que deve fazer, Kai...

O menino chorou, enquanto Fílmor aos poucos começou a desintegrar-se em uma névoa cinza e densa que se enroscou em nosso filho.

Todos ficaram em choque.

A névoa se dissipou e desapareceu, mostrando Kai adulto, enquanto as cinzas de Fílmor começavam a se erguer. Ele estava completamente transformado em cinzas, mas ainda mantendo a forma do grande lobo.

— Agora sim você está pronto para assumir a sua forma original e cumprir seu destino — Fílmor disse, depois uivou enquanto as cinzas se dissiparam sendo levadas com o vento.

Aidan perdeu o equilíbrio.

— E quanto a você, mãe? Quando estará pronta para assumir a sua? — ele me perguntou ansioso, com um belo sorriso no rosto.

Eu me aproximei e o abracei forte.

— Alguém pode me dizer o que está acontecendo? — Aidan praticamente implorou por uma resposta.

— Os dois morreram ao entrar no mundo dos mortos — explicou Báhlgor e Aidan ficou sem reação. — Os deuses traçaram seus destinos há muitos anos e agora chegou a vez de cumpri-los.

— Está dizendo que minha esposa e meu filho estão mortos? — franziu o semblante em pânico.

— Kyara, morta? — Arturo questionou chocado aos olhares e choros das meninas.

— São deuses agora. — Ele lhe explicou orgulhoso. — Mas ela não irá deixá-los por um bom tempo — assegurou-lhes.

— Pai. — Kai se aproximou e pegou em suas mãos. — Eu nasci para governar o mundo dos mortos e não Shadowfalls. Eu virei visitá-los — prometeu.

Aidan consentiu e ao mesmo tempo que tinha seu coração esmigalhado pela perda do filho, se orgulhava de ver quem Kai havia se tornado.

— Tenho orgulho de você, meu filho!

— E eu de você, pai! Mas preciso ir agora. Não é hoje que eu venho te buscar — ele brincou ao entrar no portal e sumir de nossas vistas.

— Tudo bem... — Aidan disse a si mesmo. — Vou precisar de um tempo para entender e aceitar tudo o que vi agora.

— Só você? — Arturo se juntou a nós e me abraçou apertado. — Como minha filha morre e não me avisa?

O momento de tensão foi tomado pelas risadas inevitáveis.

— Eu tentei, mas não tive tempo — brinquei. — Há uma guerra acontecendo lá fora! — retomei minha seriedade.

Arturo pediu a seus homens que levassem as meninas para o topo do castelo e as protegessem, mas Báhlgor, em sua forma original, o interrompeu de forma serena.

— Não vai precisar — disse Báhlgor. Seus pensamentos estavam no que ele previa acontecer e na adaga que matou seu irmão.

— A guerra acabou? — Arturo o questionou desentendido.
— Vai acabar em um instante. — Ele cerrou o olhar para mim.
— Precisamos levá-la até Christine! — Meu avô afirmou. — Não saiam daqui e estarão seguros.

Arturo consentiu ao abraçar a família e meu avô levou a mim e Aidan para o centro de Weston, onde Christine já havia desintegrado a maioria dos meus aliados. Os sobreviventes estavam com medo e erguiam as mãos em rendição, para que ela lhes poupasse a vida. A maioria eram mulheres e crianças que não conseguiram se esconder e que se misturaram entre o exército de Arturo.

— Você de novo? — reclamou farta das minhas intromissões.
— Eu quem deveria fazer essa pergunta! — retruquei.
— Deveria conhecer melhor seus inimigos — zombou e Lana surgiu através de um portal.

Ela atirou uma energia contra mim, mas quando sua magia me encostou, logo se desfez em pequenas névoas que se desintegram. Eu a olhei com olhar de tédio e ela se surpreendeu por não conseguir me ferir.

— Todos esses anos em que treinou magia, você tenta me acertar com essa *fumacinha*? — zombei e ela se enfureceu.

Dei um alto rosnando e saltei para cima dela que, amedrontada, fez um portal. Ainda no ar, eu revirei os meus olhos, farta de seus portais e consegui atravessá-lo junto com ela. Eu caí em pé levemente, sem fazer barulho. Ela não havia notado que eu atravessara seu portal.

Lana tentou recuperar o fôlego, depois encarou suas mãos.

— Como foi que eu falhei? Não é possível!

— Lana? — chamei-a e ela virou-se assustada.

— Você! — Apontava o dedo enquanto andava para trás.

Caminhei majestosamente ao seu encontro. Eu teria finalmente o prazer de acabar com ela. Lana bateu contra o tronco de uma árvore e minhas mãos se iluminaram.

— Lana? — Ouvi uma voz familiar chamar por trás de mim. Então me dei conta de onde estávamos.

Era a floresta próxima ao lago de Shadowfalls e as sereias haviam pedido ajuda aos arqueiros por sentirem uma presença estranha. Senti alguém se aproximar.

— Owen! — Lana exclamou assustada ao ver o irmão. — Me ajuda! — implorou.

— Não há nada que eu possa fazer por você — ele disse decepcionado.

— Mas ela quer me matar!!!

Eu olhei para Owen, mas cessei minhas ações. Ele a amava. Não poderia matá-la diante de seus olhos, mesmo que eu ansiasse por aquele momento, mas então, as

visões dos deuses começaram a vir e eu sabia que não deveria interferir.

A árvore em que Lana se encostava era, na verdade, o tronco de um carvalho novo e uma jovem dríade surgiu dele, abraçando-a por trás. Seus longos dedos pontiagudos fincaram em sua pele e órgãos internos, rasgando-a e a fazendo sangrar até a morte.

Lana gritou e se engasgou no próprio sangue, depois caiu em espasmos até que a vida deixou seu corpo.

Foram segundos de silêncio. Owen olhava o corpo da irmã no chão, mas não esboçava muita reação.

— Você está bem? — Toquei seu ombro como forma de apoio.

— Ela teve o que merecia... — lamentou.

Eu precisava voltar e me concentrei no local onde vi Christine pela última vez, até que uma pequena luz azul e flutuante surgiu do nada.

Aquilo me tirou a concentração e antes que eu pudesse me perguntar do que se tratava, outros surgiram mais à frente, formando um caminho. Então, me dei conta de que eu também a via. Os sussurros da floresta que minha filha tanto falava, era real!

— Pelos deuses! — falei quase sem fôlego e corri por todo aquele caminho, ansiosa para ver quem estaria me aguardando.

Síndel se sentava e ria enquanto borboletas as rodeavam. Ela conversava com alguém, mas minha visão era tampada pela árvore à minha frente. Sem conseguir dar uma palavra, tamanho era o meu espanto, eu então me aproximei mais e vi a silhueta branca de uma mulher que flutuava próxima à minha filha.

Era feita de uma luz branca linda que quase cegava meus olhos e vestia um vestido de capa azul.

— Mamãe? — Síndel franziu aqueles olhos leitosos e eu só conseguia chorar ao esticar meus braços para que ela viesse.

Após correr na minha direção, ela me olhou e, mesmo feliz, parecia estranhar minha presença.

— Você está diferente, mamãe... — Ela me inspecionava.

— Diferente como? — perguntei entre soluços.

— Uma cor tão viva, mas parece estar contida. Ela pulsa forte querendo sair. Por que não a deixa sair?

— Por que eu não sei como...

Wallandra se aproximou com um brilho menos intenso.

— Desculpe-me — disse ao se comunicar por telepatia.

Sua voz terminava em ecos e era suave como uma carícia.

— Síndel gosta tanto quando eu vibro forte que me esqueci de cessá-lo quando te vi.

— Eu disse que ela era real! — gabou-se e eu não tive escolha a não ser consentir e me desculpar por não ter acreditado antes.

— Obrigada — falei humildemente à Wallandra, que mesmo sem rosto, parecia sorrir para mim.

Ela sabia o porquê de meu agradecimento. Retirar Síndel de Shadowfalls foi a melhor forma de mantê-la segura. E a única forma de me avisar, seria mandar seus filhos me guiarem até ela.



Capítulo 27

Consegui me teletransportar para o local onde Christine estava, mas me escondi. Precisava saber a hora certa de agir. Ela fez todos os rendidos se curvarem. Os soldados tremeram e as crianças choravam enquanto ela ditava as novas regras como rainha de Weston. Arturo e sua família foram capturados novamente e estavam enfileirados de joelhos, com as mãos e bocas atadas. Ela mentia dizendo o quanto Arturo a enganou e andava enganando a todos, mas claro que ninguém acreditou. Eles estavam em pânico e nada podiam fazer.

Os minotauros andavam impacientemente entre os humanos curvados no chão. Um homem tomou coragem e correu para atacar Christine desprevenidamente, mas foi pego por um dos minotauros, tendo seu pescoço quebrado ainda no ar. Ele em seguida jogou o corpo do homem no chão com brutalidade e todos gritaram aterrorizados.

Báhlgor e Ranfel então aparecem e a enfrentam, mas Christine ergueu a adaga em ameaça:

— Não sejam tolos! Lembrem-se que eu possuo uma arma capaz de matar os deuses. Já matei um — ela disse com um sorriso sarcástico e vitorioso. Báhlgor e Ranfel precisaram se render. — Convicta de sua vitória, ela faz sinal para dois minotauros.

— Eu pensei que só houvesse um único tolo capaz de me enfrentar — disse Christine apontando-lhe o cetro com a pedra.

Eles conduziram Arturo com grosseria, mas ele veio de cabeça erguida, recusando-se demonstrar medo ou derrota.

— E é claro que, para me tornar rainha, preciso matar o rei, uma vez que não preciso de ninguém reinando ao meu lado.

Ela apontou seu cetro, aos gritos desesperados de todos, mas antes que ela pudesse pensar em acertá-lo, caminhei saindo detrás da árvore.

— Christiel!

Ela cessou o raio e me olhou enfurecida.

— Christiel morreu! Pensei ter deixado isso claro!

— Você irá morrer independente do nome que diz carregar!

— Desista, Kyara! Eu tenho a pedra e posso matar todos em um segundo se você não se render.

— Por que eu me renderia para aquela que é a real culpada da morte da minha mãe?

Ela não entendeu o que eu disse e retrucou.

— Sua mãe morreu ao dar à luz a pior das criaturas!

— E ao seu pior pesadelo! Mas não é dela que estava falando e sim de Izobel!

— Só pode estar brincando! Não temos laços de sangue algum e se minha irmã tivesse realmente lhe dado à luz, eu teria matado as duas no instante em que você nasceu!

Calmamente, caminhei entre as pessoas ajoelhadas. Elas estavam aliviadas em me ver, mas temiam que Christine me matasse.

— O que está fazendo? Volte!

— Não faça isso, ela vai te matar!

Eles sussurram em desespero enquanto caminhava por eles, mas eu não parei.

Minha coragem lhe causou uma estranha insegurança.

— Eu avisei que mataria todos! — disse em ameaça.

— Você matou a sua própria irmã!

Ela me olhou sem nenhum remorso.

—E matou o meu tio também! — Eu retruquei com escárnio. — E agora ameaça minha família?

— Aquele pulgento? — Ela riu. — Não sabia que você tinha um tio peludo.

Minhas mãos se iluminam, Báhlgor e Ranfel ameaçaram a se juntar a mim.

— Não! — Eu lhes disse com autoridade. Retirei duas adagas, iluminando-as. A esquerda estava virada com a lâmina para frente, e a direita estava com lâmina para trás. — Essa luta é minha! — Cerrei meu olhar e rosnei, partindo para cima dela, que imediatamente apontou a Drakenian para mim, me acertando com seu raio.

O local foi tomado pelos gritos esganiçados de pavor.

No entanto, quando o raio me acertou, as ondulações aumentaram por todo meu corpo. Eu me inclinava contra a força daquele raio, me aproximando de Christine com dificuldade. Minha armadura então foi em partes se desintegrando, deixando minha pele exposta. Os raios que agora tocaram minha pele, também a desintegravam, formando rombos que se curavam com uma rapidez tremenda, entrando em um ciclo. Eu urrava de dor e fúria, lutando para manter as adagas em posição de ataque. Minha armadura já tinha sido praticamente dizimada e, ao contrário da pele, ela não reconstruía.

Christine se mostrava confusa e aterrorizada, fazendo um enorme esforço para manter o cetro firme. Acreditando que poderia me desintegrar de vez, ela intensificou o raio, quando eu finalmente cheguei a ela. Com a mão esquerda, parti o cetro no meio, cessando o raio por completo e, com a direita, girei meu corpo para lhe cortar a garganta. Ela jogou o corpo para trás, se desvencilhando do meu golpe e a adaga então pegou de raspão na máscara, derrubando-a também. Christine caiu na escada de entrada para o castelo.

O silêncio tomou o local por um segundo e Aidan se dirigiu a mim, retirando seu sobretudo para cobrir parte do meu corpo nu.

Sua máscara de ouro caiu, ressoando um barulho metálico e, nesse momento, todos exclamam quando seu rosto desfigurado ficou à mostra pela primeira vez. Seu lado direito já não tinha mais orelha e a maçã do rosto havia sumido. Era um buraco fundo, coberto pela pele, repleta de cicatrizes que pegava desde a bochecha até o maxilar.

As pessoas viraram o rosto em aflição. Constrangida e assustada, Christine tapou a parte deformada e eu aproveitei seu momento de distração para pegar a parte do cetro que segurava a pedra.

—Você errou, sua tola! — Ela manteve a mão no rosto, levantando-se em fúria da escada. Ela parecia mais enfurecida por eu ter-lhe derrubado a máscara do que ter sobrevivido ao seu ataque.

— A guerra acaba agora! — Ordenei com a posse de Drakenian em mãos, erguendo-a para mostrar aos inimigos. — Rendam-se e entreguem suas armas ou matarei todos vocês! — Os olhos de Christine quase saltaram de pavor.

Inimigos foram forçados a jogar as armas no chão e erguerem as mãos em rendição, enquanto os elfos, magos e centauros, se aproximavam deles em ameaças para não tentarem nada.

— E quanto a você, suas maldades finalmente acabam aqui — eu lhe disse, enquanto todos a fitavam ainda em choque.

— Vamos, acabe logo com isso! — Christine insistia impaciente, recusando-se a demonstrar derrota.

Um feixe de luz vermelha cortou o ar e dele abriu-se um portal, por onde meu filho em forma de lobo surgiu. As pessoas se curvaram em respeito, fazendo os inimigos se curvarem também. O portal então se fechou em seguida.

Kai olhou para Christine e eu soube que ele queria fazer algo. Ele então permitiu uma determinada visão para todos ali presentes. A exclamação coletiva e os berros de pavor foram inevitáveis.

— Você já fez sua parte, mãe. Agora sou eu o responsável por ela — ele disse respeitosamente e eu o olhei como se fizéssemos um acordo. Acordo este que teria inevitavelmente uma última ação minha.

Christine estava confusa pelo o que via. Ela olhou para mim em busca de uma resposta e eu a ignorei. Quando ela voltou seu olhar para ele, Kai já havia se transformado em humano e, pelo visto, gostara da ideia de seu tio avô, pois trazia a mesma foice consigo.

Apavorada, Christine criou um escudo com a mão livre e Kai o atravessou como se o escudo não existisse, fazendo-o cessar instantaneamente.

Ele a abraçou e ela o empurrou para longe.

— Quem é você? Como ousa me abraçar? — perguntou enojada, ainda mantendo a mão no rosto.

— Gosto de dar boas-vindas àqueles que chegam ao meu mundo — respondeu cordialmente.

Ela franziu o olhar, completamente confusa.

— Lembra de mim? — Ele se transformou em criança novamente e toda Weston e Shadowfalls exclamou impressionados ao verem Kai. — E daquele lugar? — Abriu um portal que levava direto ao labirinto. — Você se lembra? — perguntou amargamente.

Pela primeira vez, Christine se apavorou, e mesmo sabendo que não seria páreo para nós, ela tentou lutar para se defender. A energia verde começava a surgir em torno de sua mão livre e, com raiva, intensificou os raios mandados contra o meu filho. Os raios acertavam nele, resvalavam e voltavam contra ela, fazendo-a cair novamente, largando o rosto por um segundo.

—Você não pode me levar, imbecil! Eu sequer estou morta! — Se vangloriava ao se levantar rapidamente, insistindo em tapar o rosto.

Ele a olhou com sarcasmo e apontou com a cabeça para a escada onde ela caiu a primeira vez

Christine se virou e exclamou aterrorizada quando viu seu corpo de garganta cortada. Sangue jorrava para os degraus, formando uma enorme e densa poça, enquanto seu corpo se retorcia em espasmos.

— Tecnicamente você não está totalmente morta, mas como sou um cavalheiro, aguardo pacientemente seu corpo dar o último espasmo antes de te levar.

—E depois a tola sou eu. — Olhei-a amargamente.

—Você não sabia que estava morta quando entrou no mundo dos mortos — Kai cerrou o olhar em brincadeira.

—Verdade — concordei em tom amargo.

Mais almas saíram do portal como espectros de sombras hostis e começam a querer cercá-la.

— Ainda não! — eu disse. — Preciso fazer algo antes.

Kai consentiu e as almas aguardaram enquanto eu me aproximava de Christine.

— Ajude-me, por favor — ela implorou em sussurro.

Eu me abaixei carinhosamente e acariciei seu rosto do lado esquerdo, o lado que não estava deformado. Meus movimentos suaves se tornam intensos quando eu finalmente posicionei a palma da minha mão em sua testa, pegando-a de surpresa. Então eu comecei a lhe transmitir toda a visão do mundo dos mortos, o que ela iria enfrentar, as dores que sentiria e os locais onde ela ficaria presa pela eternidade.

Quando eu calmamente retirei minha mão, Christine ficou tão paralisada pelo pânico que não conseguiu esboçar uma só palavra. As almas então se aproximaram e a cercaram novamente. Ela então começou a urrar de pavor, implorando para não ser levada.

O que eu propositalmente não lhe passei, foi que todas as almas que iam para o labirinto assumiam a forma original, o que estava longe de se assimilar com seu corpo físico. Feixes de luzes vermelhas abriram sua alma e quebraram-na como se fosse uma casca. No chão, ela gritava e se contorcia desesperadamente, enquanto sua alma assumia a forma original: Uma pele ressecada e esquelética. Seu rosto se deformou por completo e a força invisível começou a querer sugá-la para dentro.

Kai pediu que as almas não a tocassem e os espectros então abriram caminho.

Nossa última visão de Christine foi o pavor em seu rosto ao tocá-lo e perceber que não era mais o mesmo, assim como ela fez ao olhar seus braços e mãos, enquanto era sugada para dentro do labirinto. Ela enfim gritou pela última vez, aterrorizada como eu jamais imaginaria que ela pudesse ficar. Então as almas entraram, cercando-a dentro do labirinto e o portal bruscamente se fechou.

Eu ainda escutava seus gritos de dor eterna, sabendo que ela iria sentir.

Por um segundo houve alívio pela morte de Christine, sabendo que agora haveria paz em nossos lares. Nossos povos comemoram e agradeceram a mim e a Kai.

— Ainda estou me acostumando com o fato de ter um filho Deus, reinando seu próprio mundo — disse orgulhosa.

Aidan se aproximou e nós três nos abraçamos carinhosamente. Todos estavam confusos, mas se antes perguntavam se eu conseguira trazer Kai de volta, agora já sabiam da verdade. Para não haver dúvidas, consegui passar a todos um resumo em suas mentes, de tudo o que aconteceu no labirinto. As visões não só ajudaram a todos entender, como também fez bem à Aidan que ainda relutava em aceitar não poder ter o filho por perto. Ele agora entendia o real destino de Kai.

Todos estavam felizes e agradecidos, mas Kai parecia ainda ter assuntos pendentes.

— Eu ainda não acabei — disse deixando todos receosos.

Em silêncio, ele caminhou entre as pessoas e quando passava próximo aos inimigos, eles se contorciam caindo mortos. Porém, havia outros grupos de inimigos que não caíram diante de Kai.

Ele então se juntou a mim e a Aidan novamente e virou-se para todos.

— Os mortos serão levados, pois eu sei que eles jamais se arrependeriam. Mas vocês, os quais eu permiti permanecerem de pé, só estavam seguindo ordens.

Os inimigos estavam prestes a comemorar, mas Kai aguardou pacientemente que se calassem.

— Não comemorem tão cedo, pois estarei aguardando vocês quando a hora chegar. Basta apenas escolherem se querem sofrer eternamente como sua comandante ou se querem se juntar ao meu exército. Suas ações daqui para frente determinarão seu futuro pós morte.

— Nem tudo é um trabalho fácil, ser o deus da morte também pode ser doloroso pelas almas boas que preciso levar — lamentou. — Christine não foi a única que eu vim buscar.

Os olhares de Kai e Arturo se cruzaram e um silêncio quase mortal nos fez prender o fôlego. Aos poucos os soluços das lamúrias tomaram o local. Arturo consentiu em aceitar sua morte, mas seus filhos relutaram. Eles abraçaram o pai aos prantos e até eu fiquei surpresa, principalmente quando vi meu filho parar à sua frente e apertar seu ombro para lhes dar força.

— O abraço que vim te dar é apenas de saudades. Não chegou sua hora ainda... — ele disse e todos respiraram aliviados e surpresos, enquanto Arturo abraçou meu filho emocionado.

Kai continuou a caminhar e eu e Aidan nos entreolhamos e começamos a segui-lo. Não fomos os únicos. Uma multidão se formou atrás de nós, a fim de saber onde ele nos levaria. Tamanha foi nossa surpresa quando Kai passou perto dos corpos sem vida, fazendo os espíritos dos mortos se erguerem de seus corpos, caminhando então em direção a ele. Havia cinzas espalhadas no chão, daqueles incinerados por Christine e elas se juntaram novamente, trazendo de volta aqueles que morreram pela pedra.

Kai parou um momento e virou-se para as almas que estavam visivelmente confusas. Ele lhes disse algo, mas eu não consegui escutar, porque alguém se aproximou de mim.

— Quem diria, hein? Kai agora é o Deus do mundo dos mortos — ele disse andando ao meu lado.

— Olá, Odo — eu disse amigavelmente.

— Sempre duvidei da existência desse lugar.

— E eu que sequer sabia de sua existência... — disse enquanto continuamos caminhando.

— Você esteve lá, não é? — perguntou sereno.

— Infelizmente. — Suspirei.

Dois portais se abriram. Um mostrava o labirinto e os inimigos mortos que ainda estavam conosco, imediatamente eles foram sugados aos gritos, enquanto os aliados seguiam estupefatos para dentro do outro portal onde ninguém vivo conseguiu enxergar o que tinha lá. Mas eu sim. Cada um vendo seus sonhos se materializando e chamando por eles.

Odo e eu olhamos atentamente enquanto os inimigos continuavam sendo sugados.

— Como deve ser o outro lado? O bom — ele perguntou e eu ergui o ombro até finalmente entender o que estava acontecendo.

— Odo... — falei com lágrimas nos olhos.

— Foi uma honra servi-la em meus últimos anos de vida, Kyara.

Não consegui evitar as lágrimas. Ele consentiu para mim em respeito antes de se virar para entrar no mundo em que sempre sonhou.

Emocionado, Aidan pegou em minha mão em apoio. Era duro ver alguém como ele partir, mas estava feliz por ele ser finalmente recompensado pelos anos de condições sub-humanas em Ardhem. O que esperava por ele, nem Shadowfalls poderia proporcionar. Odo se virou para nós pela última vez.

— Diga a Margreet que esperarei por ela.

Ele então se virou para o portal novamente e deu um último suspiro de felicidade, antes de dar o primeiro passo e desaparecer.

Já não havia mais nenhuma alma a ser levada, foi o que pensei, até notar que Kai continuava a caminhar entre nós, e o portal do lado bom que ainda estava aberto, parecia nos seguir. Dele, saiu um homem que vestia armadura antiga, tinha barba bem-feita e longos cabelos lisos presos em um rabo baixo. Seus olhos verdes brilhavam como uma joia rara, tamanha era sua ansiedade por vir buscar aquela alma que lhe fizera sentir saudades por tantos anos. Ele e Kai seguiram uma trilha mais afastada.

No final daquela trilha, havia duas criaturas que eu não queria ver. Meu coração apertou.

Margreet estava em sua forma humana e chorava copiosamente ao lado do corpo de Dunkan. Fraco, ele dava seus últimos suspiros.

O homem então se aproximou e abaixou perto dele, tocando seu rosto com afeto.

Emocionado, Dunkan arregalou os olhos e reuniu as forças em um sussurro final:

— Richard...

Em lágrimas, Richard curvou o corpo em sua direção, beijando-o nos lábios ainda ferais.

O corpo de fera permaneceu ali, mas, de dentro dele, o espírito de Dunkan se ergueu em forma humana, sendo tomando pelas mãos daquele que o amava. Os

dois tocaram as testas, enquanto choravam, emocionados pelo reencontro. A cena levou todos nós às lágrimas.

Duncan era tão bonito. Olhos e longos cabelos negros e uma barba grossa que lhe dava um charme especial. Ele nos olhou e havia dor em seus olhos pela partida, mas ao mesmo tempo, não poderia estar mais radiante por ter finalmente se reencontrado com o amor de sua vida.

— Está na hora — Richard encorajou com a voz falha.

Então, Duncan nos olhou sorrindo pela última vez e os dois começaram a andar de mãos dadas em direção ao portal.

— Não! — Margreet implorou.

Duncan virou-se para ela com carinho.

— O que vou fazer sem você? — Ela se debulhava em lágrimas. — Você foi o pai que nunca tive!

Duncan se emocionou com suas palavras.

— Leve-me junto, se for o caso, mas não tira meu pai de mim! — implorava a Kai e ele lamentou, sentindo sua dor.

— Lamento, Margreet. — Kai respondeu com o coração partido. — Sua hora ainda não chegou.

— Odo também morreu hoje. Se você for embora, eu ficarei sozinha. — Chorava enquanto Duncan a acolhia em seus braços.

— Você jamais estará sozinha... — ele disse afetuoso e ela então olhou para os dois enormes clãs de Terianos que passavam por nós e se alinhavam à sua frente.

— Sua astúcia e força a tornou alvo de admiração entre todos nós e, hoje, lutou com a bravura de uma fera adulta.

O clã então se curvou perante a ela e Duncan lhe deu o último abraço.

— Cuide de seu clã, como a líder que nasceu para ser. — Encorajou, depois pegou na mão de Richard novamente e os dois seguiram para o portal.

Eu puxei os gritos de comemoração e, entre lágrimas pelas perdas que tivemos, nossas conquistas nos deram a força para finalmente seguir em frente sem medo. Enfim, todas as mortes foram vingadas e a paz reinou finalmente entre os povos.

Weston estava esfumaçada e cercada de morte. Viúvas e órfãos choravam próximos aos corpos que ainda não haviam sido levados para a grande pilha. Arturo estava visivelmente arrasado pelo o que acabara de acontecer ao seu povo e pedia que todos se reunissem à noite para a cerimônia de cremação em homenagem aos bravos guerreiros que morreram defendendo suas famílias. Ele discursava lindas palavras, enquanto prometia mais melhorias e segurança para seu povo. Arturo era um homem bom, o melhor rei que Weston poderia ter. O povo de Shadowfalls ouvia seu discurso junto ao povo de Weston, em respeito e por nos mostrarmos solidários a cada sangue derramado.

Por fim, acabamos ajudando no que podíamos e eu fui levada a um grupo onde os gravemente feridos aguardavam minha cura, coisa que eu fiz em segundos, pois já era imortal.

Não posso dizer que já estava acostumada com o fato de ter perdido minha mortalidade, porque tirando o fato de que eu poderia curar as pessoas mais rapidamente, não me sentia diferente. Eu ainda era rainha do meu povo e uma mãe que acabara de ter o filho afastado de si.

Aidan estava orgulhoso por Kai, mas passado o momento na calmaria do pós-guerra, ele sentiu a falta do filho novamente. Conversamos durante um bom tempo e me dispus a repassar em sua mente toda a verdade por quantas vezes ele achasse necessário, até que compreendesse a importância do destino de Kai. Se já era difícil para mim entender, imagina para um mortal. Mas Aidan acabou entendendo e se tranquilizou ainda mais quando eu prometi que não ia deixá-lo. Eu era esposa, rainha e mãe antes de tudo, e imortalidade alguma me faria abandonar minha família.



Capítulo 28

Os povos de Weston e Shadowfalls abriam caminho para Tartus e Bravan, enquanto traziam o rei dos minotauros aprisionado. Ele estava com as mãos amarradas para trás e inúmeros centauros tapavam sua retaguarda o ameaçando com lanças de pontas afiadas.

Eu estava ao lado de Thalana e Arturo. Ele tinha sangue nos olhos diante do prisioneiro, mas, estranhamente, Thalana estava calma diante de um inimigo. Um inimigo que ela sequer sabia que havia naquela espécie que por anos foram vizinhos.

Tartus bateu com o cabo da lança na parte posterior de sua pata, fazendo-o perder o equilíbrio e caindo de joelhos. Ele mugiu alto e se levantou em seguida.

— Um rei não se ajoelha! — protestou.

— Você está diante de um rei e duas rainhas! E uma delas é a nossa! — advertiu Bravan em ameaça.

— Não falarei ajoelhado! — O rei dos minotauros fitou-os de forma a não se sentir intimidado com suas palavras.

Devo admitir que sua coragem me fez respeitá-lo. Os centauros rosnaram em desaprovação diante de sua petulância, mas pararam quando Thalana lhes fez um gesto gentil para pedir silêncio.

— Eu respeito sua decisão, majestade — ela disse em tom respeitoso. — Mas queremos saber o motivo que fez seu povo nos atacar.

— Meu povo atacar? — Ele se enfureceu. — Vocês atacaram covardemente nossas crianças! — Defendeu-se com fervor.

Thalana, eu e Arturo prendemos o fôlego surpresos e os centauros rosnaram e protestaram por serem acusados injustamente de tamanha crueldade.

— Crianças? — perguntei.

— Sim, crianças que saíram das nossas cavernas pela primeira vez!

— Somos vizinhos há anos e nunca nossos povos se atacaram. Sequer cogitamos essa possibilidade.

— Ou sequer acreditamos que vocês fariam o mesmo! — disse Tartus apertando a lança em suas mãos, insistindo na ideia de que foram os minotauros quem começaram.

— Como explicam nossas crianças e batedores mortos? — falou amargamente.

Thalana não conseguia alcançar a deusa Shai para tirar-lhe a dúvida, mas eu sabia que ele, assim como os centauros, falava a verdade sobre não terem começado os ataques. O clima ficou tenso porque ambas as espécies estavam culpando umas às outras.

Um corvo negro segundos depois chegou e pousou no meu ombro.

— Pai? — perguntei e todos me olharam estranho.

— Você já sabe a verdade sobre os dois povos, mas precisa se concentrar e passar para eles aquilo que realmente aconteceu.

— Mas eu não consigo por vontade própria!

— Você conseguiu mostrar a todos o que houve com Kai.

— Foi diferente. Eu estava lá.

— Teria conseguido mesmo que não tivesse presenciado nada daquilo. Você tem esse dom agora, Kyara. Só precisa saber usá-lo. Concentre-se. — Encorajou-me e todos fizeram silêncio, inclusive o rei dos minotauros. Ele era o que mais parecia querer saber da verdade.

Eu me aproximei daquela criatura amarrada e ele, para o meu espanto, não demonstrou hostilidade.

— Qual é o seu nome? — perguntei de forma gentil.

— Míron — respondeu calmamente.

— Chamo-me Kyara.

Ele consentiu.

Toquei seu braço e sua respiração parecia tensa. Ele não me temia, mas estava ansioso em saber o que eu poderia fazer para descobrir o que de fato aconteceu.

Thalana tocou minhas costas e eu me concentrei. As imagens eram falhas, mas eu ouvia risadas de crianças e, ao me concentrar nelas, as imagens ficaram constantes. A verdade começou a passar como um filme em minha mente e eu mentalizei para que todos pudessem ver o mesmo.

Christine, Lana e outras magas abriam um portal onde seria a divisa de ambos os territórios.

— Se conseguirmos fazer com que os minotauros acreditem que os centauros lhes atacaram, eles lutarão ao nosso lado para se vingar! — dizia com orgulho de seu plano cruel e maquiavélico.

— Mas como vamos fazer isso? Eles são muito fortes! — Lana perguntou receosa.

— Ora, querida, se esqueceu com quem está lidando? — Ela ergueu a mão no ar e o cetro com Drakenian na ponta se materializou em suas mãos.

Lana riu e se exaltou empolgada.

— Você vai matar todos? — ela perguntou.

Havia um brilho em seu olhar, como se ansiasse por um massacre. Lana havia sido completamente corrompida pela maldade.

— Calma, querida! Precisamos começar aos poucos.

Lana ia falar algo, mas Christine pediu silêncio com o dedo indicador ao ouvir risadas de crianças. Christine então usou magia para que ficassem invisíveis.

— Ottha, onde você vai? — Uma criança minotauro surgiu, correndo atrás de outra que gargalhava, saltitando.

— Dágum, venha!!! — Ela o encorajava!

— Eles pediram para não nos afastarmos muito!

— Mas eles também disseram que os centauros não são inimigos!

— Não estou preocupado com os centauros — disfarçava a voz, escondendo temer outra coisa.

— Então o quê? — Ottha pôs as mãos na cintura, a fim de descobrir do que ele temia.

Dágum então baixou a cabeça.

— Está com medo de se perder? — Ela riu.

— Não!! Eu sei o caminho de casa, sua boba! — Defendeu-se enquanto a irmã o rodeava saltitando e rindo.

— Não seja bobo, Dágum! Eu sei voltar para casa e papai me garantiu que não há perigo algum!

Christine e Lana fixaram o olhar nas crianças de dentro da bolha.

— Crianças são tão irritantes! — Lana resmungou.

Christine pediu silêncio.

— Você ouviu isso? — Dágum se assustou.

— Não ouvi nada. — Ottha deu de ombros.

— Ottha, eu juro que ouvi algo. — Segurou nos braços da irmã.

— Você está ouvindo demais! Olha, não tem ninguém aqui além de nós!

Os arbustos se mexeram e dele, saiu uma jovem centauride. As crianças se assustam a princípio, mas depois se olharam curiosas.

— Oi... — A centauride disse timidamente.

— Oi! — respondeu Ottha com um sorriso. Dágum se escondeu atrás da irmã.

— Nunca vi crianças minotauros antes. — A centauride sorriu.

— E nós nunca vimos centauros. Nem adultos.

— Estão saindo da caverna pela primeira vez? Há mais crianças por lá? — perguntou curiosa.

— Sim. Há bastante crianças!

— Ottha! — Dágum advertiu e ela revirou os olhos.

— Esse é o meu irmão! O minotauro mais medroso que eu conheço. — Ela brincou. — Me chamo Ottha.

— Eu sou Shitra. — Ela finalmente se apresentou. — Não vou machucar vocês — garantiu e Dágum, aos poucos, saiu detrás da irmã.

Os três então se sentaram para conversar.

— É verdade que vocês moram em cavernas abaixo de grandes montanhas e há um enorme labirinto onde só vocês conseguem andar sem se perder? É verdade que guardam tesouros e que todos que tentam pegá-los se perdem e morrem no labirinto? — Shitra perguntava com os olhos brilhando. — Não se preocupem, centauros não ligam para tesouros.

Eles deram risada e Ottha confirmou.

— Como sabe tanto sobre nós? — Dágum perguntou surpreso.

— Meus pais sempre falaram dos minotauros e eu sempre quis conhecê-los, mas disseram que vocês não gostam muito de outras espécies.

— Meu pai sempre me disse que devemos ter cuidado, mas nunca nos falaram para temê-los.

— Por isso vocês quase não saem das cavernas?

Ottha confirmou com um gesto positivo de cabeça.

— Mas nosso pai nos deixou sair! — Dágum agora parecia feliz com a nova amiga.

— Então agora que saíram, podiam explicar a eles que não há perigo e, assim, poderíamos brincar mais vezes.

Os três conversaram e brincaram, mas o véu da deusa Yuim começou a querer cobrir o céu.

Eles precisavam voltar e Shitra então se despediu. Os três prometeram se encontrar no dia seguinte e todos voltaram para casa.

— Estamos há horas dentro dessa bolha ouvindo essas baboseiras. Diga-me que tem um plano que tenha valido a pena esse tempo perdido. — Lana fixou o olhar de ódio nas crianças que se afastaram.

— Viu, seu bobo, como eu disse que não tinha perigo? — Ottha brincou com o irmão que sorriu ao perceber que se assustou à toa.

Ele pegou fôlego para responder, mas sentiu um ardor na costela. Ele encarou-a e viu um raio verde o cortando. Um corte profundo e doloroso. O sangue jorrava, formando uma densa e grossa poça, enquanto ele cambaleava com as mãos próximas aos ferimentos.

— DÁGUM!!! — A irmã gritou em desespero, enquanto o irmão era cortado ao meio.

— Fuja... — ele disse em meio a dor aguda, antes de seu último suspiro, caindo morto em dois pedaços.

Ottha correu gritando por socorro, mas outro raio a atingiu pelas costas fazendo-a cair morta.

— Agora é só esperar. — Cristine se materializou com Lana.

As duas olhavam sem compaixão para os corpos das crianças. As magas apareciam em um largo grupo, mas eu reconheci uma delas. Sórum estava visivelmente afetada com a visão que acabara de ter. Ela lamentava, mas nada podia dizer.

— E agora? — Lana indagou impaciente, pois a morte de duas crianças não lhe eram suficientes. Ela ansiava sangue, muito mais do que acabara de ter.

— Tudo a seu tempo... — Cristine garantiu calmamente.

As duas caminharam para perto do território dos centauros e se esconderam atrás de uma rocha, ao perceberem um centauro voltando da caça. Ele fora covardemente morto por trás, sem nem desconfiar de quem o matou. O raio de Christine não deixou marcas no centauro. As magas então se aproximaram e pegaram sua lança.

Uma delas levou a arma para perto do corpo das crianças e, não satisfeita, Christine covardemente fincou-a nas costas do corpo sem vida de Ottha e a deixou lá. Lana enfim deu um sorriso satisfeito.

Em seguida escutaram uma voz chamar os nomes das crianças, ficando invisíveis novamente.

Míron apareceu com uns de seus homens e este caiu desconsertado próximo ao corpo da menina. Um outro minotauro encontrou o corpo de Dágum mais afastado e Míron gritou de pavor.

Ele então retirou a arma fincada nas costas de Ottha e a inspecionou. Ele bufou forte ao descobrir a quem aquela lança pertencia.

— Não pode ser! — resmungou espantado.

— Por que eles fariam isso? — Um dos minotauros perguntou incrédulo.

— Eu não sei, mas os centauros irão pagar muito caro pelo o que fizeram! — Míron prometeu rangendo os dentes.

Todos estavam chocados, pois nunca imaginaram que os centauros fossem capazes disso. Um deles então lembrou-se e mencionou o grupo de mulheres e crianças mortas pelos antigos homens de Weston, na primeira guerra. A notícia foi tão chocante na época que até os minotauros se sensibilizaram e, por isso, custaram a acreditar no motivo pelo qual os centauros cometeriam o mesmo ato tão impiedoso e cruel. Ainda mais com eles que nunca lhes fizeram mal.

Christine, contudo, não se deu por satisfeita.

Ela analisou toda aquela cena sem a mínima compaixão, em sua mente perversa ela já possuía um plano arquitetado. O grupo de minotauros voltou inconsolável para as cavernas, com os corpos das crianças em seus braços e, por meio de magia, os dois últimos foram pegos.

As magas os silenciaram e os ergueram no ar. Eles se debatiam tentando gritar e gesticulavam insistentemente de forma que os outros pudessem perceber e os ajudar, mas foi em vão.

— Vai quebrar os pescoços deles? — Uma das magas perguntou sem a mínima compaixão em tirar vidas inocentes.

— Não, querida. Eles precisam estar inteiros. — Virou o pescoço levemente na vertical, pensando em como matá-los.

— Irei sufocá-los! — ela disse calmamente enquanto eles relutavam e erguiam os braços por ajuda, ao receber os raios de Drakenian.

Os dois corpos ainda no ar pararam de se mexer, depois caíram bruscamente no chão, quando Christine cessou a magia sobre eles.

Ela encarou Drakenian no topo do cetro e sorriu com o que a pedra pôde fazer.

Em outra cena, surgiu Cristine, ela estava em posse das armas dos Minotauros que acabara de matar e fincou-as no corpo do centauro que voltava da caça. Arquitetando mais uma vez um ataque inimigo.

Os dias foram se passando, Shitra chorava sem entender as mortes dos centauros pela espécie que ela acreditava ter feito amizade, principalmente por um dos mortos ser seu pai. Christine e as magas matavam ambas as espécies com magia, depois faziam cortes nos corpos com as armas um dos outros, as jogando próximas aos corpos. E assim, todos acreditaram em uma briga entre as espécies, onde ambas as espécies foram mortas por um inimigo que jamais imaginariam.

— Isso era mesmo necessário? — comentou Sórum tentando disfarçar o quanto lamentava. — Você já tem a pedra!

— Ora, e por que não tentar facilitar ainda mais o nosso lado? Centauros são aliados das espécies que os minotauros mais odeiam. Humanos!

— Mas nós somos humanas também. O que te faz pensar que eles se aliariam a nós?

— Tudo vale a pena quando se tem sede de vingança, querida Sórum. Pensei que já soubesse disso. — Christine lhe deu um olhar ríspido e suspeito.

— Essa daí vai nos causar problemas — Lana sussurrou e Christine concordou.

Dias depois, Christine e Míron estavam frente a frente. Ela chorava com as mãos ao peito, fingindo estar abalada.

— Eu lamento que tenhamos chegado a esse ponto, mas a culpa é de Weston! O rei mentiu para todos e os centauros se aliaram a eles e não a vocês! — Fingiu estar

perplexa. — Sei que somos rivais, mas até eu, uma HUMANA, seria incapaz de fazer qualquer mal à suas crianças! — Jurava. — Mas os centauros? Quando foi que vocês se tornaram inimigos? Que motivo seria justificável para eles cometerem essa atrocidade? Ajude-me a lutar contra eles e eu os ajudarei a vingar cada responsável pela morte da sua espécie! — prometeu.

Míron relutou em se aliar, mas depois concordou, selando a aliança que ele jamais esperou fazer e pelo motivo que ele mais temia.

Pensei que as visões cessariam ali, mas depois vi Christine roubando os ovos das Harpias e culpando Weston por isso. Em desespero, aquelas mulheres metade humanas, metade pássaros se enfureceram e buscaram vingança. Christine dizia que o povo de Weston roubara os ovos para garantirem alimentos à sua família, uma vez que o rei os fazia passar fome.

Depois, ela prometeu riqueza aos trolls, mas percebeu que bastava apenas dizer que eles lutariam contra os centauros e aquelas criaturas logo aceitaram, mesmo que sem interesse monetário.

Um clarão de luz então estourou como um *flash*. Todos fizeram silêncio por um tempo. Estavam chocados e não conseguiram dar uma palavra sequer.

Então, Míron cortou o silêncio com suas lágrimas.

— Eram meus filhos — comentou com pesar.

Bravan gentilmente soltou suas mãos acorrentadas e Míron as levou para frente de sua visão, massageando seus punhos.

— Quatro das crianças mortas pelo antigo povo de Weston eram minhas filhas — ele disse ao apertar o ombro de Míron em solidariedade. — E minha esposa também morreu naquele dia.

Míron também tocou o ombro de Bravan e os dois consentiram em respeito à dor um do outro.

— Em nome do meu povo, lamento profundamente as mortes inocentes e peço desculpas ao mal-entendido que nos fez atacar vocês. — Tocou o peito com respeito e inclinou seu corpo levemente na direção de Thalana e centauros.

Todos o saudaram em respeito e se desculparam pelas mortes inocentes, principalmente das crianças.

— Está livre para voltar ao seu povo e contar a verdade a nosso respeito. Não quero minha espécie difamada por tamanhas mentiras — Thalana pediu polidamente.

— Garanto a vocês que todos saberão da verdade e não haverá ódio algum pelos centauros — ele garantiu.

— Como irão acreditar em você? — Tartus perguntou. — Não acreditarão que você apenas conseguiu fugir?

— Primeiramente, ninguém conseguiria escapar de vocês. Reconhecemos a bravura dos centauros, tanto quanto sua inteligência. Mas irão acreditar em mim, porque eu sou o rei e nenhum rei minotauro foge ou mente para seu povo!

— Ele diz a verdade — falei, comprovando a veracidade de suas palavras.

Meu pai não é um mago, mas como Deus, ele abriu uma espécie de portal que dava para as proximidades de entrada de suas cavernas.

Os minotauros que estavam do outro lado se juntaram em defesa, prontos para atacar, mas relaxaram afrouxando suas armas quando viram seu rei, sem nenhum arranhão, pedir em um gesto que se acalmassem.

— Pode ir, majestade — eu disse humildemente. — E eu proponho uma aliança entre nossos povos.

Os minotauros se juntaram em grandes grupos do outro lado, aguardando uma resposta.

— E nós, minotauros, humildemente recusamos — disse de forma simples e objetiva.

O espanto foi geral, pois não esperávamos uma resposta assim.

— Não foi Shadowfalls quem lhe atacou. — O relembrei de forma gentil.

— Nem os centauros — Thalana afirmou no mesmo tom.

— Mas foram os humanos! — lembrou e, nessa hora, deu um rápido olhar a Arturo, que se ofendeu.

— Meu povo jamais lhe atacaria! — ele respondeu em defesa de Weston. — E pelo o que eu me lembre, vocês nos atacaram!

— Não sou mais humana. E mesmo quando ainda era mortal, era metade elfo.

— Reconheço. No entanto, uma aliança com os centauros implicaria em uma aliança com Shadowfalls e Weston, e há humanos lá. Meus filhos foram mortos covardemente pelas mãos dos humanos e eu não posso permitir que isso aconteça com outras famílias — ele respondeu de forma polida.

Houve um leve constrangimento em suas palavras e eu não consegui evitar me enraivecer pelo o que acabara de ouvir, contudo, como mãe, eu não podia discordar de tudo o que ele dizia. Ele era um rei que amava e prezava pela segurança de seu povo. Talvez, se eu estivesse em seu lugar, não faria diferente.

Tartus então rosnou para ele e eu segurei seu braço.

— Não temos problemas com vocês — Míron disse a Tartus. — Não podemos criar uma aliança, mas não significa que seremos inimigos.

— Espero que entenda que meu povo jamais lhe faria mal algum — eu disse em defesa de Shadowfalls e Arturo o mesmo quanto a Weston. Míron consentiu, mas não queria arriscar.

— Jamais lhe atacaremos — ele disse a todos. — São livres para andar por perto de nosso território se quiserem, mas não lutaremos a sua guerra se ela vier a

acontecer — o rei advertiu.

— Adeus, Míron. — Eu consenti com a cabeça.

Ele retribui o gesto e entrou no portal, que se fechou após sua passagem enquanto seu povo o recebia feliz pelo seu bem-estar.

— Você está bem? — Thalana se mostrou preocupada.

— Estou... Não posso culpá-lo. Eu mesma não gostava de humanos quando ainda era metade deles. — Dei de ombros.

— Pois eu lamento — ela disse com pesar. — Ele é uma boa criatura, muito íntegro e respeitado pelo seu povo, seria benéfico para todos se pudéssemos nos unir.

— Concordo — lamentei.



Capítulo 29

Estávamos de volta a Shadowfalls e Margreet ainda estava tentando assimilar tudo o que vira. Ela se sentou próxima a pedra de Richard, o local onde por anos foi o favorito de Dunkan, que ia para matar as saudades do companheiro. A pedra se tornara o local onde ia para matar saudades daquele que foi como um pai para ela.

— Sei como se sente. — Apertei sua mão em apoio. — É assustador no início, mas você se acostuma.

— Não tenho medo de liderar, mas sim de fazer isso sozinha.

— Você não está sozinha, Margreet.

Ela limpou as lágrimas em silêncio.

— Fílmor, antigo Deus do reino dos mortos, me disse que as almas costumavam ser dizimadas quando alguém morria, mas agora, pessoas como Dunkan e Richard podem se encontrar e ficar juntos pela eternidade. Sei que é difícil deixar alguém ir.

— Minhas lembranças remeteram a Grand e as lágrimas surgiram. — Perdi pessoas que amei, mas ao menos sei que estão bem em um lugar longe daqui.

Ela suspirou e me olhou esperançosa.

— A perda de Dunkan, Odo e muitos outros serão sempre sentidas, mas ao menos temos como consolo que nenhum sangue inocente será derramado novamente. Estamos em paz agora.

— Não diria isso ainda. — Meu pai e avô surgiram em sua forma original e meu povo se juntou assustado para ouvi-los.

Eles garantiram que não haveria outra guerra, mas sim um assunto a ser resolvido com os dragões. Seguimos então os três para o conselho, onde meu avô mostrava urgência em chegar.

Ságron e os outros aguardavam saber o motivo desagradável de nossa visita, desagradável pelo semblante nem um pouco satisfeito de meu avô. Eu deveria

saber do que se tratava, mas, talvez, pela minha imortalidade repentina, os deuses demorassem um pouco mais a falar comigo.

— Vocês foram traídos! — Meu avô disparou sem cautela.

O conselho, assim como eu ficaram chocados. Ságron logo se enfureceu ao ouvir suas palavras.

— Como ousa acusar meu povo de traição? — Fumaças densas saíram de suas narinas em ameaça, mas meu avô se manteve firme.

Os dragões se olhavam e Ocshantra comentou algo a Khoma que também parecia confuso.

— Responda-me! — ordenou aquele gigantesco Dragão negro. Ele estava tão enfurecido que suas escamas pareciam brilhar.

Apertei o braço do meu avô para que ele falasse e, então, ele pegou a adaga que matou seu irmão e a jogou no chão com grosseria.

Os olhos surpresos fitaram a arma que caiu e ressoou um som metálico.

Khadra levantou voo do topo de seu cristal e voou em direção a adaga para inspecioná-la de perto. Ela em seguida olhou para Ságron e consentiu.

— Há algo que você deve saber, Kyara — disse meu avô sem tirar os olhos de Ságron em acusação. — Os deuses e dragões têm os mesmos criadores. Fomos os primeiros a serem criados para manter a paz no mundo e, no entanto, podemos cobiçar aquilo que não temos direito e, com isso, colocaríamos em risco milhares de destinos já criados. Por isso, os deuses não conseguem se matar, ou muitos teriam sido mortos no passado. Mas os dragões foram criados para serem mais evoluídos e somente eles determinam a morte de um Deus se esse apresentar perigo. Ou seja, somente um dragão pode forjar uma arma capaz de matar um de nós. E meu irmão foi morto injustamente! — Ele esbravejou em acusação.

— NÓS NUNCA MATAMOS UM DEUS! — esbravejou Ságron em defesa, não somente do conselho, mas também de sua espécie.

— Nos foi dado o poder de forjar essas armas, mas recebemos isso como um fardo e não com orgulho. Por anos, nossos mais antigos mestres lamentaram ter de tomar tais atitudes e quando o primeiro Deus deu indícios de traição, surgiu a mais importante e respeitada regra entre nossa espécie — Ocshantra falou.

— Não podíamos matar um Deus! Uma vez que eles nos dão visões mais avançadas dos destinos que eles traçam e nos permitem passar adiante se necessário. Consideramos errado sermos capazes de tirar-lhes a vida — Khadra completou.

— E o que vocês fizeram com eles? — questionou meu avô.

— Uma vez que somos capazes de manipular diferentes dimensões, escolhemos uma em específico e os banimos para lá. Nenhum outro Deus sabe onde eles estão, sequer sabem que eles ainda vivem. Esse é um segredo que somente os dragões

guardam e podemos lhe garantir que todos aqueles que um dia foram considerados perigosos por querer transformar o mundo em um pesadelo vivo, estão aprisionados — Ságron garantiu e sua ira virou-se para o conselho. — Qual de vocês ousou matar um Deus desnecessariamente? — Ele cravava as unhas nos cristais e todos juraram lealdade ao conselho.

— Fílmor não era uma ameaça! — Ságron lamentou.

Foram tensos segundos de silêncio sem que Ságron conseguisse detectar alguma mentira, porque ninguém ali era capaz de tamanha traição. Ele pensou que talvez um deles não tivesse cometido o crime, mas que tivesse sido conivente. No entanto, todos ali eram inocentes angustiados em descobrir a verdade.

— O destino de Fílmor estava escrito — Khoma tomou a palavra como se tentasse amenizar a situação.

— Não é justificável! — Rosnou Ságron. — Um Deus não precisa morrer para que outro tome seu lugar.

— Mas ele sabia que ia morrer? — perguntei.

— Nenhum Deus pode prever a morte de outro, nem mesmo a sua própria. Somente nós podemos e eu não previ nenhuma morte hoje. Estou confuso e aflito pelo ocorrido.

E toda aquela ira havia ido embora, dado lugar a um constrangimento como eu nunca pensei que uma criatura tão poderosa quanto ele pudesse sentir. Ságron curvou seu pescoço humildemente.

— Prometo que irei descobrir o culpado e ele será punido com toda a ira do conselho. Não tolerarei isso. Somos dragões e não monstros — Ságron lamentou e eu senti sua genuinidade.

Ságron estava visivelmente abalado com a notícia e então fechou os olhos por um momento.

— Eu vejo a destruição sofrida pelo povo de Weston e, como forma de me redimir pela traição de um dos meus, prometo reconstruir Weston com a força da pedra que está em nossa posse.

Meu avô parecia agradecido, mas ainda relutava em aceitar que isso seria suficiente. Nada poderia vingar tão facilmente a morte de seu irmão. Eu também relutava em aceitar a morte de um Deus e tentei inúmeras vezes buscar em minhas visões, mas não tive sucesso, talvez por ainda estar aprendendo, mas sabia que eu conseguiria com o tempo e descobriria toda a verdade.

Ságron cumpriu a sua promessa. Ele foi a Weston e, com a pedra, aumentou o poder dos elfos em reconstruir as árvores, reergueu as casas destruídas e abençoou o solo e as águas para que, assim como Shadowfalls, as águas fossem sagradas e as futuras safras fossem fartas. Weston estava de pé novamente e a única energia ruim estava nas saudades daqueles que se foram.



Capítulo 30

Voltei a Shadowfalls após a tensa visita ao conselho dos dragões. Senti uma estranha dor no peito, um pressentimento ruim, como se algo muito grave estivesse acontecendo. Pensei nas palavras do minotauro e na promessa cumprida de Ságron, mas por que eu ficaria tão mal com uma aliança negada se isso não implicaria em perigos para meu povo? Minhas lembranças se voltaram ao final da última guerra e eu não me senti da mesma forma

Estranho... Eu deveria estar mais forte, ainda mais depois de perder minha imortalidade. Perguntava-me se isso estaria me causando um distúrbio emocional. Eu deveria me sentir melhor e revigorada por ser imortal. No entanto, estava enfraquecida e fragilizada.

Aidan conversou comigo por horas e não teve nada do que ele me dissesse que tenha surtido efeito contrário em mim. Eu não estava bem e não sabia o motivo. Tantas coisas poderiam ser. Talvez fosse a falta de Kai.

Eu o vira ser destinado a reinar seu próprio mundo e eu poderia estar começando a ser afetada pela saudade. Mas não era isso!

Eu sentia destruições de guerra, ouvia gritos de pavor, cheiro de sangue e suava em desespero, mas quando olhava ao redor, via paz e harmonia. Meu coração acelerava me causando uma enorme dor no peito. Tentei sair e passear pela floresta, mas nada me acalmava.

Sentei-me próxima a um pequeno córrego e observei os peixes. Não saberia explicar o motivo, mas eles me tranquilizaram. As sensações não cessaram, mas amenizaram bastante.

— Será mesmo que essa pessoa existirá? Ela poderá nos compreender?

Virei-me para trás e não havia ninguém. Estranhei...

— Sim! Ela vai existir e será nossa salvação! — A voz insistiu e eu percebi uma certa urgência para que eu a escutasse

— Por favor, nos ajude — sussurrou uma voz serena, apesar de tudo. — Precisa vir a nós... — A voz pareceu cansada, como se alguém de muita idade ou gravemente ferido fizesse esforço para se pronunciar.

Meu coração palpitou como se eu sentisse seu desespero e ela falou novamente.

— Ela vai nos compreender e vai saber que falamos com ela. Só assim ela virá.

— Que não seja tarde demais! — respondeu em um suspiro. — Ou tudo estará perdido...

Então eu percebi que as vozes vinham de dentro de mim. Eles continuavam sussurrando e não consegui compreender todas as palavras, pois eram muitas ao mesmo tempo. Havia uma pressa no que diziam e se mostravam claramente amedrontados, pondo suas esperanças em alguém que não estava lá. Levei minhas mãos aos ouvidos a fim de tapar os sons externos e apertei as minhas pálpebras para me concentrar, mas só consegui entender em meio a tantos sussurros, uma ou outra palavra sem conexão entre si.

Senti o desespero para que tal mensagem chegasse à pessoa certa, mas não fazia ideia de quem eles eram.

— Os sussurros de Drakenian!!! — afirmei alto e espantada. Ela continua a falar comigo! E eu entendia! Sim, pelos deuses, eu entendia!!! Mas a pedra estava longe, guardada em seu devido local. Eu só podia pensar que minha imortalidade abrisse caminho para que eu a pudesse ouvir, independentemente de estar perto.

Um corvo negro apareceu e pousou sobre a pedra do outro lado do córrego.

— Você precisa vir comigo — ele disse. — E pegue a pedra. Irá precisar dela.

Eu não consegui desvendar o que seus olhos expressavam. Havia uma mistura de preocupação e ao mesmo tempo a satisfação em me revelar algo. Mas o que poderia ser tão bom, se eu só sentia perturbações? E essa foi mais uma das perguntas que me fiz, sem ter a chance de respondê-la.

Busquei a pedra, ainda na ponta do cetro partido, uma vez que estava insegura de tocá-la. Depois, me juntei a eles e fomos para onde ele quis me levar. Tamanha foi minha surpresa ao perceber onde eu pisava.

Ocshantra, Khadra e Khoma me aguardavam no conselho. Ságron não estava presente, mas não estranhei sua ausência. Na verdade, eu estava anestesiada e não sabia qual seria minha reação ao que pudessem me dizer.

— Kyara... — Ocshantra falou em tom de súplica. — Há muito sobre nós que você não sabe.

Eu a fitei em silêncio. Não temia o que ela poderia me dizer. Era como se eu estivesse hipnotizada.

— Nós dragões não temos deuses, mas o primeiro conselho formado, há milênios, tiveram uma visão, onde o primeiro e único Deus dragão viria de uma

linhagem diferente. Ele nasceria em uma outra espécie para depois se tornar um de nós.

— E foi por isso que eles criaram as três pedras, destinadas a esta pessoa — explicou Khadra — No entanto, elas não lhes seriam entregues. Esse precisaria vir até elas, para não termos o poder de decidir se entregaríamos ou esconderíamos as pedras. Isso poderia mudar todo o destino! — acrescentou. — E ele se tornaria um Deus supremo, não só dos dragões, mas também de sua própria espécie.

— Ságron nunca aceitou que um dia os dragões se submetessem aos deuses. Como líder do conselho, ele é encarregado de guardar a pedra lapidada — Ocshantra mudou seu semblante, ficou visivelmente preocupada.

— Onde está Ságron? — perguntei com uma angústia repentina.

— Em busca da terceira pedra!

— Por que estão me contando isso? — Mantive o tom aflita.

— Porque não sabemos se você é ou não a escolhida, mas é a única que pode pará-lo no momento! Nós do conselho somos proibidos de nos intrometer nas decisões do nosso líder, mas não podemos acatar que ele vá contra o destino já traçado!

— Será uma destruição em massa de inúmeras espécies!!! — Khoma falou com urgência para que eu agisse no exato momento, eu cambaleei para o lado, com a mão no peito.

Meu pai me segurou e os dragões se assustaram. Um clarão de luz explodiu e me levou para outro lugar.

Eu andava dentro de um local escuro, que apesar do breu, eu conseguia enxergar. Toquei a parede rochosa, reconhecendo que se tratava do interior de uma caverna. Olhei para cima e o teto era bastante elevado. Seria o interior de uma montanha? Eu não estava sozinha e mesmo incerta de quem poderia estar ali, a sua presença me desagradava.

Escutei alguém ofegar em pânico pelo castigo prestes a receber. Ele vinha de um corredor ao lado e éramos separados por uma parede rochosa. Eu seguia seus passos do outro lado da parede. O corredor enfim terminou e nós dois entramos em um local aberto como se fosse uma enorme sala.

— Christine? — indaguei, franzindo minha testa e só não me preenchi em ódio pois sabia que ela já estava morta.

Ela olhou para o interior de uma outra passagem onde havia um enorme breu dentro. Um breu mais escuro do que o local onde estávamos.

— Christine! — A voz ecoou pela caverna escura e fria, ela vinha de dentro daquela passagem.

— Mestre! — ela suplicava ajoelhando.

Pelos deuses, era o meu pesadelo! Aquele que me assombrou por anos! Então era real! Eu sabia onde tudo isso levaria e tendo Kai em segurança, reinando o seu próprio mundo que lhe fora destinado, eu não me assustei. Perguntei-me qual a necessidade daquela visão. Então, dei um grito aterrorizada quando o vi surgir!

De dentro daquela escuridão seus passos fizeram o chão trepidar e Ságron saiu daquela caverna escura com fúria em seus olhos! Prendi o fôlego ao vê-lo e enfim percebi o motivo pelo qual eu não reconheci sua voz anteriormente. Ela estava modificada pelos ecos da caverna.

— Você falhou! — ameaçou com autoridade, prestes a dar o golpe final.

— Izobel morreu! — disse apavorada ao se curvar, cruzando os pulsos sobre a sua cabeça.

Ele então parou e bufou. Christine tremeu.

— Com ela morta fica mais fácil pegar a pedra. Há uma nova guardiã, mas será simples matá-la! — assegurou.

— A mesma que fez isso com o seu rosto? — ele zombou.

— Eu desconhecia os seus poderes, mas agora que os conheço, estarei pronta para ela. Dê-me mais tempo e outra chance! — suplicou. — Deixe-me provar que sou capaz, e poderemos ter tudo aquilo que merecemos!

Ele pensou e, mesmo contrariado, decidiu aceitar.

— Será a sua última chance. Se ousar falhar novamente...

— Não falharei! — garantiu!

— Assim espero, pois você sabe o que acontece com aqueles que falham comigo — ameaçou ao sair e entrar novamente na caverna de onde veio.

Então eu voltei à realidade. Senti novamente toda aquela histeria e que precisava voltar e proteger minhas irmãs, ou melhor, os meus irmãos! Os dragões não pareciam surpresos com o que viram.

Eu corri, sim, corri. Corri para onde senti que deveria ir. E então, meu instinto me transportou para uma ilha. Era uma ilha onde tudo ao redor era protegido pelos dragões, Nagárons e tritões, porém, havia corpos espalhados por todo o local.

Corpos de dragões jovens, tritões, sereias, até mesmo crianças! Eu via o que seriam os tais Nagárons que guardavam a outra pedra e em um susto repentino, um clarão de luz estourou em meus olhos novamente.

Eu via a ilha como era antes. A pedra sendo protegida e famílias inteiras de sereias e tritões, com crianças brincavam por lá. Dragões jovens e adultos dormiam pacificamente à beira do mar ou acima das rochas para pegar sol. As risadas das crianças sereias eram ouvidas quando os dragões jovens levantavam voo e o bater de suas asas, propositalmente criando ventos contra eles, que riam sentindo aquela brisa como uma carícia. Era o único local onde os tritões e Nagárons vinham a superfície. Era um local de paz e harmonia.

Dei-me conta de que todas aquelas perturbações e histerias que eu senti horas atrás vieram daquele cenário de destruição. Ságron sentiu que Christine falhou e, em uma última tentativa desesperada, traiu a todos ao tentar roubar a terceira pedra.

O clarão sumiu e o cenário de morte surgiu novamente. Eu ajoelhei em desespero e a deusa Mereen surgiu das águas.

Ela vinha de uma movimentação brusca que subiu e se formou em sua linda silhueta. Seria lindo de ver, se ela não estivesse tão atormentada.

— Filha! — Ela veio a mim apressadamente, pegando em minhas mãos em súplica.

— O que houve aqui?

— Nada que eu pudesse ter previsto!

— Ságron! — eu disse me enchendo de fúria.

— Nunca sequer pressenti que um ataque aconteceria, tampouco que viesse de cima ou por um dos dragões! Então não houve nada que eu pudesse ter feito. — Ela se desesperava e se culpava. — Feche os olhos — pediu. — Sinta-o, Kyara.

Assim o fiz e inspirei fundo algumas vezes para me concentrar. A minha mente me levava para um caminho a ser percorrido, como se alguém me guiasse, até que eu o encontrei. Ele estava de costas, olhando para algo. Eu então voltei a mim novamente.

Mesmo ainda assombrada com o que ela vira anteriormente, Mereen sorriu quando eu abri os olhos.

— Está começando, minha filha! — Ela tocou meu braço orgulhosa.

Eu a fitei com um olhar questionável e ela percebeu o que eu fui capaz de fazer.

— Ninguém te guiou, você fez tudo sozinha. Você o encontrou porque agora tem essa capacidade. Use-a novamente se necessário, mas vá imediatamente e encontre-o! — pedia com uma urgência severa.

Consenti e corri novamente, sendo transportada para perto dele. Ele carregava um enorme brasão antigo, pendurado por grossas correntes prateadas em seu pescoço.

Ele me encarou e, para minha surpresa, não foi hostil. Ságron voltou seu olhar novamente para baixo. Estávamos no topo de uma enorme montanha, e lá embaixo dragões jovens e adultos lutavam friamente até a morte. A fúria que os corroía era tanta, que matavam uns aos outros impiedosamente.

Eu consegui sentir a dor que o corroía internamente, mas indaguei suas ações ao notar seu olhar sereno enquanto os dragões lutavam.

— Não vai fazer nada? É seu povo! — exclamei angustiada.

Ele não respondeu.

— Precisa fazer alguma coisa! — insisti.

— Quem é você para me dar ordens? — ele perguntou amargamente.
— Quem é você para permitir tamanha atrocidade? — retruquei no mesmo tom.
— Não preciso de nenhum dragão que seja contra mim — ele respondeu amargamente pelas mortes que assistia.

Suas palavras eram ásperas, mas havia sofrimento em sua alma, sofrimento que ele acreditava poder esconder de mim.

Eu comecei a tremer em um misto de ódio e desespero. Questionava-me do porquê de ele permitir aquilo, sendo algo contra a sua vontade. Recusei-me a aceitar que aquilo prosseguisse e se ele nada fizesse a respeito, então eu o faria.

— Vejo que trouxe a pedra. Pretende devolvê-la a nós?

— Por que eu a devolveria?

— Qual outro motivo te faria trazê-la?

Não sabia responder sua pergunta ao certo. Dizer que a trouxera porque meu pai me pediu, soaria tolice de minha parte.

— Não posso deixar esse massacre ir adiante.

— Acha mesmo que irão acreditar em você? — perguntou educadamente, seguro de si.

— Shadowfalls tem um histórico de fidelidade com sua espécie e, no momento, eu pareço me importar muito mais com eles que o próprio líder. — Lancei um olhar acusador.

— Estou te avisando, Kyara. — Ele me ameaçou. — Se tentar me colocar contra a minha espécie, acabarei com você.

— Não vejo em você a vontade de me ferir — falei carinhosamente. — Assim como não acredito que esteja gostando do que vê.

Ele pela primeira vez suavizou o olhar.

— Eu sei o que você fez — referi-me a cruel carnificina que encontrara há pouco. — Tritões lhe foram fiéis por anos! Como teve coragem? E quanto aos Nagárons? E as crianças?

Ságron estufou o peito e inspirou forte para disfarçar. Sua alma se contorcia em remorso, mas ele estava decidido que suas ações foram extremamente necessárias.

— Eu gosto de você, Kyara — ele disse de forma serena. — Às vezes precisamos tomar medidas drásticas para um bem maior. Mesmo que isso me assombre por anos. Fique fora disso — pediu como uma leve súplica.

— Desculpe-me, Ságron. Não tenho intenção de viver eternamente carregando uma culpa dessa intensidade.

— Não irei permitir que bote meu povo contra mim! — ele ameaçou.

Eu o encarei séria por uns segundos, depois me concentrei, me teletransportando em direção aos dragões. Surgi erguendo a pedra para chamar-lhes atenção e fazendo com que cessassem a batalha.

Assustados, os dragões ficaram imóveis.

— Ságron traiu o conselho!

Acabei por causar um alvoroço, onde os protestos e dúvidas se tornaram tão intensos que eu me vi forçada a explicar o mais urgente possível, mas aproveitando o momento onde a maioria o defendia, Ságron levantou voo e se juntou a mim no chão.

Eles se curvam.

— Presumo que a sua gratidão pela minha ajuda tenha se perdido em meio à sua arrogância repentina.

— Ajuda? — questionei-o.

— E não fui eu quem ajudou a reconstruir Weston com poder da pedra que eu guardo, mesmo sabendo que você falhou em proteger a pedra que por anos confiamos estar segura? — ele retrucou e os dragões, como criaturas polidas, se mantiveram em silêncio por respeito ao seu líder.

— A troco de sangue inocente derramado? — perguntei amargamente. — Se ao menos eu desconfiasse que tudo não havia passado de um plano, eu teria recusado sua ajuda.

Os dragões começaram a comentar e os murmúrios começaram a elevar.

— Ela vem de longe para me caluniar! — Ságron gritou, contendo os comentários, levando os dragões ao silêncio novamente. — Que pena, Kyara... — disse decepcionado. — Preciso lembrar quem somos? — Ele olhou ao redor para todos. — De todas as espécies, somos as mais antigas! Nossas histórias são revividas e contadas através do tempo e nunca houve sequer um de nós com histórico de traição — gritou orgulhoso e os dragões em silêncio estufaram o peito.

— Você mente! — eu disse enojada e ele me lançou um olhar de advertência. O clima se tornou tenso.

— Eles sabem que eu jamais os trairia! Sabem o quanto eu amo minha espécie e prezo pela nossa paz — Ságron dizia de forma a estar ofendido com minha falsa acusação e, surpreendentemente, ele dizia a verdade, apesar de tudo. Eu sentia! Ele amava seu povo, mas mentia quanto à traição.

— Você nasceu para servir — ele disse, virando-se para mim. — Você nasceu humana!

— Olhe para mim agora, Ságron, e diga-me que eu nasci para servir — desafiei.

— Você pode ter esquecido, Kyara e, portanto, entendo o quanto se sente confiante como rainha ou imortal. Porém, não sou o único a me lembrar de você como escrava.

Havia sarcasmo em sua voz, mas em seguida seu semblante mudou e ele começou a lamentar.

— Estou vivo a milênios — disse como se fosse a maior perda de tempo da minha parte tentar argumentar contra ele. — Não há conhecimento que eu não possua. Presenciei acontecimentos históricos, muito mais do que eu esperaria ou, para lhes ser sincero, muito mais do que eu gostaria de ter visto. Vi os segredos mais sombrios das mais diversas criaturas, mas, também vi coisas maravilhosas. Navegações que cruzaram os mares, descobertas de novas terras, surgimento de novas espécies, aliás, acompanhei milhões de gerações dos meus e dos teus — afirmou com um certo pesar. — Nós, dragões, somos evoluídos, somos fortes, mas também sensíveis. Ao menos eu sou e não suporto ver tamanhas desgraças.

— Não pareceu lamentar enquanto observava seu povo se matando lá de cima. — Cerrei o olhar enquanto falava amargamente.

Os dragões se entreolham e aguardavam uma resposta.

— Não, Kyara... — Ele suspirou. — Eu estava sofrendo com o que via.

— E por que não fez nada a respeito, afinal, não é você o líder do conselho? Não acha que eles iriam parar quando o visse? — Olhei fundo nos olhos de forma a desafiá-lo. — Acha que eles acreditariam que seu líder iria permitir tamanho sangue derramado por aqueles que ele diz amar?

Notei que os dragões ficaram confusos. Uns pensavam em minhas palavras e buscavam respostas em suas mentes, mas a maioria estava visivelmente ao lado de seu líder.

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Ela, que agora é imortal, deveria entender cada palavra do que eu digo, mas ela insiste em me questionar.

Os dragões começaram a me encarar, julgando-me.

— Onde quer chegar, Ságron? — perguntei impaciente.

— Que de todas as espécies, a sua foi a que de longe evoluiu da forma mais precária que uma espécie poderia evoluir! — Ele mudou o tom para raiva. — Vocês foram dotados de inteligência, mas que resolveram usar todo o seu dom para o mal. Nunca vi tanto sangue inocente ser derramado, como vi pelas mãos dos humanos!

Os dragões estavam confusos. Eles estavam ao lado de seu líder, mas sabiam que meu povo lhe fora fiel há anos e que eu jamais usaria a pedra de forma indevida.

— Humanos são movidos pura e unicamente pela ganância e são os que mais matam por poder! — Ele acusou com escárnio

— Você trai o próprio conselho, permitindo que vários dos teus se matem e acusa a minha espécie de sede por poder? — perguntei incrédula.

— Como ousa me acusar de tamanha traição? — gritou ofendido. — Eu sou o líder do conselho e do meu povo!

— E quanto a pedra que você roubou? — Disparei-lhe um olhar acusador.

Os dragões exclamaram surpresos e um alvoroço começou.

— CALEM-SE! — Ele exigiu. — Você não tem conhecimento sobre as pedras e nossas leis... Então, o que está tentando provar?

— Que você roubou a pedra! — insisti. — Você poderia ter evitado inúmeras mortes, inclusive as dos mais novos, porque não há ódio que consuma um dragão suficientemente para que ele não pare a pedido de seu líder. Você sabe disso!

Ságron se viu severamente cobrado por explicações e o clima se tornou tenso.

Então, percebi que somente os dragões do conselho eram ainda mais evoluídos e os únicos com dom de ver o futuro. Nenhum outro dragão conseguiu alcançar tais visões, logo, eu não tinha como provar minhas palavras, uma vez que as palavras de um dragão do conselho jamais foram contestadas. Até aquele momento, nenhum dos líderes havia mentido para a sua espécie.

— A pedra foi sim roubada por uma humana, mas foi a mando de seu líder. — Apontei para Ságron com o queixo.

— Basta! Não vou perder mais o meu tempo com suas mentiras!!!! Mesmo sabendo da ameaça que você é, não sou como a sua espécie — ele lamentou. — Não quero te machucar, apenas pedir educadamente que você nos devolva sua pedra, deixe nosso território e nunca mais ponha os pés aqui. Prevejo um futuro bom para você — disse da forma mais cordial possível. — Ou serei obrigado a bani-la para uma outra dimensão.

Meu avô resolveu que era hora de interferir e mostrar a verdade. Um portal se abriu, e dele saiu Báhlgor, liderando os Nagárons e os tritões sobreviventes do ataque. E foram eles que fizeram Ságron estremecer, pois ele sabia que eles não estavam intencionados em manter suas mentiras. Os tritões possuíam uma cauda maior e uma musculatura extremamente forte. Conseguiram se erguer como se estivessem ajoelhados e se moverem pela terra, arrastando sua enorme cauda com os mesmos movimentos de uma serpente.

— Sabemos quem nos atacou — afirmou um dos Nagárons em acusação, ao olhar para Ságron. Ele fez força para falar e eu percebi que estava em sofrimento.

Os dragões ficaram confusos.

— Vocês acham que uma humana faria isso? — Ele se ergueu e mostrou o enorme corte na barriga em forma de garras gigantescas.

Instintivamente, toquei seu ferimento e o curei impressionando a todos.

— Ela sequer havia chegado quando você nos atacou desprevenidamente, Ságron — disse o Nagáron que eu curei.

Ele em seguida virou-se para mim agradecido.

— Há outros feridos. Você poderia curá-los? — pediu educadamente.

Consenti sem hesitar e os dragões começaram então a perceber a minha bondade e quem eu realmente era. Os tritões confirmaram cada palavra dita pelos outros

Nagárons que contaram detalhes de como Ságron atacou impiedosamente crianças inocentes que sequer eram um perigo para ele. Nesse momento, os dragões se encheram de fúria contra seu líder.

Ocshantra, Khoma e Khadra apareceram e pousaram próximos a todos. Eles estavam visivelmente aborrecidos e todos ali presentes se curvaram.

— Não era para ser assim, Ságron — Ocshantra disse decepcionada.

Ele então percebeu o que ela estava para dizer e a interrompeu desesperadamente.

— Fiz o que achei necessário! Sim, cometi erros, mas foi para um bem maior para nós e toda nossa espécie!

— Não! — ela disse com veemência. — Você agiu por poder, por vaidade, pois nunca aceitou o real destino dos dragões!

— De sermos submetidos a um Deus? Logo nossa espécie? — Mostrou-se irredutível.

— Não se o Deus fosse você — Khadra disse amargamente e todos se espantaram.

— Ele tentou mudar o destino da forma mais cruel e egoísta possível — ela disse furiosa, com os olhos enrijecidos e fincados em Ságron. — Tinha planos de matar aquele que se tornaria nosso Deus, porque ele não aceitou ser submisso.

Um silêncio se fez no local e todos me encararam. Eu me espantei.

— Kyara — disse um dos Nagárons. — Vocês não possuíam o conhecimento da pedra que guardaram, mas nós sabíamos exatamente quem era aquele destinado a ela. Como líder do conselho, Ságron tinha o direito de guardar a outra pedra e, assim como eu, ele também sabia.

— Estão me dizendo, que...

— ELA NÃO É O NOSSO DEUS!!! — Ságron esbravejou se recusando a aceitar.

Nessa hora, fiquei do lado dele por um segundo.

— Impossível aceitar que nosso Deus viria de outra espécie senão a nossa! Como ele teria nossos conhecimentos? Ele não viveu o que vivemos, tampouco possui nossa astúcia para saber tomar as decisões corretas! Sei que a profecia foi feita, mas não é ela quem vai tomar o meu lugar! — Ele se exaltou.

— Você não pode interferir na profecia! — advertiu um Nagáron.

— Então está de acordo que uma humana seja nossa líder? — ele desafiou-o a contradizê-lo.

Eu ia pedir para que alguém me explicasse, mas Ocshantra se aproximou.

— Não sabíamos quem seria destinado a ser nosso Deus, mas sentimos a perturbações das mortes e deduzimos. Porque somente por esse motivo Ságron cometeria tamanha crueldade.

— E agora os Nagárons nos confirmaram — disse Khoma.

— Mas eu não posso ser a deusa dos Dragões! — Desesperei-me. — E quanto a Shadowfalls? E quanto a minha família? — Comecei a me angustiar, mas ela se manteve calma, firmando seu olhar no meu.

— A pedra jamais destruiria aquele que foi destinado a ela — Khoma explicou. — Você é a escolhida dos Dragões, Kyara — disse orgulhoso. — Por isso Christine não conseguiu usá-la contra você. Nenhuma espécie conseguiria.

Segundos depois Ságron abriu o enorme brasão que pendia em seu pescoço pelas grossas correntes prateadas. Havia a pedra vermelha que ele guardava e a verde das águas, guardada pelos Nagárons. Ele então as apertou contra seus dedos.

— Não permitirei que uma espécie tão inferior como a sua, tenha domínio sobre mim! Você pode ser capaz de sobreviver a uma pedra, mas eu possuo duas e, juntas, seus poderes são ainda mais fortes! Não quero ter de usá-las contra você, Kyara.

As pedras começaram a brilhar e a remexer. Olhei para meu cetro e toquei, retirando-a com minha própria mão e erguendo-a em sua direção. As ondulações voltaram, esvoaçando meus cabelos para trás.

— Também não quero ter de machucá-lo.

Nossas desavenças eram grandes, mas o respeito entre nós parecia maior. Eu senti o quanto ele relutava, mas já estava decidido.

— Os humanos sempre mataram uns aos outros impiedosamente e por isso não me arrependo do que fiz e não irei permitir que um de vocês tome o meu lugar!

— Está falando sobre si mesmo? Pois acaba de se descrever! Matou milhões de inocentes sem remorso algum, deixou que os seus se matassem e sequer houve de sua parte a compaixão por aqueles que por anos lhes foram fiéis, guardando a pedra. O líder do conselho dos dragões é a criatura mais humana que já conheci!

Como deusa, eu lhes transmiti todas as visões e temores da guerra de Shadowfalls e inclusive das últimas ações de Ságron. Certifiquei-me de que todos os dragões e tritões pudessem ver também. Quando enfim terminei, todos se demonstraram em choque.

— Não adianta lutar, Ságron — Ocshantra disse calmamente enquanto as pedras começaram a vibrar mais forte. Ele as fitou, espantado. — Porque uma vez que a escolhida se aproxima, as outras irão até ela e não há forças que possam pará-las. Nem mesmo a sua.

As pedras começaram a se mover e Ságron falhou em querer segurá-las. Ele gritou em protesto quando as duas começaram a se atrair para mim feito um ímã.

— NÃO!!!! — Ele tentou impedi-las e, ao mesmo tempo, tentou puxar Drakenian para si, acreditando piamente que com a posse das três pedras, ele teria uma chance de me derrotar.

Agarrei-a contra meu peito e fui arrastada junto a ela em direção a Ságron. Então comecei a sentir a pedra diminuir enquanto eu a absorvia. Caí quando Ságron falhou ao segurar as duas pedras que vieram a mim em uma velocidade tamanha que me fez voar para longe ao me acertarem. Meu corpo começou a absorvê-las, as três ao mesmo tempo e eu não acreditava ser capaz de suportar seus poderes.

Então me senti ser arrastada para uma outra dimensão e me vi novamente naquele mesmo local etéreo onde fui transportada quando toquei Drakenian pela primeira vez.



Capítulo 31

Eu senti uma paz tremenda, como se minha alma fosse anestesiada e, aos poucos, espectros dos antigos anciões apareceram. Eu nunca os tinha visto antes, mas sabia quem eram. Foram os primeiros a criar as pedras, e depois tiveram ajuda de milhões de outros para que seus poderes fossem incomensuráveis.

Eles me receberam com respeito e entre eles havia um enorme dragão negro.

— A profecia finalmente se cumpriu — disse aliviado em uma linguagem antiga, então percebi que era a mesma língua que eu ouvia quando Drakenian falava comigo.

— Você foi a nossa escolhida, Kyara — um deles afirmou.

Um outro dragão verde-esmeralda tomou a palavra.

— Ságron, atual dragão líder do conselho, está querendo preservar a espécie dele, mas muitas espécies dizimaram outras com o mesmo intuito... Preservação. Ságron se preocupa com outras espécies tanto quanto se preocupa com a dele, mas sabíamos que futuramente o líder do conselho nos trairia por poder. Tememos pelas outras espécies ou por tudo de ruim que ele poderia fazer se tivesse posse das três pedras.

— Entendo. Ságron seria facilmente tomado pela ganância e ele perderia o controle, podendo inclusive dizimar os dragões para que ele fosse soberano — lamentei.

— Está aprendendo rápido a ter as visões futuras. — O grande dragão negro falou.

Ele estava satisfeito com minha habilidade de prever o futuro e poder entender a urgência que era eu virar sua deusa. Contudo, havia sofrimento em seus olhos, enquanto eu previa o que Ságron faria.

— Sinto uma dor enorme vinda de você, mas não sou capaz de prever o motivo — eu disse com um certo pesar e o dragão negro fechou os olhos, consentindo.

— Ságron é seu filho? — indaguei de forma amigável.

— Tataraneto — disse magoado. — A linhagem de dragões negros é conhecida como a mais benevolente das espécies e, por isso, temos orgulho em dizer que todos os líderes do conselho vêm sendo da minha linhagem. Saber que um dos meus, visto com respeito e admiração, seria capaz de nos trair, é a maior decepção para mim e os dragões negros que jamais aceitariam.

— Por isso os deuses só permitem que os dragões do conselho tenham as visões — afirmei e eles consentiram.

— E é por isso também que somente os líderes têm as visões mais além. Nenhum outro dragão poderia descobrir, ou interfeririam no destino.

— Não quero deixar minha família — disse repleta de mágoas. Eles sentiram a minha dor e lamentaram, mas nada podiam fazer.

— Mas por que eu? Eu nasci escrava, sou mistura de duas espécies inferiores às suas. O que eu tinha de especial para que me tornasse sua salvação, quando se há muitas criaturas honradas e mais fortes?

— Porque você seria a única capaz de enfrentá-lo e a única que faria Ságron lhe respeitar, como jamais respeitou outra espécie. Ele gosta de você e temeu que esse dia fosse chegar e não houve um dia sequer que ele não lamentasse ter de enfrentá-la.

— Kyara. — O dragão esmeralda tomou a palavra. — Nesse momento, seu corpo está se contorcendo sofrendo as últimas alterações para que se torne oficialmente nossa deusa. Por isso, nós a trouxemos aqui para que pudéssemos conversar, mas agora que sabe toda a verdade, precisa voltar e aceitar seu destino.

Ele então me fez uma última revelação que me deixou extremamente perplexa.

— Mas eu.... — Meu corpo foi levado de volta.

Senti as dores que meus órgãos sofreram pela transformação, mas eu mesma me curei instantaneamente. Ainda estava no chão aos olhares atentos de todos e calmamente me ergui. Então percebi que apesar de ter me tornado um dragão de luz, branco, minhas escamas emanavam uma linda energia branca, sem contar que acabei por dobrar de tamanho.

Tornei-me o maior dragão de todos e me senti incomensuravelmente forte e renovada. Todos os outros, incluindo Nagárons e tritões, estavam em choque por me ver, depois se curvam completamente maravilhados.

Ságron relutou, mas se curvou em respeito, sem me encarar nos olhos. Ele se mostrou completamente derrotado, mas eu o olhei decepcionada.

— Como se sentiu ao ver tudo o que causou? — perguntei.

— Como nunca pensei me sentir, mas confesso que a sede de poder ainda me corrói. Se eu pudesse ser o Deus dos dragões, faria tudo novamente.

— Mas você nunca quis sangue inocente derramado — afirmei com um certo pesar.

—Assim como também não queria entregar-lhes as pedras. Eu deveria ter aprendido que não se muda um destino, muito menos uma profecia, mas precisava tentar — disse constrangido. — Sei de onde você acaba de vir.

— O que vou fazer com você se sei que não irá me servir? Se já era difícil para mim não poder curar totalmente os anciões que eram levados a Shadowfalls, imagina agora matar um dos meus?

— Há muitas dimensões que nós, dragões do conselho, controlamos; mas agora essa capacidade é só sua. Se pudesse, eu mesmo me baniria para longe, mas como já não posso mais, peço que você o faça.

Nessa hora, os dragões lamentaram fortemente. Eles sabiam que haviam sido traídos e que Ságron precisava partir, mas o amavam mesmo assim, portanto, houve uma profunda tristeza no pedido que ele me fez.

Busquei em minha mente todas as dimensões que passei a controlar, até achar uma onde havia paz e onde ele pudesse ficar. Não havia outras espécies ali e, pelo próprio bem dele, Ságron teria de ficar sozinho. Ele aceitou quando lhe mostrei em sua mente para onde seria banido.

— Obrigado, Kyara...

— Há mais coisas que você precisa falar antes de partir.

Ele aceitou e então virou-se para todos, desculpando-se, principalmente para a linhagem de dragões negros. Ságron pediu a todos que me obedecessem e fossem fiéis a mim, confessou também que sempre seria atormentado pelo o que fez, causando comoção em seus irmãos. Terminou dizendo que amava seu povo e estava feliz em poder partir por não mais ser uma ameaça, mas que sentiria saudades.

Emocionei-me com suas palavras. Ele realmente estava sendo genuíno, mas eu não poderia tê-lo ao meu lado como gostaria, ou ele me trairia. Eu podia ver isso, portanto, me foi demasiadamente doloroso ter de banir alguém que eu respeitava tanto, mas que era necessário para um bem maior.



Capítulo 32

“Nunca mais colocaria os pés em Ardhem novamente”, era a frase que vira e mexe passava na minha cabeça. Perdi as contas de quantas vezes repeti e me prometi isso, mas sempre voltava devido ao solstício de inverno. Daquela vez, seria para valer! Eu poderia captar toda e qualquer mentira que eles dissessem sem precisar respirar o mesmo ar e, de longe, mandaria meus homens para punir qualquer mentiroso ou qualquer um que agisse de forma que eu desaprovasse. Eu finalmente faria justiça por todos inocentes mortos pelas mãos deles!

Acabava de sair do reino dos Dragões e sobrevoava a aldeia. Era um dia onde a deusa Fyra se fizera presente. Ela estava feliz em me ver e era recíproco. Fyra esquentou minhas escamas e me manteve em uma temperatura agradável enquanto o vento da deusa Airya batia contra mim. Seu marido se juntou a ela e, juntos, correram de mãos dadas como dois espectros cinza e branco.

Airya pensou em deixar de se fazer presente quando o encontrasse, mas percebeu a importância que suas buscas causaram às espécies. A brisa em dias quentes, nas navegações, ou quando nos sentávamos à sombra das árvores. Eles agora sopravam juntos, moldando e controlando o vento para que eu pudesse voar confortavelmente. Os deuses se ajudavam constantemente e, pela primeira vez, eu vi o seu rosto.

Airya passou tão rápido que não consegui ver suas feições, mas eu via Fyra. Maravilhosa! Cabelos vermelhos que brilhavam como fogo e um par de olhos amendoados que pareciam ouro.

Os gritos alvoroçados, as comemorações e a excitação repentina me fizeram esquecer a delícia de ser imortal, porque só de vê-los eu já me enfurecia. Poderia me sentir vingada de certa forma, vendo tais tolos me venerando, quando sempre me maltrataram, mas nem isso eu consegui. Não gostava deles, nem mesmo quando demonstraram amor por mim.

Eu sobrevoei e dei voltas, o que os fez entrar em êxtase. Os dragões passavam pela aldeia, mas nenhum nunca sobrevoou em círculos. Eles não tinham meus planos.

Pousei próxima a entrada e todos estavam extasiados com minha presença. Eles choravam, alguns desmaiaram e todos gritaram histericamente. Imbecis! Os mesmos que sempre me maltrataram, me deram olhares tortos, que me viram machucada e forçada a trabalhar carregando peso, sem nem ao menos tentar me ajudar. Eles nem ligariam se eu morresse e quando souberam que meu pai era um elfo, protestaram fervorosamente o porquê não poderem me encostar um dedo!

Naquele instante estavam na minha frente, suplicando por uma mísera atenção. Seria divertido!

Norár apareceu sendo carregado por um grupo de guerreiros. Eu o permiti que tivesse as visões do meu destino, mas só permiti a ele e pedi segredo. Ele sabia quem eu era e seus olhos brilhavam de alegria sincera em me ver. Norár não parecia se impressionar por eu ser um dragão e estava apenas feliz com minha presença.

Ao lado, vieram os outros sábios e aprendizes, que deram um passo à frente, ficando próximos a mim. Nenhum deles, além de Norár, sabia quem eu era e o que eu fazia ali. Todos faziam silêncio, aguardando o que aconteceria. Eu tentei me pronunciar, mas vi um rosto na multidão. Alyra estava feliz em me ver e depositava em mim a esperança de que eu pudesse conceder a ela um desejo antigo seu. Ela almejava ser feliz! Ela realmente não era feliz em Ardhem.

Quando mortal, eu tivera sido uma tola em achar que sua felicidade estava ligada apenas em encontrar o amor, mas naquele instante eu vi tudo como um filme em minha mente. As imagens do passado me vieram como se eu não as controlasse.

Eles se sentavam próximos a lareira. Havia acabado de retornar da praia. Pelos deuses, como ela era frágil! Alyra estava demasiadamente feliz pelo pedido de casamento, mas a imagem da sereia amarrada ainda a atormentava.

— Se eu fizesse ideia do quanto a imagem lhe seria perturbadora, jamais a teria levado de encontro a sereia. É que nunca vimos uma tão de perto sem poder temê-las.

Ele realmente lamentava por ter lhe causado essa dor.

— Eu sei — ela disse com um sorriso delicado, enquanto tocava suas mãos. Luke sorriu tranquilo.

— Se lembra quando éramos mais novos? — Luke perguntou, mudando o tom de voz para quebrar aquele clima. Alyra levantou o olhar para ele com um sorriso divertido.

— Lembro que você puxou meus cabelos e que me empurrou na lama. — Ela riu.

— E depois fugi aos prantos para casa, arrependido.

Os dois deram risada

— Sempre gostei de você, Alyra, e agora que irá se tornar minha esposa, prometo fazê-la muito feliz.

— Você sabe o que me faria imensamente feliz? — ela perguntou e ele já sabia a resposta.

— Quando voltarmos, eu a buscarei. Juntos sairemos daqui. Serão meses de viagem, mas encontraremos um local onde poderemos criar nossos filhos.

— Você deixaria Arnhem por mim? — Seus olhos brilharam.

— Faço qualquer coisa por você! Mas quero que faça algo por mim também.

— O que você quiser! — Ela sorriu, depois o beijou.

Luke realmente a amava, mas não conseguiria ser fiel a ela ou a qualquer outra mulher que ele pudesse se casar. Ele teria várias amantes, mesmo se tivesse casado com a filha da cozinheira. Luke teria magoado inúmeras mulheres e gerado vários filhos bastardos que sofreriam por não ter o pai por perto. As mães teriam seus corações partidos e as almas feridas pelo desrespeito que seriam tratadas. Sua morte foi mais do que merecida, foi necessária!

— Não pode me pedir isso! — Alyra implorou para que ele mudasse de ideia.

— Estou deixando Arnhem por você, então precisa fazer isso por mim também!

— Mas eu gosto da Kyara... — disse desamparada.

— Mas eu não! E nem ela gosta de mim — ele disse carinhosamente. — Eu jamais viria a gostar de alguém que desgostasse de você. Se seremos um casal, ambos teremos de concordar em ter as mesmas amizades.

Alyra chorou.

— Pense nisso. — Colocou suas mãos em seus ombros por trás. — Quando estivermos longe daqui, iremos conhecer pessoas bem melhores. Quem será ela para nós? Quem aqui será, uma vez que nunca mais voltaremos? — Ele tentava convencê-la e, mesmo relutante, ela aceitou o pedido de seu noivo.

Passou-se um tempo e os dois entram na casa de Alyra. Ela estava chateada.

— Podia ao menos ter me deixado dar um abraço de despedida.

— Para quê? — ele perguntou com desdém.

— Porque a Kyara vai embora — lamentou com pesar.

— E nós também, lembra? — A manipulava com tom de voz doce.

— Por que me pediu para ser tão fria? Não bastava eu apenas me manter distante?

— Sua gentileza seria um convite para ela se aproximar. Você precisava mostrar a ela que não quer isso.

Ela concordou. A contragosto, mas concordou.

A visão enfim cessou e eu voltei ao presente.

Pela primeira vez, senti vontade de chorar. Não era fácil vê-la ali, depositando em mim a sua última esperança de poder viver e ser feliz. E ela não fazia ideia de quem eu era. Alyra não sabia toda a verdade sobre mim ou Luke e, mesmo sabendo que isso mudaria em alguns minutos, era inevitável me corroer de remorso pela mágoa que ela guardava de mim.

Seu rosto parecia se iluminar naquela multidão, como se fosse um ser de luz em um cenário escuro. Nós, deuses, tínhamos esse dom de ver a verdadeira alma das pessoas. Lembrei-me da minha filha e me perguntei se era assim que ela via o mundo.

Quando ela percebeu que meus olhos não deixavam os dela, ela suspirou espantada e eu delicadamente estiquei minha gigantesca pata em sua direção. Todos abriram caminho extasiados com o que viam e botei minha pata no chão com a palma para cima, em um convite para que ela subisse.

Ela prendeu o fôlego maravilhada e, incentivada por uns, subiu. Coloquei-a próxima aos Sábios e Norár se emocionou de uma forma que eu jamais pensei que pudesse vê-lo. Ele se sentia realizado em saber o meu real destino e mesmo que jamais esperasse algo do gênero, tudo o que Norár sempre quis foi apenas me ver feliz.

Todos ainda aguardavam algum pronunciamento meu, então achei que era a hora certa. Voltei à minha forma mortal e pensei que eles fariam um alvoroço incrédulo, mas, para a minha surpresa, eles se calaram. O choque estava estampado em seus rostos boquiabertos e braços paralisados no ar. Eles até haviam esquecido de respirar e sequer notaram o fato de eu estar despida.

Norár, mesmo enfraquecido, tomou Alyra pela mão e juntos vieram até mim. Ela relutou um pouco, mas como ele era o líder, ela obedeceu. Com a ajuda dela, Norár retirou seu manto e me cobriu. Virei-me para Alyra, com os olhos repletos de lágrimas, mas ela balançou a cabeça em um semblante nada amigável. Toquei seu rosto como uma carícia e lhe passei toda a verdade, desde o dia em que eu o matei, das coisas que ele me disse e inclusive da filha da cozinheira. Ela chorava copiosamente, mas depois mostrei Shadowfalls, o meu destino, e resolvi cumprir a promessa que Luke não foi capaz de cumprir. Ela entendeu e seu abraço foi o melhor presente que pude ter.

— Eu vim buscar vocês — disse aos dois, baixinho.

— Vou poder conhecer meus bisnetos! — Norár comemorou mesmo enfraquecido e Alyra o abraçou em apoio.

— Apenas sua bisneta no momento — eu disse em tom de brincadeira. — Seu bisneto virá a você, quando chegar a sua hora.

Ele franziu o olhar, mas depois sorriu novamente. Estava demasiadamente feliz em saber que eu estava aqui para buscá-lo.

— Com licença! — disse uma voz em um tom nada agradável, enquanto se aproximava.

Eu cerrei meu olhar para ele.

— O que você quer, Kenneth? — perguntei amargamente.

— A pergunta, é o que *você* quer — ele disse de forma seca. — Você pode ter virado um dragão e ser rainha do seu povo, mas não pertence mais a este lugar! Sequer estamos no solstício de inverno para você dar o ar de sua presença.

— Kenneth disse de forma a querer me expulsar dali e todos começam a concordar com ele.

Escutei protestos de xingamentos contidos, porque ainda havia o medo de que eu os destruísse, mas minha presença de fato não era bem-vinda e eles tentavam mostrar isso.

Norár pediu silêncio, mas não o escutaram. Então ele ergueu a mão e todos se calaram.

— Tem razão, eu não pertencço mais a este lugar.

— Então vá embora! — ordenou.

Eu não queria discutir. Peguei Norár e Alyra pelas mãos.

— O que está fazendo? — Kenneth perguntou surpreso.

— Estou indo embora desse inferno e os levarei comigo!

— Isso é um ultraje! — Vaughan se pronunciou. — Como ousa tirá-los de nós? Ele é nosso líder e ela é a nossa melhor alfaiate!

Minhas mãos se iluminam em alerta e todos se calaram recuando assustados.

— Ainda não aprenderam que nenhum de vocês, principalmente seu líder, não me dão ordens mais? — perguntei friamente.

Vaughan abriu a boca duas vezes para falar, mas não sabia o que dizer. Kenneth então se aproximou.

— Se querem ir com você, então leve-os daqui agora! — Virou-se para o povo de Ardhem. — Não precisamos daqueles que, após anos conosco, nos trocam por alguém que já foi um escravo! Lembrem-se que foi ela — apontou para mim com desprezo — quem nos proibiu de ter quem nos servisse!

Os cidadãos de Ardhem gritaram ao concordar com as palavras de Kenneth.

Vaughan então olhou para Norár com desprezo.

— E pensar que eu te respeitei por todos esses anos.

Norár abaixou a cabeça.

— Pelos deuses, Norár! — Kenneth tomou a palavra novamente ao ver que Norár estava realmente decidido em deixá-los. — Ela é filha de um elfo! — disse com escárnio.

Estranhamente, me mantive calma e sequer estranhei a mudança de opinião repentina vinda de Kenneth, uma vez que todos sabiam que com a morte ou a saída

de um líder, o aprendiz tomaria seu lugar. E Norár era o líder supremo.

Era tudo o que Kenneth queria. Eu sentia a relutância de Vaugan, mas Kenneth tinha outros planos.

— Prestem todos a atenção! — Kenneth calou o alvoroço. — Sou eu quem dito as regras agora! E durante o meu reinado, eu digo que aquela que nos tirou nosso líder, não mais terá o poder de decisão sobre nada em nossa aldeia!

Eles urraram em comemoração.

— Eu digo que, sob a minha liderança, nós voltaremos a ter escravos! E ela não mais será bem-vinda!

Norár e Alyra me olharam espantados, aguardando uma reação minha, mas eu estava serena, ouvindo suas palavras.

— Se você agora é um dragão, então vá dar ordens a eles! Você não pertence mais a nós, não tem nenhum poder de decisão sobre nosso estilo de vida! Norár pode ter permitido isso, mas eu, não! Jamais!

Naquele momento, os cidadãos se mostraram extasiados o venerando como se ele fosse um Deus. Os sábios e os outros aprendizes facilmente aceitaram sua liderança, principalmente pelas promessas que ele fez. Sabiam que sem minha intervenção, Ardhem poderia se tornar desprezível novamente. Não que nunca tenha deixado de ser, mas, muitas coisas eu havia conseguido mudar.

No entanto, havia um outro rosto que me olhava e suplicava para que eu o levasse. Alguém que não queria estar ali e o meu coração partiu-se novamente. Jonsin estava quieto e fitava o chão, sabendo que ficaria. Eu via Grand nele e tudo o que eu queria era poder lhe fazer esse convite de vir comigo também.

Eu me virei de costas para todos, enquanto eles comemoravam minha partida. Delicadamente, devolvi o manto a Norár e comecei a transformação. Enquanto aumentava de tamanho e meu corpo sofria a transformação, eles viajavam em desgosto por eu ter me tornado uma criatura que eles tanto veneravam.

Virei-me para eles e, convictos de que partiria, me atiraram pedras ou vasilhames que carregavam. Claro que nada me feriu e muitos sequer chegavam a mim, mas o povo estava demasiadamente inconformado com minha presença.

Em seguida, vendo que não me afligiam com suas atitudes, eles mudaram o foco e começaram a ameaçar ferir Norár e Alyra.

Rosnei e abri minhas asas ameaçando-os. Eles se mostraram assustados como gatinhos indefesos. Aproximei meu rosto de Kenneth. Ele me temeu, mas não deu o braço a torcer.

Eu o peguei com uma das minhas patas e ele se desesperou, todos então começaram a gritar para que eu o soltasse. Assim eu fiz, o colocando no chão próximo aos meus pés. Ele molhou suas calças e começou a tremer.

Então estufei o peito, pegando fôlego, e o matei incinerado na frente de todos. Poderia carbonizá-lo em um segundo, mas fiz questão de que cada poro de seu corpo queimasse e lhe trouxesse uma dor insuportável, dor que o fizesse implorar por sua própria morte. Seu corpo ficou em brasas por um segundo, depois as cinzas começaram a se espalhar e se perder no vento. Os cidadãos de Ardhem mais uma vez ficaram em choque.

— Escutem-me! — eu disse com uma voz estrondosa e muitos até urinaram nas próprias calças. — Para vocês eu era uma escrava, mas para os Dragões eu sou uma deusa! A famosa lenda da pedra é real, mas não existe somente uma e sim três! E elas correm dentro de mim!

Passei a todos as minhas visões somente nos momentos em que eu as absorvi e eles estremeceram aterrorizados ao ver que eu quase derrotei o líder dos dragões.

— Minha real vontade é exterminar todos vocês, mas prevejo um futuro bom a Ardhem, porque finalmente essa aldeia terá o líder que merece. — Olhei para Jonsin que se espantou. — Você cumprirá seu destino como líder supremo e todos irão amá-lo e respeitá-lo, caso contrário, eu me encarregarei de puni-los. — Olhei para todos ameaçadoramente.

— Kyara... — ele disse desamparado. — Eu não quero ficar.

Meu coração estilhaçou. Eu o entendia perfeitamente, mas não podia ir contra o destino.

— Confie em mim, as coisas irão mudar. — Encorajei-o e ele, mesmo que ainda relutante, aceitou.

Vaughan estava visivelmente insatisfeito, porque ele se achava no direito de assumir a liderança com a partida de Norár, mas não cabia a ele essa decisão.

— Então acha que ainda pode mandar em nós? Qual finalidade sinistra de suas ordens? Matar todos que se opõe a você? — Vaughan perguntou pretensiosamente.

— E não era isso que vocês fizeram por anos? E o que me diz dos castigos severos que submeteram os escravos?

— Você nos acusa de sermos cruéis, mas não é muito diferente de nós.

— O bem e o mal habitam em todas as criaturas, mas sempre um se faz mais presente que o outro. Não ouse me comparar a vocês. — Eu o ameacei. — Não me importo com o julgamento de uma espécie tão inferior, mas é necessário lembrá-los que não preciso de sua permissão para voltar.

Eu bufei uma fumaça forte que fez tossirem e sufocar por um momento, mas logo a dissipei, pois acabei afetando Jonsin.

— Eu digo que Jonsin é seu novo líder e não falo como escrava ou dragão e sim como deusa e com todo poder que me é permitido traçar destinos! Ousem me contrariar e sofrerão a fúria de vários dos meus!

Então, após um momento de silêncio, ele se ajoelhou contrariado para Jonsin e todos o olharam. Vaugan voltou o olhar para o povo e, com um gesto de mão, pediu que fizessem o mesmo.

Grand era amado apesar de tudo, e pelo fato de Jonsin ter tomado o seu lugar ainda tão jovem, principalmente nas cerimônias do solstício de inverno, ele ganhara o respeito de seus cidadãos. Eu senti que iriam respeitá-lo, mas parte deles ainda relutava em aceitar que Norár os abandonou.



Eu nos teletransportei para Shadowfalls. Norár estava fraco e eu não podia ir contra o destino traçado, mas curar parte de suas dores e lhe dar um pouco mais de forças para que ele vivesse melhor seus últimos dias, não mudaria nada. Afinal, ele merecia por tudo o que fez.

Todos se juntaram para nos receber. Eles comemoraram minha chegada sem nem mesmo saber que aquele dragão era eu e, ao mesmo tempo, se perguntaram quem eram as pessoas que eu trouxera. Eles desconheciam, mas confiavam nos dragões e até então nenhum havia trazido humanos consigo, então a curiosidade abriu espaço para uma festa de boas-vindas aos novos habitantes.

Pousei e os coloquei delicadamente no chão, aos sons dos gritos e aplausos. Transformei-me novamente na minha versão mortal, mas consegui voltar usando minha armadura. Houve então aquele momento onde todos ficaram em choque, sem conseguir acreditar no que viram. Aidan então furou a multidão, trazendo Síndel pela mão e, calmamente, a soltou boquiaberto. Síndel levou as mãos à boca igualmente chocada.

— Kyara? — ele perguntou pasmo.

Eu sorri para ele e consenti.

— KYAAAAARA!!!! — Batia no peito orgulhoso — MINHA ESPOSA!!!!

Meu povo então urrou em comemoração por saber que sua rainha, além de imortal, era um dragão e que eles jamais correriam perigos novamente. Ele e Síndel correram para me abraçar.

Alyra estava estupefata. Ela girava em torno de seu eixo admirada com a beleza de Shadowfalls e olhava para todos com lágrimas nos olhos. Nem mesmo quando eu a vi com o Luke, a percebi tão feliz. Ela estava, pela primeira vez, realizada.

Síndel reconheceu o bisavô pela sua luz e os olhos dele brilharam uma felicidade que nunca pensei em ver nele. Ela queria abraçá-lo, mas o momento foi impedido por alguém que cortou a multidão descontente.

— O que ele faz aqui? — perguntou Owen visivelmente aborrecido.

Norár não pareceu surpreso em vê-lo vivo, mas fez uma pausa, constrangido pelo tom de voz inamistoso. Durante minha vinda, tive outras revelações surpreendentes de Norár, mas antes que pudesse passar a verdade para Owen como estava me acostumando a fazer, achei melhor deixá-lo contar pessoalmente.

— Owen... — Seus olhos brilharam de felicidade por vê-lo bem.

Ele queria abraçá-lo, mas sentiu que não podia, porque Owen o olhava com raiva.

— Não se aproxime! — Owen ameaçou.

— Os deuses falaram comigo durante anos e me revelaram coisas que os outros sábios nunca poderiam ter conhecimento.

— E eles te revelaram que eu não tomei a água? — perguntou friamente.

— Eu precisei mentir. — Norár abaixou o olhar abatido.

— E me condenar à morte injustamente?

— Você não entende. Eu te salvei!

Owen franziu o olhar indignado, olhando para os lados.

— Você é louco!

— Talvez eu seja, por ter permitido muitas injustiças, mas era o destino que os deuses haviam reservado para cada um. No entanto, todos que pude salvar, eu falsamente bani ou decretei mortes porque era o único meio.

— Acredita mesmo em cada palavra que ele diz? — Owen me perguntou sem paciência e eu acenei com a cabeça positivamente.

— Eu tive uma visão das sereias te ajudando na hora que os dragões sobrevoaram a aldeia e então eu tive essa ideia. Eu precisava tirá-lo de Arnhem, porque lá não era o seu lugar e porque sua irmã estava se tornando uma pessoa que eu desaprovava. Não queria que ela te influenciasse.

— E quanto aos escravos que morreram pelas sereias? — perguntou ainda relutante em acreditar.

— Eles mereceram!

— Nenhum deles merecia! Como pode dizer que tentou me salvar se foi capaz de fazer algo tão cruel com eles?

— Você realmente não entende... — Norár disse com um certo pesar. — Quando Kyara nasceu, ela foi dada a um grupo de escravas que foram obrigadas a cuidar dela por uns anos. Mas elas tinham famílias que não aceitaram porque Kyara não era um membro da aldeia. Maltrataram a minha própria neta, um bebê de poucos meses, se negando a dar leite toda hora que ela tinha fome ou até mesmo a agredindo fisicamente.

Owen engoliu a própria saliva com dificuldade.

— No entanto, havia aqueles que se recusavam a deixar que um bebê sofresse maus tratos e, portanto, a pegaram para tomar conta. Kyara ficou bem nas mãos

deles e eu torcia a cada segundo para que tomassem amor por ela. Infelizmente isso não ocorreu. A ida para Weston foi a oportunidade perfeita para punir e salvar todos aqueles que mereciam. As sereias saberiam, através da deusa Mereen quem deveria morrer e quem deveria ser salvo.

— E como os escravos nunca notaram as orelhas dela? — Cruzou seus braços de modo a pegá-lo na mentira

— Porque as pontas não eram tão evidentes. Elas começaram a tomar forma à medida que ela crescia, e foi quando Grand deu o gorro para que ela pudesse escondê-las.

Eu passei toda a verdade não somente para ele, mas para todos, porque queria convencê-los de que Norár não estava mentindo.

Owen ficou convencido, mas senti um constrangimento de sua parte pela forma tão hostil que ele agira anteriormente.

—Eu lamento que me odeie, mas entendo que é difícil esquecer tudo o que te fiz passar, mesmo que eu fizesse pelo seu bem. — Fitou o chão, cabisbaixo. — Espero que um dia, de preferência antes de minha morte, você possa me perdoar.

Owen fitou o chão por um segundo. Era difícil esquecer o passado, mas impossível de não acreditar ou se sentir tocado com as palavras de Norár. Em silêncio, foi até e ele, abraçando-o em seguida.

Norár então se emocionou, sorrindo ao derramar as lágrimas.



Capítulo 33

Toda espécie que não possui asas, um dia se perguntou como seria poder voar. Eu aprendi e me tornei a deusa suprema dos dragões, mas, talvez, por ainda ser bem recente, não havia me acostumado. Trouxe Alyra e Norár para Shadowfalls e mais estranho do que ter de me acostumar em ser imortal, era acompanhar os últimos dias da vida de alguém.

Pousei próximo a um lago e o vi fraco, de corpo curvado. Minha enorme sombra o cobriu enquanto eu pousava e ele suspirou ao me reconhecer. Bati minhas asas o mais devagar possível e mesmo assim causei um vento que levou seus cabelos para frente. Ele sequer os ajeitou.

Voltei então à minha forma mortal. É estranho falar assim, porque foi ontem que tudo aconteceu e eu ainda relutava em aceitar que essa não era mais a minha forma original.

— Se lembra desse lugar? — perguntou com a voz rouca e fraca.

Em silêncio, fiz um gesto positivo com a cabeça e em vão lutei contra as lágrimas que escorriam pelo meu rosto.

— Nem parece que faz tantos anos — respondi chorando ao pegar sua mão.

Ele voltou seu olhar para mim. Seu rosto estava velho, suas mãos estão trêmulas, mas seu sorriso ainda me encantava.

— Não sou tão jovem como costumava ser — ele lamentou. — E nem tão atraente aos seus olhos.

— Você nunca mudou para mim. — Beije delicadamente seus lábios.

Aidan começou a se cansar e eu o segurei para que ele não caísse.

— Eu só queria olhar esse lugar pela última vez — ele suspirou.

Nós deuses podemos prever a morte dos mortais e eu acreditei ter me tornado mais forte quando meu filho escolheu ficar no mundo dos mortos, acreditei que minha imortalidade havia reforçado qualquer sentimento de fraqueza que eu tinha quando mortal. Mas acho que me equivoquei, porque imortalidade alguma me

impediria de sofrer com a despedida daquele que fora meu companheiro por décadas e o único quem eu realmente amei.

Então eu o tomei em meus braços e me sentei. Ele estava enfraquecido e eu chorava copiosamente. De repente, senti a luz de um portal se abrir atrás de mim e dele saiu Síndel e sua filha adolescente.

— Vovó! Vovô! — gritou Mayfred.

Ela correu e se sentou próximo a nós. Aidan sorriu quando a viu, mas ela chorava.

Síndel, que havia se tornado uma linda mulher, estava parada próxima a nós, com as mãos a boca e os olhos arregalados. O rei de Shadowfalls, se juntou a sua esposa e a abraçou em apoio.

— Algum dia pensou que poderia amar tanto alguém a ponto de ultrapassar o amor que tem pelos próprios filhos? — Aidan me perguntou maravilhado, ao fitar nossa linda neta.

Suas orelhas levemente pontudas e seus cabelos brancos me lembravam a mim quando jovem. Síndel casou-se um guerreiro elfo e toda vez que eu via minha neta, meu coração exaltava alegria, não por ela ser mestiça, tendo sangue élfico, e sim porque Mayfred nunca veio a sofrer o que eu sofri, por ser fruto de um amor entre espécies diferentes.

Síndel se juntou a nós, mas o rei se manteve de pé em respeito.

— Pai, a sua luz... — disse aos prantos. — Está se apagando...

Próximo a nós, um lobo negro surgiu e nos olhou com as orelhas baixas. Ele passou por trás de uma árvore e saiu da forma humana do outro lado. As lágrimas aumentaram no exato momento em que o vimos, porque era doloroso demais aceitar a partida de Aidan. Até mesmo para Kai.

— Meu filho.. — Aidan disse surpreso. — Você veio me buscar?

— Você é meu pai. É claro que eu viria — Kai respondeu com a voz falha.

Síndel se levantou quando Kai se aproximou e os dois se abraçaram. Ele lamentava a dor que estava causando à família por levar Aidan e lamentou não ter crescido junto com a irmã, mas gostava de governar o reino dos mortos.

Tudo na vida tem seu lado bom e ruim, e apesar de Kai ter sido forçado a aprender o peso de tais responsabilidades de uma hora para outra, ele aprendeu muito bem. Nós olhamos para nossos filhos com orgulho. Éramos pais de um Deus e uma rainha, que, antes de tudo, tinham almas boas.

— Virá me buscar também, quando chegar minha vez? — A irmã lhe perguntou e ele consentiu.

— Claro que sim. — Os olhos se encheram de lágrimas e, de forma brincalhona, ele afastou da irmã.

— Eu sou o Deus do reino dos mortos e vocês me fazem chorar? E a minha reputação, como fica? — Ele brincou, tentando se manter sério.

— Kai... — Ela segurou seu braço. — Sinto tanto sua falta.

— Penso em vocês o tempo todo — ele disse com a voz embargada, depois se virou para mim. — Está na hora.

Eu encarei Kai nos olhos e percebi toda a dor que ele carregava naquele momento, mas sabia que estava cumprindo seu dever.

Chorando, voltei meu olhar para Aidan que já estava morto em meus braços. A vida deixou seu corpo tão rapidamente que eu nem fui capaz de perceber.

Apertei-o contra mim e chorei minhas últimas lágrimas. Então notei alguém em pé à minha frente.

Levantei meu olhar para a pessoa e Aidan estava jovem novamente. Ele estava radiante e entendeu que precisava partir. Seu sorriso era um acalento para todos. Ele deu a última olhada para nós e os dois começaram a caminhar para longe.

— Pensa que não o ouvi dizendo que ama mais sua neta do que seus filhos? — brincou e Aidan riu.

— Está com ciúmes?

— Não esqueça que está falando com um Deus! — gabou-se de forma a querer se mostrar superior.

— E daí? Ainda sou seu pai.

— Deveria levá-lo para o labirinto por uns dias como punição, pelo o que eu ouvi. Mas como você é meu pai...

— É obrigado a me levar para o lado bom de seu mundo — brincou vitorioso.

— Até porque se eu não o fizer, conheço alguém que me daria uma bronca daquelas. — Riu.

Nessa hora, Kai parou um instante e indagamos do que ele estaria falando.

— No reino dos mortos, conheci uma mulher muito boazinha, mas muito mandona e teimosa, que insistiu em vir. — Ele nos olhou e se divertiu com a nossa dúvida.

O portal finalmente se abriu e vimos um lugar maravilhoso, como um lindo jardim. Mas quando notei a árvore de macieiras, me emocionei ainda mais por reconhecer de quem era aquele desejo.

Izobel apareceu e, emocionados, os dois correram na direção um ao outro. Eles se abraçaram em prantos e depois Aidan nos mostrou a ela.

Sua emoção atingiu o ápice quando ela enfim conheceu a neta e a bisneta. O portal então se fechou no exato momento em que nossos olhares brilharam ainda mais ao se cruzarem.

Ainda aos prantos, me levantei com o corpo sem vida de meu marido e Síndel conjurou um portal, que nos fez sair próximo ao lago central.

Síndel já havia sentido pela luz que seus dias estavam terminando, portanto, mandou preparar uma cama com flores e cristais, onde seu corpo se deitaria para ser cremado.

Todos abriam caminho para que passássemos e, em seus olhares, havia as lágrimas dolorosas da despedida do antigo rei. Abaixaram a cabeça em respeito e o momento que deveria ser silencioso, fora quebrado pelos soluços e lamúrias de todos aqueles que lamentavam sua partida.

Passei pela estátua de Izobel, depois pela minha e a de Aidan, construídas ao seu lado em homenagem aos antigos rei e rainha de Shadowfalls. Durante todos esses anos, ao olhar para as estátuas, me senti honrada, mas como aprendi com meu filho que deuses também podem ter senso de humor, nunca deixei de notar o nariz que botaram em mim. Como era grande! No entanto, um detalhe pequeno, comparado ao lindo gesto.

Eu sabia que os centauros e os elfos se fariam presentes, mas não deixei de me emocionar ao vê-la. Era a cara da mãe, e sua metade equina era cinza pela mistura das cores de seus pais.

Ela se aproximou em lágrimas, acariciando e beijando o rosto de seu tio em despedida.

— Que bom que veio, Fállan. — Sorri maternalmente para ela, que me devolveu um sorriso carinhoso.

— Não poderia deixar de me despedir — ela lamentou.

Fandra e Tartus já haviam partido há uns anos, e por mais que ela fosse amada pelos centauros, Aidan era seu último parente vivo.

Havia mais rostos conhecidos por lá. Megan nunca perdera a beleza com a idade. Ela ainda tinha o mesmo brilho nos olhos. Tristan havia se tornado igual ao pai, Anika era uma linda mulher, mãe de três filhos e Gael, aquele bebê que Megan esperava, já era um homem alto, forte, lindo e o futuro rei de Weston.

Ele era amado e respeitado e eu ficava feliz em saber que mais um reino teria um rei bondoso e que amaria seu povo como seus filhos. Gwen e Síndel se tornaram muito próximas e mesmo anos mais velha, Gwen estava lá, ao lado da minha filha naquele momento doloroso.

Um grupo de magos trouxe a cama que Síndel mandou fazer. E que belo trabalho!

Todos se fecharam em círculo por trás de nós, enquanto eu botava delicadamente o corpo de Aidan sob a cama. Fállan voltou a chorar, mas Síndel e Gwen se aproximaram dela.

— Você nunca estará sozinha — disse minha filha e ela consentiu.

— Agora sim.. — Ela suspirou em meio a lágrimas. — Adeus, meu pai. — Tocou seu corpo delicadamente, e por dentro da pele envelhecida de Aidan,

pequenas faíscas surgiram e dançaram, enquanto queimam seu corpo.

As chamas o consumiram de dentro para fora, até finalmente tomá-lo por inteiro.

Horas se passaram e Síndel agora carregava uma urna com as cinzas do pai a serem jogadas no lago central.

— Parte das cinzas ele desejava que fossem jogadas no rio próximo a Weston, onde nos conhecemos — informei carinhosamente, acariciando seu braço. Síndel consentiu em silêncio.

Ela entrou no lago, sem se preocupar em molhar o vestido. As sereias, tanto as noturnas quanto as outras, se afastaram para lhe dar passagem. Foi a única vez, em plena luz do dia, que eu as vi chorar de forma tão intensa. Aliás, nem mesmo em noites de lua cheia elas chegaram a chorar tanto. Síndel era tão amada por elas, que seu sofrimento as atingia, mais até que a dor da morte de Aidan.

Ela despejou metade das cinzas, que se espalharam e sumiram pelo enorme lago. Um redemoinho surgiu e a deusa Mereen mais uma vez se fez presente, afinal Síndel também era um ser das águas.

Mesmo triste, ela sorriu ao ver a deusa.

— Também veio para se despedir? — Síndel perguntou carinhosamente.

— Não exatamente — Mereen respondeu em um leve constrangimento e foi a primeira vez que eu a senti arrependida.

Síndel franziu o olhar para ela.

— Vim reparar um erro que deveria ter reparado há anos.

Todos se questionaram sobre o que ela dizia, mas eu preendi o fôlego emocionada, por saber o que ela iria fazer.

Mereen respirou fundo e abriu os braços para mover as águas. Elas se mexeram rodeando e subindo pelo corpo das sereias noturnas, cobrindo-as completamente. Da água, fumaças acinzentadas e densas saíram e dissiparam-se no ar, no exato momento em que as águas caíram, as sereias noturnas se viram livres da maldição.

Surpresas, elas olhavam suas mãos e tocavam seus rostos emocionadas, ainda incrédulas de que tiveram seus encantos devolvidos. As outras sereias as abraçam para comemorar e todos de Shadowfalls que antes choravam de saudades por Aidan, agora comemoram pelas sereias noturnas.

— Os deuses também cometem erros — ela disse. — Não cometa você também. — Aconselhou de forma maternal. — Muitas vezes o poder fala mais alto que a razão.

Então Kai apareceu. As poucas vezes que ele veio até nós, nunca tinha sido para buscar alguém, uma vez que ele buscava as almas já fora de seus corpos, invisíveis para os olhos dos humanos ou qualquer criatura mortal.

No entanto, sua presença causara dois tipos de reações, porque meu povo temeu que ele viesse buscar as almas dos enfermos.

— Alguém vai embora hoje — ele disse a todos e eles começaram a se questionar quem seria.

Como eu disse, havia muitos enfermos entre nós, mas ninguém queria partir.

— Relaxem. — Ele disse, brincalhão. — A partida não virá pelas minhas mãos. Na verdade, eu vim me despedir. — Ele me olhou.

Como Deus, ele sabia que o meu destino fora traçado e eu precisava cumprir meu dever.

— Eu preciso parar de contar as coisas para alguns que eu levo. — Kai riu. — Desde o dia em que busquei Arturo e contei sobre hoje, não tive um dia de paz sem que ele não me fizesse prometer estar presente.

— Então só veio porque ele pediu? — perguntei amargamente, cerrando meus olhos, mesmo que já soubesse da resposta. Depois nós dois rimos e nos abraçamos forte.

— Mãe? — Síndel perguntou com um leve tom de desespero. — O que ele está dizendo?

— Que está na minha hora de partir, meu amor... — A olhei emocionada.

— Perdi meu pai hoje... Agora você? — ela disse desamparada e meu coração estilhaçou.

Ela sempre seria aquela menina indefesa para mim e deixá-la seria ainda mais doloroso.

— Por que você tem de ir? — Síndel insistiu.

— Porque eu preciso me juntar aos dragões do conselho — expliquei.

Síndel ainda lamentava, mas pareceu entender.

— Por que me sinto como se estivesse perdendo a minha mãe? — Ela limpou as lágrimas e seu marido afagou seus ombros com força para consolá-la.

— Você jamais vai me perder — garanti. — Você cresceu, se tornou uma linda mulher, respeitada e amada pelo seu povo e sua família. Você já não precisava mais de mim há anos, mas seu pai estava velho e ele sim precisava. Como me recusei a abandoná-los, o acordo foi que, em seu último dia de vida, eu cumpriria com meu destino.

— Vai voltar para nos ver? — ela perguntou abatida e me partiu o coração saber que não poderei cumprir minha promessa.

Pela minha luz, ela já soube a resposta e, por mais que eu quisesse abraçá-la, percebi que devia me manter firme. Síndel podia ainda ser muito sensível, mas quando entendia a gravidade de uma situação, ela conseguia ser mais forte do que eu.

Ela consentiu. Sua filha então se juntou a ela.

— Kai? — Uma voz cortou a multidão e Drana apareceu.

Ela estava uma linda dríade adulta. Seu carvalho cresceu forte e ela ainda possuía a alma daquela pequena muda em desenvolvimento que brincava com meu filho quando criança.

Kai se virou e prendeu o folego por um segundo ao ver a velha amiga.

— Há dríades no mundo dos mortos? — perguntou com um sorriso brincalhão.

— Estão todas no lugar bom, mas você vai para o labirinto — respondeu sério.

Ela franziu o cenho para instigá-lo.

— Não é porque você é um Deus, que poderá me derrotar, me jogando na água.

Ele logo desfez o semblante sério e riu.

— Sinto saudades — disse e ela consentiu emocionada.

— Bom... — falei pegando fôlego. — Está na minha hora.

Meus filhos se juntaram a mim em um abraço apertado e, juntos, choramos mais um pouco. Minha neta em seguida correu e se juntou a nós também.

— Cuide da sua mãe e de Shadowfalls quando chegar a hora, está bem?

Ela consentiu em lágrimas.

Eu olhei para todos que se juntaram em uma multidão emocionada. Acho que eles estavam sofrendo mais do que eu com a minha partida. Fitei o lago central, repleto de sereias lindíssimas e tive uma rápida visão que confortou minha alma. Elas jamais deixariam Shadowfalls, que fora seu lar por anos.

Eu as via encontrando com suas famílias, mas também as via felizes, como sempre estiveram, assim como os tritões também. Mas a melhor notícia, aquela que me faz partir mais feliz em saber, surgiu majestosamente próxima à margem, perto de onde eu estava. A deusa Mereen não livrou somente as sereias noturnas de sua maldição.

A única sereia de cabelos negros e olhos verdes, também chorava com a minha partida. Se já era estarecedor deixar minha família e meu antigo povo, imagina ter de deixá-la também? Maleena era minha melhor amiga e, mesmo amando minhas irmãs, ela era quem eu tinha uma maior ligação.

Não havia palavras para expressar o quanto era gratificante vê-la finalmente livre e talvez esse também fosse o motivo que faria minha partida ser tão dolorosa. Só de pensar nas conversas que deixaríamos de ter, os momentos que deixaríamos de dividir... Mas o destino também poderia ser cruel, inclusive para mim.

Beijei-lhe a testa com força e, calmamente me distanciei dela. Eu queria dizer o quanto ela estava linda e poder ouvir sua voz.

— Durante todos esses anos sem poder falar... E agora que eu posso, me faltam palavras. — Ela encolheu os ombros, brincalhona.

— Acho que já falou o suficiente — disse feliz em tê-la ouvido.

Ela sorriu.

— Há algo que posso fazer por você — ela disse feliz com a ideia que acabara de ter.

— E o que seria? — perguntei com um enorme sorriso.

— Posso cantar para marcar sua partida.

— Mas aí eu não vou querer partir.

— Então fique um pouco antes de ir. Sempre quis cantar para você.

Nessa hora, todos os presentes aguardaram ansiosos pelo seu canto e nem mesmo as ex-sereias noturnas quiseram acompanhá-la. Poder voltar para suas famílias era demasiadamente mais importante que suas vozes, mas Maleena era solitária, mesmo rodeada de suas irmãs, elas também sentiam falta de poder ouvir a voz que sempre fora considerada a mais linda de todas. Eu sentia as perguntas internas de muitos que se questionavam se ela seria capaz de cantar, uma vez que ficou calada por anos, mas como deusa, eu sabia que Mereen levou embora a maldição e os danos que os anos causaram em suas cordas vocais pelo silêncio. Era como se ela nunca tivesse se calado.

Ela começou e logo Shadowfalls, inclusive os arredores, foram tomados por aquela voz tão incomparável a qualquer som que eu já ouvira antes. Seu canto foi um acalento para nossas almas, que há pouco sofreram com a partida de Aidan e que em breve sofreria com a minha.

Mereen me olhou satisfeita quando percebeu aquilo que eu acabara de tomar conhecimento. Sua voz era encarregada de algo que ia além de hipnotizar, ela curava as dores das almas em sofrimento e aquela voz que eu tanto temi ouvir, com medo de tornar minha partida ainda mais dolorosa, me encheu de forças e vontade de cumprir meu destino.

— Como está minha luz? — perguntei à minha filha em um tom emocionado.

— Mais linda do que nunca! — ela respondeu radiante, com um amplo sorriso.

Dei uma última olhada para todos, escutando os soluços e o pensamentos, me desejando coisas boas e agradecendo por tudo o que eu fiz. Eu me emocionei ainda mais. Agradecia mentalmente pelo fato das outras sereias não terem se juntado a ela, naquela melodia que eu amava ouvir até o final. Para eles, eu era muitas coisas: Uma eterna rainha, uma deusa, irmã, amiga, avó e mãe. Para mim, eu ainda era aquela escrava assustada de Ardhem, que se sentava à noite no meu quarto, com medo de ir embora.

Após a transformação, levantei voo e minha sombra refletiu pelas enormes montanhas que guardavam o cemitério dos dragões. Eu parei no ar um segundo, para contemplar no topo da montanha a gigantesca estátua de pedras brancas de um cervo, onde as águas da cachoeira corriam por entre suas patas. Seus olhos foram esculpidos de pedras marinhas e no topo de seu chifre, um corvo feito de pedras negras pousava imponentemente.

Meu pai e meu avô não estavam ali, mas estariam comigo em todos os momentos da minha vida dali em diante. Shadowfalls ia ficando para trás e sumindo entre as nuvens, à medida que eu voava mais alto.

Arturo esteve comigo desde o início, quando tive de partir de Ardhem pela primeira vez e quando Aidan me buscou no dia que precisei deixar Weston. Essa foi a minha primeira partida solitária e a mais dolorosa, porque não havia dor maior do que ter de deixar o meu verdadeiro lar.



Havia uma multidão quase infinita de dragões que me olhava do solo e faziam festa com minha chegada. Eu voei mais firme e reto, esticando e vibrando minhas asas por uns segundos. Isso me foi ensinado como um gesto de respeito que os líderes do conselho fazem quando voam.

Depois de percorrer por quase todo território dos dragões, pousei próxima aos portões do conselho, onde a multidão me dava passagem ao chegar para os lados e formar um corredor.

Os portões se abriram como feixes de luz e lá dentro eu vi meu pai, meu filho, meu avô, minha mãe Mereen, Shai e vários outros deuses pertencentes a outras culturas, desconhecidos por mim. Todos me olhavam satisfeitos e o caminho já estava aberto para que eu passasse.

Khoma, Khadra e Ocshantra também estavam no solo, deixando todos os cristais vazios.

— Você demorou — falou Khoma em um ar meio sério.

— Pensei que a vida de um humano passasse como um sopro se comparado ao tempo de vida de um dragão — questionei-o amigavelmente.

Olhei para o topo do meu cristal, onde Ságron liderou por tantas décadas e que agora era meu por direito. Levantei voo e pousei majestosamente, ao olhar atento do conselho e de outros deuses.

Inspirei fundo e minha vida passou como um *flash* diante de meus olhos. Eu havia terminado um ciclo, mas minha vida de verdade, estava apenas começando. Eles então aguardaram meu discurso.

— A imortalidade ainda não me afetou a ponto de eu reconhecer quem acabei me tornando, mas sei que esse dia está por vir e está próximo. No entanto, jamais deixarei de reconhecer a importância de cada um aqui presente e por isso o meu respeito por todos é tão grande quanto o que eu sinto vir de vocês. Que possamos trabalhar juntos a fim de mantermos a paz entre os mundos e os povos.

Eles aplaudiram e vibraram, e enquanto eu olhava aquela multidão alvoroçada com minha presença, mais uma vez eu me vi como aquela escrava de Ardhem.

Meu olhar parou ao ver Kai na multidão. Ele sorria, gritando por ver a mãe assumindo uma posição importante, mas como Deus, ele sabia que o orgulho que sentia por mim jamais poderia se comparar ao orgulho que ele me dava.

Fechei meus olhos e inspirei enquanto sentia os dragões do conselho tomar seus lugares, e quando abri os meus olhos e encarei a todos novamente, fui tomada por uma coragem repentina e uma urgência de cumprir o meu dever.

A imortalidade acabara de surtir o efeito sobre mim, efeito que deveria ter se feito presente logo de início, mas eu entendi o porquê da demora.

Shadowfalls ainda precisava de mim na época e se eu tomasse meu lugar, teria perdido minha filha crescer, minha neta nascer e não teria ficado ao lado de Aidan durante seus últimos dias. Nenhum Deus, seja qual for, deve ser afastado de sua família se o propósito o qual ele vai servir, está longe de acontecer.

Eu estou pronta para cumprir meu destino, mas não há forças que me façam esquecer Shadowfalls e tudo o que eu vivi por lá.



Capítulo 34

De todas as dimensões que conheci, a que eu estava era a minha favorita. Uma natureza diferente de todas que eu já havia visto. Vegetação que mudava de cor e tamanho quando os raios do sol ou luzes da lua refletiam sob sua vasta extensão, e era isso o que mais me encantava. Eu poderia caminhar ou voar sob elas e mesmo estando no mesmo lugar, sempre senti que voava por locais diferentes.

Pousei e parei diante da enorme rocha próxima à linda cachoeira. As águas pareciam produzir uma leve melodia ao cair e eu sorri ao ver a enorme silhueta negra se formando por trás da parede de água.

Ságron cortou a cachoeira e sacodi o corpo para se secar. Em seguida ele voou sob os raios de sol e pousou no solo de tapete de musgo.

— Ansiava pela sua vinda — ele disse respeitosamente.

— Por séculos eu vi esse lugar em minha mente e ansiei por vir.

— Pensei que quisesse me ver.

— Eu precisei esperar — respondi de forma polida.

— Pensei que estivesse viva tempo o suficiente para saber que eu não mudarei de ideia.

— Mas seus sentimentos mudaram. A solidão lhe fez bem.

Ele consentiu.

— E o que aguardou por todos esses anos para me dizer, Ságron?

— Você é ciente de meus sentimentos, Kyara. Logo, sabe quais são as minhas palavras.

— Se não me engano, ouvi-lo dizer que ansiava pela minha vinda. Não creio que ansiou por séculos para me ver e não dizer nada.

Ele inspirou, olhando para o horizonte.

— Obrigado, Kyara. Por não ter dito nada quando voltou do conselho com os espíritos.

— Eu achei que seria melhor não falar.

— Os dragões já estavam decepcionados demais — ele disse com um certo pesar.

— Eles jamais deixariam de amá-lo.

— Ainda me pergunto como isso é possível.

— Porque nossa espécie é a mais benevolente de todas. Eles não concordaram com seus atos, mas entenderam que atrás de toda essa ganância, havia amor por eles.

— Penso diferente. A profecia foi cumprida. Se eu tivesse conseguido estragar tudo, talvez eles me odiassem. Talvez nem existissem mais. Talvez eu seria diferente.

— Mas você é diferente agora.

— Sabe Kyara... — Ele inspirou fundo. — A solidão me fez bem, mas o ser ganancioso ainda habita dentro de mim. — Ele então se deitou.

Estava fraco e todo o esforço para manter sua voz polida começava a dar sinais de falha pela fraqueza. Eu vooi e pousei perto dele, me transformando na minha antiga forma mortal, como há séculos não fazia.

— Eu não faria nada diferente se pudesse ter voltado atrás no tempo ou se você tivesse me dado outra chance, enquanto eu ainda tinha vitalidade. — Ele tossiu algumas vezes e a minha mão se iluminou tocando seu enorme focinho como um acalento, livrando suas dores.

— Não vim aqui para isso. Mas como Fílmor costumava, dizer, a gente se apega na esperança de que a eternidade possa dar voltas e as criaturas mudem.

— Não perderia seu tempo, se estivesse em seu lugar.

— Seu tataravô me disse que os deuses não poderiam prever o sequestro de Kai, mas que todo conselho deveria saber. Você bloqueou isso de todos, fazendo-os acreditar em uma visão concedida apenas a você, pois só assim seu plano daria certo.

— Kai precisava ser sequestrado.

— Mas Fílmor não precisaria ter morrido — falei com um tom de saudade na voz e ele percebeu. — Kai teria governado o labirinto e Fílmor governaria o lado bom do mundo dos mortos. — Suspirei decepcionada.

— Esse foi meu único erro. Forjei uma arma que pudesse matar um Deus, pois eles poderiam facilmente derrotá-la. Uma arma fatal para eles seria o único meio de Christine vencê-los e concretizar meu plano. — Notei lágrimas de arrependimento formando-se em seu gigantesco olho.

— Você fez uma grande confusão. Isso sim — afirmei com o tom de voz mais sério.

— Ao menos a profecia foi cumprida, Kai está fazendo um excelente trabalho, governando os dois lados e você pelo que me permite enxergar, também está

cumprindo seu dever. Melhor do que eu teria feito, devo admitir. Eu a vejo guiando os anciões para morrer em Shadowfalls, vejo todas suas batalhas e todas as suas vitórias. Aliás, por que permite que eu veja certas coisas?

— Porque sei que você se importa — falei carinhosamente.

— Nunca deixei de respeitá-la, Kyara. E sim, eu me senti mal quando você me deu as visões de Kai indo buscar a irmã e a sobrinha.

— Não há eternidade que cure as dores deixadas pela morte da minha família. — Meus olhos encheram de lágrimas, mas eu me contive. — Síndel, quando se tornou uma deusa, resolveu ficar no mundo dos mortos, porque ela sabia que não poderíamos nos encontrar com a frequência que ela gostaria.

— Sua linhagem ainda vive.

— Eu não convivi com eles.

— Shadowfalls ainda tem a proteção dos nossos. Se é que ainda posso me considerar um.

— Shadowfalls sempre terá a proteção dos dragões e você sempre será um de nós. O único que cometeu um erro, mas, ainda assim, é um dragão que foi muito amado e respeitado.

— Por que não veio antes?

— Pensei que gostasse da solidão.

— Eu gosto. Por mais que aprecie sua companhia, vê-la me faz lembrar de quem eu fui e o que fiz. Arrependo-me amargamente, mas me é demasiadamente doloroso saber que não aprendi com meus erros, nem mesmo em meu último dia de vida.

— Não posso mudar nada que há dentro de você, a não ser suas dores físicas e me é doloroso saber que esse seu lado não mudou.

— Por que não me deixa morrer sozinho? — ele perguntou ciente de que não merecia minha compaixão.

— Não pude me despedir da minha filha ou neta, então não poderia deixar de me despedir de um velho amigo.

— Obrigado, Kyara. Por séculos acreditei que a solidão me fazia bem, mas devo admitir que sua companhia me agrada nesse momento. Desculpe-me pelos meus erros e por não conseguir mudar — disse decepcionado em seu último suspiro.

Vi sua pupila dilatar, enquanto seu olho revirava. Em lágrimas, fechei sua pálpebra como quem fecha uma cortina e deitei meu rosto em sua bochecha. Sim, eu chorei sua morte. Suas escamas negras ainda brilhavam como joias e mesmo sabendo que ficariam assim por um tempo, tive urgência em me afastar antes que elas ficassem opacas. Não precisava de uma visão mais triste do que ver seu gigantesco corpo sem vida à minha frente. De todos os dragões que eu ajudei com a partida, nunca um me fora tão doloroso como ele.

Caminhei lentamente sem olhar para trás, me aproximei do lago cristalino e inclinei meu corpo para enxergar meu reflexo levemente modificado pelas ondulações da água. Vi meu rosto pela primeira vez em séculos e me lembrei daquela que um dia fui e decidi que esta seria a última vez que veria seu rosto.

Voltei meu olhar para o corpo de Ságron. Ele parecia adormecido ao invés de morto, pois finalmente descansou e eu suspirei com um certo pesar. Aquela criatura que eu respeitava, apesar de tudo o que fez, deixaria saudades, assim como todos que eu amei um dia. A imortalidade só era desejada por muitos, porque eles não sabiam a dor que era viver se despedindo de todos aqueles a quem amamos. Imortalidade te dá poderes que pesam e responsabilidades que nem sempre você esperou ou quis ter, porque foge do seu controle e dos teus reais desejos.

Minhas ações ainda iriam magoar milhões que aguardavam algo diferente de mim, porque nem sempre um Deus pode atender aqueles cujos pedidos diferem de seu destino já traçado. E lamentarei profundamente a dor do fardo que muitos irão carregar sem merecer, pois o destino é uma caixa de supressas, mesmo que muitas vezes desagradáveis.

Eu apenas inspirei fundo e segui adiante com o que me foi dado, pois não havia outra saída. Senti-me constantemente triste por não usar minha imortalidade para viver em Shadowfalls, onde sempre chamarei de lar, mas como disse, não temos controle do que nos é dado.

Meu reflexo nas águas se modificou e eu voltei à minha real forma.

— Adeus, Kyara — eu disse já completamente transformada. — Adeus, Ságron. — Olhei para o corpo do dragão que deixaria outro buraco em meu peito pela sua partida.

Levantei voo e abandonei mais do que o corpo de um dragão mas, sim, todas as lembranças do passado, pois sempre é preciso seguir em frente.

FIM



Nota da autora:

Levei cinco anos escrevendo sobre Kyara e mesmo que pareça loucura da minha parte dizer o que você está prestes a ler, saiba que sempre fui a primeira a levantar a mão para assumir que nunca fui muito normal.

Sofri e vibrei com Kyara, a cada linha que escrevi e a cada situação que descrevi ser vista pelos olhos dela, de tal forma que muitas vezes me perguntei se ela realmente não existe em uma outra dimensão e me escolheu como veículo para contar sua história.

Personagens que nem eram para existir, surgiram como uma força absurda, dando riqueza ao livro. Por muitas vezes sonhei que conversava com um deles ou sonhei com cenas que tomaram vida na minha escrita, abrindo portas para novos acontecimentos fora do meu esboço, e que mudaram caminhos já traçados de personagens em minha mente.

Por isso, me é demasiadamente doloroso terminar essa longa trajetória de cinco anos, mas, como tudo na vida, sempre precisamos de um fim.

E se minha loucura estiver correta, obrigada, Kyara, porque entre tantas mentes brilhantes nesse mundo dos trouxas, como somos chamados em Harry Potter, você escolheu essa maluca para contar sua história.

Por fim, obrigada novamente a você, meu leitor, a peça mais importante da minha trajetória. Espero que Kyara tenha tocado sua vida como tocou a minha.

Juliana Cherni.



Table of Contents

[Folha Rosto](#)

[Ficha Técnica](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

